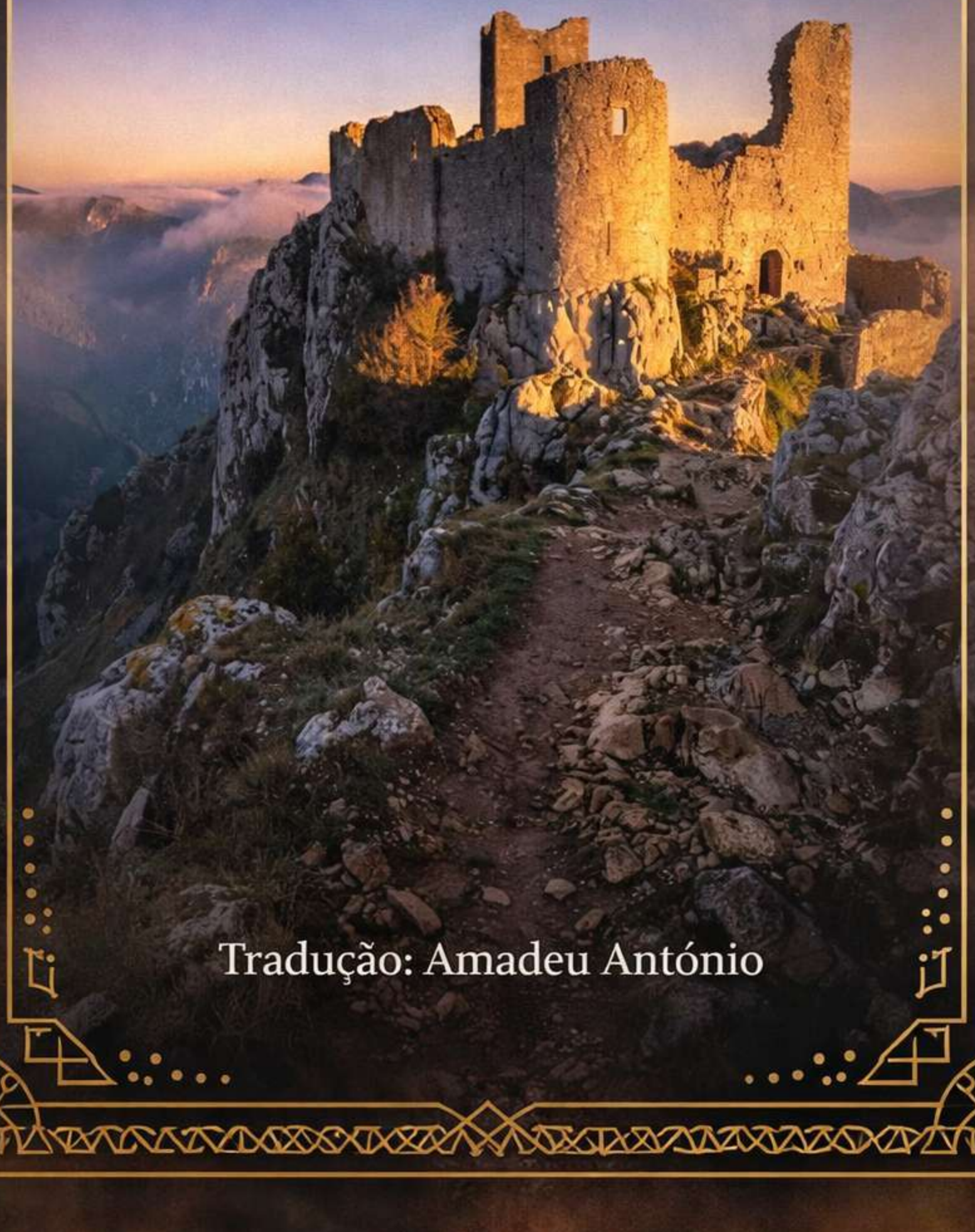
SOMOS PARTE UNS DOS OUTROS

UM REGISTO DÉ REENCARNÁÇÁO EM GRUPO

Arthur Guirdham



Tradução: Amadeu António

SOMOS PARTE UNS DOS OUTROS
UM REGISTO DE REENCARNAÇÃO EM GRUPO

Arthur Guirdham, 1974

A história de oito pessoas que viveram e sofreram como hereges cátaros medievais e que se reencontraram no século XX na mesma área de Inglaterra.

INTRODUÇÃO

Este é um registo de reencarnação em grupo. Envolve oito pessoas que, vivas no século XX, tiveram uma existência anterior no século XIII. Em sete dos oito casos consegui identificar a sua identidade do século XIII. No oitavo caso, tenho conhecimento do nome próprio cristão da pessoa, mas não das suas ligações familiares.

Nenhuma destas figuras é personagem histórica. Os seus nomes não se encontram nos manuais escolares de qualquer país. Estão sepultados nos volumosos registos da Inquisição.

O grupo em causa viveu, na Idade Média, no Languedoque. No século XX, nasceram, viveram ou foram educados num raio de cerca de vinte quilómetros de Bristol.

Não se tratou de eu ter procurado casos interessantes de memória remota. Entrei acidentalmente em contacto com uma pessoa dotada de um espantoso espectro de dons psíquicos. Ela conduziu-me a uma cadeia de outros. Em nenhum caso procurei os outros membros deste grupo. À sua maneira, cada um deles entrou em contacto comigo.

Nada nesta história depende das minhas reações subjetivas a lugares e pessoas. Não sou o tipo de pessoa que, no campo de batalha de Waterloo, sente inevitavelmente que deve ter sido Napoleão. Sou naturalmente de índole cética e cautelosa e sou conhecido na minha família como São Tomé, o Incrédulo. Estou espantado por os fenómenos com que me deparei me terem sido revelados a mim, de entre todas as pessoas. Ocupei-me em descobrir o significado de nomes e mensagens produzidos em sonhos, visões, em estados de clariaudiência e ditados por entidades desencarnadas. Devido à origem invulgar dos meus dados, tenho de sublinhar com tanto maior cuidado que fui, durante quarenta anos, um psiquiatra comum. No Serviço Nacional de Saúde (N.H.S.), fui Consultor Sénior na minha área clínica. Possuo um grau científico, além de ser doutor em medicina. É tanto mais necessário fazer estas observações quanto afirmo que esta, a minha própria história, é a mais notável do género com que alguma vez me deparei.

Os membros deste grupo eram todos praticantes da forma medieval de Dualismo conhecida como Catarismo. Os seus adeptos acreditavam que existiam duas energias primárias, do bem e do mal, a operar no universo desde o princípio e até ao fim. Acreditavam também que o mundo fora criado pelo Diabo. Estas crenças constituíam uma tentativa de responder à angustiante questão: «Se Deus é todo-misericordioso e, ao

mesmo tempo, todo-poderoso, por que permite Ele que tais horrores aconteçam neste mundo?»

Embora os cátaros pregassem a palavra de Cristo mais do que os ortodoxos, rejeitavam a ideia de redenção pelo Seu sacrifício. A purificação era alcançada por encarnações sucessivas. Acreditavam na completa não-violência. Tirar a vida na guerra ou no decurso da justiça era igualmente homicídio. Eram vegetarianos, com exceção de que lhes era permitido comer peixe. A prática rigorosa do Catarismo era esperada apenas dos sacerdotes, conhecidos como *Parfaits*. Não era este o nome que escolhiam para si próprios. Preferiam simplesmente ser descritos como cristãos.

Uma característica marcante do Catarismo era o número de mulheres sacerdotes. Três estão envolvidas nesta história.

São necessárias algumas palavras para explicar os acontecimentos aos quais as personagens desta história regressam com tanta frequência. As suas memórias concentram-se sobretudo nos anos de 1242-1244. Existe uma notável e generalizada preocupação com o massacre dos Inquisidores em Avignonet. Tratou-se de um gesto de desafio e de autodefesa lançado pelos representantes do Languedoque contra a tirania e a crueldade dos invasores católicos franceses.

O caso de Avignonet levou a coroa francesa a cortar a cabeça do dragão da heresia. Tratava-se do Château de Montségur, que durante anos fora um centro de instrução para simpatizantes cátaros e de iniciação ao sacerdócio. A fortaleza foi sitiada de 1243 a 1244. Foi defendida por uma pequena guarnição de nobres menores e sargentos de armas que lutavam pela Independência do Languedoque e eram simpatizantes do Catarismo. Interessa-nos especialmente os sargentos de armas. As personagens deste livro sintonizam-se com notável precisão com o cerco, com a evacuação do castelo do tesouro cátaro, provavelmente livros raros, e, acima de tudo, com a última celebração do *Consolamentum* antes de os cátaros perecerem na fogueira após a capitulação. O *Consolamentum* era o único sacramento reconhecido pelos cátaros. Significava uma renúncia voluntária à carne e ao apego às coisas deste mundo. Seis das personagens desta história assistiram à celebração final deste rito.

Os acontecimentos principais desta história desenrolaram-se entre finais de Agosto de 1968 e o início do Verão de 1972.

Nota à Nova Edição

Ter-me-á sido revelado algo mais desde que *We Are One Another* foi publicado em 1974? O que aprendi desde então é simples mas de grande importância. Todos os membros do grupo concordaram que o Catarismo era uma religião feliz. O seu jugo era leve. Não era, de modo algum, a seita puritana repressiva descrita por alguns dos seus defensores e também pelos seus opositores. As suas asceses não eram exigidas aos crentes comuns. O facto de os cátaros sustentarem que a matéria é um obstáculo ao

espírito não significa que defendessem uma luta desenfreada e vitalícia entre a carne e o espírito.

O sacerdócio percebia claramente que as pessoas vivem em diferentes níveis de consciência e que aquilo que praticavam eles próprios não podia ser exigido aos crentes comuns. A acusação de puritanismo excessivo é mais uma calúnia destinada a distorcer a imagem dos cátaros. Mais do que qualquer outra seita europeia, os cátaros viveram segundo o princípio simples de que Deus é amor.

Talvez a questão mais importante surgida desde a publicação de *We Are One Another* seja o facto de existirem provas claras de que um novo grupo está a formar-se. Braida e Bertrand Marty continuam ativos a orientar novos sensitivos e juntou-se-lhes Miss Mills, agora já falecida mas continuando, do outro lado e como revenant, a guiar outros, tal como fez nesta vida.

Os revenants já não se ocupam exclusivamente da encarnação cátara. Estão a recuar ainda mais no tempo e a encorajar aqueles que orientam a perceber os denominadores comuns imutáveis da verdade. Ajudado pelos revenants, este novo grupo ocupa-se da própria natureza da Divindade e, paradoxalmente, considerando a sua preocupação com a antiguidade, com a sabedoria e com o futuro mais do que com a história e o passado. A roda completou, de facto, o seu círculo.

ARTHUR GUIRDHAM

1

Quando estava em convalescença da doença cardíaca que motivou a minha reforma, passava bastante tempo sentado no meu jardim. Uma ou duas vezes vi Miss Mills passar de carro a caminho do trabalho numa vila próxima. Tinha-a encontrado em duas ocasiões anteriores em casas de outras pessoas. Não era, de modo algum, alguém que eu conhecesse bem. Era impossível não gostar dela, porque era tão franca, sorridente e espontânea.

Movia-se com rapidez, era enérgica e vivaz. Num mundo neurótico, era directa e descomplicada. Apesar do seu considerável dinamismo, tinha sempre tempo para ouvir as pessoas. Parecia extremamente saudável e tinha a tez clássica, hoje em desaparecimento, rosada e branca que os franceses chamam *la teinte Anglaise*. Com o seu rosto sorridente e o riso desinibido, serviria de modelo de extroversão. Tinha um apetite voraz por ar fresco e eu perguntava-me como suportava estar encerrada num escritório.

Um dia, quando eu estava sentado no jardim, ela subiu o caminho. Tinha problemas com o carro e queria telefonar para uma garagem. A minha mulher convidou-a para tomar chá. Como a minha mulher achava que a sua companhia alegre e franca me faria bem, convidou-a a voltar dali a quinze dias. A sua entrada na minha vida foi banal e sem emoção. Começou a visitar-nos uma vez por semana. Creio que o fazia por bondade. Eu próprio tinha pouco para oferecer. Estava debilitado e sem vitalidade. Achei gentil da sua parte vir visitar-me.

Miss Mills falava a maior parte do tempo. Era marcadamente gregária e não tinha interesse pelo abstrato. Preocupava-se sobretudo com pessoas e fenómenos.

Um dia, no final do Outono, ficámos sozinhos. De repente, ela susteve a respiração e corou intensamente.

— Importa-se que lhe faça uma pergunta pessoal?

— Não.

Eu ainda estava fraco e cansava-me facilmente. Os quadros nas paredes voltavam a ganhar vida. Bastava absorver a sua clareza renascida e inebriante. Mas, de algum modo, não receava que ela me fatigasse com os seus problemas.

— Há dois nomes que continuam a repetir-se na minha cabeça.

— Quais são?

— Raymond e Albigense. Faz algum sentido?

— Faz todo o sentido. Raymond era o nome dos Condes de Toulouse. Albigense era o nome da heresia que floresceu no seu território. Deve ter encontrado esses nomes em livros de História.

— Sei que não os encontrei. Mas faz sentido… e não estou a ficar maluca?

— Não vejo quaisquer sinais disso.

Era sinal da minha vitalidade diminuída o facto de não me ter entusiasmado. Durante anos interessara-me pelos Albigenses. Um caso de memória remota daquela época proporcionara o ponto mais alto da minha existência clínica.* Miss Mills nada sabia sobre os Albigenses. Não sabia que eram hereges nem que Cátaro era um nome alternativo para eles. Nessa altura eu não tinha escrito nada sobre o assunto. Devia ter ficado intrigado com a sua pergunta, mas estava demasiado cansado para me incomodar.

Com a chegada do Inverno, as visitas de Miss Mills tornaram-se menos frequentes. Voltou na Primavera. Com o seu regresso tive uma ligeira recrudescência da minha síndrome de Ménière. Sentia-me tonto e um pouco desequilibrado. Devia ter percebido o que era. Nessa altura já aceitara a origem cósmica dos meus sintomas de Ménière, mas equilibrava sempre aquilo que sabia com o ceticismo corretivo daquilo que pensava. Não sabia que mais uma psique me acenava de uma vida anterior.

Miss Mills era interessante para conversar porque a sua atenção se dirigia para fora, para os outros, e devido aos seus poderes de observação. Eu divertia-me com os seus resumos rápidos, vívidos e humorísticos das pessoas. Captava rapidamente a atmosfera dos lugares e das pessoas. Não me surpreendeu quando levantou a questão da reencarnação. A maioria daqueles que conheci que estavam verdadeira e sem sentimentalismo envolvidos no assunto eram pessoas vigorosas, que levavam vidas ativas e se interessavam mais por fenómenos do que por teorias. Só posso aceitar provas de reencarnação vindas de pessoas cuja crença nela seja o subproduto de uma vida ativa.

Isto pode parecer ilógico, mas aqueles cujas experiências foram mais convincentes eram todos trabalhadores vorazes. Se havia neles algo de místico, isso não se manifestava à superfície, mas servia de combustível a uma energia acima da média. Nunca fico impressionado com provas de reencarnação vindas de pessoas lânguidas e asténicas, envoltas em tons lilases pálidos e carregadas de pulseiras tilintantes. Como médico, prefiro avaliar não apenas sinais e sintomas, mas também as fontes de onde brotam.

Miss Mills disse que acreditava na reencarnação desde a adolescência. Nunca tinha lido sobre o assunto nem o ouvira discutir. Sofrera de dois sonhos recorrentes. Começaram aos cinco anos, quando quase morreu de difteria. Não foi a primeira vez que observei que a recordação de existências anteriores pode ser iniciada por doença grave. É comum que a memória remota, tal como outros dons psíquicos, se revele quando a ligação da personalidade à vida é enfraquecida por doença, exaustão ou perigo.

No primeiro sonho, ela fugia de um castelo que, mais tarde, ao aprender algo de arquitetura, reconheceu como medieval. O castelo situava-se no cimo de uma colina. O caminho por onde descia era áspero e pedregoso. Atravessava bosque até um vale e um ribeiro. Não havia ameaça nas árvores nem no vale. O horror de que fugia já começara no castelo. Na altura eu não sabia a que château ela se referia. Um ano mais tarde, o castelo e o horror ali encenado eram facilmente identificáveis.

O segundo sonho era ainda mais aterrador. Caminhava descalça em direção a uma estaca e a um monte de achas. Havia outros com ela. No caminho, alguém lhe atingiu as costas com uma tocha acesa.

Na infância tinha horror ao fogo. Tinha sete anos quando um edifício público da sua cidade natal ardeu. O resto da família parece ter apreciado aquele festival excitante mas dispendioso. Ela própria ficou incontrolável e, como dizia, histérica.

Desde muito cedo também tinha pavor de trombetas. Este medo específico causava-lhe grande impressão, mas não o compreendia. Fugiu e escondeu-se quando organizações como a Boys' Brigade tocavam trombetas na rua em frente da sua casa.

Era extremamente sensível às atmosferas. Aos oito ou nove anos ficou horrorizada com a malevolência de uma casa que visitou. Ficou tão agitada e nauseada que teve de ser levada para casa. Contou-me que, por vezes, em entrevistas de negócios, encontrava pessoas que irradiavam tanto mal que vomitava imediatamente. Mais tarde conseguiu, na maioria das ocasiões, aguentar até ao fim da entrevista. Saudável, vigorosa e extrovertida, não dava minimamente a impressão de ser uma pessoa propensa a sintomas psicossomáticos.

Aos treze anos foi a uma ida ao teatro seguida de ceia, onde estava presente um tio seu. Todos estavam felizes, exceto ela. Sabia, sem qualquer dúvida, que o tio seria morto. Pouco depois, a sua premonição confirmou-se. Admitiu que, estando ele na R.A.F., isso não era totalmente surpreendente.

No início, os seus pesadelos recorrentes surgiam várias vezes por semana. Tinha demasiado medo para adormecer. Presumiu-se que tinha medo do escuro e deram-lhe uma luz de presença. Esta concessão prolongou-se durante anos, até que os pesadelos se tornaram menos frequentes. Quando me conheceu, ainda ocorriam várias vezes por ano. Cessaram pouco antes ou pouco depois da sua primeira visita para tomar chá. Seguia as pisadas de outros pacientes com memória remota cujos sonhos tinham cessado após me conhecerem.

Miss Mills não tolerava qualquer forma de religião organizada. Nunca mais fora à igreja desde os tempos de escola, quando a frequência era obrigatória. Era surpreendentemente cética em relação à medicina e tinha pouca consideração pelos médicos. Acreditava em deixar as coisas à natureza, mas não num sentido fanático. Não tinha manias dietéticas e, na verdade, tinha um apetite impressionante. Acreditava no exercício, no ar fresco e em «mexer-se». Esta última era a sua palavra de ordem. Repetia-a com a mesma constância com que os fiéis recitam a Ladainha, mas com mais convicção e em tom vibrante.

Devido às suas opiniões sobre médicos e à sua aparência robusta, fiquei ainda mais surpreendido quando um dia me pediu que lhe examinasse a anca. Tinha uma dor ligeiramente para dentro dela. Relutei em fazê-lo, porque não era clínico geral e, além disso, estava praticamente reformado. Indiquei que era assunto para o seu médico e só quando ela disse que provavelmente não era nada de especial e que deixaria estar é que respondi que a examinaria. Sabia que, de outro modo, não iria consultar o médico. A dor durava havia dois meses. Descreveu-a como muscular. Disse que era «também na articulação». Perguntava-se se teria feito algum esforço excessivo. Eu estava convencido de que sofria de uma perturbação do cólon.

O cólon é um órgão sensível nos indivíduos psíquicos e estava perfeitamente preparado para que fosse afetada por uma das enfermidades tradicionais. O que não antecipei foi o resultado do meu exame. A dor cessou nesse dia e não voltou. Era inevitável que eu me interrogasse se isto seria comparável à cessação dos seus pesadelos e dos de outros pacientes psíquicos que conhecera. Seria mais um exemplo de um sintoma interrompido por um ato de reconhecimento entre duas psiques que se tinham conhecido numa existência anterior? Não passava de uma suposição e de uma vaga intuição.

Em todo o caso, a dor cessou definitivamente. Fiquei satisfeito por ela e ignorava que o meu diagnóstico estava completamente errado. A origem da sua dor era muito mais dramática do que um cólon sensível. Só dois anos mais tarde vim a saber a verdade.

Mas o exame revelou algo mais dramático e misterioso do que a sua dor e a sua causa. Quando observei a sua anca esquerda, vi, ligeiramente acima dela, uma faixa de estranhas protuberâncias que emergiam da pele. Nunca, na minha vida, vi nada comparável. Algumas dessas estruturas tinham cerca de dois centímetros e meio de comprimento. Algumas tinham forma de bexiga e, à primeira vista, assemelhavam-se a

pólipos, mas não tinham pedúnculo e estavam presas à pele por uma base relativamente larga. Em forma e aspeto, pareciam grandes bolhas produzidas por queimaduras. A diferença era que não havia líquido no seu interior e eram semi-sólidas.

A distribuição destas vesículas semi-solidificadas era significativa. Estendiam-se desde acima da anca, atravessando as costas até à linha média.

— Suponho que isto faça parte do seu sonho. Foi aqui que a tocha acesa a atingiu.

Falei com leveza e sem insistência.

— Sim — respondeu simplesmente.

Qualquer clínico que visse estas tumefações considerá-las-ia, à primeira vista, queimaduras. Podem existir protuberâncias isoladas semelhantes a quistos, mas eu não as vi. Não conheço qualquer condição que possa produzir tais inchaços dispostos em faixa na posição que descrevi. Alguém com talento para a patologia poderia dizer que eram queimaduras que tinham sofrido algum processo peculiar, no sentido de o líquido interior ter sido reabsorvido ou expelido pela rutura da vesícula.

De facto, tornara-se coagulado. Suponho que a passagem de sete séculos possa atuar como um prolongado processo de embalsamamento. Pode acontecer que, quando pessoas com potencialidades psíquicas morrem de morte violenta, a psique que reencarna transporte consigo a marca e os contornos vagos de uma antiga ferida. Marca o novo indivíduo com os sinais de uma velha tortura. É intenção que essas cicatrizes permaneçam como prova.

Tinha lido que as marcas de nascença são, por vezes, cicatrizes de feridas de vidas anteriores. Considerava isso uma suposição interessante. Impressionara-me a história, em *Christ at Chartres*, de Denis Saurat, do funcionário francês que trazia nas mãos as marcas de antigas torturas. Estava preparado para acreditar que tais coisas eram possíveis. Não esperava que eu próprio fosse confrontado com tal prova.

Fiquei impressionado não apenas com a natureza e a posição desta estranha erupção e com a forma como confirmava a veracidade do sonho recorrente de Miss Mills; também as circunstâncias em que foi revelada eram significativas. Teria sido a revelação desta lesão que provocou o desaparecimento da sua dor? Terá o facto de eu ter visto esta desfiguração sido uma retoma vívida do contacto psíquico? Certamente a sua dor desapareceu quase de imediato.

Parecia que eu estava novamente no meio de um daqueles circuitos de comunicação que descrevi noutras obras como períodos abertos. Durante estes, ficava especialmente envolvido em cadeias de telepatia, clarividência e cura. É como se diferentes indivíduos nessas cadeias despertassem nos outros a capacidade de comunicação psíquica. Durante esses períodos, quaisquer impressões intuitivas fortes são geralmente válidas e posteriormente confirmadas. Comecei a pensar em Miss Mills como uma cátara.

Ela falou pouco sobre esta lesão desfigurante. Disse que ela e eu devíamos ter-nos encontrado numa reencarnação anterior. Vindo de certas pessoas, este tipo de discurso é, na melhor das hipóteses, uma presunção desenfreada, muitas vezes um pouco fútil e, por vezes, nauseante. Miss Mills falava de modo impessoal e em relação a fenómenos apresentados. Aceitava que o reconhecimento, por memória remota, de outra pessoa como amigo ou colega em séculos anteriores deve ser muito raro. Indicou claramente que não conseguia recordar tal ligação.

Disse, no entanto, que ela devia existir devido ao efeito que produzira ao interromper os seus sonhos e a sua dor. Esta opinião dogmaticamente clínica foi confirmada mais tarde por provas de uma fonte desencarnada. Acreditava que, quando pessoas que se conheceram em encarnações anteriores se reencontram, devem ter estado em contacto constante nos anos intermédios. Dizia que tal contacto não podia ser consciente no sentido habitual do termo.

Por essa altura tive uma experiência curiosa. De súbito senti-me desequilibrado, tonto e com ruídos no ouvido. Não tinha dúvidas de que era um eco da minha síndrome de Ménière. Algumas horas depois, Miss Mills veio tomar chá. A sua sombra precedera-a. Quando chegou, eu ainda estava ligeiramente incomodado pelos sintomas.

Contou-me que, em 1954, visitara França no final de Julho. Tinha planeado inicialmente ir apenas até ao Loire. De repente sentiu um impulso irresistível de ver Carcassonne. Não conseguia explicar essa compulsão. Ninguém lhe aconselhara visitar aquela cidade e nada sabia da sua história. Chegou em Agosto e ficou profundamente comovida com o lugar e, sobretudo, com a região a sul da cidade. Falou com emoção do perfume da giesta nas colinas a sul. Não se apercebera de que atravessava uma região impregnada da história do Catarismo. Descreveu essa visita de dois dias a Carcassonne e arredores como uma experiência inesquecível. Não conseguia imaginar por que razão assim fora.

Durante a sua breve visita, a minha tontura e sensação de desequilíbrio desapareceram. Veio-me à mente que esses sintomas labirínticos tinham começado em Agosto de 1954. Tinham coincidido com o primeiro olhar retrospetivo de Mrs. Smith quando subiu as escadas em St. Jean Pied de Port. Não pude deixar de notar que, no mesmo mês do mesmo ano, Miss Mills fora atraída para uma região que, para mim, era simultaneamente bela e fatal. Parecia que a comunicação psíquica operava com intensidade máxima no final do Verão de 1954 e que continuava a operar na tarde da visita de Miss Mills a minha casa. Quando veio nessa tarde, dissipou os sintomas da síndrome de Ménière que tinham coincidido com a visita de Mrs. Smith e a sua própria a França em 1954.

O que aconteceu nessa visita convenceu-me de que o breve reaparecimento dos meus sintomas era um sinal de que eu me tinha novamente deslocado para fora do tempo e estava em contacto com a realidade. Sabia, por experiência anterior, que, no meu caso, a síndrome de Ménière era um sinal de que o passado batia à porta. Continuei a perguntar-me se Miss Mills teria sido cátara. Apesar das provas crescentes, rejeitei

essa possibilidade. Considerava a minha experiência anterior do século XIII como uma revelação suprema. Não conseguia acreditar que se repetisse.

No final do Verão, num domingo de manhã, fui aos Jardins Botânicos. Fui cedo para evitar as multidões que os visitavam aos domingos. Fiquei surpreendido ao encontrar Miss Mills a observar as dálias com o seu habitual interesse vivo e sem esforço. Apesar da sua vivacidade, parecia muito cansada. Sempre a tinha visto como uma bateria inesgotável de energia. Sentámo-nos juntos e olhámos para o longo canteiro. Perguntei-lhe como se sentia.

— São estes ruídos horríveis nos ouvidos, e a minha cabeça anda à roda.

Aqui, pensei eu, estava mais uma pessoa com sintomas de Ménière.

— Há quanto tempo tem isso?

— Intermitentemente há anos, mas nunca tão mau como nestes últimos dias.

Ao olhar para a sua tez rosada e branca, surpreendeu-me que alguma vez tivesse sofrido de alguma coisa.

— O que a incomoda mais?

— Os ruídos na cabeça. Diga-me: isso quer dizer que alguém está a ser preparado para alguma coisa?

— Não sei o que quer dizer — menti.

— Esse canto horrível nos meus ouvidos quer dizer que estou a tornar-me especialmente recetiva?

— Recetiva a quê?

— De repente estou cercada por montes de pessoas que vêm ter comigo com os seus problemas. É noite após noite e eu não consigo escapar-lhes. Dizem que lhes faço bem. Chegam mesmo a dizer que não sabem o que fariam sem mim. Detesto falar assim, mas isto é tudo tão cansativo. Tenho a ideia de que ouvir estes ruídos e ser útil às pessoas é um e o mesmo processo. Tem a ver com estar mais recetiva. Não consigo explicar.

— Talvez tenha os ruídos e a tontura porque já está cansada por causa das pessoas.

— Acho que é ao contrário.

Não disse mais nada, porque não queria influenciar a sua maneira de pensar. Eu sabia que ela tinha razão. Os que sofrem reconhecem instintivamente quando certos sensitivos estão num estado de recetividade aumentada. Sabem que consultar essas pessoas nesses momentos é receber delas maior consolação. Eu também sabia que, em alguns casos de enxaqueca e doença de Ménière, os sintomas são sinal de que o terreno está a ser preparado.

Como nessa noite tinha pouco para fazer, decidi pôr o meu diário em dia. A primeira coisa de que precisava era a data. Olhei para o calendário e vi que era 24 de Agosto. Era o plexo no tempo de onde tinha partido o meu primeiro ataque de Ménière e o primeiro fenómeno de *déjà vu* de Mrs. Smith. Agora era a data da primeira admissão, por parte de Miss Mills, à consciência de que outra forma de experiência estava a ser percecionada pela sua psique. Também era significativo que, alguns dias antes, eu tivera uma re-eco da minha doença de Ménière e que isso desaparecera quando ela falou de Carcassonne. Senti que havia mais para vir.

Daqui em diante, Miss Mills falou-me francamente dos seus pensamentos e intuições. Tinha lido pouco ou nada sobre assuntos psíquicos e as suas convicções baseavam-se na experiência. As explicações eram todas dela, e nunca antes tinha discutido as suas experiências com ninguém. Um dia comecei a explicar-lhe o que eu entendia por períodos abertos. Usava este termo para descrever aqueles dias ou semanas em que parece que estamos enredados numa teia de telepatia, precognição e manifestações inexplicáveis de cura. Ela espantou-me ao dizer que, nessas sincronizações, eu estava a atuar como transmissor. Dividia os que tinham capacidade psíquica em emissores, recetores e transmissores. O que ela disse correspondia às minhas próprias ideias sobre o assunto, exceto que eu pouco tinha pensado no problema dos emissores. Esta subdivisão dos sensitivos nestas três categorias é interessante. O indivíduo recebe a verdade através do mecanismo particular com que está especialmente dotado. No futuro, Miss Mills viria a revelar, para além de qualquer dúvida, que a verdade revelada por via de revelação superava largamente a alcançada pelo filósofo ou pelo cientista. Esta afirmação aplica-se não só à verdade no sentido transcendental e religioso do termo, mas também aos factos da História.

Mal conseguia acreditar que esta extrovertida atarefada pudesse pensar e sentir nestes termos misteriosos. Talvez este fosse o meu erro. Ela era tão aberta e desinibida que conseguia sempre estabelecer contacto com pessoas, lugares e atmosferas. Talvez a sua extroversão se estendesse ao cosmos. Por essa razão, era capaz de produzir intuições normalmente associadas à introversão.

Como os seus sonhos cessaram quando me conheceu, e porque o mesmo fenómeno ocorrera com outros pacientes com memória remota, considerei possível que nos tivéssemos encontrado noutra vida. Quando encontros breves e impessoais em pessoas psíquicas produzem a cessação súbita de sintomas de longa data, isso é frequentemente prova de contacto psíquico retomado, ou de um vazio que está a ser curado. Em encontros como este, restaura-se um estado de Unidade. Os sintomas cessam porque, nesse estado de unidade restaurada, as pessoas em causa estão a sair do tempo. Só num meio intemporal pode ocorrer uma cura desta natureza.

Eu talvez tenha interrompido os sonhos de Miss Mills, mas não consegui impedir a barragem psíquica que agora se abatia sobre ela. A sua própria sensação de que se tornara especialmente recetiva estava justificada. Tornou-se rapidamente evidente que alguém ou alguma coisa tentava entrar em contacto com ela.

O bombardeamento surgiu primeiro sob a forma de vozes. Ao início, Miss Mills pensou que essas vozes falavam em sonhos. Mais tarde, disse que as ouvira num estado meio acordada, meio adormecida, impossível de descrever. Isto foi uma nova e dramática viragem na história do meu contacto com o Dualismo. Há anos que este batia à porta do inconsciente. As pancadas, começadas com pacientes anteriores, atingiam um crescendo. A pressão na porta era tão tempestuosa que ela se escancarou. Percebi então que estavam a ser usados métodos dramáticos e quase físicos para chamar a minha atenção para o Catarismo e para o século XIII. O caso de Miss Mills era único por eu ver claramente, dia após dia, os vários mecanismos usados para chamar a nossa atenção para acontecimentos e atitudes manifestados sete séculos antes, mas vitais para nós no mundo de hoje.

A voz falou várias vezes durante a noite, e todas as noites durante uma semana. Disse-lhe que eu tinha de escrever, falar e fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para aumentar o conhecimento das pessoas sobre o Catarismo. Quando este fenómeno começou, Miss Mills perguntou-se se a voz seria a de um amigo falecido que morrera exatamente um ano antes, mas depois ficou menos certa. Nesta fase, estava convencida de que era interpelada por uma única entidade. Mais tarde sentiu que estava envolvida mais do que uma entidade. Estas questões seriam claramente respondidas alguns meses mais tarde.

Em momentos ocasionais nos dois últimos anos, eu sentira possível que alguém do século XIII estivesse a tentar entrar em contacto comigo. Devo esclarecer que, nesta fase, isso era uma dedução e não uma perceção. Se eu estivesse correto nessa suposição, não passaria de ter acertado por acaso.

A voz insistiu que Miss Mills tinha de confiar em mim. Disse que um dos seus problemas era não conseguir aceitar que eu estava «dirigido». A voz assegurou-lhe que eu estava e, ao que parecia, que eu era digno de confiança. Isto cheira à sentimentalidade que se associa a médiuns medíocres. Na realidade, esta atitude era lógica e completamente justificada. A voz viria, por vezes, a recuar até instruções esotéricas iniciadas sete séculos antes. Era razoável que se sublinhasse que eu era capaz de receber uma comunicação confidencial.

Em terceiro lugar, a voz dava conselhos. As suas máximas não eram moralistas nem pretensiosas. Jung disse que, quando os arquétipos falavam, tendiam a ser pomposos. A instrução dada a Miss Mills era basicamente mística, mas exprimia-se de forma simples e dizia respeito à natureza do tempo. No princípio, as exortações eram suficientemente simples, uma espécie de manual de iniciação a outros mundos.

Nesta altura houve outro incidente significativo. Eu estava a visitar um hospital de doentes geriátricos. Estava, para todos os efeitos, reformado, e era um prazer cumprir as minhas tarefas confortáveis sem pressão. Antes da visita, conversei de forma despreocupada com a enfermeira-chefe, ao café. Talvez por estar habituada a ver-me com pressa, falou com mais liberdade do que o habitual. Não era uma pessoa com quem

eu alguma vez tivesse discutido algo além de doentes e administração hospitalar. Nesse dia específico começou a falar do estado do mundo.

Ao falar dos problemas na Irlanda do Norte, disse que devia haver algo de radicalmente errado com o Cristianismo. Eu disse que acreditava que o Cristianismo se tornara tão distorcido que era irreconhecível quando comparado com os seus primórdios. Nessa ocasião, mencionei a palavra Catarismo. Digo isto com intenção, porque não estou habituado a discutir este assunto com pessoas que não tenham interesse específico nele. Descrevi-o como o ressurgimento do Cristianismo primitivo.

Depois subimos para ver a doente. Era uma senhora de noventa e nove anos, com um rosto de ave de rapina e imperioso, olhos de longo alcance e o perfil de Dante. Estava no hospital havia dezassete anos. Nunca encontrei alguém que, em idade tão avançada, conservasse tal perspicácia sobre a vida e sobre as pessoas e um interesse tão incansável pelo mundo à sua volta. Nesse dia, em particular, parecia ainda mais um profeta do Antigo Testamento. Fiquei estupefacto quando começou a falar dos Pirenéus. Disse que as primeiras seitas que aí viveram tinham procurado sempre a verdade. Mencionou os Albigenses.

Disse que aquilo que tinham dito tinha de ser novamente divulgado e que o assunto era urgente. Falou com fervor. Fiquei surpreendido porque a idosa continuou o tema que eu mencionara lá em baixo. Era mais um exemplo do processo de ignição que, em certos períodos da minha vida, corre em todas as direções como um fogo rasteiro. Precognição, clarividência — importam assim tanto estes nomes quando comparados com a verdade geral e a santidade da comunicação? E suponhamos que ela leu algo do que estava na minha mente quando entrei no quarto.

Desacredita-se ou diminui-se o processo por lhe chamarmos telepatia? O que importa não é que tal processo tenha ocorrido entre nós, mas que tenha ocorrido neste momento. A idosa exortava-me, da mesma forma e nas mesmas linhas, que a voz que falara a Miss Mills. Também era notável que, ao fim de dezassete anos, eu encontrasse outra pessoa com interesses cátaros mesmo à minha porta, no hospital onde tinha começado a exercer, trinta e cinco anos antes.

Mas o que talvez seja mais significativo de tudo é o que se revela pelas circunstâncias em que esta senhora foi admitida no hospital dezassete anos antes. Nessa ocasião, implorara-me que a afastasse do poder do mal. Disse que a casa onde vivia estava impregnada da sua atmosfera. Exprimia aquilo que poderia ter sido considerado delírios vagos. Ao falar de delírios, refiro-me à sua reação ao mal na atmosfera. Nessa altura eu ainda não aceitara as verdades fundamentais do Catarismo: que existem dois princípios primários de bem e de mal no universo, que estes estavam presentes no seu início e permanecerão até ao fim do mundo que conhecemos. Eu não sabia então que os seus familiares também tinham registado o mal na atmosfera.

Em trinta e seis horas, esta doente ficou sem sintomas e manteve-se assim durante anos, demonstrando um grau de clareza, discernimento e, por vezes, inspiração como eu nunca tinha visto antes numa pessoa da sua idade. Ficou no hospital não por causa dos

sintomas, mas por uma vontade imperativa sua de ali permanecer. Considerava que tinha uma boa atmosfera. Na sua perceção aguda das forças do bem e do mal, estava a exemplificar os princípios básicos do Catarismo.

Nestas primeiras mensagens dirigidas a Miss Mills, a abordagem à questão do tempo era mística e destinada a transmitir que o tempo cronológico era uma ilusão. Mais tarde, a voz viria a dizer: «Não se pode entrar no tempo senão escapando dele, mas não se pode escapar ao tempo entrando nele.» Li isto como significando que só quando abandonamos as nossas personalidades dominadas pelo tempo podemos escapar, através da psique, para o mundo do Espírito, intemporal e sem espaço.

Nessa altura, Miss Mills perguntou-me se eu acreditava na existência de uma alma de grupo. Perguntei-me se ela estaria a tentar explicar a si própria como, na sua área geográfica limitada, havia várias pessoas que se tinham reencontrado ao fim de séculos. Eu nunca tinha pensado muito neste aspeto da questão. Tinha uma vaga ideia de que uma alma, ainda presa à roda da vida, ao regressar à Terra poderia continuar a exercer uma compulsão magnética sobre aqueles que, numa existência anterior, tinham sentido afeição pela personalidade que ela habitara.

Mas Miss Mills preocupava-se menos com a mecânica do que com o propósito da reencarnação em grupo. Era evidente que, tal como eu, ela não tinha refletido profundamente sobre o assunto. Mais tarde admitiu que lhe fora dito pelo seu instrutor noturno que, quando um grupo de pessoas reencarna em conjunto, é inevitavelmente para um bom propósito. Eu não achava a perspetiva atrativa. Para mim, nessa altura, todas as ideias de propósito eram um pouco cansativas. Tinha imposto a mim próprio demasiados objetivos nesta vida, e a ideia de estar acorrentado ao mesmo destino, com o acréscimo do handicap da gregariedade, era um pouco desanimadora.

No entanto, havia outros que partilhavam o ponto de vista dela. Paul Beard, director do *College of Psychic Studies*, disse-me, com base em provas obtidas através de médiuns, que nos últimos dez anos as pessoas estavam a reencarnar em grupos para atingir alguns objetivos comuns e construtivos. Acreditava que muitos cátaros estavam a reencarnar. Parecia que, embora não houvesse muitas pessoas em Inglaterra interessadas em Catarismo, eu estava destinado a encontrá-las todas.

No início de 1971, as coisas tornaram-se excitantes. Para Miss Mills, não eram apenas excitantes, mas assustadoras. Tinha um telefone ao lado da cama. Sempre mantivera junto dele um bloco de notas e um lápis para apontar mensagens. Numa manhã, viu que havia uma mensagem rabiscada no bloco. Sabia que não fizera qualquer anotação nessa manhã e perguntou-se se aquilo seria algo esquecido e sobrante do dia anterior. Pegou no papel e leu uma observação enigmática sobre a natureza do tempo e, por baixo, outro comentário que a instava a aceitar orientação.

Estava, de facto, a ver por escrito aquilo que antes ouvira da voz. Sentiu-se tensa e inquieta. Não tinha absolutamente qualquer recordação de ter escrito uma nota. É uma pessoa prática, meticulosa e com uma memória notavelmente boa. Também não é o tipo de pessoa que escreva num papel ideias que ache interessantes. Não tem ambições

literárias, nem interesses filosóficos, e a sua natureza é o inverso de metafísica. Não conseguia explicar a escrita no papel, nem conseguia iludir-se pensando que mais cedo ou mais tarde descobriria uma explicação razoável. Ficou, a tremer, à espera de mais informações. Não teve de esperar muito.

Em algumas ocasiões, ao despertar, não via qualquer escrita, mas encontrava-a debaixo da cama mais tarde nessa manhã. O papel devia ter-lhe caído da mão quando escreveu, em qualquer estado de consciência alterada em que existia nesses momentos. Eu vi a caligrafia. Era indubitavelmente a dela, mas mais espaçada e espalhada. Estava aberta, como qualquer escrita feita muito depressa e com sensação de pressão. As mensagens no bloco repetiam o que ela ouvira anteriormente da voz. Ela tinha de confiar em mim. Havia reflexões adicionais e mais complexas sobre a natureza do tempo. As seguintes afirmações eram típicas: «Viver de momento a momento é viver intensamente. Realizar a eternidade no tempo é amar com intensidade. O tempo é apenas um buraco de fechadura e a humanidade tem a chave. A libertação é a capacidade da alma de viver para lá da unidade de tempo.»

Outras mensagens eram esotéricas: «A memória é uma nuvem que deriva para trás e para a frente.» Havia aforismos sobre a natureza da verdade: «A verdade constrói-se a partir de vibrações. Não a pode encontrar a pensar nela. Tem de a experienciar.»

Nesta altura, ela estava cansada e agitada. Perguntou quanto tempo aquilo iria durar, o que significava tudo aquilo e se eu achava que ela conseguiria aguentar.

2

A situação tornava-se ainda mais penosa quando reparou que as mensagens se intensificavam em torno do aniversário da morte do pai. Disse que detetava uma mudança na caligrafia. Disse que se parecia um pouco com a do pai. A caligrafia que vi nessa altura era mais pequena e mais apertada e, nesse aspeto, assemelhava-se à escrita do pai. Mostraram-me um exemplo desta última. Não achei que a mudança de estilo fosse muito significativa, mas não tenho conhecimentos de grafologia. Para mim, a caligrafia era, sem dúvida, a de Miss Mills.

Não posso ser dogmático quanto ao mecanismo envolvido nesta escrita noturna. Isto é matéria para especialistas. Presumi que fosse uma variedade de escrita em transe e que Miss Mills estivesse a atuar como médium. Ela não tinha recordação de passar do sono para o estado em que escrevia as mensagens. À luz do que aconteceu mais tarde, é duvidoso que os fenómenos descritos se devessem à mediunidade.

Depois desta primeira série de mensagens escritas, a voz intensificou-se. Falava-lhe de dia e de noite. Ela tentou de novo defini-la para mim. Ao falar da fonte das mensagens noturnas, disse: «Podia chamar-lhe uma voz, talvez uma voz interior. Não era uma voz no sentido do que ouvimos numa conversa normal quando estamos acordados.» Certamente era algo mais distinto e audível do que um pensamento insistente ou uma forte intuição. O seu tema principal continuava a ser filosófico e dizia respeito à natureza do tempo.

A voz durante o dia por vezes assemelhava-se ao que ela ouvia à noite. Noutras ocasiões, «simplesmente me vem durante o trabalho. Às vezes vem de repente quando estou ocupada. Não sei como é que se distingue.» Aqui, a perceção auditiva era complicada por factores intuitivos e visionários. É suficientemente interessante refletir sobre o mecanismo responsável pelas suas comunicações. O que é mais importante é saber se fazem sentido.

Pela primeira vez, ela transmitiu mensagens que eram inconfundivelmente cátaras. Telefonou-me e perguntou se existia um sacramento cátaro,* e se era sempre conferido por um bispo. Eu disse que existia tal sacramento, mas que um bispo não podia ter estado sempre presente. Como nunca houve, em momento algum, mais do que cinco no Languedoque, pareceu-me impossível que a prática comum fosse um bispo oficiar. Ela prosseguiu, dizendo que sacerdotes chamados diáconos também podiam estar presentes.

Perguntou-me, com considerável confusão e hesitação, se eu tinha ouvido as palavras *filius major* e *minor*. Eu tinha. Eram nomes dados ao imediato subsequente do bispo. Quando um bispo morria, era sucedido pelo *filius major*. O papel deste era então assumido pelo *filius minor*. Ela aprendera estes títulos a partir das vozes. Nunca poderia ter ouvido falar deles nem visto essas palavras antes. Não fazem parte do currículo habitual num colégio interno inglês para raparigas. Em qualquer país, só devem ser conhecidos por um punhado de pessoas instruídas na estrutura e função da Igreja Cátara. Neste país, seriam conhecidos por ainda menos — de facto, por um número tão pequeno que é negligenciável.

Esta foi a sua primeira incursão no Catarismo, exceto a pergunta que me fizera mais cedo, no início da nossa relação, sobre a ligação entre as palavras Raymond e Albigense. Eu respondera depressa e com confiança que o nome próprio se aplicava aos Condes de Toulouse, grandes protetores da heresia. Quando ela foi literalmente invadida pelo Catarismo em 1971, eu ainda acreditava que tinha respondido corretamente à sua primeira pergunta. Como veremos mais tarde, Raymond nada tinha a ver com os Condes de Toulouse. Do mesmo modo, eu acreditava estar correto ao negar que bispos estivessem invariavelmente presentes no *Consolamentum*. No entanto, com Mrs. Smith eu aprendera que a perceção extrassensorial pode ser, do ponto de vista científico, mais exata do que a investigação histórica. Ela soubera, um quarto de século antes dos sábios, que sacerdotes cátaros, em certas áreas e em certos períodos, usavam vestes azul-escuro em vez do preto predominante.

Quando Miss Mills desligou, peguei, de forma desinteressada e sem grande esperança, no primeiro livro sobre Catarismo que me veio à mão. Era a tradução de Nelli de *The Ritual of Lyons*. Este é um dos verdadeiros restos autênticos da liturgia cátara. Aí descobri que o *Consolamentum* era conferido por aquilo a que o texto chamava *L'Ancien*, literalmente, o velho. Segundo Nelli e Déodat Roché, este era um bispo ou um diácono. Mais uma vez, eu estava errado.

Esta mulher, que não tinha qualquer conhecimento consciente de Catarismo, era capaz de fornecer detalhes da sua hierarquia.

É interessante que eu tenha encontrado o que procurava no primeiro livro que peguei e que o tenha aberto na página necessária. Como era a primeira vez que fazia isto, só o pude considerar uma coincidência. Mas, depois, ao verificar as afirmações de Miss Mills e ao responder às suas perguntas, eu ia constantemente ao livro certo, na página certa e muitas vezes na linha ou no parágrafo certos. Antes, eu nunca poderia ter acreditado que seria capaz de cumprir um dos critérios clássicos do ocultismo e ir ao livro indicado na página específica.

Fiz isto constantemente ao confirmar as afirmações de Miss Mills. Isto indicava uma mudança radical em mim. Sempre aceitara que nunca conseguia encontrar nada do que procurava. Acreditava sinceramente que a vontade era um impedimento nestes assuntos. Mas estaria eu a usar a vontade ao ir ao livro que me dava a resposta? Exerceria eu alguma escolha? Não seria possível que quem quer que orientasse Miss Mills estivesse a exercer uma influência tão poderosa que, embora dirigida principalmente a Miss Mills, eu estivesse igualmente e com exatidão a ser guiado por ela?

* Ela referia-se ao *Consolamentum*, o único sacramento reconhecido pelos cátaros.

Em Fevereiro de 1971, as mensagens do seu guia tornaram-se mais acentuadas. Uma frase que ela continuava a ouvir era: «faz de mim um bom cristão». Perguntou-me se essa frase tinha algum significado particular. Respondi que era tão vaga e banal que não se podia atribuir-lhe qualquer importância. Na verdade, eu sabia que ela tinha dado com algo. Fui pouco expansivo porque achava melhor incentivar as suas faculdades críticas. Perguntei em que contexto tinha encontrado aquelas palavras. Disse que «lhe vinham como uma espécie de oração». Eu sabia que ela tinha dado apenas parte da frase completa, que é: «faz de mim um bom cristão e conduz-me a um bom fim».

Eu tinha a certeza absoluta de que esta frase ocorre num dos momentos mais sagrados do *Consolamentum* cátaro. Este não era apenas crucial na vida de um cátaro, mas, como veremos mais tarde, era o auge espiritual da existência de Miss Mills no século XIII. Disse-lhe a citação completa e exata, da qual as suas palavras eram apenas o começo. Disse que isto era, sem dúvida, parte do *Consolamentum*. Ela ficou claramente desapontada. Era evidente que pensava de outra forma.

Que ela estava na pista do Catarismo revelou-se pelas palavras seguintes:

— O que significam *apparellamentum* e *amelioramentum*?

Disse-lhe que eram os nomes de duas cerimónias especificamente cátaras. A primeira era uma espécie de confissão mensal de pecados. Lamentei que, por enquanto, não lhe pudesse dizer exatamente em que consistia o *amelioramentum*. Mais uma vez, ficou desapontada. Presumi que isso se devia ao meu fracasso em descrever o *amelioramentum*.

Ao longo de oito meses, voltou repetidamente à citação «faz de mim um bom cristão». Era claro que não conseguia aceitar que fosse parte do *Consolamentum*. Não

sei por que motivo demorei tanto tempo a descobrir o meu próprio erro. Suponho que foi a questão habitual de descer uma cortina e de eu estar a impedir a minha própria iluminação. «Faz de mim um bom cristão e conduz-me a um bom fim» nada tinha a ver com o *Consolamentum*. Era parte do *amelioramentum*.

Este último não era um serviço religioso, mas o simples ritual de se fazer uma vénia três vezes diante de um *Parfait* e proferir a frase que mencionei. Os meus erros ao verificar as afirmações de Miss Mills, e a exatidão com que ela me instruía, devem ser tidos em conta pelo leitor que se pergunta quanto ela obteve de mim por telepatia.

Ficou então claro que estávamos perante alguém com memórias de Catarismo no século XIII. Eu não conseguia aceitar facilmente que estivesse a lidar com outro caso de reencarnação. Não acreditava na minha própria sorte. Não sabia, nessa altura, que, devido à existência de catalisadores humanos, um caso pode conduzir a outro. Ainda assim, tive de aceitar que, de uma forma ou de outra, Miss Mills tinha memórias da epopeia cátara. Aquilo que ela produzia do seu passado vinha do passado. O seu conhecimento de francês era mínimo e impedia-a de ler livros nessa língua. A essa altura já tinha lido *The Cathars and Reincarnation*, que saiu quase dois anos depois de a ter conhecido e que não contém referências a *filii minori* e semelhantes.

Ela não tinha mentalidade histórica. Só se preocupava em que as suas revelações e intuições se provassem factuais. Embora mostrasse sinais de tensão e exaustão durante o bombardeamento noturno, não resvalou para uma neurose nem passou por agonias de dúvida quanto à sua sanidade. A sua atitude era mais: «Mas do que é que isto se trata? Isto do tempo é grego para mim. Porque é que implicam comigo?»

A ideia de Miss Mills ser uma vítima psiquiátrica é absurda. Certamente ouvia uma voz na ausência de uma presença física. Também São Paulo, Maomé e Joana d'Arc o fizeram. Uma alucinação é descrita como uma falsa perceção. Esta é uma definição pobre, porque a experiência é real para a pessoa que ouve a voz ou vê a visão. A definição de alucinação precisa de ser alterada.

Temos o direito de perguntar se vozes como as de Miss Mills têm algum propósito construtivo que possa ser verificado e cumprido. Ninguém negará que as vozes ouvidas por São Paulo na estrada de Damasco e por Santa Joana em Domrémy foram criativas e produziram resultados tangíveis. Não pode haver nada mais construtivo do que o conhecimento que Miss Mills nos trouxe no decurso das suas experiências. Prova claramente que a verdade por revelação acrescenta também aos factos da História.

O teste decisivo é que as alucinações patológicas ocorrem num pano de fundo de perturbações psiquiátricas manifestas. O doente é diagnosticado pelos seus distúrbios de comportamento mais do que pelo simples facto de ter aquilo a que chamamos alucinações. No diagnóstico, o número e a natureza destas últimas são de grande importância. Miss Mills não apresentava quaisquer sinais de perturbação psiquiátrica. Ao fazer estas avaliações, o contexto e o temperamento do indivíduo são cruciais. As alucinações e os delírios ocorrem sobretudo em pessoas de temperamento esquizoide. Este envolve emoção superficial e retirada do interesse do meio envolvente. A

disposição de Miss Mills é completamente diferente. Nas variedades paranoides da esquizofrenia, a vítima, antes do início da doença, é reservada, hostil e desconfiada dos outros.

Miss Mills é aberta como o dia e capaz de contagiar os outros com a sua própria vivacidade. Qualquer que fosse a origem das suas vozes e, mais tarde, das suas visões, era totalmente alheia a qualquer perturbação psiquiátrica. Quando ela recebia as suas revelações de intensidade máxima, eu sofria da fome contínua induzida por um estômago que se esvaziava rapidamente. Isto acontece-me constantemente quando alguém na mesma frequência que eu está sob grande pressão ou sofre agudamente.

4

O guia que falava e ditava a Miss Mills desviou-se bruscamente da filosofia e da liturgia do Catarismo. Estas variações de direção viriam a ocorrer mais do que uma vez. Por vezes perguntei-me se estava envolvido mais do que um guia. Mais tarde, esse palpite seria confirmado.

Por volta de meados de Fevereiro de 1971, houve uma enxurrada de referências italianas. Nomes como Vicenza, Sorano, Brescia, Desanzano e Treviso apareciam todos no seu bloco de notas.

— O que é isto tudo sobre Itália? É importante? — perguntou.

Depois acrescentou:

— Estou a receber isto de si?

Tinha a mesma honestidade obsessiva de Mrs. Smith e a mesma tendência para procurar as explicações mais racionais. Só lhe pude dizer que o Catarismo tinha sido muito forte no Norte de Itália e que fora praticado abertamente na Lombardia muito depois de ter sido perseguido e ter passado à clandestinidade no Languedoque. Notei que, exceto Sorano, todos os nomes que citara eram do Norte de Itália. Não consegui encontrar Sorano, mas presumi que fosse italiano.

A referência italiana seguinte foi muito mais marcante. Ela encontrou no seu bloco o nome Jean de Lugio. Por baixo estava escrito: «Ele era o *filius major* do Bispo de Bellesmana.» Isto foi espantoso. Jean de Lugio escreveu o clássico fundamental da teologia cátara, *Le livre de Deux Principes* (*O Livro dos Dois Princípios*). Eu não fazia ideia de que ele fosse um *filius major* nem do nome do bispo que servira. Com relutância, comecei a procurar na minha biblioteca. Mais uma vez, sem esforço, no primeiro livro a que cheguei, encontrei que Jean de Lugio era um *filius major*. O livro, por assim dizer, abriu-se sozinho para mim.

Eu estava a ponderar as palavras de Miss Mills — «Estou a receber isto de si?» — quando aconteceu algo que nos levou para além do âmbito da telepatia possível. A telepatia nunca tinha sido, realmente, uma hipótese válida, porque o meu conhecimento do Catarismo em Itália era negligenciável. O trajeto das suas revelações deu então um

solavanco súbito em direção aos Balcãs. A 16 de Fevereiro, ela escreveu algo que para mim era um completo mistério.

Nessa manhã, Miss Mills encontrou as palavras Trogarium e Sorano no seu bloco. Sorano já tinha surgido antes e eu tinha presumido que fosse em Itália. Eu tinha a certeza de que a palavra Trogarium não era italiana. Não conseguia explicar estes nomes. O que estava escrito num segundo papel era ainda mais misterioso. A palavra Nikolski não me dizia nada. Tudo o que eu podia oferecer era que parecia eslavo.

Depois aconteceu algo curioso, que deu uma resposta parcial a estas questões. A mulher que traduziu três dos meus livros para francês apareceu em Inglaterra numa visita profissional, trazendo um conjunto de provas tipográficas. Eu tinha-me esquecido de que, quando a vira pela última vez em França, ela falara longamente e com grande seriedade dos seus cinco meses de residência nos Balcãs. Tinha estado quase obsessivamente ocupada a mostrar-me os ornamentos que recolhera lá. Na Bulgária, visitara, com paixão, os túmulos dos Bogomilos, que foram os precursores balcânicos dos Cátaros. Na sua breve visita a Inglaterra, regressou imediatamente ao tema do Dualismo nos Balcãs.

Pelo que parece, o que mais a interessara na Bulgária fora uma antiga cruz rosacruciana. O culto rosacruciano foi um dos exemplos de Dualismo passado à clandestinidade após a perseguição dos cátaros. Ela estava preocupada porque o proprietário búlgaro não parecia apreciar o seu significado e valor. O braço inferior parecia ter sido serrado obliquamente, de modo que a base, com as suas três curvas significativas, estava em falta. Trouxera consigo um livro sobre os Rosacruzes e mostrou, numa das ilustrações, o ponto em que a cruz fora mutilada.

Fiquei espantado com o que me contou, mas não fiz comentários até ter ido ao meu gabinete e examinado o meu diário de 1964. Aí encontrei um desenho que eu próprio fizera de uma cruz que vira numa visão ao acordar do sono. Era idêntica à que Madame Brelet vira, até à linha oblíqua onde a cruz tinha sido mutilada. A única diferença era que, na minha visão, com o passar do tempo, vi três círculos concêntricos, brilhantemente iluminados, com bordos curvos. Estavam colocados um dentro do outro, na intersecção dos braços da cruz. Na altura em que anotei esta experiência, não me apercebi de que estava a ver um símbolo rosacruciano. Considerei a cruz de conceção maniqueísta. Só mais tarde percebi que o que tinha visto era uma cruz rosacruciana com uma rosa luminosa.

Em todos os anos que se seguiram a esta visão, nunca me interrogara sobre a razão de o braço inferior da cruz estar quebrado. Deverá isto ser tomado como uma forma de simbolismo que exprime a perseguição do Dualismo e também a sua persistência? Há certamente mais do que isso. Porquê o fenómeno muito específico do corte oblíquo de serra no braço inferior? Eu desenhei o meu esquema anos antes de conhecer Madame Brelet, ou sequer de saber da sua existência.

Seguramente, esta partilha de uma experiência exata por uma mulher acordada na Bulgária e por um homem a acordar do sono em Somerset, separados por anos no tempo

e por centenas de quilómetros, poderia indicar alguma ligação pessoal noutra época. Pelo menos, significa uma capacidade, por parte de duas pessoas, de escapar ao tempo cronológico, e na mesma direção. Mas, certamente, isto não pode ser toda a história. Madame Brelet apareceu no meio das revelações balcânicas de Miss Mills. Teria ela projetado a sua sombra antes e induzido Miss Mills a recordar itens como Trogarium e o evangelho Nikolski? À data da sua visita, eu ainda não tinha descoberto o significado desses nomes.

Poderia ter sido Madame Brelet, que possuía dons mediúnicos, quem estimulou em Miss Mills a recordação de memórias associadas aos Balcãs. Esta última viria a revelar mais tarde a sua capacidade de comunicação psíquica com alguém que nunca conhecera, que vivia num outro país e que tivera uma experiência psíquica idêntica à sua, mas dez anos depois.

Alguns dias depois, pedi na biblioteca local o livro *The Mediaeval Manichee* de Sir Steven Runciman. Tinha lido partes da obra apressadamente alguns anos antes, quando escrevia *The Cathars and Reincarnation*.

Não tinha qualquer intenção de procurar nada de eslavo. Se o desejasse fazer, teria consultado o livro de Obolenski sobre os Bogomilos. O mistério Nikolski foi o primeiro a ser resolvido. Descobri que este era o nome dado ao Evangelho eslavo dos heréticos bósnios. Este último termo inclui os Bogomilos e os Paulicianos, que foram precursores dos Cátaros. No Evangelho de Nikolski, a Oração do Senhor (Pai Nosso) inclui as palavras adicionais que começam por "Pois Teu é o Reino". Nisto, assemelha-se às formas cátara e anglicana, diferindo da versão romana.

Ao mesmo tempo, o mistério de *Trogarium* e Sorano foi resolvido. Sir Steven afirma que a primeira era o centro da igreja herética nas costas da Dalmácia e de Ístria. As suas doutrinas eram dualistas. A igreja, juntamente com outras nas proximidades, possuía fortes tradições missionárias, atuando em Itália e até em França. Ele acrescenta que se diz que os Albigenses derivaram a sua doutrina da igreja de *Trogarium*. Esta última é hoje conhecida como Trogir.

Este livro também clarificou a questão de Sorano, Vicenza e Desenzano. No século XIII, existiam duas variedades de Catarismo em Itália. Uma estava centrada em Desenzano. Os bispos deste ramo do Catarismo viviam em Sorano e Vicenza.

Porquê esta súbita mudança para os Balcãs? Por que razão o guia invisível de Miss Mills lhe daria detalhes precisos em fragmentos que diziam respeito não só aos Cátaros, mas aos seus precursores Bogomilos no que é hoje conhecido como Bósnia e Herzegovina? Claramente, o guia insistia que Miss Mills devesse conhecer o máximo possível sobre as origens do Catarismo. Eu já sabia que as raízes da fé estavam nos Balcãs. Não sabia da função missionária especial da igreja na costa da Dalmácia e que esta enviava agentes para o Languedoque.

Nesta altura, houve um fluxo de circunstâncias aparentemente fortuitas que apontavam para os Balcãs. Uma senhora que eu nunca conhecera enviou-me revistas

contendo imagens de túmulos Bogomilos na Jugoslávia. Se ela não o tivesse feito, teria eu visitado a exposição jugoslava em Paris algumas semanas mais tarde e ficado fascinado por estes túmulos? Parecia uma apoteose natural que os sábios jugoslavos em Paris tivessem demonstrado um interesse intenso no meu livro *Os Cátaros e a Reencarnação*.

Estaria o guia de Miss Mills a estimulá-la a recordar alguma ligação específica com os Balcãs? Seria isto uma tentativa de apresentar as credenciais do Dualismo desde os seus primórdios? Seriam as referências à Dalmácia recordações vestigiais de algo que a própria Miss Mills ouvira no Languedoque no século XIII, ou seria isto evidência de uma encarnação anterior?

Eu não conseguia responder a nenhuma destas perguntas. Tudo o que podia fazer era maravilhar-me com o facto de, em plena excursão balcânica de Miss Mills, Madame Brelet ter vindo a Inglaterra por três dias e fornecido provas surpreendentes de alguma ligação com o Próximo Oriente. Ela e Miss Mills nunca se tinham conhecido e esta última nunca estivera mais a oriente do que Florença.

5

Após a sua viragem para os Balcãs, Miss Mills desviou-se abruptamente para o Languedoque. Um dia, encontrou junto à sua cama um papel com algo escrito de cariz mais positivo do que reflexões sobre a natureza do tempo.

O que estava escrito no papel era: "Raymond de Perella. Sol — Não. Tesouro — Não. Livros — Sim."

Ela queria saber se isto significava algo para mim. Não poderia deixar de significar. Referia-se clara e inequivocamente ao cerco de Montségur. Este fora organizado pelos franceses numa tentativa de decepar para sempre a cabeça do dragão da heresia. O grande cerco ocorreu no final das guerras atrozes lançadas contra os Albigenses por instigação do Papa Inocêncio III. Montségur é o castelo onde as forças que defendiam os Cátaros fizeram a sua última resistência. Isto foi, na prática, o golpe mortal no ressurgimento do Cristianismo primitivo na Europa moderna.

Eu sabia que Raymond de Perella era o proprietário do castelo de Montségur. Não me ocorreu que este fosse o Raymond referido por Miss Mills logo no outono de 1968 e que eu, negligentemente, identificara como sendo o Conde de Toulouse.

"Sol — Não" só pode ter um significado. Tem sido argumentado que a localização e a construção de Montségur foram determinadas por considerações cósmicas e astronómicas e que, em tempos remotos, fora um centro de adoração ao sol. Para os Maniqueus, precursores dos Cátaros, o nascer e o pôr do sol e as datas dos equinócios de primavera e outono revestiam-se de um significado especial. Estas questões foram discutidas por sábios como Fernand Niel. Por outro lado, temos o firme "Não" do informador noturno de Miss Mills. Não creio que estejamos aqui a ser convidados a escolher entre os especialistas e aqueles que transmitem a verdade por revelação. O que a voz está a dizer é que Montségur não era um centro de adoração ao

sol nos tempos de Raymond de Perella. A própria Miss Mills não possuía qualquer conhecimento sobre este assunto.

"Tesouro — Não, Livros — Sim" é fácil de explicar. Muita tinta tem corrido sobre o tesouro de Montségur. É um facto histórico que quatro Perfeitos foram descidos das muralhas do castelo transportando um tesouro não especificado. Isto ocorreu ou pouco antes ou depois da queima de duzentos Perfeitos no prado abaixo do castelo. Mais cedo, durante o cerco, outros enviados partiram secretamente transportando o tesouro para as grutas de *Upper Ariége*.

Qual seria a natureza deste tesouro? A primeira sugestão óbvia é que compreendesse os escritos sagrados dos Cátaros. Os mais românticos chegaram ao ponto de sugerir que se tratava do Santo Graal. Esta última hipótese é simplesmente insustentável. Se este cálice ainda existisse no século XIII, não teria qualquer interesse para os Cátaros. Eles não se preocupavam com posses e eram incapazes de um apego indevido a objetos inanimados. Uma suposição razoável é a de que o tesouro fosse simplesmente dinheiro. Os Cátaros precisavam de fundos tanto quanto qualquer outra organização. Mas Miss Mills, totalmente sem instrução no pensamento cátaro, exceto pelos fragmentos de filosofia que recebera do seu guia, estava convicta de que o tesouro consistia em livros.

Este foi o início da instrução de Miss Mills na história, e não na filosofia, do Catarismo. Era como se o seu guia, tendo-a considerado uma recetora confusa e pouco apta para instrução metafísica, tivesse deliberadamente revertido para a história. Ou seria que a entidade desencarnada desejava apenas estabelecer as suas credenciais? Pretendia-se que Miss Mills recolhesse os dados e que estes fossem verificados por mim? Por mais fantasioso que pareça, estou convencido de que essa era a intenção.

Por esta altura, o meu cansaço era menor e tinha recuperado o interesse no Dualismo. Nunca antes fora confrontado com um contacto diário com outro século, processo no qual me era fornecida, duas ou três vezes por semana, e por vezes com mais frequência, informação vinda da boca de alguém que vivera setecentos anos antes.

Eu não sabia que mais do que um instrutor invisível estava envolvido na educação de Miss Mills. Não me apercebi de que, após ela ter cumprido uma aprendizagem dolorosa e desgastante, os seus instrutores deixariam de ser invisíveis e se apresentariam a ela. Mais importante que tudo, eu não conseguia prever que Miss Mills, sem qualquer instrução no assunto, faria contribuições sólidas e fascinantes para o nosso conhecimento da história e da natureza do Catarismo.

Nesta altura, Miss Mills estava intensamente interessada em Raymond de Perella. Bombardeava-me com perguntas sobre ele. Teria ele família? Eu disse que tinha a certeza de que ele tivera uma filha e que esta e a sua esposa tinham sido queimadas como heréticas em Montségur. Isto não foi suficiente para Miss Mills. "Ele teve outra filha? Sinto a convicção de que ele teve outras filhas."

"Porquê?"

"Não lhe sei dizer. Apenas me surge." Ela falava sem excitação, mas com firmeza. Apesar do seu autocontrolo, senti a tensão crescente dentro dela. Era como se estivesse distraída por nomes que quase recordara, mas cuja memória voltara a recuar.

Ela desejava também saber se Raymond de Perella possuía propriedades para além de Montségur. Eu não fazia ideia na altura. Em 1972, visitei Pereille e vi as poucas pedras que restam do castelo de onde ele tirou o nome.

Nesta época, a palavra Mirepoix repetia-se insistentemente no seu cérebro. Disse-lhe que tal era compreensível, pois esta cidade era o local de importância mais próximo de Montségur. Omiti dizer-lhe que Pierre-Roger de Mirepoix era o capitão da guarnição em Montségur. Nunca me ocorreu que Mirepoix significasse para ela uma pessoa mais do que um lugar. Quando ela levantou esta questão pela primeira vez, eu não sabia que Pierre-Roger de Mirepoix era genro de Raymond de Perella. Se alguma vez o tinha lido, tinha-o esquecido. Certamente, ela pouco foi esclarecida por mim quanto aos membros da família na qual estava tão interessada.

Estive fora por uns dias no final de fevereiro. Quando a voltei a ver, ela estava tão aberta e amigável como sempre, mas havia na sua alegria uma nota de tensão e determinação. Reparei especialmente nos seus olhos. Normalmente, são límpidos e azul-claros, e tem-se a impressão de que veem com naturalidade e sem esforço os mais pequenos detalhes. O branco dos seus olhos estava baço e a sua luz apagada.

"O dia catorze e o dia dezasseis significam alguma coisa?"

"O catorze e o dezasseis de quê?"

"De março. São datas terríveis, digo-lhe, terríveis. E o segundo dia foi horrível, mas enfim, já passou. Sim, creio que foi o dia dois." Ela folheou a sua agenda. Quando chegou à página, não pude deixar de ler: "Por que estou tão deprimida?". Surpreendeu-me que ela tivesse sequer registado o seu estado de espírito. Ergueu a cabeça e olhou para mim solenemente e com uma intensidade inabalável. Tive a ideia de que ela se perguntava se eu lhe estaria a esconder coisas. "Aconteceu algo de terrível nestas datas? Acontecerá algo no dia catorze e no dezasseis?"

Murmurei algo sobre estados de ansiedade. Tinha em mente dizer-lhe que a tensão projeta-se sempre no futuro e dá-nos o sentimento de horror iminente. Por vergonha, tive de desistir. Ela estava num estado de ansiedade muito menor do que eu. Não diria que ela estava a ser levada ao limite da resistência, mas isso era porque ela era um espécime especialmente forte. Sabia no meu coração que ela estava a recordar algo, mas o tempo todo eu era afligido por uma consciência profissional que me dizia que, em caso de dúvida, se deve ser cético e que em circunstância alguma se deve encorajar o pensamento ilusório nos outros.

Fui realmente muito obtuso. Isto poderia bem ter sido outro exemplo da cortina protetora que desce dentro de nós quando não estamos prontos para ser esclarecidos. No entanto, há algo a dizer em minha defesa. Eu estava em desvantagem e confuso porque

ela indicara três datas em vez de uma. Se tivesse falado apenas do dia dezasseis, a luz teria certamente surgido.

Na noite de 3 de março, houve outra entrega. Era claro que o porta-voz da eternidade estivera a trabalhar horas extraordinárias. As seguintes palavras estavam escritas numa única folha de papel:

Sorba Sicillia Sibilia Jean de Cambiaire evéque.

Interessou-me notar o acento circunflexo na palavra *evéque*. Tinha a certeza de que o francês de Miss Mills não chegava a tais subtilezas.

Tinha apenas uma pista, mas era valiosa por apontar definitivamente para a família Perella. Sabia que um dos membros femininos se chamava Corba. Não conseguia lembrar-me se ela era a esposa ou a filha do proprietário de Montségur. Perguntei-me se Miss Mills teria escrito *Sorba* em vez de *Corba*. Quando ela discutiu este papel comigo, sugeri que se deveria permitir alguns erros ortográficos ao registar mensagens de outra dimensão. Ela não se impressionou com este argumento.

Era incapaz de admitir variedades de língua e de ortografia através de sete séculos. Nestas matérias, ela era bastante meticulosa. Ao nível consciente, era excessivamente minuciosa e tinha tendência para rejeitar padrões inteiros se o detalhe não fosse como ela achava que deveria ser. A minha sugestão de que *Sicillia* e *Sibilia* eram duas tentativas de escrever *Cecilia* foi rejeitada liminarmente.

Três dias depois, ela descobriu a palavra isolada *Lantar* escrita num pedaço de papel.

Confirmei que Corba era a esposa e não a filha de Raymond de Perella. As suas três filhas chamavam-se Phillipa, Arapais e Esclarmonde. O nome "Lantar" mencionado por Miss Mills referia-se a Marquesia de Lantar, a sogra de Raymond de Perella. Raymond sofreu três perdas devastadoras em Montségur: a sua esposa, a sua sogra e a sua filha Esclarmonde foram todas queimadas como heréticas.

Com o conhecimento que eu possuía sobre a tragédia de Montségur, percebi que o guia de Miss Mills a encaminhava nessa direção. Ela própria sentia-se perplexa e exausta com todo este processo. Quando eu comentava o que ela me relatava, fazia-o de forma breve e para a tranquilizar. Uma coisa era ela acreditar que havia algum fundamento nisso, pois essa atitude evitava que se considerasse um caso patológico; outra, bem diferente, seria partilhar com ela o que eu sabia sobre o Catarismo e, assim, encorajar tentativas de recordação. Não creio que a minha atitude tenha feito grande diferença. Ela estava tensa naquela época e não apreciava a experiência. Protestava constantemente que não conseguia ver qualquer propósito por trás daquilo. Era óbvio que ela pressentia um objetivo, mas não conseguia aceitar ser o seu instrumento.

Descobri mais evidências de que as suas memórias estavam ligadas a Montségur e à família Perella. Cecilia — ou, para citar o seu nome completo, Cecilia de Montserver — era casada com Arnaud-Roger de Mirepoix. Este era irmão de Pierre-Roger,

comandante da guarnição, que por sua vez era casado com Phillipa, filha de Raymond de Perella. Foi uma descoberta empolgante para mim que as memórias de Miss Mills estivessem tão centradas no refúgio montanhoso que me assombrava há mais de trinta anos, e que o seu guia conhecesse os nomes da família proprietária do castelo. O meu entusiasmo, porém, não se transmitiu a Miss Mills. Ela duvidava claramente que "*Sicillia*", anotado num estado de consciência alterada sob o ditado de uma entidade desencarnada, pudesse grafar "Cecilia" nos tempos modernos. Naquela altura, a sua atitude didática pareceu-me um pouco exasperante.

Na verdade, o meu entusiasmo estava mal direcionado. Para mim, a palavra-chave deveria ter sido **Montserver**. Este nome era vital para Miss Mills, tanto na sua vida atual como na encarnação anterior. E era também crucial para mim. Não é todos os dias que somos levados a alguém que nos conheceu em 1242 e que nos pode dizer como éramos e o que fazíamos. Eu não sabia o que a família Montserver tinha significado, e ainda significaria, para Miss Mills e para mim.

Jean de Cambiaire representou um problema maior, mas acabou por ser descoberto. Foi um Perfeito cátaro que, juntamente com outros três, foi capturado em 1235 por ordem de Raymond VII de Toulouse e queimado como herético — um gesto para apaziguar o Papa e os franceses. O Conde enviara dois emissários preliminares que se limitaram a fazer as genuflexões cátaras prescritas perante os Perfeitos, retirando-se depois pelo mesmo caminho.

Fiquei intrigado com o aparecimento do nome Cambiaire. Para mim, era obscuro e sem importância. Assumi que, se Miss Mills estivesse prestes a produzir um fluxo de recordações, todo o tipo de personagens secundárias estariam envolvidas, conferindo validade à experiência total, mas sem interesse especial por si mesmas. Não poderia saber, nesta fase, que este homem era um indicador para as personagens principais de uma história inteiramente nova. Jean de Cambiaire foi descrito por Miss Mills como um bispo, mas aparece nos registos como um diácono — um dos graus superiores da simples hierarquia cátara.

Certa manhã, Miss Mills acordou com uma dor aguda em ambos os pulsos e ombros. Desejava falar com alguém, mas não me queria incomodar demasiado. Quando lhe perguntei a intensidade das dores, descreveu-as como muito graves, mas o seu modo era distante e pouco exigente, o que atribuí ao facto de eu não ser o seu médico. Ela era habitualmente pronta e pragmática, apresentando questões de forma simples e preferindo respostas concisas. Era óbvio que tinha algo mais a perguntar. Acabou por surgir. Quando colocou a questão, soou hesitante, como se se desprezasse um pouco:

— Quando as pessoas eram queimadas na fogueira, tinham os braços atados atrás das costas? — Por que pergunta? — indaguei. — Oh, nada... foi apenas a sensação que tive.

"Vejamos", pensei eu, "que dia é hoje?". Não me esquecera de que ela previra algo horrível para dois dias de março. Olhei para o calendário e vi que era o dia **dezasseis**. Ocorreu-me, sem qualquer esforço, que este era o dia em que os Cátaros

foram queimados em Montségur. Isto não foi um prodígio da minha memória; era uma data que eu recordava com a mesma facilidade que Waterloo ou Trafalgar. Não tinha reagido inicialmente porque ela a mencionara ao lado dos dias 2 e 14 do mesmo mês. Eu não fazia ideia do que estes últimos poderiam significar.

— Não faço ideia de como as pessoas eram atadas à fogueira. Sem dúvida que se pode descobrir facilmente, mas deixarei isso para quando for a França no verão.

Encontrei o Monsieur Duvernoy em setembro. Ele é o meticuloso historiador do Catarismo que verificou o meu livro *The Cathars and Reincarnation* à procura de possíveis erros. Confirmou-me que os pulsos eram presos atrás das costas com correntes.

Considerei que chegara o momento de apurar se o dia 2 ou o dia 14 tinham algum significado particular. Estava disposto a acreditar que, numa pessoa sensitiva com uma possível encarnação cátara, um horror como o de Montségur ainda ecoaria após sete séculos, não apenas no subconsciente, mas no quase-consciente. Estava pronto a aceitar que esta agonia recordada pudesse estender-se por todo o mês de março. No entanto, não tinha confiança nenhuma em encontrar um evento específico para as outras datas mencionadas.

Preparei-me para uma longa busca, mas encontrei o que queria imediatamente. Durante meses, viria a demonstrar esta capacidade de ir diretamente ao livro necessário, na página e linha certas. Era difícil para mim compreender como encontrava tão inevitavelmente o que procurava. Não percebia que, de certa forma, eu não estava a procurar nada. Não seria antes a minha vontade que estava em suspenso, sendo eu guiado até aos livros?

O significado dos ecos das agonias passadas de Miss Mills era verdadeiramente aterrador. A rendição de Montségur foi determinada por condições únicas para a Idade Média. Envolveu uma trégua de catorze dias, inexplicável por razões militares ou políticas. Diz-se que este atraso extraordinário serviu para permitir que os Cátaros celebrassem a festa maniqueísta da primavera conhecida como Bema. Isto é uma conjetura, mas o que é certo é que uma trégua desta natureza implicava a presença de simpatizantes cátaros no exército sitiante.

O dia 2 de março foi o dia em que a trégua foi acordada. Os seus termos exigiam que a guarnição saísse como homens livres no dia **14**, deixando os Cátaros entregues às autoridades católicas. O que significava tudo isto? Na sua vida anterior, Miss Mills fora queimada na fogueira. Não pude duvidar dela depois de ter visto nas suas costas a marca da tocha acesa. No fundo da minha mente, perguntara-me se ela teria sofrido em Montségur.

Não era de estranhar que esse pensamento me ocorresse por vezes. Nos seus sonhos, ela fugira de um castelo numa colina por um caminho acidentado até um vale com bosques e um riacho. Montségur e os seus arredores correspondem exatamente a essa descrição. E, durante mais de trinta anos, eu fora assombrado por esta montanha.

Fora atraído por ela e, ao mesmo tempo, repelido, devido a algum significado sinistro e inexplicável que tinha para mim. As dores na manhã do dia dezasseis eram suficientemente impressionantes. A depressão nos dias 2 e 14 era igualmente explicável. Se ela fora uma cátara em Montségur, como uma das quatrocentas pessoas na fortaleza, saberia imediatamente que, pelos termos da trégua redigida a 2 de março, estava sob sentença de morte. Quanto ao dia 14, não é difícil imaginar os seus sentimentos quando a guarnição partiu, deixando as ovelhas indefesas perante os lobos.

Mais tarde, nesse ano, viria a receber provas ainda mais impressionantes da sua capacidade de ressoar no presente com outras datas trágicas. No dia 15 de agosto, ela telefonou-me para dizer que não conseguia tirar Carcassonne da cabeça. Enquanto trabalhava, o nome repetia-se e era acompanhado por um sentimento de miséria e tensão. Teria acontecido algo em Carcassonne naquele dia? Senti que ela estava perto do alvo, pois sabia que a cidade caíra perante os cruzados de Simão de Monforte em agosto. Não sabia a data exata. Achei que seria esperar demais que ela tivesse acertado de novo. Carcassonne caiu perante Monforte a quinze de agosto.

Ainda mais extraordinárias foram as perguntas que ela colocou em novembro desse ano. Teria acontecido algo em Termes? Teria algo a ver com o abastecimento de água e teria havido um surto de doença? A palavra *Termes* impusera-se à sua consciência. Ela não sabia de onde lhe viera a ideia sobre a água: "Surgiu-me apenas enquanto trabalhava. Não posso dizer positivamente que tenha sido uma voz. Apenas me continuou a incomodar. Pode muito bem ser disparate".

Conhecia Termes suficientemente bem. É um dos castelos cátaros que ofereceu uma resistência vigorosa aos cruzados. Tinha visto as suas ruínas numa colina verde perfumada por arbustos aromáticos. O seu senhor, Olivier de Termes, defendeu o seu património com grande vigor. Após um período de seca, o abastecimento de água esgotou-se. Os sitiados estavam prontos para parlamentar quando ocorreu uma trovoada terrível, resultando no transbordamento das cisternas, que obviamente ficaram contaminadas.

A guarnição bebeu copiosamente, houve um surto de uma doença grave, possivelmente tifo ou disenteria, e o castelo rendeu-se. As minhas investigações — ou melhor, o meu mergulho súbito no livro certo — informaram-me de que a data da capitulação foi 23 de novembro de 1209. Investigações igualmente fáceis revelaram que essa foi também a data em que Miss Mills me telefonou. Pouco se sabe na Grã-Bretanha sobre as guerras albigenses. Quem sabe algo, ouviu falar do saque de Béziers e da queda de Carcassonne.

Quantos neste país ouviram falar de Termes, quanto mais do transbordamento das suas cisternas há mais de sete séculos e meio? Miss Mills não se ficou por aqui. Recorda que a guarnição foi tratada da sua condição intestinal com uma infusão de hortelã. Ela sabe muito sobre infusões devido à sua aprendizagem como curandeira, que descreverei mais adiante. A hortelã ainda cresce em profusão em Termes, na colina abaixo do

castelo. Miss Mills é uma daquelas caixas de ressonância históricas que vibram em certas datas.

Desde o início de março de 1971, ela estava obsessivamente preocupada com a questão dos **reféns**. Vez após vez, voltava a este tema. Teriam certas pessoas sido oferecidas como garantias às forças sitiantes? Eu não a pude ajudar em nada. Disse que era improvável e que, após este lapso de tempo, seria algo quase impossível de verificar. Depois, ocorreu-me que eu fora estúpido. Está estabelecido sem qualquer dúvida que Pierre-Roger de Mirepoix, o capitão da guarnição, permaneceu após a partida dos defensores.

Isto é bem conhecido porque ele organizou a evacuação do tesouro, ou pouco antes ou depois da queima dos Perfeitos, mas definitivamente após a evacuação da guarnição. Pareceu-me que, ao ficar após a partida dos soldados, Pierre-Roger estava a atuar como um refém. Senti algum orgulho desta dedução e transmiti-a a Miss Mills. Ela foi muito polida, mas ficou obviamente insatisfeita.

Mais tarde, encontrei a resposta à sua pergunta. O filho de Raymond de Perella, Jordan, estava nas mãos do inimigo como refém. O mesmo acontecia com o seu primo, Arnaud-Roger de Mirepoix.

No mês de março, ela foi inundada por recordações cátaras. A sua lembrança da tragédia de Montségur desencadeara outras memórias. Estas consistiam simplesmente em listas de nomes. Nenhum destes envolvia o que se poderia chamar de personagens históricas; alguns eram positivamente obscuros. O facto de poderem ser sequer identificados deve-se aos depoimentos feitos perante os Inquisidores, à persistência de toupeira destes últimos e à diligência dos seus escribas.

A 14 de março, surgiram três linhas de nomes. Uma linha estava escrita assim: "*Arapais. Guiraud.*". Isto explicou-se duas noites depois com a inscrição isolada: "*Guiraud de Rabat*". Arpais e ele eram esposa e marido. O que é mais importante é que ela era uma das filhas de Raymond de Perella. O que é ainda mais fascinante é que os dois nomes surgiram na noite do dia 14 — precisamente a noite em que Arpais e Guiraud se devem ter despedido um do outro. Ele era um dos membros da guarnição libertados pelas condições da trégua; ela foi detida pelos Inquisidores e prestou depoimento a 18 de março.

Este depoimento é de grande importância para nós. Descreve a sua agoniante despedida da sua mãe, Corba, e da sua irmã, Esclarmonde, que seriam queimadas como heréticas. Arpais viu Esclarmonde e a sua mãe pela última vez a 14 de março. Se Miss Mills foi queimada em Montségur, isto aconteceu dois dias antes da sua morte. Não é de admirar que o dia 14 de março tenha sido um dia terrível para ela. Parecia que a sua perceção do eco de datas trágicas ocorria não apenas quando estava acordada, mas no estado de consciência em que tomava as suas notas à noite. Talvez o seu guia ou guias estivessem especialmente ativos nestes aniversários trágicos.

A 7 de abril, Miss Mills produziu a sua lista de nomes mais abrangente: Lantar, Corba, Fornera, Raymond, Phillipa e Arpais. Esta é, claramente e acima de qualquer dúvida, a família Perella. Já identificámos Corba como esposa de Raymond, Marquesia de Lantar como sua sogra, e Phillipa e Arpais como suas filhas. Quem era Fornera? Descobri que era a mãe de Pierre-Roger de Mirepoix, que casou com Phillipa, filha de Raymond. (O grau em que estas famílias heréticas se cruzavam por casamento era notório.) Deve notar-se que Miss Mills escreveu a versão occitana *Fornera*, em vez da versão francesada *Fournière*.

Podemos agora dizer quem foi Miss Mills na sua encarnação anterior? Creio que o podemos fazer sem dúvida. A evidência dos seus sonhos, a cessação dos mesmos e as marcas no seu corpo apontam para o facto de ter morrido na fogueira. A sua reação nos três dias de março sugere que pereceu em Montségur. Isto ficaria estabelecido sem dúvida quando lidássemos com a sua recordação detalhada do cerco que precedeu a queima dos Perfeitos. Notámos o seu conhecimento detalhado da família Perella e a persistência na sua memória dos seus parentes de Mirepoix.

Mas havia outros dois membros da família Perella cujos nomes não foram escritos por Miss Mills nas suas copiosas anotações. O nome da terceira irmã, Esclarmonde, nunca aparece, nem o do irmão, Jordan. Miss Mills foi particularmente persistente em querer saber o número de filhas de Raymond. Ela sabia, sem ser informada por mim, que havia outra para além de Arpais e Phillipa. Por um processo de exclusão, ficou claro para mim que Miss Mills era Esclarmonde.

Nem Phillipa nem Arpais pereceram na fogueira. Nenhuma delas era "herética completa", ou seja, não tinham recebido o *Consolamentum*. Esclarmonde recebera-o anos antes. Nunca casara e dedicara-se a uma vida de piedade. Como Perfeita praticante, estava condenada. A razão pela qual Miss Mills nunca escrevera "Esclarmonde" era que não havia motivo particular para registar o seu próprio nome.

Ela recordava-se de que tinha um irmão, embora não conseguisse lembrar-se do seu nome. Talvez a corda necessária da memória não vibrasse porque Jordan estava longe de Montségur na altura da tragédia final.

Seguiu-se um testemunho notável, desta encarnação, quanto à exatidão das minhas suposições. Vi Miss Mills a 5 de junho. Ela regressara há alguns dias de umas férias na Irlanda. Neste dia, decidi mencionar a sua identidade anterior. Sempre fui relutante em assumir atitudes afirmativas com sensitivos do seu tipo; tenho pavor de os influenciar de qualquer forma. Além disso, evito transmitir demasiada informação sobre qualquer assunto em que estejam interessados, para não direcionar os seus pensamentos. Creio, aliás, que a minha experiência com Miss Mills possa ter sido ordenada para me permitir adotar uma atitude mais positiva nestas matérias. Continuo a ser, essencialmente, o registador passivo.

Disse que sentia que ela deveria ser Esclarmonde, devido às constantes referências aos nomes de Mirepoix, Perella e Montségur. Ela recebeu isto calmamente, com um sorriso apologético. Tive a impressão de que estava menos preocupada com a sua

identidade anterior do que com outros assuntos. "Não sei o que pensará disto", disse ela. "Foi um sonho que tive nas férias. Sonhei que estava sentada neste sofá, sim, neste mesmo canto. O senhor estava sentado na sua cadeira, como está agora. Estava a dizer-me exatamente o que está a dizer agora.

Não posso jurar pelas palavras exatas, mas não me surpreenderia se fossem as mesmas. De qualquer forma, o senhor dizia que eu devia ser Esclarmonde — é assim que se diz? — porque eu falava tão frequentemente da família Perella, dos Mirepoix e de Montségur. Pareceu-me estranho na altura." Ela estava muito tensa naquele dia. Creio que, por exaustão total, estava a subestimar o caso. "De qualquer forma", continuou ela, "pareceu-me tão estranho que fiz uma nota no meu diário".

Há algum tempo que ela mantinha um diário, de forma irregular, anotando as suas principais visões, sonhos e intuições. Creio que o fez porque eu dissera uma vez que, se não tivesse mantido um diário, não teria visto claramente as ligações nas sincronizações psíquicas em que me envolvi.

No final da entrevista, pedi para ver o seu diário. Confiava nela completamente, mas o cientista em mim exigia ver a evidência. A minha desculpa foi que desejava verificar se tinha registado as mensagens noturnas na ordem certa. Vi claramente registado no seu diário o sonho com todos os detalhes. A data era 29 de maio.

Para mim, isso era conclusivo, mas a 13 de agosto surgiu nova evidência. As suas comunicações escritas dessa noite começavam com a seguinte afirmação: "Mars 16me 1244 trois generations de femmes" (*16 de março de 1244, três gerações de mulheres*). A referência a três gerações associada a essa data específica só pode referir-se à família Perella em Montségur: Marquesia de Lantar, a sua filha Corba e a sua neta Esclarmonde de Perella, todas pereceram naquele dia e naquele lugar.

Mas se esta afirmação árida e sem pontuação tinha um fascínio estranho após setecentos e vinte e sete anos, o que se seguiu foi mais surpreendente, detalhado e intensamente pessoal. No final de 1971 e início de 1972, ela começou a despejar todo o tipo de detalhes sobre o seu treino em cura e meditação no século XIII. Disse que, ao aprender a meditar, não adotara nenhuma das posições especiais recomendadas para os outros. Sofria de uma dor na anca esquerda e coxeava.

A sua perna esquerda era mais curta que a outra. Por estas razões, era-lhe permitido sentar-se num banco ao meditar. Disse ela: "Tenho a certeza de que tinha algum problema na anca esquerda. Poderia ter sido uma articulação da anca tuberculosa? Também tinha tosse, mas a anca era mais importante. De qualquer forma, havia algo de errado com ela, porque foi por isso que a dor parou quando o senhor lhe tocou no ano passado".

— Por que tem tanta certeza? — Porque o senhor parou os sonhos também.

Não disse mais nada. Pensei nas marcas nas suas costas. Se ela podia carregar permanentemente no seu corpo as cicatrizes sofridas numa encarnação anterior, uma dor de algumas semanas de duração, mas sem sinais demonstráveis, era certamente mais

fácil de explicar. A dor no seu lado esquerdo só aparecera depois de ela me conhecer. Além de ser uma memória do passado, era um anúncio patológico do nosso contacto anterior. Parou quase imediatamente após eu ter tocado na área afetada. Parecia que eu estava errado ao atribuir a sua dor anterior a um distúrbio do cólon. A verdade era algo mais exato e pessoal.

Há ainda mais por vir. Soube mais tarde que Esclarmonde era descrita nos registos como "infirme" (*enferma/inválida*). Isto implica que era inequivocamente uma inválida. Não é provável que um distúrbio vago como um cólon irritável atraísse a atenção no século XIII. Deve também ser lembrado que quando, um ano antes, eu oferecera a minha explicação a Miss Mills, mesmo nessa altura ela insistira, contra a minha experiência médica, que a dor que sentia era na própria articulação.

6

Dos nomes registados por Miss Mills em março de 1971, mencionei apenas os que testemunham a sua identidade, a sua pertença à família Perella e a sua associação com Montségur. Outro grupo de nomes tinha um significado mais específico. Eram-me absolutamente desconhecidos.

Ao verificar referências cátaras anteriores, encontrara nomes de muitas pessoas obscuras, totalmente esquecidas, exceto por alguns sábios que as desenterraram dos arquivos da Inquisição para obras especializadas de pequena circulação. Este novo lote era ainda mais obscuro. Começou a 9 de março com Isarn de Montserver. Ficou claro que o nome causara um grande impacto em Miss Mills; ela parecia assumir que eu deveria estar familiarizado com ele. Eu estava convencido de que nunca o encontrara antes. A 19 de março, tivemos a inscrição: *Montserver Braida Cisilia* (sic)

A palavra *Montserver* ocorreu novamente a 31 de março, desta vez acompanhada por Queille. Eu não sabia se este último era o nome de um lugar ou de uma pessoa. Isto significa que o nome Montserver foi escrito três vezes em março.

Em março, o nome Braida ocorre duas vezes. Fui mais tarde às minhas obras de referência. Descobri que Braida de Montserver foi uma mulher que se tornou Perfeita após recuperar de uma doença. Foi queimada como herética por volta de 1242. Teve um filho, Isarn de Montserver, que adoeceu, recebeu o *Consolamentum* e morreu em Queille em 1235. Tinha uma filha, Cecilia, que, como vimos, casou com Arnaud-Roger de Mirepoix. Como a palavra escrita *Cisilia* apareceu na mesma noite que *Montserver* e *Braida*, podemos certamente assumir que se refere a Cecilia de Montserver.

A grafia de Miss Mills para *Cecilia* e a omissão dos dois pontos sobre o "i" no nome *Braida* são erros que conferem validade à experiência. Estamos, portanto, a seguir os rastos de uma nova família. Eu não fazia ideia, quando encontrei o nome Montserver pela primeira vez, que ele seria crucial para a minha história. Não percebi que ele levaria a um novo mundo de experiência e a uma nova atitude perante a vida.

Entre os nomes escritos em março estavam Laureta, Ransane e G. de Lahila. Foram repetidos em diferentes ocasiões durante o verão seguinte. G. de Lahila foi mais

tarde identificado como Guillaume de Lisle. Miss Mills deu diferentes versões do seu nome: *Lahila* é o original occitano. Ele foi um cavaleiro fortemente simpatizante dos Cátaros, que foi mortalmente ferido em Montségur. Era apropriado que estes três nomes aparecessem juntos: Laureta era a mãe de Guillaume de Lisle. Por que estaria Ransane registado com eles? A explicação tornou-se clara quando soube, por um depoimento da Inquisição, que os três foram vistos juntos numa reunião de heréticos.

Outro nome que apareceu em março foi o de Raymond Sanche. Como veremos mais tarde, ele desempenha um papel sombrio mas significativo na nossa história.

Um fenómeno curioso ocorreu após a primeira aparição de Isarn de Montserver nos registos. Miss Mills ficou preocupada com o número 609. Vez após vez, perguntava se ele tinha algum significado. Eu não conseguia ver como um número desta natureza estaria relacionado com a tragédia cátara. Fiz várias suposições vagas: seria o número de Perfeitos cátaros no Languedoque naquela época?

Depois, perguntei-me se seria o número de algum fólio inquisitorial, mas como não vivia em Toulouse ou Paris, isto era de pouca utilidade. Tive de esperar cinco meses pelo esclarecimento. Surgiu a 31 de agosto de 1971. Na noite anterior, Miss Mills escrevera em letras grandes, numa única folha de papel: "609 Montserver". Isto direcionou a mente positivamente para documentos numerados. Isto foi reforçado porque se seguiam oito pequenas páginas escritas numa caligrafia um pouco menor. A mensagem era a seguinte:

"Dans les propres maisons de les hérétiques le temoin avula (sic) Braida sa belle fille et Cesilia fille de Ladite Braida ainsi que laieul de la femme de Raimon Sanche et P. Andoys. Elle diz egalement quelle a vu dans la maison de Na Laureta a Mirepoix tous sauf que Guillaume de Mirepoix qui n'aiment pas les hérétiques adorent la les dit heretiques il y a environ 16 ans."

(Tradução: "Nas próprias casas dos heréticos, a testemunha viu Braida, sua nora, e Cesilia, filha da dita Braida, bem como o avô da mulher de Raimon Sanche e P. Andoys. Ela diz igualmente que viu na casa de Na Laureta em Mirepoix todos, exceto Guillaume de Mirepoix, que não amam os heréticos, adorarem ali os ditos heréticos há cerca de 16 anos.")

Fiquei bloqueado num ponto da tradução. Não consegui perceber o significado da palavra 'avula'. Tratava-se de uma simples elisão fonética de 'a vu la', isto é, tinha visto lá! A tradução completa é a seguinte: "Esta testemunha viu nas suas próprias casas Braida, a sua nora, e Cecilia, filha da referida Braida, bem como o avô da mulher de Raimon de Sancho e P. Andoys. Disse também que as tinha visto (a estes hereges?) na casa de Na Laureta, em Mirepoix. Todos, exceto Guillaume de Mirepoix, que não gostava dos hereges, fizeram a genuflexão ritual diante dos referidos hereges. Isto foi há cerca de dezasseis anos."

Já encontrámos Cecilia de Montserver entre os nomes que surgiram a meio de março. É claro que ela era filha de Braida e que a família Montserver é importante na

nossa história. Braida já tinha sido mencionada duas vezes anteriormente em março. Era claramente uma figura-chave. Era igualmente evidente que a última mensagem era um excerto de um depoimento inquisitorial. A forma e a redação empolada eram óbvias. Era natural que eu presumisse tratar-se de um excerto de um documento ainda não identificado, rotulado 609. A minha suposição estava correta, mas ainda me restava algum caminho a percorrer antes de descobrir a sua origem.

Ao avaliar o desempenho da Sr.ª Mills na redação deste excerto, devemos ter em conta os seguintes fatores. Ela produziu este registo antes de ela, ou eu, sabermos que tal documento existia. O facto de eu o ter reconhecido como redigido no estilo dos inquisidores não constituía prova da sua autenticidade. Ela escreveu-o em francês. É incapaz de escrever francês no idioma moderno. É totalmente incapaz de reproduzir o estilo dos registos inquisitoriais. Apenas uma pequena parte destes foi publicada em francês. Eu sabia que Monsieur Duvernoy fizera as suas próprias traduções, mas que várias delas não tinham sido impressas.

Certamente, tanto quanto eu sabia naquela altura, tal referência a Braida e ao seu círculo nunca tinha sido publicada. A Sr.ª Mills tem, no seu pequeno apartamento, pouco espaço para livros e a sua biblioteca é limitada. O único livro que possui sobre o catarismo é o meu *Os Cátaros e a Reencarnação*. Não contém qualquer referência à família Montserver. Os registos inquisitoriais encontram-se em Paris e Toulouse. Até eu lho dizer, ela nem sequer tinha consciência da sua existência.

Eu tinha a certeza de que, com a ajuda de Monsieur Duvernoy, encontraria a origem desta referência a Braida de Montserver e à sua família quando visitasse o Midi no final do verão. No contexto do que acontecera, a referência Montserver 609 era bastante significativa. Mas o caminho para o esclarecimento foi indireto.

Pouco antes de eu ir de férias, em setembro, a Sr.ª Mills telefonou-me para dizer que devia ter estado completamente errada ao pensar que 609 era o número de um fólio. Acabara de folhear *Os Cátaros e a Reencarnação*. Chamou a atenção para o facto de, numa declaração acerca de Pierre de Mazerolles, eu ter citado uma referência. "Tratava-se do Fólio 609 nos Arquivos de Toulouse." A princípio fiquei surpreendido. O meu próprio livro era o último que eu teria consultado em busca da referência e, de facto, não o tinha feito. Depois recordei-me perfeitamente das circunstâncias.

Em setembro de 1969 eu visitara Monsieur Duvernoy em Toulouse. Quisera saber o que acontecera a Pierre de Mazerolles, uma das principais personagens de *Os Cátaros e a Reencarnação*, após o assassínio dos inquisidores em Avignonet, em 1242. Monsieur Duvernoy traduzira para mim, do latim para o francês, as referências a de Mazerolles.

Recordo-me distintamente de como, quando fui buscar essa tradução, ele me disse, como se surpreendido com a minha despreocupação: "Mas não quer o número da referência?" Escreveu-mo no final da entrevista.

Para mim, isso pareceu encerrar o assunto. O Fólio 609 dizia respeito a Pierre de Mazerolles e ao seu círculo, e eu estivera a procurar na direção errada. O erro que cometi nesse momento foi não ter percebido que o fólio 609 era extenso e continha os depoimentos de várias pessoas. Estava disposto a deixar o assunto assim. Ainda assim, senti-me estranhamente pesaroso pela Sr.ª Mills. Não direi que ela demonstrou desilusão, mas era claro que 609 era uma questão importante para ela, possivelmente porque supunha que continha referências à família Montserver.

Havia muito nas mensagens que recebia que não compreendia. Na maior parte das vezes, contentava-se em desvalorizá-las dizendo que nada significavam para ela. Nos momentos de maior exaustão, desejava que cessassem. Mas a sua atitude em relação à família Montserver era bastante diferente. Um dia, quando me perguntou o que eu sabia sobre Braida de Montserver, fiquei surpreendido ao ver-lhe os olhos cheios de lágrimas. Era inevitável que eu me interrogasse se ambas teriam estado ligadas numa encarnação anterior. Nunca poderia ter imaginado quão próximas viriam a estar uma da outra neste mundo presente. Inclinei-me a escrever uma longa série de perguntas sobre o Fólio 609 a Monsieur Duvernoy, em Toulouse. Mais uma vez decidi esperar. A Sr.ª Mills estava a fornecer tanto material que me perguntei se não acabaria por fornecer a sua própria resposta. Limitei-me a escrever a Monsieur Duvernoy mencionando o meu interesse pela família Montserver e pedindo-lhe que me informasse acerca dela quando eu visitasse o Languedoque em setembro.

Quando vi Monsieur Duvernoy, em setembro de 1971, ele traduziu do latim para o francês várias passagens do Fólio 609, dos arquivos de Toulouse, que continham referências à família Montserver e que eu nunca encontrara antes. Queille, o lar dos Montserver, surgia quatro vezes no documento. Pelegrina, esposa de Isarn de Montserver, é também mencionada. Mais tarde, Monsieur Duvernoy enviou-me a tradução completa desse depoimento.

Pude então ver que a Sr.ª Mills estava preocupada com o número 609 porque este dizia respeito aos destinos da família Montserver.

Em 1972, e novamente através da mediação de Monsieur Duvernoy, consegui rastrear a origem da mensagem da Sr.ª Mills acerca de Braida, Cecilia e do parente de Raymond Sanche, que mencionei anteriormente neste capítulo. Consistia em frases, variando ligeiramente do original, mas claramente derivadas do depoimento de Pelegrina, esposa de Isarn de Montserver.

Era evidente que o 609 escrito no bloco de notas da Sr.ª Mills e ressoando na sua mente era uma pista oferecida por Braida para estabelecer as suas próprias credenciais. Monsieur Duvernoy prestou nova ajuda ao enviar-me também, embora eu não lho tivesse pedido, o depoimento de Arnaud-Roger de Mirepoix, contido na coleção Doat, em Paris. Em 20 de abril de 1244, cinco semanas após a queima dos Parfaits em Montségur, Arnaud-Roger fez a seguinte declaração: “Vi em Limoux, no castelo de Isarn de Fanjeaux, a minha sogra Braida, agora queimada (como herege), que ali adoecera. Depois chegou Raymond, o Bispo dos hereges, com outro Parfait, e recebeu a

referida Braida (isto é, na fé cátara) da seguinte maneira." Em seguida descreve a cerimónia do Consolamentum e apresenta uma lista das pessoas presentes.

Arnaud-Roger descreve também como o filho de Braida recebeu o Consolamentum. "Quando Isarn de Montserver, meu cunhado, estava na casa de Guillaume Baudoin, em Queille, e sofria da doença de que morreu, pediu-me que lhe trouxesse os Bonshommes (Parfaits) a qualquer custo, porque desejava entregar-se a eles. Levei então ao doente Guillaume Tournée e os seus companheiros, que eram Parfaits, e, quando o conduzia à casa onde o enfermo jazia, chegou um mensageiro e disse-me que o Bailio do Conde de Toulouse tinha capturado quatro Parfaits no Castelo de Montségur e que eu devia ir imediatamente para lá. Parti de imediato para Montségur e deixei os Parfaits na casa."

Arnaud-Roger não menciona os nomes dos Parfaits capturados por Raimundo VII numa tentativa pouco digna de manter os franceses católicos satisfeitos. Mas já conhecemos um deles através da Sr.ª Mills. Quando os nomes da família Perella surgiram pela primeira vez, a 3 de março, vieram acompanhados do de Jean de Cambiaire, descrito pela Sr.ª Mills como bispo, mas, tanto quanto sabemos, não mais do que diácono. Cambiaire foi capturado enquanto Isarn de Montserver estava no leito de morte. O nome deste último apareceu no bloco de notas da Sr.ª Mills pela primeira vez seis dias após a primeira menção de Cambiaire.

A Sr.ª Mills estava a recordar os anos anteriores à tragédia final de Montségur, em 1244. Nessa altura, a família Perella estava instalada em Montségur e ali permanecia desde o início do século. A Sr.ª Mills poderia muito bem ter recordado Jean de Cambiaire porque ele estava associado a um membro de uma família cuja intervenção na sua vida se tornaria crucial. No mínimo, esta recordação extraordinária e obscura mostra quão profundamente o nome Montserver ressoa na memória de uma mulher em Somerset, em 1971.

O Fólio 609 é de importância específica para nós porque contém tantas referências à família Montserver, mas fornece também outras informações igualmente vitais para os nossos propósitos. O erro que cometi desde o início foi acreditar que 609 era um fólio pequeno, contendo apenas um ou dois depoimentos curtos. Este fólio contém várias referências a Guilhabert de Castres, que é uma figura importante na minha história. Nunca concebera como possível que qualquer das principais personagens do catarismo se intrometesse na minha narrativa. Sempre reagi contra aqueles cujas encarnações anteriores envolvem figuras conhecidas e distintas. Guilhabert de Castres não surge nos livros de história, mas é constantemente referido nas obras sobre os cátaros. Que estivesse envolvido na minha história ultrapassava as minhas aspirações. Mas, pensando bem, alguma vez imaginei que os Parfaits visitariam Somerset?

O leitor terá notado que, nestas revelações, a pequena nobreza desempenha um papel proeminente. A explicação é simples. Na maioria das heresias europeias, os que iam para a fogueira eram sobretudo membros das classes desfavorecidas. Talvez os protótipos do artesão qualificado tenham sido as principais vítimas. Os tecelões, por

exemplo, eram especialmente propensos à heresia. O catarismo é único pelo facto de tantas vítimas pertencerem à pequena nobreza. Em alguns movimentos heréticos, a aristocracia apoiava os hereges, como foi em certa medida o caso com Lutero. O catarismo é a única heresia que conheço em que a nobreza, e particularmente os seus membros femininos, estavam tão dispostos a morrer pelas suas crenças.

Já dissemos o suficiente para mostrar que as famílias Perella e Mirepoix estavam estreitamente relacionadas entre si. Raymond de Perella era, afinal, sogro de Pierre-Roger de Mirepoix, o comandante dos soldados que guarneciam o seu castelo. Ambas estas famílias estavam aliadas aos Montserver. Cecilia de Montserver era esposa de Arnaud-Roger de Mirepoix. Houve outros casamentos entre membros destas duas importantes famílias. A nobreza herética do Languedoque era marcadamente intercasada.

Ora, nenhuma das três famílias acima mencionadas desempenhou qualquer papel na história narrada em The Cathars and Reincarnation. Nesse livro, ocupei-me de duas famílias, as de Fanjeaux e Mazerolles. Estas duas também estavam interligadas por casamento. Como Roger-Isarn, no século XIII, eu tinha uma irmã, Hélis. Ela casou com Arnaud de Mazerolles. Existe alguma prova de que o grupo de famílias que figura nas histórias da Sra. Smith e da Sr.ª Mills se conhecia? Mesmo sem provas detalhadas, assim teria de ser. Todas as cinco famílias mencionadas eram apoiantes ativos e protetores do catarismo. Todas tinham fornecido Parfaits ou Parfaites à causa. Devem ter sido bem conhecidas umas das outras, pois eram membros da nobreza com um fervoroso interesse comum, no qual atuavam em conjunto, vivendo numa área restrita do tamanho de Somerset. Mas dispomos de provas muito mais fortes do que esta.

Raymond Sanche reapareceu duas vezes na lista de nomes. O seu papel parece ter tido alguma importância.

Muito antes de a Sr.ª Mills escrever o seu nome, eu anotara no meu diário um excerto do livro de Déodat Roché, L'Eglise Romaine et Les Albigeois. O episódio descrito não era emocionante, mas causara-me uma impressão considerável. Estava registado que Raymond Sanche, juntamente com Isarn de Montserver e Pierre de Mazerolles, tinha atuado como escolta para conduzir o Bispo Guilhabert de Castres a partir de Montségur. Tinham parado pelo caminho no castelo de Durfort.

Este fazia parte das propriedades da família a que eu pertencia no século XIII. Eu imaginara que fora por essa razão que fizera a anotação, e também porque Pierre de Mazerolles, a origem dos meus pesadelos descritos em *Os Cátaros e a Reencarnação*, fora mencionado. Não fazia ideia de que o que quer que estivesse a ecoar em mim era importante não apenas por causa desses nomes que eu conhecia bem, mas porque Guilhabert de Castres estava presente. Duvido que o facto de eu ter feito a anotação fosse memória consciente, ainda que remota, da minha parte. Penso que é mais provável que a entidade desencarnada do século XIII estivesse a chamar a minha atenção, através da Sr.ª Mills, para o papel desempenhado por Guilhabert de Castres.

O que me impressionou depois de ler os nomes da escolta de Guilhabert foi que ali tínhamos uma ponte positiva entre as famílias que eu encontrara no meu outro contacto com o século XIII e aquelas que conheci através da Sr.ª Mills. Isto foi ainda mais sublinhado quando pude estudar com calma a tradução francesa do depoimento de Arnaud-Roger de Mirepoix. Aí se declarava que, quando Braida de Montserver recebeu o Consolamentum, Isarn de Fanjeaux e Isarn de Montserver estavam presentes. A esposa do primeiro, Ransane, entrou e saiu durante a cerimónia. Como foi a única que não "adorou", isto é, que não se inclinou três vezes diante dos hereges, pode concluir-se que não era uma cátara praticante.

Depois de receber o Consolamentum, Braida passou a sua convalescença na casa de Isarn de Fanjeaux, irmão do meu precursor do século XIII. O facto de assim ter sido constitui prova indiscutível das ligações entre a sua família e a de Fanjeaux. Quando recuperou, partiu para a "casa dos hereges". Este termo designa uma espécie de convento para mulheres cátaras. Para qual foi ela? É quase certo que, mais tarde no século XIII, a Sr.ª Mills tenha ido para a mesma instituição.

É bastante claro que o guia estava a dirigir a atenção da Sr.ª Mills — ou melhor, a minha — para o Fólio 609. Qual era o objetivo deste gesto particular? Dois fatores sobressaem com nitidez. A atenção é dirigida à família Montserver em geral e a Braida de Montserver em particular. Não é por acaso que nos é oferecida uma descrição da doença e convalescença desta última, bem como dos pormenores de como dispôs dos seus bens quando se tornou Parfaite.

Há mais provas da ligação inevitável entre as famílias da Sr.ª Smith e as da Sr.ª Mills. O depoimento que faz referência a Queille, a casa ancestral dos Montserver, e à esposa de Isarn de Montserver, Pellegrina, foi prestado por Ermissende de Mazerolles. O Fólio 609 contém também os registos do interrogatório de Pierre de Mazerolles. Este último, enquanto visitante noturno que se intrometia nos pesadelos da Sr.ª Smith e nos meus próprios, pode, de certos pontos de vista, ser considerado a faísca que desencadeou toda a cadeia de recordações. É indiscutível, pelos registos, que Hélis de Mazerolles e Isarn de Fanjeaux, irmã e irmão de Roger, meu precursor no século XIII, visitavam Montségur regularmente, a primeira como Parfaite fervorosa e o segundo como emissário do Conde de Toulouse.

Não há qualquer dúvida de que eram bem conhecidos dos proprietários do castelo e do comandante da sua guarnição. As personagens principais das histórias da Sr.ª Smith e da Sr.ª Mills conheciam-se e viveram na mesma época. Ver-se-á mais tarde que as personagens da Sr.ª Mills transbordam abundantemente para o território da Sr.ª Smith, e por uma razão específica. Será possível que os protótipos do século XIII destas duas mulheres se conhecessem? Isso é mais do que provável. Torna-se ainda mais provável se tivermos em conta a reação extraordinária da Sr.ª Mills na manhã em que recebi uma carta da Sr.ª Smith. Ela nunca a tinha conhecido e ignorava o seu nome e endereço. Informou-me de que eu recebera uma carta nessa manhã. Nessa altura, eu recebia notícias da Sr.ª Smith à razão de uma vez por ano.

Podemos, nesta fase, esclarecer o propósito do guia da Sr.ª Mills ao entrar em contacto com ela? Pretendia esclarecer a Sr.ª Mills quanto à sua encarnação anterior ou estava preocupada em oferecer as suas próprias credenciais? Certamente, as pistas dadas eram suficientes para identificar a Sr.ª Mills no seu papel do século XIII sem demasiada dificuldade. Mas isso nunca poderia ter sido feito se ela não me tivesse transmitido as suas mensagens. Era necessária alguém com um conhecimento modesto e um interesse mais profundo pelo catarismo para decifrar essas mensagens. Qual é o meu papel na grande estratégia desta campanha oculta? Devemos deixar a discussão desta questão até termos todas as provas. Certamente, o guia espiritual da Sr.ª Mills estava a identificar-se com um propósito especial.

No início de abril de 1971, as revelações da Sr.ª Mills tomaram um rumo curioso. A chuva de nomes e referências inegavelmente cátaros cessou. Só seriam retomados no final de julho. Fui lento a interpretar esta súbita mudança de direção. Já tivera dois exemplos semelhantes anteriormente. Demorei a perceber que isto podia significar que havia mais do que um guia. A própria Sr.ª Mills sugeriu isso antes de mim. Não era difícil de compreender. Ela estava em contacto mais próximo com eles e familiarizara-se com os seus interesses e preocupações particulares.

A torrente de escrita em maio, junho e julho era claramente divisível em cinco grupos. Estes eram: citações bíblicas, desenhos e cruzes, citações em latim, francês e inglês provenientes de fontes obviamente litúrgicas, nomes de autores clássicos e reflexões filosóficas. O mensageiro não seguia qualquer ordem particular. Um grupo não sucedia ao outro. Se trato separadamente as diferentes categorias é para simplificar a narrativa.

Durante este período, as visões, vozes e intuições continuaram. O guia, ou os guias, ditavam com maior extensão e particular intensidade. A Sr.ª Mills estava cansada e perturbada. Nunca houve qualquer revolta profunda e fulminante contra os seus instrutores, mas estava mais tensa do que antes. Perguntava-se novamente por que fora escolhida como veículo, sobretudo porque não compreendia claramente o que estava a transmitir. Só quando alcançou um contacto mais "pessoal" com o outro mundo é que suspirou de alívio e se acomodou ao papel que lhe fora atribuído. Falar diretamente com pessoas, ou seres, era algo que ela podia fazer e compreender.

Maio começou com uma enxurrada de referências bíblicas. Estas continuariam regularmente durante três meses e esporadicamente durante alguns meses depois. Não há grande utilidade em discutir essas referências em detalhe. Muitas eram prescrições para o desenvolvimento espiritual e poderiam ser seguidas com proveito por qualquer pessoa. Naturalmente, o que eu procurava eram implicações particularmente aplicáveis ao catarismo em geral, ou à Sr.ª Mills e a mim em particular. Fiz isso procurando denominadores comuns fundamentais. Estes revelavam-se pelas passagens que se repetiam com maior frequência. Foi curioso que, entre as primeiras citações para as quais a sua atenção foi dirigida, estivesse uma referência a trombetas na Primeira Epístola aos Coríntios. Esta citação em particular foi repetida mais tarde. Em si mesma, não parecia ter qualquer significado particular.

A comunicação psíquica desta natureza pode muitas vezes descer a pormenores pouco inspiradores. Ou estaria relacionada com o seu horror vitalício a tais instrumentos? Perguntei-me se o exército invasor em Montségur teria sido dado a tocar trombetas. Teria a queima dos Parfaits sido precedida por uma fanfarra apropriada? Após várias revisões das listas de citações, decidi que, se este versículo em particular era significativo, o seu significado me era incompreensível. Só no ano seguinte descobri que o episódio mais terrível e crucial do cerco de Montségur fora precedido pelo toque de trombetas.

O ponto mais fundamental é facilmente exposto. As citações de São Paulo eram esmagadoramente predominantes. As referências eram quase todas às epístolas. As relativas aos Atos eram quase inexistentes. As citações do Evangelho de São João ficavam num distante segundo lugar. A predominância paulina era inconfundível. A Primeira Epístola aos Coríntios era a preferida.

Para qualquer pessoa com algum conhecimento do catarismo, pode ser surpreendente que tantas citações provenham de São Paulo. A liturgia do catarismo baseava-se no primeiro capítulo do Evangelho segundo São João. Os Parfaits levavam consigo uma cópia desse evangelho. Por que razão esta predileção do nosso guia por São Paulo?

A resposta é simples. Entre todos os Apóstolos, Paulo é o supremo intérprete do cristianismo do ponto de vista ocultista. A sua especialidade é o seu aspeto espiritista. Quando fala de um corpo natural e de um corpo espiritual, está a tratar, de forma concisa, aquilo que foi desenvolvido pelos espiritualistas modernos, teosofistas e seguidores de Steiner. A sua perspetiva liga-se diretamente às conceções modernas de corpos etéricos e astrais e semelhantes. Os cristãos ortodoxos podem recusar a ideia de que o cristianismo primitivo era caracterizado por comunicação psíquica e fenómenos espiritistas. O que viria a ser revelado mais tarde à Sr.ª Mills indicava claramente que o cristianismo primitivo tinha essa natureza.

Há razões mais específicas para que o guia cátaro da Sr.ª Mills a remeta para São Paulo. O próprio catarismo era essencialmente uma religião espiritista. Lúcifer ou o Diabo criara o mundo da forma. Deus governava o mundo do invisível. O Deus bom criara os bons espíritos. Mas o catarismo não é o único exemplo de religião preocupada com fenómenos espiritistas e comunicação psíquica. Temos diante dos olhos o exemplo do Espiritualismo moderno nas suas diferentes vertentes. Teriam os guias da Sr.ª Mills conduzido, através destas referências, a algo mais especificamente relacionado com o catarismo? Existe alguma citação que ilustre a natureza particular e a teologia especializada dessa crença?

A Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 15, versículo 45, é repetida nada menos do que cinco vezes nas semanas dedicadas a estas referências escriturísticas: "Assim está também escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente; o último Adão foi feito espírito vivificante." Ora, isto é especificamente cátaro. Não serve descartá-lo como parte integrante da herança cristã. É uma dessas passagens que as

pessoas aceitam sem reflexão por causa do seu conteúdo espiritual, mas que, ainda assim, não fazem parte da ortodoxia cristã. Este versículo implica que existe no homem uma alma vivente desde o início. Isto é contrário à ortodoxia, particularmente na sua forma católica. Esta considera a alma como algo que cresce com a consciência e que dorme após a morte até ao Dia do Juízo.

A ideia cátara é bastante diferente. O homem nasce com o seu complemento psíquico completo. Este é um elemento essencial da doutrina da reencarnação. Após a morte, a psique não entra em qualquer estado de sonolência cósmica como o representado pelo conceito de limbo. Embarca num processo de reencarnação. "O último Adão foi feito espírito vivificante" refere-se ao nosso desenvolvimento último ao sermos libertados da matéria. Para os cátaros, esta era a razão de ser da nossa existência. Reconheciam que havia toda uma gradação entre a matéria concebida como espírito inerte e, no outro extremo, a matéria tão espiritualizada que Cristo podia aparecer na Terra e revelar a verdadeira natureza do seu corpo espiritualizado aos discípulos na Transfiguração.

Este versículo é o alicerce do ensinamento cátaro. O facto de surgir nas Escrituras não significa que faça parte integrante do cristianismo contemporâneo. Todas as formas desta religião dependeram das mesmas fontes escritas. A diferença vital entre ortodoxia e chamada heresia só pode residir na interpretação.

A questão esclarece-se ainda mais se lermos o que precede e segue o versículo 45. Parte disso constitui a base do cristianismo comum, mas o seu alcance é mais vasto e contém matéria que antecede o cristianismo: "Nem toda a carne é a mesma carne; mas uma é a carne dos homens, outra a carne dos animais, outra a dos peixes e outra a das aves." Paulo está a tratar dos diferentes graus em que a matéria é impregnada de espírito. Isto é doutrina cátara fundamental. Se quisermos, podemos chamar a isto uma interpretação esotérica do cristianismo, mas, se assim o fizermos, esta está muito próxima do catarismo.

Ao fazer esta afirmação, Paulo foi influenciado por fontes pré-cristãs e pelo contexto cultural em que foi educado. O que diz é outra versão da afirmação de Schiller de que Deus dorme na pedra, desperta na planta, sonha no animal e vive no homem. Isto liga-se não só à doutrina cátara, mas também às ideias modernas de corpos físico, etérico e astral e à sua diferente distribuição no reino animal.

Não adianta descrever isto como cristianismo ortodoxo. Este pode fingir concordar que o objetivo da vida é permitir que o espírito escape da matéria. Mas o cristianismo ortodoxo, seja ele católico, anglicano ou presbiteriano, acredita na existência de um corpo espiritual? Essencialmente, os católicos nem sequer acreditam no Espírito como algo intrínseco à natureza do homem. Para eles, o Espírito é algo concedido pela graça do alto e, de preferência, pela intercessão do sacerdócio. "Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade" significa, em termos dualistas, que estamos essencialmente aprisionados na matéria ao nascer e devemos

libertar o nosso corpo espiritual do invólucro carnal. Este último torna-se então um dos bons espíritos na forma originalmente criada pelo Deus bom.

Em algumas das outras referências, a matéria tratada diz respeito às provas de vida após a morte, isto é, ao reconhecimento, por testemunhas, da continuação da existência de corpos espirituais. Mais uma vez, não serve tomá-lo como garantido que isto seja cristianismo ortodoxo. Este usa a aparição de Cristo aos discípulos após a Sua crucifixão como prova da Sua ressurreição, mas não tira daí a conclusão de que, depois deste mundo, o homem, como um todo, passa para outros planos de consciência onde, em certas circunstâncias, continua a ser visível e a sua voz audível. O cristianismo ortodoxo ainda se apega, muito mais do que os sofisticados reconhecem, à ideia de um longo sono e de um Dia do Juízo ou, entre os mais esclarecidos, a uma súbita dissolução parcial num mundo de espírito, de ser envolvido e obliterado no seio de Abraão. A interpretação paulina é aplicável aos fenómenos da Sr.ª Mills e à presença que lhe fala à noite. Como, afinal, veio Braida parar aqui? Presumivelmente é por isso que esta fornece as referências.

Há outras provas de que estamos no bom caminho ao considerar as citações paulinas como referentes ao catarismo. Este devia muito à fé dos bogomilos, que antes florescera na Bulgária. O bogomilismo, por sua vez, foi enxertado nas crenças de uma considerável seita chamada Paulicianos. Estes tiveram uma longa presença nos Balcãs, onde são assinalados pela primeira vez no século VI e onde existiram até ao século X, sobretudo na Bulgária. Os Paulicianos eram dualistas inconfundíveis e receberam este nome por causa da ênfase que colocavam nos escritos paulinos. Começamos a ver um significado crescente no interesse de Mme. Brelet pela Bulgária e na torrente de referências balcânicas com que a Sr.ª Mills foi inundada nos primeiros meses de 1971.

No entanto, a prova mais dramática da importância dos escritos paulinos para o catarismo em geral e, em particular, para a instrução da Sr.ª Mills, surgiu mais tarde nesse ano. Em setembro, eu estava de férias em Montségur. A minha anfitriã era conhecida pelo seu conhecimento de filosofia e, em particular, do que se relacionava com o dualismo. Um dia, disse-me que dez anos antes tivera uma visão de São Paulo. Escutei atentamente e não fiz comentário. Continuou a dizer-me, com evidente reserva, que São Paulo não se limitara a uma aparição visual. Tinha-lhe ditado toda uma série de referências escriturísticas.

"Sim", disse eu, "e a grande maioria era da Primeira Epístola aos Coríntios."

Ela pareceu muito sobressaltada. "Como é que podia saber?"

"Como é que não havia de saber?" Expliquei então como a Sr.ª Mills também fora instruída a ler São Paulo.

Como explicar este episódio? Não o posso descartar como coincidência. É um componente tão natural de todo o padrão desta história. Poderá ser telepatia? Devemos ter cuidado com esta palavra. Está a tornar-se um termo guarda-chuva tão perigoso como foi "sugestionável" em tempos mais antigos, quando a perceção extrassensorial

não era aceite senão por uma minoria ínfima. Pode isto explicar-se como telepatia quando há um intervalo de dez anos entre a experiência da Sr.ª Mills e a da minha anfitriã em Montségur?*

As referências da Sr.ª Mills eram frequentemente abreviadas. Thess, por exemplo, bastava para Tessalonicenses. Mais tarde, no verão, à medida que o ditado se intensificava, a sua escrita deteriorou-se, mas era sempre decifrável. Os números dos capítulos e versículos tendiam a correr uns para os outros sem interrupção. Mas nunca, no dilúvio de citações — que totalizou cento e vinte e oito — ela ofereceu algo que não fosse verificável. Nunca deu o número de um capítulo ou versículo inexistente.

> • *Embora eu tenha sempre analisado estas sincronizações em relação ao tempo cronológico, e tenha sentido que é necessário fazê-lo, há que admitir que há algo de ilógico nesse procedimento. Afinal, o tempo é uma ilusão e toda a experiência psíquica, mesmo as variedades mais simples de perceção extrassensorial, está inevitavelmente tingida pelas implicações da intemporalidade.*

Numa ocasião, pensei que ela se enganara. Escrito num pedaço de papel que encontrou estavam as palavras Job, Wis of Sol e Ecclesias (sic), com os respetivos capítulos e versículos. O algo deselegante Wis of Sol identificava-se como Wisdom of Solomon. Pareceume que ela estava fora do rumo sob dois pontos de vista. A terceira referência parecia ser a Eclesiastes. O capítulo citado era o trinta e oito. Não existia tal capítulo. Só ao escrutinar o papel uma segunda vez é que vi que estava escrito como acima. Referia-se claramente a Ecclesiasticus, que contém cinquenta e um capítulos. Mas, para mim, a referência a Ecclesiasticus continha uma segunda fonte de erro.

O Antigo Testamento era anátema para os cátaros. Isto era inevitável, porque sustentavam que o Jeová do Antigo Testamento era o diabo. No entanto, era permitido ler os livros proféticos. A referência a Job estava, portanto, em ordem. Ecclesiasticus não podia ser descrito como pertencendo a esta categoria. Depois percebi que, em certas comunidades cátaras, os livros dos Apócrifos também eram permitidos. Eu sabia que Wisdom of Solomon era apócrifo. Não tinha tanta certeza quanto a Ecclesiasticus e fiquei aliviado ao verificar que também entrava nesta categoria.

Mas a referência a Ecclesiasticus continuava a ser marcante por outra razão. Surgiu tarde na história das citações bíblicas. Só foi escrita na primeira semana de novembro de 1971. Foi por isso que eu pensei que ela estivesse a falhar ao dar referências do Antigo Testamento. Ter-se-ia ela, por assim dizer, esgotado no decurso do seu bombardeamento de meados do verão? Quando apareceu a referência a Ecclesiasticus, o guia já passara para outro tema, o da cura. Este fora introduzido em maio, mas sob uma forma simbólica que eu não reconheci. Intensificou-se em novembro e haveria de atingir a sua incrível apoteose em fevereiro de 1972, quando já não havia qualquer dúvida de que ela era a destinatária privilegiada de uma revelação.

O que estava contido em Ecclesiasticus, capítulo 38? Referia-se de forma vívida às virtudes e funções do médico. Isto é muito importante, porque curar os doentes era

uma das duas injunções básicas exigidas aos primeiros cristãos. Mais uma vez, essa função foi quase deixada desaparecer durante a maior parte da história da Igreja. Contudo, foi ativamente reavivada pelos cátaros. Muitos dos Parfaits eram médicos e todos eram, em certa medida, instruídos em medicina.

É bem possível que esta mensagem fosse mais pessoalmente dirigida e que a Sr.ª Mills estivesse a ser exortada, uma vez mais, a confiar em mim. Era bastante inconfundível que, quando recebeu esta mensagem, estava relutante em fazê-lo. Isto acontecia de vez em quando. Um certo grau de ambivalência é inevitável em pessoas como a Sr.ª Mills, mas não se poderia chamar-lhe uma pessoa de humores. Notei que ela nunca hesitava em revelar os factos históricos do catarismo ou as referências às Escrituras. Por vezes, porém, relutava em revelar as mensagens filosóficas.

Descrevia-as como, de algum modo, mais pessoais. Quando agia assim, eu nunca insistia. Ver-se-á mais tarde que a explicação da sua relutância não era difícil. Era, em parte, inevitável à luz das suas lealdades passadas. Por outro lado, o facto de ela adotar esta atitude sensível em relação às suas comunicações filosóficas exigiu um lembrete, por parte de Braida, de que eu era pessoa de confiança.

Havia outra referência específica e pessoal em Ecclesiasticus. Era a citação que diz: "O Senhor criou os medicamentos a partir da terra." Menos de uma semana depois, a Sr.ª Mills foi inundada por recordações da preparação de medicamentos e de ligaduras para o tratamento de feridas. Esta citação de Ecclesiasticus introduziu, de forma apropriada, um período espantoso de meses dedicados ao tema da cura.

A questão da cura fora introduzida mais cedo no contexto das citações. A 16 de agosto, foi recomendado Marcos, capítulo 16, versículos 18 e 17: "E estes sinais seguir-se-ão aos que crerem: em meu nome expulsarão demónios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará dano; imporão as mãos sobre os enfermos e eles sararão."

Nessa altura, a Sr.ª Mills não pegava em serpentes e, tanto quanto sabia, não expulsava demónios. Mas estavam a ocorrer dois fenómenos estranhos. O primeiro relacionava-se dramaticamente com a afirmação em Marcos. Ela sempre fora o tipo de pessoa a quem os outros confiavam os seus problemas. Essa tendência estava então — e do ponto de vista racionalista — inexplicavelmente intensificada. Noite após noite, quando o seu trabalho terminava, era assediada por doentes físicos e angustiados mentais, que retiravam dela mais conforto do que recebiam noutro lugar. Mas agora manifestava um sinal específico e inconfundível de que desenvolvera o dom da cura. Por vezes, estendia a mão para confortar os visitantes e tocava-lhes na testa, nas mãos ou nos ombros num gesto involuntário e reconfortante. Notou que as suas mãos começavam a arder e que sentia nos dedos uma sensação intensa de picadas, associada ao dom da cura.

Os que a visitavam comentavam o ardor que sentiam na carne e que parecia haver uma grande força que emanava dela. Esta era a manifestação palpável do que Marcos dissera: "Imporão as mãos sobre os enfermos e eles sararão." O que viria a revelar-se

dramaticamente mais tarde era a ênfase nas mãos. Seria marcante e invulgar que uma pessoa ativa, competente e sociável como a Sr.ª Mills estivesse a desenvolver o dom da cura? Suponho que o seria para qualquer um que observasse de fora. Seria igualmente misterioso para os que sentiam o ardor na pele e a grande força de cura que emanava dela. Para mim, era menos surpreendente.

Ela fora uma Parfaite no século XIII. Ao lidar com os problemas dos outros, estava apenas a retomar onde ficara numa encarnação anterior. Eu não me apercebi de quão completamente ela estava a regressar ao seu papel anterior. Não tinha ideia da enorme importância do seu impulso físico de estender as mãos em direção às pessoas. Marcos dissera também: "Falarão novas línguas." Nessa altura, a Sr.ª Mills estava, independentemente do tempo, a usar francês, latim e, mais tarde, occitano.

Foi interessante que, ao registar a referência, a Sr.ª Mills tenha escrito os versículos de Marcos pela ordem errada. Noutra ocasião, repetiu o mesmo comportamento com uma oração cátara. É interessante que a Sr.ª Smith tenha recordado um dos poemas preferidos de Roger com os versos numa ordem diferente da que aparece impressa no livro de letras francesas do professor Saintsbury.

Havia outras referências que eram significativamente cátaras, mas que não cito porque poderiam aplicar-se a qualquer abordagem, ainda que moderadamente esotérica, ao cristianismo. As várias referências ao Espírito Santo enquadravam-se nessa categoria. Havia outras citações isoladas que tinham um significado específico e marcante.

"Saudai os irmãos com um beijo santo." O beijo da paz foi mais tarde descrito pela Sr.ª Mills. Ocorreu no final do Consolamentum. Nisto, os cátaros repetiam os rituais do cristianismo primitivo.

As citações bíblicas anotadas pela Sr.ª Mills tinham várias implicações, mas, antes de terem completado o seu curso, orientaram-se definitivamente na direção da cura. A maioria das referências foi ditada de maio a meados de agosto. As que tratavam mais especificamente da cura, como a grande citação de Ecclesiasticus, foram adiadas até novembro. Pelo final do verão, eu começava a perguntar-me se mais do que um guia teria assumido a responsabilidade pela instrução da Sr.ª Mills. Uma conclusão semelhante poderia ser extraída do estudo dos seus desenhos. Mais uma vez me perguntei se a explicação poderia ser a mesma e se estas aparentes mudanças de rumo se deviam ao facto de diferentes mestres estarem encarregados de diferentes sistemas de instrução.

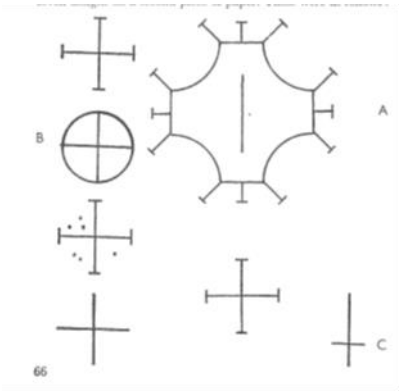
A 8 de maio, quando estava a ser submersa pela sua primeira maré de referências, sobretudo da Primeira Epístola aos Coríntios, encontrou à cabeceira da cama a mensagem enigmática: Tau Cross.

Eu nem sequer sabia que estas palavras estavam relacionadas entre si. Não fazia ideia do significado da palavra Tau. Isto dará ao erudito uma noção do meu conhecimento destas matérias. Eu estava ocupado nessa altura e não tencionava

empreender de imediato uma pesquisa sobre o significado desta palavra. Atravessei o quarto e fui até a um livro que estava em cima do sofá. Chamava-se The Philosophy of Compassion, de Esmé Wynne Tyson. O livro fora obtido na biblioteca do condado enquanto eu estivera de férias. Eu nem sequer sabia que estava encomendado e não o tinha aberto. Ao que parece, meses antes, a minha mulher colocara-o, sem eu saber, na lista de livros solicitados à biblioteca. Não havia razão alguma no mundo para eu ter antecipado encontrar neste livro qualquer coisa que me ajudasse. No entanto, consultei o índice. Aí vi Taw. O excerto relevante era:

"Justin acreditava que a Crucificação estava predestinada e que o sangue da Páscoa fora aspergido nos umbrais das portas dos israelitas sob a forma de uma cruz, como Taw, a última letra do alfabeto hebraico, prenunciando o sacrifício no Calvário."

O facto de a Sr.ª Mills ter escrito TAU em vez de TAW não me preocupou demasiado. Presumi que ela tivesse registado a versão francesa. Isto foi confirmado pelo Larousse. Soube mais tarde que Tau é o uso inglês corrente. A Sr.ª Mills registara-o com a sua habitual exatidão. O Larousse assinalava ainda que era a décima nona letra do alfabeto grego. Como a origem da cruz tau era obviamente antiga, não me parecia que estivéssemos perante um símbolo exclusivamente cátaro. Isto foi corroborado pelo facto de, no mesmo dia, ela a ter acompanhado de sete desenhos num segundo pedaço de papel. Eram os seguintes:



Não sou competente para discutir o significado destas cruzes. O meu único comentário é que, excetuando a assinalada com C, que é a cruz de São Pedro, todas têm braços iguais e são, portanto, de origem grega e não romana. B, com a cruz rodeada por um círculo, é celta. Tal como a grega, não é de origem romana. Nas cruzes romanas, o braço inferior é mais comprido do que os outros, como aqui se representa.

A Sr.ª Mills fez questão de que a Cruz A fosse um problema. Durante todo o período das suas revelações teve duas ou três preocupações insistentes, e esta era uma delas. Tudo o que eu pude sugerir foi que se assemelhava ao emblema do Languedoque, exceto pelo facto de, na extremidade de cada braço, haver três pequenas cruzes em vez de protuberâncias semicirculares. Pensei que esta sugestão fosse suficientemente plausível. Nunca consegui inteiramente fazer a Sr.ª Mills compreender que, ao fim de mais de sete séculos, as provas quanto ao significado de um símbolo são difíceis de obter e frequentemente imprecisas.

Perguntou-me se a cruz tinha alguma relação com Fanjeaux. Não consegui encontrar qualquer indício de que tivesse sido, em algum momento, o selo ou emblema dessa vila. Foi desenhada noutra ocasião com o que parecia ser a palavra DUFTONIS escrita por cima. Não pude ter a certeza da letra F. Mais tarde, no outono, apareceu com a palavra FANJEA escrita por baixo. Esta última era uma abreviatura evidente.

Pelo final do ano, deparei com um artigo sobre cura na obra Man, Myth and Magic. Folheei-o rapidamente. Quanto mais tinha experimentado as realidades da cura, menos inclinado estava a ler sobre o assunto. Parecia que a cruz tau era um dos símbolos da cura. Ainda assim, não via de que modo essa cruz estivesse particularmente relacionada com o catarismo. Sabia perfeitamente que este aceitara a obrigação, imposta ao cristianismo primitivo, de curar os doentes. Não sabia, nem podia saber, até que ponto a cura era uma arte e ciência profundamente estudadas no Languedoque do século XIII. Tive de esperar até que o guia aparecesse diante da Sr.ª Mills com as vestes que usara no século XIII. Usava também a cruz que se tornara uma espécie de obsessão para a sua discípula. O que ela significava faz parte da história de Braida de Montserver.

10

A 28 de junho de 1971, a Sr.ª Mills tinha o seguinte resultado da sua noite de repouso:

"Concede-nos conhecer o que tu conheces e amar o que tu amas, pois não somos deste mundo e este mundo não é de nós."

Isto certamente fez soar uma campainha. Era familiar e intrigava-me não conseguir identificá-lo com exatidão. Presumi que fosse parte do Consolamentum. Encontrei a resposta ao folhear rapidamente as páginas da tradução de Nelli do Rituel de Lyons. Uma oração cátara de Jean Maurin está apensa no final da tradução do ritual do Consolamentum do occitano para francês. Fiquei perplexo não só pelo facto de ela ter escrito as palavras em inglês, mas pela perfeição da tradução. Dou o texto francês do professor Nelli da oração de Jean Maurin:

"Puisque nous ne sommes pas du monde et que le monde n'est pas de nous, donne nous a connaitre ce que tu connais et a aimer ce que tu aimes."

Não sei por que razão, na versão francesa, a afirmação de que não somos deste mundo surge entre aspas. Do mesmo modo, não sei por que razão a Sr.ª Mills inverteu a ordem das frases.

Houve uma segunda parcela nessa mesma noite:

"We entrust this holy prayer to your keeping
Receive it from God and us and from the whole Church
May you have strength to say it all the days of your life."

Mais uma vez supus que pudesse tratar-se de parte do Consolamentum. Não podia afirmar recordar as palavras desse sacramento bastante extenso. A minha suposição estava correta. O que é fascinante é que, uma vez mais, temos uma tradução perfeita do francês original. O conhecimento da língua francesa por parte da Sr.ª Mills não lhe permitiria produzir uma tradução tão elegante.

A 5 de julho, ela passou para o latim, do qual não tem absolutamente nenhum conhecimento. Suspeitei inevitavelmente que o que produzira fosse um excerto do Consolamentum, pois era claro que a sua atenção estava a ser dirigida para a liturgia cátara. As palavras citadas eram pronunciadas imediatamente antes de o bispo ou diácono conferir o Consolamentum tocando a cabeça do aspirante com uma cópia dos Evangelhos:

"Pater sancte, suscipe servium tuum in tua justitia, et mitte graticam tuam et spiritum sanctum tuum super eum."

Neste excerto há uma subtileza gramatical de grande importância para nós. O latim varia consoante o bispo ou diácono se dirige a um homem ou a uma mulher.

O texto de 27 de julho foi impressionante:

"Then they arose up on a sky of glass and for everyone that rose aloft another fell and was lost and God came down from Heaven with the twelve apostles and took ghostly shape in Holy Mary."

Tinha quase a certeza de que se tratava de outro excerto da oração de Jean Maurin. Verifiquei que assim era. Mais uma vez fiquei espantado com a elegância da tradução do francês arcaico do original.

Ao ler o texto francês original, fiquei perplexo com a última frase: "il s'adombra en Sainte-Marie." Não compreendia o que Deus teria feito em Santa Maria. Ainda menos compreendia por que razão a Sr.ª Mills traduzira com tanta segurança por "took ghostly shape". Ela própria não soube explicar a sua escolha, mas disse considerar que o verbo significava que Deus se espiritualizou na Virgem Maria.

Consultei três dicionários sem sucesso. Duas noites mais tarde, fui importunado pela ideia de que ainda não encontrara tradução para esse verbo esquivo. Dirigi-me à estante e, inexplicavelmente, retirei L'Inquisition à Pamiers, de Duvernoy. Certamente não esperava encontrar ali uma tradução de s'adombra. Abri o livro numa passagem em

que o pároco de Montaillou falava a Béatrice de Planissoles. Não esperava filosofia transcendental desse homem, que fora demasiado hábil a adaptar a teologia aos seus próprios fins. Fiquei espantado ao ler que esse engenhoso embusteiro explicara às mulheres que seduzira como Deus "s'adombra" na Virgem Maria.

Dois meses depois, vi Monsieur Duvernoy em Toulouse e perguntei-lhe como traduziria s'adombra. Disse que estomper era um significado aproximado; isto é, que Deus tomou forma na Virgem Maria.

Esta expressão traduz a ideia cátara de que a própria Maria não estava encarnada na carne, mas revestida de um corpo espiritual. Para alguns cátaros, nem Maria nem Cristo estavam encarnados. O espantoso é que a Sr.ª Mills não só realizou esta tradução extraordinariamente exata do francês antigo — "took ghostly shape" é, afinal, mais preciso do que "God took shape" — como também, apesar da sua falta de formação metafísica, apreendeu o significado filosófico da afirmação.

Daqui retiramos mais uma prova de que a Sr.ª Mills consegue ultrapassar a barreira linguística no estado de consciência em que recebe as suas mensagens. Isto pode ocorrer precognitivamente. Já vimos que, numa das referências a Braida de Montserver, conseguiu traduzir para francês, a partir do latim medieval, um texto que nunca vira. Ao longo da vida, tornou-se claro para mim que toda a perceção extrassensorial ocorre fora do tempo. Isto é fácil de perceber e até de provar nos dons psíquicos mais comuns, como a clarividência e a precognição. Tive menos oportunidade de ver essa independência do tempo manifestar-se no dom mais raro das línguas. É apenas no caso da Sr.ª Mills que vi demonstrado, para além de qualquer dúvida, que este dom se manifesta fora dos limites da cronologia.

11

Podemos deduzir algo mais desta orientação da atenção para a liturgia cátara? A oração cátara é interessante porque exprimia, de modo tão poético e preciso, os princípios básicos do catarismo. Podemos aprender algo da preocupação da Sr.ª Mills com o Consolamentum? Não será isto inevitável em qualquer cátaro reencarnado? Este sacramento era, afinal, o único reconhecido pelo culto, mas a sua importância para o crente excedia a de qualquer sacramento individual na comunidade católica.

Mas, para além das mensagens escritas, a Sr.ª Mills estava, nessa altura, a sonhar e a ter visões noturnas que apontavam para o Consolamentum. Este também lhe surgia durante o dia. Numa ocasião, viu uma mesa coberta com uma toalha branca simples. Sobre ela estavam uma taça de água e um pequeno livro. O livro seria quase certamente o Evangelho segundo São João. Está a descrever exatamente a disposição preparada para a simples mas transcendental cerimónia do Consolamentum.

Insistia também que o Consolamentum não era a iniciação final que eu supunha. Dizia que, pelo menos para alguns, era apenas o primeiro passo para uma iniciação mais profunda. Sem esta, os Parfaits não teriam sido capazes de subir voluntariamente às fogueiras quando foram queimados na estaca. As fontes católicas referem

constantemente a disposição com que os Parfaits aceitaram a morte. Sugeriram, com ridícula imprecisão, que tal se devia a um impulso suicida. Ela insistia que, sem uma iniciação ulterior, os Parfaits não teriam sido capazes de curar os doentes.

Estava particularmente preocupada com a cura. Pareceu-me que tinha razão. Sempre considerei improvável que o Espírito Santo pudesse entrar num homem numa única cerimónia e que, a partir daí, este fosse dotado do dom da cura e da capacidade de se recolher no seu corpo espiritual a ponto de se tornar impermeável à dor física. Isso poderia acontecer uma ou duas vezes na história do mundo, mas parecia-me fantástico supor que fosse uma ocorrência regular. Curar os doentes e escapar às agonias da fogueira eram seguramente o resultado final de um longo processo de preparação.

Concordei com a Sr.ª Mills que o que dizia era razoável, mas precisava de mais provas do que as suas visões, sonhos e intuições imperiosas. Também, nesta questão do Consolamentum, demonstrou uma breve mas definida relutância em discutir pormenores. Não tive de esperar muito para começar a formular hipóteses a partir das informações que já me fornecera. Em meados de agosto, novas personagens entravam em cena. Através delas, pôde contar-me detalhes dessa formação ulterior e dos objetivos e métodos das formas de meditação praticadas.

Pergunto-me se alguma vez alguém acrescentou, como ela, ao conhecimento de uma religião perdida e perseguida.

O seu interesse pelo Consolamentum não se limitava ao seu significado religioso e natureza geral. Recordava com angústia uma noite particular em que o Consolamentum fora celebrado. Num capítulo posterior poderemos situar essa data com precisão. Disse que a oração latina que começa "Pater sancte, suscipe servium tuum" contém uma subtileza gramatical. O latim varia ligeiramente conforme o bispo ou diácono se dirige a um homem ou a uma mulher. Inicialmente fiquei desapontado por a Sr.ª Mills ter citado a forma usada quando o destinatário era um homem.

Mas era como devia ser. Ela não estava a recordar a noite em que ela própria, como Esclarmonde de Perella, recebera o Consolamentum. Isso acontecera anos antes daquela noite em que o sacramento foi celebrado pela última vez em Montségur e em que ela assistiu enquanto outros o recebiam. Teremos de esperar para descobrir quem estava presente com ela nessa última cerimónia.

Por essa altura, eu já obtivera, através das revelações da Sr.ª Mills, uma compreensão muito mais profunda da natureza do catarismo. Ainda não chegara ao ponto de receber instruções terapêuticas precisas e ditadas quanto aos métodos utilizados na cura. O facto de estas se terem revelado tão sensatas, eficazes e valiosas inclina-me ainda mais a tratar com respeito as outras formas de informação que recebemos dos guias.

O que aprendera até então era que o catarismo estava profundamente enraizado no cristianismo primitivo. Isto estava implícito nas referências escriturísticas. Diz-se frequentemente que o catarismo tinha raízes profundas na fé maniqueísta. Esta

afirmação é justificável na medida em que todas as formas de dualismo tinham muito em comum, mas, pelo que aprendi através da Sr.ª Mills com os altos expoentes do catarismo do século XIII, não há dúvida de que os praticantes desta fé remontavam diretamente aos seus antepassados cristãos. Como explicar, de outro modo, a torrente de referências escriturísticas? Estas traçam também para nós um quadro claro da natureza do cristianismo dos dois primeiros séculos após Cristo.

Era muito obviamente uma religião de emanação e de comunicação psíquica. A propagação da fé era um contágio psíquico mais do que por via teológica. É evidente que o catarismo era da mesma natureza. Mateus abandona de imediato o posto do tributo para seguir Cristo. Homens de armas em Montségur, a quem é oferecida a liberdade, preferem morrer com os cátaros. Historiadores sensatos assinalaram que o caminho de regresso ao catarismo é através do oculto.

Toda a base do catarismo é a de que o mundo invisível dos espíritos foi feito por Deus e o mundo da forma pelo diabo. Mas, acima de tudo, eu sei que o catarismo se ocupava do mundo dos espíritos porque este escolhera, anos antes, entrar em contacto comigo, mais ou menos diretamente. Tinham tentado anunciar-se anteriormente de diferentes maneiras e através de pessoas diferentes. Agora, os seus métodos estavam a tornar-se mais diretos. Mais tarde, pude falar com confiança acerca do catarismo por causa de informação recebida diretamente dos seus expoentes do século XIII.

Como esta é a minha história, não precisamos de discutir em detalhe a clara semelhança entre o ritual do catarismo e o do cristianismo primitivo. O ofício do Consolamentum assemelha-se ao do simples sacramento do cristianismo primitivo. Mas haverá algo mais que possamos acrescentar a partir do que, para mim, são fontes indubitavelmente reveladas? (Haveria de chegar um tempo em que a Sr.ª Mills poderia aprender, por conversa direta, os pormenores da vida no século XIII.) A resposta é definitivamente: sim.

A meio da sessão de escrita manual do verão, durante um período de dois ou três dias, a Sr.ª Mills produziu várias folhas de papel inscritas com os nomes de autores não escriturísticos. Eram divisíveis em duas categorias principais. O primeiro grupo estendia-se de Pitágoras a Platão e incluía Crisipo, Arquimedes, Eurípides e Demócrito. O segundo era neoplatónico. O terceiro estendia-se do nascimento de Cristo até à época de Plotino e Porfírio. Incluía Jâmblico. O nome de Plotino foi repetido várias vezes.

Todos os nomes destas duas categorias ocorrem no contexto de uma cultura grega ou greco-romana.

A terceira categoria consistia em duas religiões de mistério. A Sr.ª Mills escreveu os nomes de Mitra e dos mistérios eleusinos.

Qual é o significado destas citações não bíblicas? Por que Platão e Pitágoras? Porque, num sentido amplo da palavra, estes dois filósofos eram dualistas. Platão partilha com os cátaros a crença na entrada da alma plenamente desenvolvida na matéria. Considera claramente isso uma desgraça. É estranho como tantos, com um

verniz de cultura grega, encaram esta como fundada num otimismo sereno, semi-pagão, perdido para o mundo com o advento do cristianismo. Isto é absurdo. Do mesmo modo, o platonismo não era pessimista.

A ideia de que a iluminação consiste na emancipação construtiva e não fanática do espírito em relação à matéria por parte do homem livre é muito menos deprimente do que a crença de que dependemos de uma graça transmitida de uma divindade distante através do intermediário de um sacerdócio caprichoso e tirânico. Platonismo e catarismo não eram nem otimistas nem pessimistas. Para além de místicos, eram realistas e baseados na verdade da experiência. Além disso, nenhuma destas filosofias era puritana. É seguramente significativo que o platonismo, o neoplatonismo e o catarismo tenham florescido no contexto das civilizações mais refinadas e sofisticadas da sua época.

Pitágoras, o homem universal, era também dualista. A forma como articulava os seus interesses católicos com a sua atitude religiosa é característica. Mostra-nos claramente como uma atitude dualista é inevitavelmente imposta pela contemplação dos fenómenos da natureza. Isto é típico do catarismo. Vê-se até hoje no Languedoque, onde os interessados no legado cátaro estão impregnados da natureza e do folclore da sua região.

Há outra razão para que a Sr.ª Mills fosse remetida para Platão e os seus precursores. O cristianismo tem duas raízes principais, a helénica e a judaica. No cristianismo ortodoxo, ambas estão equilibradas, embora alguns digam que a influência judaica foi predominante. Fenómenos como o sabatarianismo apontam nesse sentido. Mas não há qualquer dúvida de que o catarismo se inclina afetivamente para as suas raízes gregas e se afasta precipitadamente das suas origens judaicas. Esta atitude manifesta-se na sua rejeição quase total do Antigo Testamento. Pode afirmar-se com segurança que a predominância da influência grega sobre a judaica é uma das características cardeais que distinguem o catarismo do cristianismo ortodoxo.

Quanto a Plotino, Porfírio, Jâmblico e Crisipo, a explicação é simples. Três eram neoplatónicos, que interpretaram os ensinamentos de Platão nos séculos seguintes ao nascimento de Cristo. O principal entre eles foi Plotino, que viveu no século III d.C. e é mencionado várias vezes nas recordações da Sr.ª Mills. Ensinava que a criação ocorrera em zonas sucessivas, à medida que as formas de emanação se afastavam cada vez mais da fonte original e divina. O seu ensinamento está muito próximo da cosmologia cátara.

O nome de Porfírio nas mensagens da Sr.ª Mills é significativo. Foi discípulo de Plotino e regista, na sua vida do mestre, que "os seus escritos são os registos dessas pesquisas e revelações que lhe foram dadas pelos deuses". Assim são os da Sr.ª Mills. Os seus guias, enquanto Parfaits regressados, eram espíritos invisíveis e visíveis que anteriormente tinham vivido sob a direção do Espírito Santo.

Os padres gnósticos tinham bastante em comum com os neoplatónicos. Em termos gerais, acreditavam que a salvação assentava na autopurificação através de diferentes encarnações e que o processo de limpeza era essencialmente uma emancipação da matéria. Consideravam esta como má no sentido de ser desprovida de espírito. Isto

conduziu inevitavelmente, em muitas seitas gnósticas, à crença em princípios ativos do bem e do mal, isto é, ao dualismo franco. Ora, não há dúvida de que o catarismo tinha muitas raízes no gnosticismo. Déodat Roché, um dos principais expoentes modernos do catarismo, está muito preocupado com a derivação desta fé na filosofia de Orígenes.

Estas referências clássicas e neoclássicas mostram que o catarismo tinha afinidades com formas anteriores de dualismo, fossem ou não cristãs. As raízes não cristãs do catarismo revelam-se na terceira categoria de referências não escriturísticas da Sr.ª Mills. As palavras-chave eram "Mitra" e "mistérios eleusinos". A primeira é fácil de explicar. O culto de Mitra é quase universalmente aceite como dualista. Foi, de facto, uma das primeiras religiões a preocupar-se com a oposição entre a Luz e as Trevas, entre as forças do bem e do mal.

Os mistérios eleusinos envolviam um culto esotérico da natureza. Não sei até que ponto o dualismo estava incorporado nas suas práticas. Só se pode repetir que todas as formas de dualismo se ocupam da reação da natureza e das suas forças inatas. É por isso que são tão fundamentalmente sensatas, além de místicas. Podemos inferir daqui que o cristianismo primitivo foi um dos aspetos do dualismo? Não tenho dúvidas de que isso é verdade.

Surge outra pergunta. Terá o catarismo e, portanto, o cristianismo primitivo, alguma semelhança filosófica com o budismo? Certamente há uma forte semelhança nas observâncias externas. O budismo, tal como o catarismo, preconiza a não violência completa, a castidade e a abstinência de alimentos de carne. Acredita também na reencarnação e que a iluminação consiste na emancipação da matéria. Seria, portanto, fascinante se a Sr.ª Mills fosse capaz de nos fornecer algo da metafísica básica do catarismo e do cristianismo primitivo. Isto é tanto mais necessário quanto o cristianismo difere do budismo pelo facto de as suas escrituras originais conterem tão pouco de natureza puramente filosófica.

Há exortações a considerar os lírios do campo, mas isso é visão poética, não filosofia. Do mesmo modo, não existe um sistema psicológico claro nos Evangelhos e Atos comparável ao do budismo, em que, desde o início, a vida é descrita como sofrimento. Esse sofrimento é atribuído ao desejo e o desejo, por sua vez, considerado responsável por nos prender à roda de vidas recorrentes. Seria, portanto, mais do que instrutivo se a Sr.ª Mills fosse capaz de fornecer reflexões filosóficas específicas sobre o sentido e a condução da existência, e ainda mais esclarecedor se estas mostrassem alguma afinidade com as do budismo.

De certo modo, as mensagens da Sr.ª Mills sobre a natureza do tempo tinham um sabor distintamente oriental. Não creio que isto seja prova de que o catarismo forneça uma ponte específica entre a filosofia ocidental e a oriental. Penso apenas que qualquer filosofia ocidental que possa reivindicar ser transcendental contém elementos que se assemelham aos de sistemas mais antigos simbolizados por escritos como as Upanishads.

Por volta de meados de agosto, houve uma verdadeira inundação de referências. Eram, na sua maioria, nomes muito obscuros. Esta torrente de nomes pode explicar-se pela predileção da Sr.ª Mills por aniversários. A sua recordação angustiada, em março, das datas cruciais da tragédia de Montségur já foi notada. Carcassonne caiu a 15 de agosto de 1209. Foi pouco antes desta data que ela foi literalmente inundada por referências.

É impossível dar um registo dia a dia das suas experiências sem confundir irremediavelmente o leitor. O meu melhor procedimento é tomar, por sua vez, as principais linhas da sua narrativa e segui-las mais ou menos até à sua conclusão. Mesmo assim, uma considerável sobreposição é inevitável. Quando ela escrevia freneticamente os nomes de pessoas obscuras, cujo significado lhe era incompreensível, estava também a ter sonhos e visões de um homem a pregar, de reuniões em bosques e em grandes salas, e de receber instrução em meditação. Nesta fase, parecia haver dois guias a operar. Um dava-lhe por escrito a história detalhada do catarismo, enquanto outro se ocupava dos seus princípios e práticas.

Foi interessante que não houvesse mensagens escritas enquanto eu estava de férias, mas que os sonhos e visões continuassem. O mesmo padrão fora seguido durante a sua ausência na Irlanda. Significaria isto que eu funcionava melhor como catalisador quando estava algures nas proximidades? Dificilmente, visto que os sonhos e visões continuavam. As mensagens escritas, nessa altura, diziam respeito à história pura e simples. Talvez a minha função principal fosse fixar datas e acontecimentos e fosse por isso que a evidência histórica cessara na minha ausência. Não me preocupo muito com estas possibilidades.

O que é de importância decisiva é que, na minha ausência em férias, eu me tornei, se não supérfluo, mais facilmente dispensável. Algo mais do que um substituto assumiu o meu lugar durante a minha ausência. Quando eu me ausentei, fui substituído por um confidente mais satisfatório.

De certo modo, lamentei que a Sr.ª Mills tivesse pertencido à família Perella, proprietária de Montségur. Não aprecio histórias de reencarnação que envolvam os eminentes. Que a minha peregrinação pessoal terminasse em Montségur era suficientemente apropriado. A montanha perseguira-me, aterrorizara-me e consolara-me durante trinta anos. Ainda assim, no conjunto, eu teria preferido a decente obscuridade de The Cathars and Reincarnation. Roger-Isarn era, eu julgava, uma figura modesta em relação a outros membros da sua família, e Puerilia era uma camponesa não identificada. Mas, se eu precisava de uma mudança em relação às grandes famílias, ela estava certamente a caminho.

Na noite de 16 de agosto, um único nome foi escrito num pedaço de papel. Eu não tinha a mínima ideia do seu significado. Ainda menos percebi que era uma faísca destinada a conduzir rapidamente à conflagração final. O nome era Brunasendis. Tudo o que consegui pensar foi que se tratava de um substantivo latino no caso genitivo. Não podia sequer começar a adivinhar o seu significado. Adiei a consulta dos meus livros

porque a busca parecia tão desesperada. Mas, um dia, aconteceu a coisa do costume. Já não me lembro do que estava a procurar nesse momento. Os nomes Brune e Arsendis saltaram-me literalmente aos olhos. Brunasendis era uma composição fonética de dois nomes separados. As duas pessoas em causa eram mulheres. Eram esposas de sargentos-de-armas e foram queimadas em Montségur.

Na noite seguinte, as palavras "sal, pimenta e cera" foram escritas em três linhas separadas na mesma folha de papel. A Sr.ª Mills estava hesitante em mostrá-las. "Não sei o que vai pensar", disse. "Não é só que não signifiquem nada para mim. Parecem tão sem sentido." Na realidade, eu compreendi imediatamente. Os Parfaits condenados a morrer distribuíram especiarias, condimentos, cereais e outros objetos variados à guarnição antes de esta marchar para a liberdade. Podemos, por isso, indicar uma data precisa para o que a Sr.ª Mills estava a registar na noite de 14/15 de agosto de 1972, em Somerset. A distribuição a que se referia ocorreu no início de 14 de março, ou no final de 13 de março, de 1242. O guia que ditava estas mensagens sabia que, entre as minhas escassas distinções de escolar, estava a devoção à história, mas naqueles tempos longínquos eu nunca antecipei que viria a ser chamado a estudá-la com tal pormenor.

No dia 15 de agosto, os nomes Arnold Dom Pons Narbona apareceram em quatro linhas separadas. Mais uma vez, estes nomes nada significavam para mim e, novamente, o seu significado foi-me literalmente imposto pelo primeiro livro que consultei. Arnold era a forma inglesa de Arnaud. Dom era uma abreviatura de Domerg. Pons Narbona estava escrito tal como ela o escrevera. Estes dois homens eram sargentos-de-armas. Foram queimados com as suas esposas em Montségur. Os nomes das suas esposas eram Brune e Arsendis. Quando inicialmente identifiquei esta última, ainda não tinha descoberto os nomes dos seus maridos.

Fiquei particularmente fascinado e comovido com esta descoberta. Como já disse, sempre me tocou a história dos sargentos-de-armas em Montségur. Que um pequeno grupo, livre de partir com a guarnição, tenha preferido morrer com os Cátaros é possivelmente o mais eloquente tributo alguma vez prestado à bondade dos Bonshommes. É algo semelhante à história do ladrão arrependido que estes rudes homens medievais tenham preferido a morte com os Parfaits à liberdade para continuarem a matar a soldo. Não se espera encontrar os soldados mercenários da Idade Média atraídos pela doutrina da não-resistência.

Quando li pela primeira vez sobre Montségur, agarrei-me a esta história e nunca a esqueci. Em *Os Cátaros e a Reencarnação* excluí as minhas reações pessoais. Se as respostas emocionais a uma memória podem ser consideradas prova nestas matérias, a minha reação aos sargentos merece ser tida em conta.

No dia 21 de agosto surgiram mais dois nomes. Tournabois e Calavel foram posteriormente identificados como Raymond-Guillaume de Tournabois e Brasillac de Calavello. À medida que se aproximava do seu sprint final em agosto, Miss Mills escrevia frequentemente os apelidos dos homens e os nomes próprios das mulheres. Seria fadiga? Estaria a deixar de acompanhar o ditado? Fiquei espantado ao descobrir

que estes homens também eram sargentos-de-armas e que também tinham sido queimados em Montségur. Brasillac não tinha qualquer significado para Miss Mills ou para mim. Viríamos a descobrir mais tarde que significava todo um mundo para outra pessoa apanhada no círculo de comunicação.

Quando Miss Mills escreveu sal, pimenta e cera no seu pedaço de papel, estava a recuar, sob a direção dos seus guias, até 14 de março, ou provavelmente à noite do dia 13. Mas não estaria ela a dirigir-se para uma data ainda mais crucial e significativa? A saída da guarnição em 14 de março foi suficientemente aterradora. Terá sido tão trágica quanto a última celebração do Consolamentum em Montségur? O leitor poderá lembrar-se de que, meses antes, quando recordou o latim do Consolamentum, ela escreveu a versão que se aplicava à receção de um homem. O que, na realidade, estava a recordar era a última celebração deste rito sagrado alguma vez testemunhada em Montségur. Estava particularmente sintonizada com a receção de um homem. Seria um dos sargentos-de-armas?

Na noite de 22 de agosto foi escrita apenas uma palavra. Foi Fay. Eu sabia que se tratava de uma mulher e que tinha feito uma deposição. Não fazia ideia do conteúdo desta última. Não sabia que Fays de Planha era a esposa de outro sargento-de-armas. Este último parecia agora estar a restabelecer o equilíbrio que anteriormente favorecera as classes mais privilegiadas. Descobri que, numa fase crucial do cerco, quando os sitiantes tinham tomado a barbacã e estavam perto da própria fortaleza, Fays estava entre as mulheres e os homens que pediram a Convenanza.

Tratava-se de um pedido para assegurar que, se o indivíduo estivesse gravemente doente ou mortalmente ferido, um Parfait viesse o mais depressa possível administrar-lhe o Consolamentum. Fays estava a conduzir-nos para a mesma data que Miss Mills, isto é, para o dia em que este sacramento foi administrado pela última vez em Montségur. Depois de ter feito o seu pedido, Fays regressou com as outras mulheres e homens para combater contra os sitiantes.

A importância de Fays na nossa história é sublinhada pelo facto de, duas noites depois, o seu nome ter sido novamente registado. O registo, numa única folha de papel, dizia: “Plaigne, Montségur 65.” O nome completo da senhora era Fays de Plaigne. (Planha em occitano.) Os números eram um completo mistério.

Nessa altura encontrei outra razão para que, meses antes, Guillaume del’Isle tivesse reaparecido três ou quatro vezes no registo. Numa dessas ocasiões, o seu nome foi colocado entre parênteses numa única folha de papel juntamente com o de Marquesia de Lantar. Ele ficou gravemente ferido nos combates ferozes dos últimos dias de Montségur. Recebeu o Consolamentum. Marquesia de Lantar também estava presente. Os sargentos-de-armas devem ter recebido o Consolamentum na mesma ocasião. É obviamente esta a cerimónia específica que Miss Mills está a recordar. Quando escreveu o excerto em latim do Consolamentum, estava a registar o momento exacto em que um dos soldados recebia o Sacramento.

Nessa altura voltei a obter o seu diário para verificar se tinha aposto as datas correctas aos pedaços de papel e a outras mensagens que ela me tinha dado. Por essa altura eu já deixara de me espantar. Sabia que ela estava a reviver a sua vida nos últimos dias e horas de Montségur. Mesmo assim, foi fascinante e um pouco inquietante descobrir que, de 17 a 18 de agosto, ela tinha feito três entradas descrevendo detalhadamente o Consolamentum. Escreveu essas descrições antes de anotar os nomes dos primeiros sargentos-de-armas.

A sua recordação começou com um sonho, a 17 de agosto, de uma mesa simples com uma toalha branca sobre a qual estavam um livro e uma taça com água. O sonho terminou com o sacerdote a lavar as mãos, mas a memória continuou durante os dois dias seguintes em visões e por meio de uma voz que proferia orações que ela não consegue recordar claramente. Insiste que o Pai-Nosso, tal como era usado pelos Cátaros, era diferente do nosso. Sabe-se que era usada a palavra suprassubstancial em vez de pão quotidiano.

Ela afirma que havia outras diferenças. A sua preocupação com o Pai-Nosso pode explicar-se pelo facto de este só ser usado intensivamente pelos Cátaros depois de terem recebido o Consolamentum. O seu uso constante era uma espécie de dádiva. Mais uma vez, pode saber mais do que os eruditos. O que viu nas suas visões dizia sobretudo respeito ao final da cerimónia. Um homem beijava outro e este um terceiro, e o ritual continuava desta forma. As mulheres faziam o mesmo, mas não havia troca de beijos entre os sexos. Esta é uma descrição exacta do beijo da paz que se seguia ao Consolamentum.

Nestes sonhos de agosto, no verão temperado e caprichoso de Somerset, Miss Mills estava a olhar para trás, com exatidão infalível, para a noite que precedeu uma dura manhã de primavera noutro país, noutra época. A data era 15 de março.

Os sargentos-de-armas são importantes sob outro aspeto. Vemo-los a receber o Consolamentum e a entregarem-se ao Espírito. Miss Mills recorda também quando ainda estavam muito ligados a este mundo. O seu guia indica claramente o ato de violência ao qual estiveram associados.

Para mim começou a 8 de março de 1971. Era um período de grande depressão para Miss Mills, quando ela recordava os últimos dias de Montségur. Talvez durante o sono as vibrações do seu horror me tenham sido transmitidas, mas não havia nada de terrível no meu sonho de 8 de março. O sonho era a cores. Naquela altura, sonhos a cores tinham para mim um significado especial. Eu atravessava um país harmonioso de colinas e depressões verdejantes.

Havia estradas íngremes a subir as colinas. Ao princípio pensei na Dordogne. Cheguei a uma aldeia no sopé de uma colina. Entrei numa casa e perguntei pelo médico. Não era por estar doente. Precisava dele por outra razão. Perguntei-me: estaria à procura de mim próprio? Sabiam tudo sobre ele, mas não sabiam quando regressaria. As pessoas eram amáveis e atenciosas, mas tudo aquilo era um mistério para elas. Nada me podiam dizer.

Então ocorreu-me no sonho que aquele país não era a Dordogne, mas a região em redor de Puivert. Este lugar fica nos Pirenéus. Puivert é uma aldeia com um castelo numa colina verde e baixa acima de um vale suave. Não tem nada da majestade austera de Queribus, que observa com vigilância incessante os dentes quebrados das rochas abaixo de si e as bolsas de vinhas que descem até à planície. Nem possui a magia remota e irradiante de Montségur, que projeta luz da sua torre de vigia branqueada e marcada através do vale e dos anos. Puivert é um castelo suave, com uma galeria de músicos. Está situado numa região verde e sorridente.

O sonho era claro e pacífico. Mas, embora Puivert fosse tão pacífico no sonho como o é hoje, lança ele uma sombra sobre a nossa história? Descobri que Alpais, a castelã de Puivert, era uma Cátara assumida. Morreu ali em 1208, depois de ter recebido o Consolamentum. Foi fascinante descobrir que era irmã de Raymond de Perella e, portanto, tia de Esclarmonde.

Como tinha morrido na sua cama três décadas antes de Montségur, supus que fora arrastada para a história como mais uma prova da ligação Perella. Miss Mills estava prestes a provar que Puivert tinha um significado mais específico.

Outro fio foi novamente retomado na febril actividade psíquica de agosto. No dia 16, os nomes Imbert, Otho e Alzeu foram rabiscados em letras enormes em três folhas de papel separadas. Imbert significava algo para mim. Já era evidente que a torrente de recordações de Miss Mills estava concentrada no cerco de Montségur e nos acontecimentos que o conduziram. Também era claro que estávamos novamente a lidar com os sargentos-de-armas. Imbert era um sargento-de-armas que fizera uma deposição perante a Inquisição na qual descrevera o comportamento dos que assassinaram os inquisidores em Avignonet. Não percebi, nessa altura, que o guia estava a agir como já fizera em mais de uma ocasião anterior. Estava a conduzir as memórias de Miss Mills para um canal mais estreito do que o cerco de Montségur. Isso tornou-se ainda mais claro quando descobri a identidade de Alzeu e Otho.

Empreendi a busca desses dois nomes sem entusiasmo e de forma algo dispersa. A chuva de referências era confusa e, no momento em que foram recebidas, era difícil traçar o padrão que se tornou claramente evidente numa data posterior. Mais uma vez, a verificação foi-me literalmente dada.

Abri um livro exatamente na página que continha o nome de Alzeu de Massabrac. Ele e Otho eram filhos de Alzais, filha de Guillaume de Mirepoix. Já vimos, numa das incursões de Miss Mills pelo francês, que Guillaume estava presente numa certa casa de hereges ao mesmo tempo que Braida de Montserver e a sua família. Alzeu e Otho estiveram envolvidos no massacre dos inquisidores em Avignonet.

Pareceu-me então que este último acontecimento se estava a tornar um dos grandes temas da narrativa. Era tanto mais fascinante quanto, sob certos aspetos, era a questão central da história de Mrs. Smith. O seu pesadelo com Pierre de Mazerolles a regressar de Avignonet foi o incidente que me permitiu saber em que data eu e a minha namorada Puerilia tínhamos vivido a crise suprema das nossas vidas. Foi quase

inquietante descobrir que Miss Mills, por seu turno, estava também a recuar até ao mesmo incidente. Era difícil de acreditar que Arnaud Domergq e Pons Narbona, os maridos respetivamente de Brune e Arsendis e queimados com as suas esposas em Montségur, também tivessem estado implicados neste caso.

A questão ficou selada com as duas referências a Fay de Planha, que já mencionámos em relação ao Consolamentum final. A sua deposição inclui uma descrição extraordinariamente detalhada dos preparativos feitos para o massacre dos inquisidores em Avignonet. Este último acontecimento está inextricavelmente ligado ao assalto a Montségur. Sem ele, o cerco talvez nunca tivesse ocorrido. Fays fornece os nomes de muitos dos que cavalgaram desde Montségur, a 28 de maio de 1242, para participar no ataque aos inquisidores. A sua deposição contém os nomes dos homens-de-armas que assinalámos e de cavaleiros como os irmãos Massabrac. O nosso velho conhecido Guillaume de l'Isle também esteve envolvido neste episódio. Mas o que tem maior significado é que ela menciona Pierre de Mazerolles. Na véspera do massacre, Pierre Roger de Mirepoix, com um contingente de homens, encontrou Pierre de Mazerolles a liderar outra tropa num bosque em Gaja-la-Selve. Esta associação entre as personagens da história de Mrs. Smith e a de Miss Mills é importante não só do ponto de vista histórico, mas porque confirma a validade da experiência psíquica de ambas as mulheres.

Havia mais provas quanto à importância do caso de Avignonet na nossa história. O outono já ia adiantado quando descobri o significado do meu sonho com Puivert. Este não fora simplesmente algo acrescentado para fazer número, pois a castelã era irmã de Raymond de Perella. O seu filho, Gaillard de Congost, esteve envolvido na conspiração. As brasas deste caso reacenderam-se um pouco em novembro. Os nomes "Sicard-Puivert" surgiram num pedaço de papel.

Não tenho a certeza se Sicard era outro membro da família da castelã ou se apenas derivava de Puivert. O que era interessante é que era descrito como sargento-de-armas ou escudeiro e, mirabile dictu, também esteve implicado no caso de Avignonet.

É quase demais ter sido reconduzido ao massacre dos inquisidores em Avignonet. É também pungente e inquietante ter sido desviado para um dia específico em que um mundo terminou há setecentos e vinte e sete anos. Sem dúvida que Miss Mills se sintonizara com o último Consolamentum em Montségur. Isso bastava-me. Nunca teria acreditado que me seria também dada informação acerca do destino do tesouro cátaro.

Os factos conhecidos são que quatro Parfaits, que anteriormente tinham permanecido escondidos, deixaram o castelo na manhã seguinte, ou na noite anterior, àquela em que os Parfaits foram queimados na fogueira. A natureza do tesouro que transportavam não é especificada. Outra expedição clandestina com objetivo semelhante teve lugar pouco antes ou pouco depois do Natal de 1243. Diz-se também que uma outra tentativa fora feita anteriormente, possivelmente já em maio de 1243. Acredita-se que o tesouro tenha sido escondido em grutas no vale do Ariège. Estes são os factos simples. Muita tinta foi gasta a bordá-los. Naquela altura eu não tinha a certeza se

tinham sido feitas duas ou mais tentativas para pôr o tesouro a salvo. Conhecia outras conjeturas feitas relativamente à natureza do tesouro e ao seu destino. Sabia que os nomes de alguns dos homens envolvidos nas excursões clandestinas ainda nos eram desconhecidos. Eu próprio não conhecia esses nomes.

Lá no início da sua prolongada sessão, Miss Mills, ignorando a função de Montségur como lugar de instrução, escrevera a palavra tesouro. Agora, neste febril mês de agosto, o seu guia regressava ao tema. No dia 15, os nomes Amiel e Hugo foram escritos juntos num único pedaço de papel. Descobri que eram os nomes de dois dos quatro homens que levaram o tesouro do castelo quando os Parfaits foram queimados. Foi muito significativo que ela tivesse registado esses nomes na mesma noite em que escrevera sal, pimenta e cera noutro pedaço de papel.

Evidentemente, tudo isto estava a acontecer no momento da dissolução final em Montségur. Em 1244, os preparativos para o destino do tesouro e a distribuição de sal, condimentos e outros objetos estavam a decorrer ao mesmo tempo. O sal e a pimenta poderiam muito bem ter sido distribuídos a 15 de março. As autoridades afirmam que o tesouro também foi evacuado nessa noite ou na manhã seguinte. É quase inquietante que as recordações de Miss Mills sobre a distribuição dos condimentos e sobre as incumbências relativas ao tesouro tenham ocorrido em noites sucessivas de 1971.

Na noite seguinte, 16 de agosto, ela encontrou, numa folha de papel, os nomes Clamens, Corson e Marti. Passaram alguns dias até eu ter tempo de compreender o seu significado. O nome Marti era-me familiar. Sabia que um bispo com esse nome estivera presente no fim de Montségur. Não podia ter a certeza de que fosse o mesmo homem, pois considerava Marti um nome comum. Corson era difícil de entender. Soava tão anglo-saxónico. No entanto, consegui localizar estes nomes pouco depois das nove horas de uma certa noite. O que foi mais notável do que os meus modestos esforços foi o facto de Miss Mills me ter telefonado entre as cinco e as seis dessa mesma tarde para dizer que via quatro pessoas a sair do castelo. Eram acompanhadas por um guia.

Descobri que Clamens era um Parfait e um diácono. No início do cerco, a 13 de maio de 1243, foi com outros três Parfaits para Causson. Corson é a forma como um anglo-saxónico registaria o nome se lhe fosse ditado. Os outros membros do grupo incluíam R. de Caussa e o seu filho. Corsa é a grafia fonética deste último nome. Fiquei satisfeito por concluir que o quarto nome se referia ao bispo Bertrand Marti, que esteve em Montségur durante o cerco e foi queimado na fogueira. Não fazia ideia de quão importante ele viria a tornar-se na história.

Isto explica os quatro Parfaits descritos nos registos. E quanto à afirmação de Miss Mills de que pensava haver um guia com eles? Numa deposição feita perante a Inquisição diz-se que os quatro Parfaits foram acompanhados por dois sargentos-de-armas. Seria um desses dois o guia a que Miss Mills se referia?

Eu não estava profundamente interessado no tema do tesouro. Inclino-me para a opinião sensata de Duvernoy de que poderia muito bem tratar-se de dinheiro. A Igreja Cátara precisava de fundos tanto quanto qualquer outra organização. Quando Miss Mills

me informou, a 25 de agosto, de que duas palavras tinham sido escritas numa folha de papel e que essas palavras continuavam a repetir-se na sua cabeça, as minhas reações foram mecânicas. Uma palavra era "bonnet" e a outra "Mass". No que me dizia respeito, a primeira era provavelmente alguma forma de toucado usado pelos Parfaits. Quanto a Mass, só podia supor que se referia ao ritual católico, mas não conseguia ver em que contexto.

Estava a folhear o livro de Niel sobre Montségur quando as palavras Pierre Bonnet me saltaram à vista. Mais uma vez, tratava-se de eu encontrar imediatamente algo importante para mim. Não há índice de nomes no livro de Niel. Fiquei a saber que Pierre Bonnet, um diácono cátaro de Toulouse, acompanhado por um herege chamado Mateus, deixou Montségur com ouro, prata e uma grande soma de dinheiro. Levaram o tesouro para uma spoulga, ou gruta fortificada, em Sabarthès. A spoulga pertencia a Pons Arnaud de Castelverdun. Isto é revelado no testemunho de Imbert de Salas. Este último já surgira no aparelho de registo de Miss Mills.

Miss Mills contou-me essas duas palavras antes de eu ver a folha de papel. Ao vê-la, percebi que Mas estava escrito com um só S e não tinha nada a ver com o ritual católico. Sabia que mas é uma palavra meridional que significa quinta ou propriedade rural. Como tal, era, e ainda é, usado como nome de pessoa. Miss Mills referia-se a Pierre de Mas, um Parfait que, durante o cerco, convidou nove sargentos-de-armas a comer com ele na sua cabana.* Os Parfaits estavam empenhados em manter o moral. Entre os nove presentes encontravam-se dois, Imbert de Salas e Brasillac de Calavello, cujos nomes já tinham sido escritos anteriormente por Miss Mills.

A data da expedição de Pierre Bonnet foi por volta do Natal de 1243 ou talvez um pouco antes.

Alguns dias antes, Miss Mills tinha escrito Montségur 65. Agora regressava à carga com maior insistência. Sentia que se tratava de algum tipo de número de referência. Mais tarde descobri que era o número da nota no capítulo 3 da segunda parte do livro de Niel sobre Montségur. Miss Mills não possui nem nunca possuiu esse livro. Braida estava a pedir-me que desviasse ainda mais a minha atenção para o destino do tesouro de Montségur.

É claro que estava a afirmar de forma definitiva que ele fora colocado na gruta pertencente a Pons Arnaud de Castelverdun. No que me diz respeito, isto resolve de uma vez por todas a questão de onde o tesouro foi depositado. Terá a própria Braida estado envolvida neste assunto? A meio dos escritos referentes ao tesouro, as palavras Montserver e Queille foram repetidas. Ambas foram escritas juntas numa única página. Mais tarde, Miss Mills teve sonhos e visões de um castelo e de uma cidade considerável rodeada por casas de madeira.

Ela sentia que esse lugar fora um depósito temporário para o tesouro.

Dois dias depois ainda estávamos na pista do tesouro. Uma única folha de papel estava ocupada por Isarn de Fanjea Dalion.*

- *Uma espécie de cabana.*

O primeiro nome é obviamente Isarn de Fanjeaux, com o nome da cidade incompleto. Isarn era um emissário do Conde de Toulouse. Visitava Montségur frequentemente e manteve contacto com ela mesmo durante o cerco.

Ao considerar a palavra Dalion, perguntei-me se não estaríamos a regressar a Avignonet e se Dalion não seria uma espécie de tentativa de reproduzir a palavra d'Alfaro. Este último era o bailio de Toulouse em cuja casa o massacre teve lugar. Esta era uma interpretação fraca e exausta da eficiência de Miss Mills e do seu guia. A palavra que procuramos é le Alion. A grafia de Miss Mills é exata, salvo quanto ao apóstrofo. Estas subtilezas devem ser tidas em conta ao receber ditado de entidades desencarnadas num estado alterado de consciência.

Bernard d'Alion é uma personagem obscura que só entra na narrativa pela porta lateral. No entanto, encaixa-se no padrão e está associado a uma expedição secreta a partir de Montségur em maio de 1243. Concedeu hospitalidade, através do seu bailio, a Raymond de Caussa, já mencionado por Miss Mills, a outro herege e a dois sargentos-de-armas. Bernard é descrito como um ardente apoiante do catarismo. Este pequeno grupo dirigia-se ao castelo de Usson, no Donnezan. Este último é uma zona do Ariège tradicionalmente considerada como a região onde o tesouro foi escondido. O próprio Bernard vivia perto de Castelverdun. Este último nome deve ser cuidadosamente assinalado. Se isto fosse uma caça ao tesouro, dir-se-ia que os investigadores estavam a aquecer.

Alguns dias depois, a prova foi mais positiva. Foi apresentada da forma mais extraordinária.

A mensagem na noite de 2 de setembro foi breve, dramática e única. Miss Mills riu-se quando me telefonou a propósito dela. Nessa altura estava convencida de que havia um propósito nestas experiências, mas evidentemente considerava esta mensagem quase farsesca e perguntava-se se a falha não estaria nela. Disse que se tinha posto a desenhar e que o que produzira era "ou uma meia-lua ou uma banana anormalmente curvada". O nome único Bellessen estava escrito ao lado do desenho. Perguntou-me se poderia haver algum possível significado na mensagem.

É em momentos como este que se percebe como toda a operação estava belamente articulada e obedecia a um padrão. Recordei o nome Bellissen. Soou-me familiar e estava associado à expressão "filhos da lua" e, de algum modo difuso, ao Condado de Foix.

Quando vi o papel, ficou claro que o desenho era indubitavelmente uma meia-lua. Fiquei particularmente intrigado com esta mensagem. A palavra Bellissen, acompanhada pelo desenho simbólico, era um método de comunicação totalmente novo. Tornava-se ainda mais impressionante por ser difícil de classificar. Descobri, mais uma vez indo diretamente, sem razão concreta, ao livro certo e à página certa, que a principal família de Lordat, tal como as de Rabat e Castelverdun, descendia do ramo feminino da

família Bellissen. Não consegui descobrir por que razão eram conhecidos como filhos da lua. O que tem significado mais imediato é que, uma vez mais, somos remetidos para o tesouro cátaro. Bernard d'Alion, que, como vimos, pode muito bem ter estado envolvido no destino do tesouro, vivia em Castelverdun. No que respeita a Rabat, já temos ligações aí. Arapais, filha de Raymond de Perella, casou com Guillaume de Rabat. Quanto à referência à família de Lordat, a ligação com o tesouro é ainda mais específica. É curioso que tenhamos provas sobre este local provenientes de fontes contemporâneas. Há anos, uma expedição escavou perto das ruínas do castelo ali existentes. O projeto foi abandonado com alguma desordem. Um membro enlouqueceu e outros sofreram perturbações psiquiátricas.

O meu amigo Paul Beard fez alguns comentários interessantes sobre Lordat. Uma das suas principais responsabilidades é separar o trigo do joio entre aqueles que afirmam ser médiuns. Sem dúvida que isso aguça a sua perceção. Disse que há uma variação abrupta da atmosfera na vizinhança das ruínas de Lordat. Num ponto é boa e, noutro, completamente má. Pergunto-me se a boa atmosfera provém das suas ligações cátaras e a má de alguns que, ao longo dos séculos, escavaram em busca de ouro.

Ou será simplesmente que, onde quer que a bondade psíquica tenha operado com máxima intensidade, atrai para si a presença do mal? Se assim fosse, talvez se sentisse a ameaça do mal em Montségur. Afinal, os Cruzados e os sacerdotes triunfantes e entoando cânticos poderiam muito bem ter contaminado a atmosfera. No entanto, Montségur permanece inviolável na sua serenidade persistente. Estas questões ultrapassam a nossa plena compreensão.

Pareceria que o tesouro, ou parte dele, chegou aos troços mais baixos do vale do Ariège. Terá Miss Mills algo a acrescentar ao nosso conhecimento? De algumas coisas ela tem a certeza. A última expedição a partir de Montségur não foi, de modo nenhum, a mais importante. As outras evasões do castelo não foram apenas para organizar esconderijos para o tesouro. Uma parte era transportada em cada ocasião. A expedição de Amiel e Hugo, a 15 ou 16 de março de 1244, completou uma operação que começara dez meses antes. É possível que nem todo o tesouro tenha chegado ao destino pretendido à primeira tentativa. Parte poderá ter sido escondida pelo caminho.

O que era o tesouro? Sem dúvida, livros. Miss Mills concorda que também havia sacos de dinheiro, mas noutros sacos ela via claramente, nas suas visões, o contorno de livros. Os sacos eram de couro, com um gargalo de forma peculiar. Eram atados no gargalo com algum tipo de cordão. Quando Mrs. Smith, como Puerilia, partiu à procura de Fabrissa, também levava um saco de couro fechado no gargalo com um cordão. Penso que muitos investigadores podem ser induzidos em erro quanto à natureza do tesouro de Montségur. Não seriam os livros sagrados necessariamente escritos secretos e esotéricos, mas livros raros que tinham sido muito difíceis de obter, que eram muito valorizados e que tratavam de assuntos ligados ao Dualismo? Miss Mills mencionou autores como Jâmblico, Demócrito e Porfírio. Não pode ter havido muitas cópias dos escritos destes autores existentes na Europa do século XIII.

As que existiam teriam maior probabilidade de chegar ao Languedoque porque o seu nível de cultura era mais elevado do que em qualquer outro ponto da Europa. Há outra razão para que, nessa época, obras raras de autores gregos e neoplatónicos estivessem especialmente disponíveis ao colecionador. A Quarta Cruzada fora lançada contra Bizâncio, nos primeiros anos do século XIII, pelo mesmo Papa que instigou a campanha contra os Cátaros. No Próximo Oriente, tal como no Languedoque, os Cruzados mantiveram-se fiéis à sua natureza.

Após os horrores da Quarta Cruzada, houve uma saída constante de sábios, obras de arte e manuscritos de Bizâncio. A ideia de que esta torrente civilizadora só começou com a queda de Constantinopla em 1453 é completamente errada. Os Cátaros poderiam muito bem ter adquirido muitos manuscritos valiosos após a cruzada de 1204.

À medida que as mensagens escritas foram diminuindo em agosto, ocorreu outro fenómeno. Miss Mills via, com persistência, rostos reconhecíveis em sonhos e visões. Já tinha visto pessoas e rostos antes, mas fora incapaz de os recordar como indivíduos separados. Via muitas pessoas em vestes azul-escuras. Era esta a cor usada pelos Parfaits nesse período particular. Uma figura repetiu-se em vários sonhos e visões e era claramente reconhecível. Era um homem baixo, atarracado, de cara rechonchuda e cabelo grisalho. Ela estimou-o em bem mais de setenta anos. Era mais velho do que a sua expressão juvenil o fazia parecer. Foi o primeiro de cinco rostos que lhe haviam de se tornar familiares.

Depois dos primeiros dias de setembro, as mensagens escritas cessaram. Miss Mills ficou contente por ter um alívio de uma experiência extenuante, muitas vezes acompanhada de angústia real. Não sabia que as mensagens escritas iam ser substituídas por um método de comunicação mais direto.

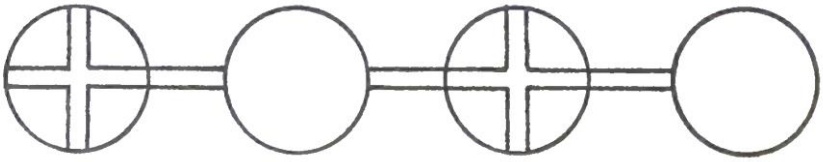
Numa noite, por volta de meados do mês, foi acordada pelo ladrar do seu spaniel, que dorme no quarto com ela. Este animal é um excelente cão de guarda, que reage imediatamente ao mais leve som ou passo. Miss Mills abriu os olhos e viu uma senhora idosa de pé ao fundo da cama. Tinha olhos escuros, traços clássicos e um nariz direito e bem formado. O rosto estava atravessado por mil finas rugas, mas era, ainda assim, encantador devido ao seu sorriso franco e amistoso. Usava um pequeno toucado tipo "Julieta" no alto da cabeça. O seu cabelo grisalho escapava de lado pela borda do toucado. Era de estatura abaixo da média. Vestia uma túnica azul-escura. O azul da sua túnica não era tão escuro como a cor a que chamamos azul-marinho. Miss Mills descreveu-o como azul-marinho francês, algo aproximado de um azul-real escuro.

Miss Mills não teve o mínimo medo. Os contornos da senhora idosa eram enevoados e, nessa primeira noite, não conseguia ver claramente os simples adornos que ela usava, exceto que havia algum tipo de corrente em volta da cintura. Na primeira visita, a senhora idosa não disse nada. A voz interior insistente continuou. Agora, as suas mensagens eram das mais simples e no sentido de que Deus é amor e de que devemos amar-nos uns aos outros. Parecia que não eram necessárias outras mensagens. A presença que anteriormente se tinha exprimido em mensagens ditadas e como uma

voz estava agora ali, em forma visível. Tinha provado a sua identidade. Já não havia necessidade de estabelecer as suas credenciais por meio de pormenores da história cátara. Era agora completamente aceite por Miss Mills. Era quase como se pudessem relaxar juntas.

Depois das primeiras aparições da senhora idosa, Miss Mills perguntou-se se ela seria uma figura de um sonho, mas, em duas noites seguintes, o cão ladrou imediatamente quando ela apareceu. Ladra um cão a uma figura num sonho? Na quarta visita e nas seguintes, ele não fez qualquer som, embora estivesse sempre inquieto. Obviamente habituou-se às visitas dela. O efeito mais marcante destas visitas era simples. Miss Mills sentia-se muito melhor por causa delas. Estava em paz e feliz. Tinha passado por uma experiência extenuante e assustadora. A senhora idosa era um grande consolo para ela. Estavam felizes na presença uma da outra e Miss Mills aguardava com expectativa as suas visitas. Falava dela como falava de pessoas de quem gostava particularmente na vida real. Falava sem reverência nem respeito, mas com afeto evidente. Era claro que ganhava mais com a senhora idosa do que com qualquer pessoa viva. Dizia que ela lhe trazia uma grande paz. Foi óbvio para mim, quando regressei de França, que Miss Mills estava muito mais feliz e no processo de ser transformada pela experiência.

Após várias visitas, o contorno da senhora de azul tornou-se mais nítido. Miss Mills conseguia ver o que ela usava. Tinha uma corrente em volta da cintura. Era de prata, ou de algum metal semelhante. Era composta por elos circulares. Estes eram ou lisos ou decorados com uma pequena cruz, e os dois tipos alternavam entre si.



Seria esta corrente um dos adornos usados pelos Parfaits ou pelas Parfaites? Mrs. Smith interessara-se pelo que os Parfaits usavam à volta da cintura. Tinha rejeitado a ideia de que fosse apenas um cinto e estava preocupada com uma fivela de desenho estranho. Parecia que, nessa altura, todo o objetivo da operação era familiarizar Miss Mills com os princípios e a prática quotidiana simples do catarismo. Isso foi feito através de uma intensificação dos sonhos durante a noite e de visões durante o dia.

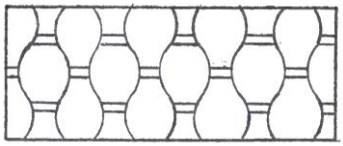
O facto de a senhora idosa aparecer à noite não diminuiu as experiências visionárias. Substituiu ou reduziu, isso sim, a escrita. Era interessante que a própria senhora idosa não surgisse nos sonhos e visões. Estes, ilustrando a vida numa comunidade cátara, centravam-se no homem de cara rechonchuda. Eu não percebi que a senhora idosa o estava a apresentar judiciosamente a Miss Mills e, através dela, a mim.

Ao longo do início do outono, Miss Mills continuou a ter sonhos e visões de pessoas com vestes azul-escuras, e de encontros num castelo e frequentemente em florestas. É um facto histórico que os Cátaros se reuniam muitas vezes nos bosques. O

homem de cara rechonchuda e sorriso afável estava quase invariavelmente presente. Por vezes vestia preto, provavelmente quando viajava, mas o azul-escuro era a cor predominante dos Parfaits. Este era o tema reverberante das revelações de Mrs. Smith. Fiquei satisfeito por encontrar provas confirmatórias em Miss Mills. Eu tinha anteriormente aceite a explicação de que o azul-escuro era usado como disfarce em certas regiões, nos tempos de perseguição. Nessa altura, as recordações de Miss Mills centravam-se em Montségur antes do início do cerco. Ninguém que vivesse no ou em redor do castelo era outra coisa senão Cátaro ou simpatizante cátaro. Pergunta-se se o azul-escuro seria, nesse contexto, de algum modo um disfarce.

Quanto à questão dos cintos e correntes, Miss Mills afirma com convicção que os Parfaits masculinos comuns usavam cintos. Estes eram atados do lado esquerdo, com uma laçada deixada a pender sobre a anca esquerda. As Parfaites usavam uma corrente de prata ou semelhante à prata, como a usada pela senhora idosa. A corrente era atada e laçada da mesma forma que o cinto. Havia duas variedades de metal utilizadas nessas correntes. O desenho era o mesmo em ambos os casos. Não sei o que significava essa diferença nas duas qualidades de metal.

Os dois bispos que mais tarde hão de ilustrar as nossas páginas usavam cintos de couro apertados com uma fivela. O desenho desta última era o seguinte.



Parece que este cinto e fivela não eram exclusivos do bispo, mas eram também usados por outros de elevada posição na simples hierarquia cátara. Poderão muito bem ter sido usados por diáconos e pelos aspirantes a bispados conhecidos como *filii majori* e *filii minori*. Mrs. Smith estava quase obcecada com a fivela.

que usava e com o desenho com que estava gravada. O símbolo o qual ela recordava é constantemente repetido nos desenhos de Miss Mills. Isto implica que Roger detinha uma posição superior à de um Parfait comum. Eu não tinha tido consciência disso antes. A partir de todos os pormenores que nos foram dados, a senhora de azul não pode ser outra senão Braida de Montserver.

O fio narrativo que atravessava as recordações de Miss Mills apontava claramente para a família Montserver em geral e para Braida em particular. Recebemos, com exatidão e em detalhe verificável, os nomes dos outros membros da sua família. Ela era o único membro que praticava como Parfaite. Ficamos a saber, pela deposição de Arnaud-Roger de Mirepoix, como abraçou a fé e dispôs dos seus bens mundanos por volta dos trinta anos. Que era efectivamente Braida é confirmado por provas que receberemos mais tarde de outra fonte.

16

No final de outubro aconteceu algo espantoso. Braida começou a falar. Falava com uma voz leve e agradável, com o que Miss Mills descreveu como um sotaque áspero. Notou que as consoantes eram fortemente acentuadas. Miss Mills não sabia qual era a língua, mas dizia, com calma e sem histeria, sem insistência mas com convicção, que sabia o que Braida estava a discutir. Estava completamente serena ao fazer essa afirmação. Percorrera um longo caminho desde a extrovertida enérgica com as suas descrições despreocupadas e satíricas dos colegas mais difíceis. "Não adianta tentar defini-lo. Sei que falamos através dos nossos pensamentos e que a língua é secundária. O que digo pode parecer disparatado, mas sei que é um facto. E apanhei algumas palavras estrangeiras."

Isto não me perturbou minimamente. Eu começara já a perceber o significado especial de uma das referências a Paulo que Miss Mills escrevera. Nesse versículo em particular ele refere-se separadamente ao dom das línguas e à interpretação das línguas. Aqui estava um exemplo vivo desta última. Quando as pessoas ouvem a fala de entidades desencarnadas falando em línguas estrangeiras, estão a sintonizar-se não com palavras, mas com um sistema de vibrações que o ouvinte traduz de acordo com a sua própria língua e cultura. Este é o dom da interpretação das línguas, distinto da capacidade súbita de falar línguas desconhecidas. Miss Mills, nos seus escritos, já demonstrara esse dom. De que outra forma poderia ter escrito em francês a tradução de uma deposição latina que nunca vira?

No início, Braida descrevia ou discutia pouco. Dizia que trazia paz e que Miss Mills a alcançaria com paciência. Isto durou duas ou três semanas. Depois, Braida pareceu tornar-se mais claramente visível. Os seus contornos estavam mais definidos e era vista contra um fundo de luz em vez de sombra. Quando falava, começou a mover mais as mãos e os braços do que anteriormente. Por vezes, acenava com a cabeça como se quisesse sublinhar um ponto que estava a fazer. Miss Mills viu que a corrente que ela usava à volta da cintura tinha um medalhão. Este estava decorado com um símbolo que, numa noite de dezembro, Miss Mills viu claramente ser aquele que a tinha obcecado durante todo o verão. Era a cruz do tipo maltês com pequenas cruzes Tau na sua periferia. Havia uma ligeira diferença. O seu centro era ocupado por uma cruz celta.

Miss Mills interessou-se, mas não ficou excessivamente excitada com a identificação deste símbolo. Suponho que isso fosse banal comparado com o facto de ter estado tantas noites a falar com uma entidade desencarnada. Para mim, o facto de Braida usar a cruz foi um ponto de viragem. Ainda não conhecia o seu significado, mas o facto de Miss Mills a ter visto meses antes, e de ela ser usada por uma entidade de outro mundo, foi um divisor de águas na minha vida.

Sempre pensara que a verdade por revelação era essencialmente uma experiência mística e indefinível. Agora via que podia também estar ligada a pormenores históricos e que, em certos casos, podia ser a única prova fiável oferecida. Após sete séculos, é mais provável que aprendamos o significado deste símbolo com Braida do que com qualquer erudito moderno. Ela tem a vantagem de ter vivido no Languedoque há setecentos anos e de ainda estar connosco.

Miss Mills repetiu então o curso de instrução que recebera no século XIII. Não havia nada de filosófico ou místico nisso. Era eminentemente prático e, mais ainda, médico. Em sonhos, visões e em conversas com Braida, aprendeu a preparar infusões e poções de plantas e bagas. Foram-lhe mostradas infusões de gramíneas usadas como sedativos. Uma preparação semelhante de alecrim era amplamente utilizada para a tosse. Comecei a compreender mais claramente o meu próprio amor apaixonado por alecrim, tomilho e alfazema.

Braida estava especialmente interessada em bagas. Isto é interessante porque os Cátaros são regularmente descritos como comendo bagas. Depois de receber informação de tal fonte, pergunto-me se esta prática seria medicinal além de dietética. Nos seus sonhos e visões, Miss Mills via-se a preparar poções com base em vinho. Trata-se de uma prática médica que perdurou até este século. Aprendeu que abrunhos em vinho eram um medicamento especialmente comum e útil, administrado como tónico após doenças debilitantes.

Tinha algumas dúvidas quanto a serem realmente abrunhos as bagas que via e ouvia descrever, porque pareciam excecionalmente grandes e também mais escuras do que as nossas. Eu próprio tivera o mesmo problema com as bagas que descobrira em setembro nas Gargantas de Frau, perto de Montségur. Também eram maiores do que as nossas e com menos pruína azul-acinzentada na superfície. No entanto, eram sem dúvida abrunhos.*

Miss Mills foi muito categórica quanto às roseiras-bravas e aos seus frutos. A sua descrição foi impressionante. “Têm uma forma diferente das nossas. São mais compridas e mais finas e menos inchadas na base.” Não sou especialista nas diferentes espécies de roseira-brava, mas qualquer pessoa pode verificar que o que ela disse é verdade olhando para os arbustos que crescem no Ariège. Os frutos da roseira-brava são uma fonte especialmente concentrada de vitamina C, útil no combate a infeções. Beber uma forte infusão desses frutos no século XIII produzia o mesmo efeito que ingerir mil miligramas de ácido ascórbico no século XX — uma prática comum para prevenir constipações.

Miss Mills não conseguia identificar muitas das bagas que via nos seus sonhos e na companhia de Braida. Eu próprio fiquei exasperado com a minha incapacidade de reconhecer muitos dos arbustos baixos e de folhas secas que crescem no Ariège e nas Corbières. Muitos desses arbustos produzem bagas. Na preparação das suas poções, os Cátaros tinham abundantes recursos locais.

Miss Mills mencionou também uma “planta baixa, algo atarracada, com grandes folhas verdes”. Estas eram usadas na preparação de uma poção. Não conseguiu identificá-la. Mais emocionante foi a descoberta de que os Cátaros usavam beladona e que esta era empregada exatamente para o mesmo fim que hoje. Miss Mills não sabia que a beladona deriva da planta conhecida como erva-moura mortal. É interessante que os Cátaros chamassem à planta pelo nome que usamos na medicina moderna. A loção era preparada a partir das folhas e usada no tratamento de problemas oculares. O

princípio ativo da beladona é a atropina, ainda hoje utilizada diariamente em hospitais oftalmológicos e noutros contextos em que a dilatação da pupila é aconselhável ou necessária.

Os Cátaros em Montségur especializaram-se, em certa medida, no tratamento de feridas. Para esse fim utilizavam raízes de plantas que Miss Mills conseguia descrever com perfeita clareza, mas que nem ela nem eu conseguíamos identificar. Uma das plantas tinha raízes semelhantes às da salsifis. Outra assemelhava-se a uma pequena beterraba, mas era rosa-pálido em vez de púrpura. Estas raízes eram limpas e trituradas numa espécie de almofariz antes de serem transformadas numa pasta, que era aplicada diretamente nas feridas.

Fascinante foi o uso de bolores no tratamento de feridas, antecipando em sete séculos o uso da penicilina. O que achei emocionante foi saber que uma espécie de musgo impregnado com bolor era especialmente valiosa. Quando Miss Mills me falava dessa preparação, interrompi-a para perguntar: "Era musgo de rena?" Ela confirmou que sim. Lembrei-me de como, na Primeira Guerra Mundial, nos diziam que esse musgo ainda era muito útil quando aplicado em feridas supurantes. Recordo-me de como fiquei entusiasmado, aos nove ou dez anos, quando o encontrei nas colinas de Cumberland. Enquanto ela falava, a memória desses dias foi particularmente pungente. Era apenas uma recordação — e, se era, até onde recuava?

Outra forma de terapia era a aplicação nas feridas de uma mistura aparentemente pouco higiénica de teias de aranha e bolores. As primeiras serviam para controlar hemorragias e os segundos para combater infeções. Miss Mills lembra-se particularmente de recolher teias de aranha. Tenho a impressão de que esta devia ser uma tarefa de noviciado. Era evidente que ela desfrutava das suas sessões terapêuticas com Braida. Falava com firmeza e intenso interesse daquilo a que chamava o Serviço de Saúde do Século XIII. Esta descrição difamatória não era justificada. Todas as provas indicam que os Parfaits eram gentis, sensatos, conscienciosos, de vasta cultura e dedicados aos seus pacientes.

Algum tempo antes, Miss Mills perguntara-me se o que a senhora idosa ditara nas suas mensagens se referia à sua própria vida ou à da precursora de Miss Mills, Esclarmonde. Eu não tinha conseguido responder de forma clara. Penso que os dois motivos estavam entrelaçados. Miss Mills tinha uma ligeira inclinação para pensar que as recordações diziam sobretudo respeito à própria carreira de Braida. Ela estava, afinal, a estabelecer a sua identidade e a oferecer um retrato convincente da época em que vivera. Mas, no que respeita ao tratamento médico, não havia dúvida de que os dois motivos eram inseparáveis. Tinham trabalhado juntas no século XIII. Após sete séculos, recordavam os seus interesses e ocupações comuns. Não há dúvida de que esta dedução é correta devido à mudança de enfoque que ocorreu então. Braida passou completamente ao tema da cura.

Poder-se-ia dizer que foi um acaso feliz que, com todo este interesse por plantas, bagas, bolores e musgos, Miss Mills fosse tão versada em história natural. Mas adotar

tal atitude seria não compreender a verdadeira natureza da operação. Nestes assuntos nada é fortuito. Miss Mills foi escolhida como veículo para a expressão do catarismo e do cristianismo primitivo porque possuía certas qualificações. Quando uma hierarquia espiritual atua na Terra, não o pode fazer sem recorrer ao bom senso. Braida falava a Miss Mills sobre bagas e plantas porque sabia que ela tinha experiência nessas matérias. Estava a continuar onde ambas tinham deixado numa encarnação anterior. Havia outras formas em que ela prosseguia diretamente a sua vocação passada.

Desde o verão de 1970 que Miss Mills continuava a ser inundada por pessoas que lhe pediam ajuda. Há já alguns meses que a natureza da ajuda que lhes prestava se tornara mais específica. Inicialmente, estendia compulsivamente as mãos às pessoas. Estaria agora a desenvolver a sua capacidade de curar? Não fiz qualquer comentário e esperei por mais provas. Algumas das pessoas que ela tocava comentavam o calor nos seus dedos e o "poder" que deles emanava. Diziam como se sentiam pacificadas e relaxadas depois de ela lhes tocar. Agora foi mais longe. A doentes com enxaquecas perguntava se se importariam que lhes acariciasse a testa. Fazia o mesmo pedido a pessoas com males menores comuns, como ombros fibrosíticos.

Pelo que pude observar, o que fazia era um movimento de deslizamento semelhante ao que os fisioterapeutas chamam *effleurage*. Era evidente que tinha um dom diagnóstico nas pontas dos dedos e que conseguia identificar as áreas de maior tensão nos músculos fibrosíticos. Em alguns casos, era claro que pressionava ou esfregava com mais força nas zonas mais resistentes. Havia indícios razoáveis de que possuía alguma capacidade de cura. Eu não sabia que a mulher e a hora se tinham encontrado e que, no momento em que estava pronta para beneficiar disso, iria receber instruções que aumentariam enormemente e de forma incomensurável o seu dom de cura.

A mudança franca e inequívoca para a cura ocorreu no final de dezembro de 1971. Em meados desse mês tive dois sonhos estranhos. Na noite de 13 sonhei que estava de volta a Oxford. Dentro de poucos dias iria prestar provas para obter um grau académico. Não tinha feito qualquer trabalho para tal. Estava dominado por um profundo sentimento de desperdício. Sentia que nunca deveria ter iniciado aquele curso em particular. Ao mesmo tempo, continuava a lembrar-me, mas apenas de forma intermitente, de que já possuía um benefício e uma qualificação médica. No entanto, fui a uma das aulas. Era dada por uma mulher de traços marcados e bela, e o tema era filosofia.

Não faço ideia do que foi dito na aula. Durante a sua duração eu estava a tomar uma mistura de beladona, em meias doses. Seria isto, em parte, um retorno ao uso cátaro da beladona para os olhos? Seria o propósito da aula fazer-me ver melhor? Contudo, o principal significado deste sonho era que, anos antes, me fora administrada tintura de beladona para o esvaziamento gástrico rápido que fora a maldição da minha existência. Este medicamento tinha sido o meu sustentáculo. Nos últimos anos antes de 1968 eu tomara doses de 74 minims talvez duas ou três vezes por ano, durante períodos de dois ou três dias. Utilizara esta dosagem modesta porque não desejava tomar mais

medicamento do que o necessário e também porque, se o tomasse por mais de dois ou três dias, ficava nauseado.

O medicamento não tivera esse efeito quando me fora prescrito pela primeira vez. Tornara-me nauseado porque, em diferentes períodos da vida, o corpo rejeita medicamentos que anteriormente tolerara. Quando se passa para um plano psíquico, essa tolerância a drogas e álcool é frequentemente reduzida. Havia outra razão, mais poderosa. Nessa altura eu estava a regressar às minhas raízes cátaras. Estava a aceitar a forma como fora feito e a reagir menos às inevitáveis falhas da minha constituição. Desde a minha doença em 1968 não voltei a tomar uma única dose de beladona. Os médicos não queriam que o fizesse porque receavam que pudesse acelerar o meu pulso.

Interpreto este sonho como significando que a minha abordagem à vida e às pessoas devia agora ser mais total e filosófica. O facto de eu estar a tomar meias doses de beladona durante a aula traduz-se, para mim, na ideia de que, embora deva sair dos limites daquilo a que se chama ciência, não devo abandonar o que aprendi com ela e que devo continuar a utilizá-la quando for útil. Devo, na verdade, usá-la em meias doses. Foi significativo que a docente fosse uma mulher. Pode atribuir-se isso à minha preocupação com a Deusa-Mãe ou com o princípio eterno feminino. Como o sonho ocorreu naquele momento específico, pergunto-me se não deveria voltar-me um pouco mais positivamente na direção de Braida. Certamente que, dentro de quinze dias após este sonho, me foi apresentado outro conceito de medicina.

Antes de Miss Mills receber a sua instrução mais específica em cura, ocorreu um fenómeno que, para mim, foi fascinante. Ela captou uma ou duas palavras da língua de Braida. Não podia ter a certeza de que a grafia estivesse correcta. Era uma língua dura e gutural, difícil de interpretar. Uma das palavras que obteve nessa altura foi *potentia*. Escrevi a André Maynard, poeta occitano e francês laureado da Académie Française. Ele identificou a palavra como significando poder. Pelo contexto em que foi pronunciada, é claro que Braida se referia ao poder de curar. Entre outras palavras que surgiram estavam *estancon* e *pel*. Quando visitei André Maynard em julho de 1972, tinha sobre a sua mesa o que em occitano se chama um *estancon*. Trata-se de um recipiente concebido de tal forma que dificulta a saída do líquido pela abertura. É significativo que Miss Mills tenha captado esta palavra numa conversa sobre cura.

Teria o *estancon* sido usado para conter uma das poções de Braida? *Pel* tem diferentes significados. Pode significar tanto a pele de um animal como pergaminho. O significado desta última palavra era claro. Ao longo de várias semanas, Miss Mills via pergaminhos cobertos de escrita. Embora o conhecimento do occitano fosse desnecessário para Miss Mills, que estava em contacto psíquico direto com Braida, percebe-se claramente por que razão, há oito anos, fui conduzido a Ash Hanson que, dedicado à cultura muito diferente da matemática, aprendera provençal muitos anos antes. Era necessário que eu tivesse, através de outros, uma familiaridade ligeira com essa língua, para satisfazer a minha própria natureza crítica e para transmitir conhecimento aos de inclinação racionalista.

O que era absolutamente claro era que, para Braida, a cura era essencialmente uma questão de usar as mãos. Ela dividia o processo em duas categorias, a de baixa e a de alta potência. A segunda caracterizava-se por calor e vibração nos dedos do curador e na carne do recetor. Nas suas primeiras explicações limitou-se à questão do calor.

A cura era realizada colocando ambas as mãos sobre o corpo do paciente. Esta era a base do ministério. Sempre duas mãos, e sempre imóveis. Pensei imediatamente na cerimónia cristã primitiva da imposição das mãos. Não podia deixar de o fazer, porque esta era a base do Consolamentum. Mas, se alguma vez pensei que este rito consistia apenas em colocar as mãos sobre a cabeça dos recipientes, desejar-lhes paz e relaxá-los um pouco, rapidamente fui desiludido. Descobri que a imposição das mãos não era apenas uma arte, mas uma ciência baseada na anatomia. Era infinitamente mais do que um símbolo religioso. Podia ser aplicada a muitas partes do corpo e para muitos fins.

É impossível apresentar as instruções de Braida pela ordem em que surgiram. Isto porque grande parte do conhecimento de Miss Mills derivava de respostas às suas próprias perguntas. Ela adotou cedo o hábito de interrogar a sua visitante noturna. Quando descobri que isso estava a acontecer, senti que não seria eficaz. Era tão contrário à minha própria regra: "Não perguntes e talvez te seja dado." Na verdade, havia certos tipos de perguntas a que Braida nunca respondia, mas no que dizia respeito ao seu próprio tema da cura era completamente acessível.

Os princípios fisiológicos subjacentes à imposição cátara das mãos eram radicalmente diferentes de tudo o que eu conhecera anteriormente em qualquer sistema de massagem ou relaxamento. Para minha surpresa, aprendi que se baseava em certos pontos ósseos do corpo. Teria pensado que os grandes centros nervosos e circulatórios seriam marcos mais prováveis. Certamente a cabeça e o plexo solar ocupavam lugar proeminente no sistema, mas, na maior parte dos casos, os pontos onde as mãos eram colocadas eram determinados em relação a estruturas ósseas.

Ao tratar uma lesão patológica, as mãos eram colocadas nos dois pontos entre os quais se situava a área afetada. Por exemplo, para tratar uma lesão do ombro, uma mão era colocada no ponto apropriado na nuca e a outra na área prescrita nas proximidades do cotovelo. Todo o sistema se baseava em colocar as mãos em duas das partes fixas mais convenientes, de modo que a área afectada ficasse encerrada entre elas.

Um método alternativo era colocar uma mão sobre a área inflamada ou afetada e a outra no ponto fixo mais próximo. Sublinhava-se, contudo, que este método não era mais eficaz do que colocar ambas as mãos nas áreas prescritas com a lesão patológica entre elas.

A técnica de Braida era radicalmente diferente da geralmente utilizada na massagem contemporânea. Era hostil à ideia de amassar ou exercer pressão sobre qualquer músculo. Se se tratasse de uma área de fibrosite, o objetivo era relaxar todo o músculo ou grupo de músculos na vizinhança. Isto aliviava ou curava a condição sem um ataque frontal direto e brutal à parte afetada.

De um modo geral, havia dois tipos de cura. Num, a cura ocorria pelo alívio da tensão; no outro, o paciente era também recarregado. Era a diferença entre, por um lado, acalmar as pessoas e aliviar as suas dores e, por outro, restaurar-lhes a força. Segue-se que, em termos gerais, as primeiras técnicas eram usadas para lesões locais e menos graves, e as segundas para condições mais sérias, prolongadas e generalizadas. Quando as "baterias" precisavam de ser carregadas, utilizava-se a área do plexo solar e diferentes regiões do crânio.

Importa deixar claro que este não era um sistema de fisioterapia tal como o entendemos. No Languedoque do século XIII não se inscrevia o nome na equivalente à Chartered Society of Physiotherapists, apresentava-se prova de boa educação e pedia-se formação. Havia certamente formação e, pelo que sei de ambos os sistemas, o anterior seria pelo menos tão intensivo como o atual, que produz tantos aplicadores confiantes de calor e eletricidade. Uma coisa é irrefutável. No Languedoque, a seleção dos candidatos era extremamente rigorosa. As pessoas eram escolhidas porque revelavam uma capacidade positiva e inata de curar.

Ao contrário de opiniões recentes e algo desesperadas, essa capacidade só é concedida a uma minoria. A ideia de que todos somos curadores latentes é uma das ilusões tristes e débeis de uma democracia moribunda. No Languedoque, a instrução em cura era dada por aqueles com forte capacidade curativa, cujos dons tinham sido reforçados por abnegação, meditação e ascetismo. Não conheço equivalentes disso na associação da Chartered Society of Physiotherapists.

Quais são os sinais de que este misterioso processo de cura está a ocorrer? Talvez os mais conhecidos sejam as sensações de calor e formigueiro nas mãos do curador e na pele do recetor adjacente às mãos. Braida disse que o calor não era inevitavelmente sentido no ponto de contacto das mãos. Podia ser experimentado noutras partes do corpo. Eu sabia que isso era verdade. Eu próprio sentira calor na face externa das pernas, entre o joelho e o tornozelo, na presença de um curador.

Fiquei surpreendido ao saber que o calor e o formigueiro não eram os sinais mais importantes de cura. Quando esta operava no seu máximo, tanto o curador como o curado sentiam vibrações nas mãos e antebraços do primeiro. Não se limitava a uma sensação de vibração. Por vezes ocorriam tremores controlados e rítmicos. Estes podiam ser sentidos e vistos pelo paciente. O que mais me interessou foi que o máximo da cura era alcançado quando curador e paciente estavam conscientes de uma sensação de pulsação. Esta ocorria nas mãos do curador e nos tecidos que tocavam.

Era apenas humano que Miss Mills precisasse de mim como cobaia. Uma pessoa da minha idade e com o meu historial médico pode sempre oferecer algumas lesões. Sofria de um ombro congelado. O médico honesto e competente que consultara dissera-me o diagnóstico e o tratamento — ou a ausência dele. Disse que um pouco de calor poderia torná-lo mais confortável, se eu fosse sensível a isso, mas que ele próprio não tinha confiança na fisioterapia para essa condição. Curiosamente, na noite anterior a

Miss Mills me pedir que me sacrificasse pela causa — seria da ciência? — eu estivera mais perturbado do que há muito tempo pela dor no ombro.

O resultado foi incrível. A dor desaparecera na manhã seguinte. A diferença na mobilidade do meu ombro foi espantosa.

Noutra ocasião eu estava muito cansado e sofria de sinusite. Miss Mills colocou as mãos nos pontos apropriados da minha cabeça. Senti, em segundos, um calor intenso e formigueiro tanto nas mãos dela como na minha cabeça e pescoço. Após talvez um minuto, senti uma vibração fina nos dedos da sua mão esquerda que tocava a minha testa. Esta intensificou-se num tremor evidente e visível que se espalhou dos seus dedos até ao cotovelo. Esse tremor era completamente incontrolável e igualmente não histérico. Miss Mills não ficou minimamente perturbada. Estava radicalmente transformada desde que começara a conversar livremente com Braida. Isso não é surpreendente. Não é dado a todos receber conselhos práticos de alguém com a experiência adicional de falar a partir de outro mundo.

A certa altura disse-lhe para deslocar a mão esquerda cerca de 1 polegada para a esquerda da área prescrita. Foi como se o calor tivesse sido desligado como uma luz. Quando voltou a colocar a mão no sítio original, o calor regressou ao fim de dois ou três segundos.

Sentindo que estava a conseguir alguma coisa, Miss Mills manteve as mãos durante muito tempo sobre a minha cabeça. Eu senti como se estivesse a ser inundado por um poder intenso que mal conseguia suportar. Era como se sentisse as pulsações de eletricidade de uma bateria demasiado forte para mim. Aguentei porque não queria ferir-lhe os sentimentos. Por fim, terminei a sessão. Não havia sinal da minha sinusite nem da dor de cabeça que a acompanhava. Também não havia certamente qualquer questão de eu me sentir cansado. Estava eriçado e excessivamente tenso de energia. Sentia-me como um tigre enjaulado. Foi dramático, esclarecedor e um pouco desconfortável. Na manhã seguinte senti que podia lutar por um reino.

Eu estava ansioso por esclarecer esta questão da dosagem. Mencionei isto a Miss Mills com alguma timidez. Não fazia ideia de que ela levantaria a questão a Braida na visita seguinte desta. Eu próprio tinha reservas em dirigir perguntas diretamente aos oráculos. Achava que se devia esperar que falassem primeiro. Certamente, na Grécia antiga consultavam-se frequentemente os oráculos, mas esses eram seres vivos.

Com certeza que era diferente dirigir-se diretamente a entidades desencarnadas. Eu ainda me agarrava ao meu velho axioma de que, sempre que se bate, a porta fica fechada. Mas Braida deu a sua opinião com grande precisão e clareza. A dosagem não podia ser estimada em termos de tempo. Só se podia orientar pelos resultados. Isto é um comentário triste sobre uma civilização que mede a dose de infravermelhos com um relógio.

A sensação de vibração só ocorria se houvesse algo de muito positivo a tratar. Não podia ser evocada pelo simulador. No que respeita ao aspeto de longo prazo do

tratamento, o curador prosseguia até já não conseguir sentir a prova da sua própria capacidade de curar. As vibrações e pulsações diminuíam à medida que o paciente melhorava. Quando desapareciam, não havia razão para continuar. Em geral, era altura de parar se o curador se sentisse esgotado e se, em qualquer momento, notasse que não havia sinal de atividade curativa nas mãos e nos dedos.

A sensação, por parte do paciente, de que o tratamento era demasiado poderoso não era sentida em condições físicas localizadas como um antraz ou um ligeiro episódio de fibrosite. Não surgia a menos que pelo menos uma das mãos estivesse sobre um dos dois grandes centros recetores, a cabeça e o plexo solar. Quando ocorria, era melhor, se possível, que o paciente "ultrapassasse a sensação". Se aguentasse tempo suficiente, descobriria que beneficiaria especialmente daquilo que recebia precisamente quando julgava já não poder suportar mais.

Eu pensava que a sensação de uma grande bateria dirigida a mim era o que Braida queria dizer por pulsação. Não era esse o caso. O que senti quando as mãos de Miss Mills foram colocadas sobre a minha cabeça foi uma sensação de uma energia vibratória forte e rítmica. Esta era a espécie particular de pulsação de Braida. Desenvolvi fibrosite no pescoço por ter conduzido num dia frio com uma janela aberta. Miss Mills colocou as mãos nos locais descritos. Muito cedo senti a batida dos vasos sanguíneos nas próprias mãos dela e no meu pescoço. Quando terminou, vi ao espelho que as minhas próprias artérias carótidas estavam a pulsar de forma visível e vigorosa. Voltaram à amplitude normal em dois minutos. Não podia haver dúvida de que a pulsação descrita era circulatória.

Outro ponto de instrução foi que o curador deveria usar, tanto quanto possível, a palma da mão. Esta forte ênfase na palma surpreendeu-me. E surpreendeu-me também o facto de Miss Mills acrescentar: "Ela disse-me o mesmo que tu tinhas dito."

"Mas eu disse isso?", perguntei.

"Disseste, sim."

Eu não conseguia, por nada deste mundo, perceber por que motivo teria feito tal afirmação. É óbvio para mim que este uso das mãos na cura vinha a irromper do meu subconsciente há muito tempo. Durante os dois anos anteriores à minha reforma, eu estivera obsessivamente preocupado em encontrar instrução em massagem para uma antiga paciente. Eu estava convencido de que a sua depressão recorrente se devia à inibição do seu dom de cura. Eu estava satisfeito de que ela tinha um enorme poder de cura nos dedos. Vi essa paciente durante o período em que Braida estava a instruir Miss Mills na imposição das mãos.

Houve uma mudança notável em Miss Mills desde que começou as suas conversas com Braida. Disse que se sentia maravilhosamente melhor e que não conhecia tal paz havia anos. Deixara completamente de perguntar por que razão isto lhe acontecia. Tinha um claro sentido de destino e de propósito. Isso dificilmente poderia ser de outro modo, pois aprendera com Braida como estivera ocupada na sua outra encarnação. Era claro, a

partir das conversas, que ela tinha sido Esclarmonde de Perella e que fora treinada como curadora.

Tinha também recebido um curso de meditação. Quando discutiu este assunto com Braida, esta disse que, nesta vida, ela não precisava de fazer nada senão esvaziar a mente quando se sentisse cansada. Na vida anterior adquirira uma consciência mais elevada através da prática de meditação. Fizera-o como preparação necessária para a cura. O seu relaxamento nesta vida deveria ser ir para o campo e olhar para as flores. Era algo que Miss Mills já tinha compreendido. A consciência que aprendera com a meditação na vida anterior dera-lhe um olhar incrivelmente apurado para os pormenores da natureza.

Braida era fascinante sobre o tema da meditação. Nunca falava disso senão em relação à cura. Era claro que esta era a sua maior preocupação. Dizia que a meditação era essencialmente um processo passivo de deixar ir e permitir que as baterias recarregassem. Quando o indivíduo estava suficientemente relaxado e restaurado, tornava-se mais recetivo ao que lhe podia dar força. Para ela, era só isso. Não aconselhava qualquer procura de "eus superiores". Não encorajava o desejo obsessivo de se aperfeiçoar, característica de tantos sistemas modernos de meditação.

Miss Mills já tinha recebido instrução do bispo de cara rechonchuda sobre os voos mais elevados da meditação, mas Braida era prática e com os pés na terra. Era a mentora ideal para Miss Mills. Tinham sido feitas uma para a outra tanto no século XIII como no século XX. Quando, mais tarde, Braida regressou à questão dos aspetos mentais, distintos dos manuais, da cura, abordou uma das manifestações menos abstratas e mais facilmente visíveis. Ao discutir o caso de feridos graves, disse que, em casos maus, antes de se proceder à cirurgia, os doentes eram relaxados pela imposição das mãos, após o que eram hipnotizados.

Estava agora perfeitamente claro para mim que Miss Mills tinha mais do que um guia. Braida, apesar de toda a sua gentileza, era tão eminentemente prática e clínica que não se podia imaginá-la em discussões sobre a natureza do tempo. Senti que as mensagens filosóficas de Miss Mills vinham de outra fonte.

Começa-se agora a perceber por que motivo os primeiros cristãos davam tamanha ênfase à imposição das mãos. Uma das duas injunções primárias que lhes eram exigidas era que curassem os doentes. Era evidente que a imposição das mãos era uma das suas principais técnicas — e talvez a mais importante de todas. Podemos ver por que razão, quando o cristianismo não contaminado regressou ao Languedoque no século XIII, este rito recuperou a sua importância. É óbvio que, desde o início, foi uma arte e uma ciência. Entre os primeiros cristãos, o sacerdote e o médico eram um só.

O leitor poderá ficar desapontado por eu não fornecer todos os pormenores dos pontos de contacto usados pelos Cátaros na cura. O currículo da educação anterior de Miss Mills deve fornecer a resposta. Ela foi instruída porque tinha capacidade de cura. Foi arduamente treinada. Foi instruída nas meditações necessárias, nos medicamentos prescritos e, como veremos mais tarde, em tratar feridas. Mesmo assim, ao fim de anos,

só então estava pronta para iniciar o uso das mãos na cura. A sua carreira foi interrompida pela sua morte na fogueira. Teve de esperar sete séculos para retomar onde tinha ficado. Nesta vida só poderia começar nos seus quarenta anos. Está a praticar algo que requer uma capacidade inata e um aprendizado de mais de uma encarnação. Se isto parecer fantasioso, o meu próprio caso, a seu tempo, ilustrará que, nestas matérias, não há cursos intensivos.

O meu próprio período de qualificação excedeu uma encarnação. Esta longa aprendizagem não se destinou principalmente à aquisição de conhecimento. O seu objetivo principal foi desenvolver a capacidade de curar em pessoas especificamente dotadas. É completamente inútil que pessoas sem capacidade de cura pratiquem esta versão científica da imposição das mãos. O que digo não é motivado por qualquer amor ao mistério ou por ser oculto pelo simples gosto de o ser. No mínimo, é improdutivo, desapontante e por vezes perigoso que estas técnicas sejam praticadas por entusiastas impacientes. Não adianta nada as pessoas andarem por aí a impor as mãos a outros e a esperar que a pele lhes fique quente. É igualmente inútil que um terapeuta ortodoxo, sem poder de cura, adote estas técnicas.

7

Enquanto Miss Mills via e conversava com Braida, continuou a ter sonhos e visões de pessoas com vestes azuis. Ouvia-as pregar dentro e fora de um castelo, mas sobretudo em florestas. No final de 1971, cinco dessas pessoas eram reconhecíveis. A primeira era Braida* e a segunda era o homem de cara rechonchuda, que sempre se destacava por parecer tão bem-disposto e por estar constantemente a sorrir. Era apropriado que ele lhe causasse grande impressão, porque é um dos Cátaros mais conhecidos. A terceira pessoa era uma rapariga nos seus vinte e poucos anos, de cabelo claro e olhos azuis e de estatura inferior à média.

Miss Mills viu esta rapariga várias vezes e concluiu que era ela própria. Não temos provas de que tivesse razão, a não ser a sua exatidão noutras matérias. O quarto rosto a surgir e a repetir-se foi o de um Parfait que ela viu várias vezes e de quem se lembra especialmente por dar uma palestra numa sala a pessoas sentadas em torno de uma mesa. O tema da palestra era que uma mesa era um símbolo importante. Era um centro em torno do qual uma família se reunia. Era um lugar onde amigos podiam discutir as coisas pacificamente. Cristo comera à volta de uma mesa com os seus discípulos. Era importante lembrar o significado simples de tal encontro. Era apropriado que pão e vinho fossem partilhados à mesa por aqueles que se amavam uns aos outros. Era óbvio que o orador escolhera o seu tema deliberadamente. Restos de pedaços de pão ainda estavam sobre a mesa.

Naqueles dias era hábito dos simples *croyants* recolher migalhas de pão deixadas pelos Parfaits. O pregador falava de forma simples mas boa. Era um homem alto e magro, não especialmente bonito, mas com traços agradáveis e uma expressão afável. A sua característica mais memorável era um nariz romano proeminente. Quando Miss

Mills o descrevia como alto, era em relação às pessoas à sua volta. Não era alto pelos padrões atuais.

Depois de este homem ter surgido duas ou três vezes nos seus sonhos e visões, ela soube que era eu. Disse que ele usava um cinto e uma fivela semelhantes aos usados pelos bispos e pelos graus superiores do clero cátaro.

** Ela nunca viu Braida no castelo nem nas suas imediações. Morreu antes do cerco de Montségur.*

No início, achei isto confuso. Em *The Cathars and Reincarnation* eu nunca definira verdadeiramente o meu estatuto como cátaro. Tinha dado a impressão de que era uma espécie de sacerdote em vias de o ser. Parecia presunçoso considerar-me como tendo sido um Parfait. Creio também que o meu anti-clericalismo inato me tornava relutante em acreditar que alguma vez tivesse pertencido ao clero. Acima de tudo, como poderia eu ter sido um Parfait plenamente constituído e ter tido uma associação com Puerilia? É estranho que, na altura em que escrevi *Os Cátaros e a Reencarnação*, a resposta óbvia nunca me tivesse ocorrido.

Eu vivera intimamente com Puerilia antes de receber o Consolamentum. Isso era permitido. Pessoas que tinham tido tais ligações mantinham-se com as suas mulheres do mesmo modo que maridos e esposas que pretendiam vir a ser Parfaits permaneciam juntos até serem efetivamente recebidos. Fiz poucos comentários quando Miss Mills mencionou isto pela primeira vez. Eu precisava de mais prova do que esta.

Mrs. Smith sempre insistira que eu usava uma fivela. Referiu-se a isso muitas vezes, verbalmente e em cartas. Era obviamente muito importante para ela. As versões da fivela dadas por Mrs. Smith e por Miss Mills diferem, mas o sinal *vel*, tão importante para a primeira, é comum a ambas. A minha explicação é simplesmente que Mrs. Smith recordava parte da fivela e Miss Mills a estrutura completa.

Quanto ao posto de Roger, nunca houve qualquer questão de ele ter sido bispo. Ao que parece, era algo mais do que um Parfait comum.

Não interroguei muito Miss Mills sobre o assunto de Roger-Isarn. Não queria influenciá-la nem no mais leve grau. Mas ficou claro, nas suas conversas com Braida, que eu tinha sido Roger-Isarn de Fanjeaux. Miss Mills disse-me que eu fora mais importante do que pensava. Falava baixinho, com compaixão, como se viesse de um mundo real em que os erros das minhas próprias especulações eram corrigidos. Eu tinha sido algo acima do posto de um Parfait comum. Estava constantemente com o bispo. Sempre pensei que, como Roger, não era alguém muito exposto ao olhar público.

Parecia que nisso eu estava certo, exceto quanto à minha pregação. Eu era sobretudo um erudito e dado à filosofia. A minha principal preocupação era a natureza do tempo. Isto fez-me parar subitamente. Nos últimos dois ou três anos tenho dado palestras de norte a sul do país. Têm versado assuntos tão diversos como a natureza da cura, a reencarnação, uma visão cósmica da medicina e os aspetos vibracionais da

doença. Quem me ouviu confirmará que, nestes temas variados, a natureza do tempo sempre apareceu como denominador comum.

Isto aplica-se também aos livros que escrevi nesses anos sobre obsessão e sobre o meu conceito do homem como transmissor. Deve ter-se notado até que ponto a minha preocupação com a experiência intemporal reaparece neste livro. Houve também o episódio extraordinário da nota no diário de Miss Mills no dia em que fiz o meu discurso em Paris. Ela perguntara, sem razão tangível, se eu iria desviar-me do meu tema habitual para abordar a natureza do tempo. E, de facto, foi isso que fiz — e com bom efeito. Foi extraordinário saber que eu transportara tanto de uma encarnação para outra.

Braida disse que eu sempre me fascinara pela questão da cura, mas que nunca recebera qualquer treino nela. Isto confirma o que Mrs. Smith já dissera sobre mim. Eu gostava de recolher ervas e de preparar as minhas próprias medicinas. Eu ponderava constantemente se devia entrar mais no mundo ou retirar-me dele. Estaria eu dividido entre a cura e uma filosofia mais profunda? Não posso responder a estas perguntas. Tudo o que sei é que um rapaz de Cumberland, no início da adolescência, com grande amor pelo campo, aptidão para a literatura e a história e incapacidade para lidar com matemática e matérias científicas, decidiu subitamente ser médico e condenou-se a estudar assuntos em que era medíocre e inepto.

Eu sabia que Braida se interessava muito por mim. Era evidente que me conhecia bem nesta vida e na anterior. Estou certo de que foi ela quem, desde o princípio, indicou que eu era digno de confiança. Sabia o que eu estava a pensar e a sentir. Aconteceu algo que o ilustrou de forma marcante. Este episódio forneceu também um exemplo vívido da doutrina cátara das duas energias básicas do bem e do mal. Miss Mills desenvolveu aquilo a que chamou uma constipação. Isto foi seguido de sinusite.

Por si só, isto não pareceria de grande importância, exceto pelo facto de Miss Mills raramente apanhar constipações. Embora não tenha deixado de trabalhar, descreveu-se como se sentindo absolutamente horrível. Isso estava longe do seu estado habitual. Depois de alguma hesitação, disse-me que acreditava que tudo aquilo se devia a um homem que encontrara no âmbito do trabalho. Já se tinham encontrado várias vezes antes. Em cada ocasião, ela sofrera um ataque de vómitos. Estava certa de que a sua condição presente fora causada pelo contacto com esse homem. Só se encontrara com ele formalmente, em contexto profissional, mas atribuía esses efeitos à presença dele.

Andou arrastada três ou quatro dias dizendo que se sentia abominavelmente. Perguntou-me se eu acreditava que a doença podia ser induzida pelo mal e o que se poderia fazer a esse respeito. Disse-lhe que acreditava ser possível e que a consciência de que este processo pode ocorrer é a melhor proteção. Insatisfeita com isto, expôs o caso a Braida, que apareceu nessa noite. Esta disse que nada tinha a acrescentar ao que eu dissera. Foi firme com Miss Mills e disse que ela fora estúpida por não me ter consultado mais depressa. Disse-lhe para me pedir que lhe tratasse a sinusite pela

técnica que ensinara a Miss Mills. Disse: “Isso vai fazer-lhe bem. Ele não vai acreditar que consegue fazê-lo até experimentar.” Ela conhecia certamente o meu ceticismo e cautela inatos. As suas instruções foram específicas. Prescreveu quatro tratamentos.

Na noite seguinte, Braida não apareceu. A meio dessa noite, Miss Mills teve uma sensação estranha. Sentiu-se imensamente forte. “Foi como se me tivessem dado uma injeção imensamente poderosa.” Braida estava a enviar alguma força enorme em substituição da sua presença.

No dia seguinte iniciei o tratamento prescrito. Dei o número de sessões exigido. Não pensei que a última fosse necessária. Miss Mills recuperou rapidamente. Dificilmente poderia ser de outro modo. Algum tempo antes, Braida dissera que, quando há um contacto psíquico que vem de outra encarnação, os dois indivíduos envolvidos podem curar-se mutuamente de males físicos.

Miss Mills perguntou-me mais do que uma vez se eu tinha visto Braida. Disse que tinha a certeza de que um dia eu a veria. Perguntou a Braida se ela me visitara. Ela respondeu: “Estou muitas vezes lá, mas não creio que ele tenha consciência de mim.” Eu nunca a vi. Por vezes sinto algo nas proximidades e, por alguns instantes, tenho uma espécie de formigueiro, uma consciência interior subtil, mas nada se concretiza. O que é fascinante, e mais importante para mim enquanto médico, é que, em várias ocasiões em que Miss Mills praticou comigo a imposição das mãos, voltei a sentir o formigueiro agudo e subtil no lado esquerdo da língua que eu experimentara quando sofria de enxaqueca sensorial.

Nessa altura, eu estava convencido de que essa sensação era sinal de que estava a captar as vibrações de entidades desencarnadas. Eu não sofria desse sintoma há anos. Reapareceu quando eu estava a receber de Miss Mills a imposição das mãos. Isto só pode significar que a própria Braida está presente nesses momentos e que as mãos de Miss Mills são literalmente guiadas. Embora eu não a veja, senti por vezes que ela está perto de mim. É difícil descrever as minhas sensações nesses momentos. Há uma sensação de sair do tempo e de a atmosfera vibrar. O que tenho a certeza é que as minhas ideias sobre diferentes assuntos foram influenciadas por ela.

No que diz respeito a conceções como almas de grupo e reencarnar para um propósito comum, avancei muito em pouco tempo. Sei que Braida tinha opiniões firmes sobre este assunto. Não o via como uma sutileza metafísica, mas como uma característica básica da doutrina cátara que deveria ser amplamente conhecida. Aprendi muito simplesmente ao conversar com Miss Mills. É inútil perguntar há quanto tempo ela ou eu temos sido sujeitos a tais influências. Quando falamos do tempo, só o podemos fazer na medida em que é registado pelas nossas personalidades. Do ponto de vista de onde eles falam, estão fora do tempo, e a nossa conversa com eles é também essencialmente uma experiência intemporal. Grande parte do material filosófico que Miss Mills recebeu dizia respeito à natureza do tempo. Não posso pensar que isto tenha tido origem em Braida. Ela não era desse tipo. Se estas ideias vieram de um dos guias, foi do bispo. No entanto, Braida era o veículo mais imediatamente acessível. Talvez os

ensinamentos do bispo e de outros lhe fossem transmitidos através dela. Ela era, tal como Miss Mills, mais um veículo na cadeia que se estendia até mim.

Um dos fenómenos mais extraordinários de toda esta história ocorreu no início de fevereiro de 1972, no dia em que eu tinha falado a Miss Mills sobre as minhas intenções literárias. Eu dissera que não sabia o que escrever a seguir, depois de terminar este registo. Disse que gostaria de me soltar em algo um pouco mais lírico. Citei o tema de uma alegoria poética que tinha em mente. Perguntei-me se deveria baseá-la em Montségur.

Não mencionei a Miss Mills a minha intenção de escrever sobre a influência do Dualismo na prática da medicina. Nada disto era de importância premente, mas por alguma razão Miss Mills parece ter levado a sério. Antes de se deitar nessa noite, dirigiu-se a Braida. Esta apareceu imediatamente no quarto iluminado. Foi a primeira vez que aparecera a pedido. Miss Mills disse: "Devo ter ficado completamente chocada. Juro que ela se riu por me ver tão surpreendida."

Braida lidou com o problema com a sua habitual mundanidade. Disse que, muito obviamente, eu devia fazer aquilo que mais me agradasse, mas que, mesmo que fizesse uma alegoria poética, deveria introduzir de algum modo um tema dualista. Isto não era propaganda. Ela reconhecia que o Dualismo estava a desempenhar um papel tal na minha vida que eu não deveria evitar a sua influência. Advertiu, de forma muito enfática, contra eu escrever demasiado liricamente. Isto era puro bom senso.

A importância contemporânea do catarismo tem sido por vezes obscurecida por um romantismo debilitado. Prosseguiu com a sugestão de um livro sobre a influência do Dualismo na medicina. Isto coincidia de tal forma com as minhas ideias anteriores sobre o assunto que não pude deixar de pensar que estas tinham tido origem nela.

Miss Mills disse que Braida não emanava qualquer atmosfera de grande piedade. Ela adorava vê-la porque era tão encantadora e bem-disposta e por causa da paz que irradiava dela. Tinha a mesma sensação em relação aos Parfaits masculinos que encontrava. Nenhum deles era santimonioso, nem sequer demonstravelmente piedoso. Descreveu-os como "um tipo de gente robusta". Disse que, em geral, tinham traços clássicos, mas que os seus rostos eram mais ossudos do que os das estátuas gregas. Esta é uma descrição suficientemente boa de muitos habitantes atuais do Languedoque. O bispo baixo e de cara redonda era menos robusto do que os outros.

Miss Mills continuou a ajudar os seus protegidos por uma modificação do que Braida lhe ensinara. Três vezes, nos meses de janeiro e fevereiro de 1972, pessoas diferentes fizeram o mesmo comentário. Cada uma lhe perguntou, de maneiras diferentes e com manifestações diferentes de timidez, por que razão as suas mãos tinham ficado como as de uma velha. Porque é que as articulações dos dedos estavam tão nodosas?

"Então, estão?", perguntei eu.

"Foi assim que as vi. E era assim que estavam. Olha, agora já diminuíram."

Ela estendeu as mãos. Não podia haver a menor dúvida de que as articulações ainda estavam inchadas. Ela insistiu que estavam menos do que anteriormente. O que era mais importante era que não havia sinal de qualquer inflamação recente ou atual. A condição tinha o aspeto de ser degenerativa e devida à idade. Não era uma manifestação de artrite reumatóide, como a que geralmente afeta pessoas de idade menopáusica ou mais cedo.

Era, essencialmente, a osteoartrose de uma pessoa idosa. Apalpei-lhe os dedos com os meus. Miss Mills está na casa dos quarenta. Tem vinte e três anos a menos do que eu. Não se pode dizer que eu esteja extraordinariamente bem conservado, mas as articulações dos meus dedos estavam menos inchadas e deformadas do que as dela. Ela não tinha reparado nesses sinais antes de lhos terem apontado. Não eram acompanhados de dor.

O que isto significa é que ela assumiu a forma da artrite senil da senhora idosa (Braida), mas sem os sintomas. Nesta vida, quando se assumem os sintomas dos pacientes, isso costuma acontecer por um período breve. Temos o quadro completo da doença em miniatura no espaço de um dia, após o que a condição desaparece. Esta transferência de sintomas de um mundo para outro é outra questão. Não posso alongar-me sobre isto porque só o encontrei em Miss Mills. Depois de sete séculos, ela tem o testemunho silencioso e eloquente das marcas do archote ardente nas costas. Este fenómeno é tão notável quanto a sua aquisição de sintomas de alguém morto há sete séculos mas regressando como entidade desencarnada. O que descrevo não é o mesmo fenómeno que permite às pessoas ver como as mãos dos curadores mudam quando estão a trabalhar.

Dizia-se que, por vezes, quando estão a trabalhar, as mãos mudam, mas esse tipo de transformação ocorre apenas enquanto estão a trabalhar. Eu vi e senti nos dedos de Miss Mills uma alteração reconhecível e patológica que durou duas ou três semanas. De qualquer ponto de vista ortodoxo, a reversão de articulações osteoartrósicas para o normal é impossível.

A história da vinda de Braida para a vida de Miss Mills é muito interessante para aqueles para quem a base da vida é vibracional. Esta perspetiva parece-me incontestavelmente verdadeira. Toda a vida é energia e toda a energia é vibratória. Miss Mills tornou-se primeiro consciente da voz de Braida através do zumbido nos ouvidos (*tinnitus*), que era um sintoma da sua síndrome de Menière. Braida não causou esse sintoma. Miss Mills era ela própria responsável por ele, porque inicialmente resistiu à mensagem.

Depois, a voz irrompeu durante o dia. Foi isso que Miss Mills, de início, descreveu como uma voz interior e que gradualmente se tornou mais audível. Depois, para garantir que o seu significado fosse devidamente compreendido e que as suas próprias credenciais fossem estabelecidas, a voz ditou mensagens à noite. Em seguida, a natureza das vibrações mudou, de modo que Braida se materializou por via de visão em

vez de som. Primeiro surgiu a partir da escuridão e depois apareceu, a pedido, num quarto iluminado.

Eu não rezo. Sou incapaz de uma súplica formal a uma divindade. Isso dirige demasiada atenção para mim próprio e o Deus a quem me dirigi pareceu-me demasiado distante. No entanto, nos últimos dois anos fiz um pedido simples a não sei quem ou o quê. Esta é a única intercessão que alguma vez me ajudou e, depois de a proferir, sinto-me em paz. As palavras não ditas são: "Tu que estás perto de mim, ajuda-me." No passado perguntei-me a que estava a falar e como isso se relacionava com a minha psique. Haveria uma presença perto de mim e seria Braida?

Enquanto Miss Mills era inundada, em agosto de 1971, com os nomes de sargentos-de-armas e outros indivíduos obscuros ligados ao cerco de Montségur, tinha também sonhos e visões centrados no homem de cara rechonchuda. À parte Braida, de todos os rostos o dele era o mais constantemente reconhecível. Era claro que o seu prestígio era imenso. Nos encontros em florestas e nas partidas para viagens, tinha invariavelmente um acompanhamento considerável e respeitoso.

Para mim, tudo indicava que se tratava de Guilhabert de Castres. Este foi o mais célebre de todos os bispos cátaros. Era o símbolo vivo do catarismo no Languedoque. O nome está indissociavelmente ligado a Montségur, onde viveu os últimos anos da sua vida. Não era difícil supor que o homem de cara rechonchuda fosse Guilhabert de Castres. Nos últimos anos de Montségur havia no máximo três bispos. Afastei-o da minha mente e não fiz qualquer tentativa de ler pormenorizadamente a sua vida.

Miss Mills lembrava-se do homem de cara rechonchuda a dar-lhe instrução privada numa sala e também numa gruta. Esta última estava dividida em duas partes. Havia um pequeno compartimento que, por uma abertura estreita, conduzia a uma câmara maior. Pergunto-me se seria a gruta de Ornolac descrita por um amigo erudito, que a considerava de forma simbólica e idealmente adaptada aos que passavam por iniciação espiritual. Um velho marinheiro francês tinha, anos antes, apontado do outro lado do vale na direção da mesma gruta. Este velho causou-me uma grande impressão. Só o vi uma vez, mas é um daqueles que permanecem impressos na minha mente com uma intensidade mais real do que a memória.

Miss Mills recordava uma boa parte da matéria da instrução que recebera. No final de agosto e em setembro de 1971, era constantemente lembrada da natureza do tempo. Houve repetição das referências escritas que recebera em maio.

Nessa altura eu estava em França, mas mesmo ali senti a presença do contacto do bispo com Miss Mills. A 30 de setembro eu devia dar uma conferência à Société Métapsychique de France. No dia 29, Miss Mills escreveu no seu diário: "Pergunto-me se ele falará sobre a natureza do tempo." Não havia absolutamente razão para eu o fazer. Tinham-me pedido que falasse sobre o meu livro *The Cathars and Reincarnation*. Eu tinha toda a intenção de me manter o mais possível fiel ao texto. Era para mim uma provação falar e responder a perguntas em francês perante um público que incluía vários membros do Institut Français e sob a presidência de Gabriel Marcel, o principal filósofo

de França. Era o público mais exigente com que alguma vez me tinha deparado. Quando os vi sentados à mesa com papel e lápis para tomarem notas para perguntas, o coração encolheu-me com a perspetiva. Era ainda mais importante manter-me no tema central do meu livro. Não me lembro da pergunta exata que desencadeou a sequência. Penso que me perguntaram por que razão eu tinha a certeza de que os fenómenos que descrevera tinham inevitavelmente de ser atribuídos à reencarnação. De repente perguntei-me: conseguiria eu fazê-lo?

Fiz uma pausa de uma dessas frações de segundo que, no fundo do nosso ser, são medidas em termos de eternidade. Seria um público tão distinto e exigente capaz de suportar as minhas ideias sobre a natureza do tempo expressas no meu francês de três tempos verbais, com repetidas repetições? Eu estava mortalmente receoso de me tornar mártir da cerebração aguda e incisiva do intelectual francês. Não reproduzirei o meu argumento em detalhe. Era, em essência, que a reencarnação é um facto indubitável visto do ponto de vista da personalidade humana. Esta está presa ao tempo e ao espaço.

Não consegue escapar ao passado, presente e futuro. As pessoas que recordam encarnações anteriores são indubitavelmente psíquicas. Isto significa que, na sua memória longínqua, vivem sob a direção da psique que, em larga medida, está emancipada do tempo. No plano em que a reencarnação se torna uma realidade, quando encontramos aqueles que conhecemos em vidas anteriores, as nossas psiques confrontadas formam uma espécie de contínuo que é uma versão microcósmica do Espírito Santo ou da consciência universal. Esta está totalmente emancipada do tempo. O meu argumento era que, ao nível em que a reencarnação se justifica, ela desaparece.

Não posso falar por membros individuais desta sociedade, mas senti uma atmosfera de completa concordância e simpatia nesse público endurecido. Sinto que ser aceite por eles foi um ponto cardinal na minha existência. Miss Mills não podia ter sabido que eu tocaria na natureza do tempo, porque eu próprio não tinha a intenção de o fazer. Tomei a minha decisão de fração de segundo não porque sentisse que ganharia com isso, mas porque, de algum modo misterioso, isso era esperado de mim.

Miss Mills, por vezes, ainda hesitava em alongar-se nos pormenores da instrução filosófica que recebera. Tudo o que se relacionava com os aspetos históricos ou de cura do catarismo ela produzia sem inibição. Poder-se-ia pensar que ela ficaria contente por se livrar do que compreendia de forma imperfeita. Eu acreditara que ela hesitava porque estava a citar instrução esotérica inevitavelmente confidencial.

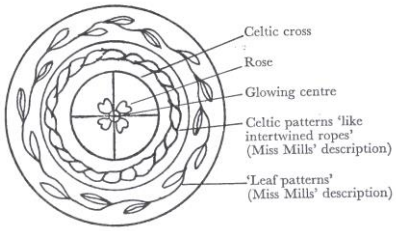
Braida previra isto quando, pela primeira vez, entrou em contacto com ela e lhe disse que eu era de confiança. Em breve ficou claro que isso era apenas parte da história. Eu ainda tinha de considerar a reação de Miss Mills a outro mentor do passado que ainda não apareceu e que é de importância vital na transmissão das mensagens de Braida de Montserver.

As recordações de Miss Mills da instrução que recebera após o Consolamentum iam agora além da natureza do tempo. Recordava que lhe fora exigido contemplar e completar desenhos intrincados que lhe eram mostrados. Nunca ouvira a palavra

Mandala e não compreendia o que implicava. Teve uma visão, acompanhada por uma voz, em que lhe era pedido que preenchesse os espaços em branco de um desenho que consistia em três círculos concêntricos com uma rosa no centro. Esta, de algum modo, brilhava.

Teria sido colorida com pigmento, como num manuscrito iluminado? Recorde-se que a rosa no centro do meu Rosacruz visionário também brilhava. Ela completou a mandala preenchendo os espaços entre os círculos. (Ver diagrama na página 120.) Miss Mills disse que, ao longo de toda a sua vida profissional, tinha o hábito de "rabiscarem" nos intervalos entre consultas. Os desenhos que produz são sempre os mesmos e são idênticos aos padrões de folhas que viu na sua visão da mandala.

Todo o objetivo de completar a mandala era decidir que tipo de pessoa se estava a avaliar. Era, na verdade, uma espécie de teste tipológico. É interessante pensar que Jung, no século XX, se fascinou por mandalas e completou uma sua.



A técnica da mandala é de origem oriental. As gravações de Miss Mills sobre a natureza do tempo têm um sabor oriental. O uso de mandalas revela até que ponto o catarismo do século XIII era cientificamente válido e como muito do seu pensamento era estranhamente contemporâneo.

Era claro que o homem de cara rechonchuda dera a Esclarmonde de Perella uma instrução muito mais profunda em meditação do que o simples conselho de Braida — deixar ir, deixar que as baterias se recarregassem e deixar que o poder fluísse. Ela lembra-se de ter sido ensinada a concentrar-se em certas imagens e em algumas das passagens que escrevia em papel. O objetivo destas práticas meditativas era purificar o Parfait a um grau para além do alcançado quando recebia o Consolamentum.

Essencialmente, este último era prova da sua capacidade para ser treinado para vocações mais elevadas. Os estudos de Miss Mills em meditação destinavam-se também a permitir-lhe despir-se de tal modo das sensações da carne que pudesse suportar a perseguição. O seu mentor reconheceu então que ela era uma pessoa adequada para se tornar curadora. Nesta fase, foi entregue a Braida. Esta, ao falar com Miss Mills, tinha uma atitude mais simples em relação à meditação do que o bispo.

A sua visão era simplesmente que, nesta encarnação, ela não precisava de meditação profunda porque já a fizera e desenvolvera a consciência necessária. O que tinha a fazer era continuar a sua cura. Foi significativo que, durante este período em que Miss Mills estava a reviver intensamente as suas sessões com o homem de cara

rechonchuda, não fosse visitada por Braida. Era como se, mesmo no século XX, tivessem concordado em não invadir o território uma da outra.

Em novembro, quando recebia as últimas efusões sobre a natureza do tempo, o homem de cara rechonchuda materializou-se. Apareceu ao fundo da cama na companhia de Braida. Estava tão sorridente e afável como sempre. Usava a sua túnica azul-escura e o cinto e fivela de bispo. Era como se Braida o estivesse a apresentar para identificação e para dar maior autoridade ao que ele dissera e ainda tinha de dizer. Só veio com Braida numa ocasião. Regressou sozinho em duas visitas subsequentes. O cão de Miss Mills não fez qualquer distúrbio audível quando ele veio acompanhado, mas rosnou quando ele veio sozinho.

Nesta altura houve um regresso surpreendente a listas de nomes cátaros. Eu próprio pensara que tínhamos terminado com este aspeto do assunto. Considerara que, a partir daí, só nos ocuparíamos de material relacionado com filosofia e cura. Braida tinha-se identificado de forma suficiente, bem como o tempo em que vivera e instruíra Miss Mills. Fui lento a perceber que outro estava não só a apresentar as suas credenciais, mas a localizar com precisão o período em que vivera e trabalhara.

Durante quatro noites, a partir de 26 de novembro, Miss Mills despejou por escrito um novo lote de nomes. Na maioria, eram-me desconhecidos. Eu não reconheci Benoit de Termes. Certamente conhecia Olivier de Termes. Fora o obstinado defensor do castelo desse nome, que capitulou apenas depois de o abastecimento de água ter sido contaminado. Não sabia que tinha um irmão chamado Benoit. Simorre, Hot e Roaix eram-me desconhecidos. Mothe fazia-me soar uma campainha distante. Eu não conseguia identificar Razes. Sentia que era um lugar, mais do que uma pessoa.

Não me esforcei muito para verificar estes nomes. Não fui estimulado a mais atividade quando, noutra noite, os nomes de Raymond Agulher e Raymond de Saint Martin surgiram no papel. Tal como eu via as coisas, Miss Mills estava agora tão completamente sintonizada com Montségur que, com o tempo, não via razão para que não viesse a produzir os nomes da maioria dos Parfaits e da guarnição. Não conseguia ver que pudesse haver qualquer sistema específico nesta última colheita de nomes. Não percebi que, uma vez mais, os guias estavam a apontar numa "certa direção".

Na manhã seguinte a essa noite particularmente prolífica, Miss Mills perguntou-me se o homem de cara rechonchuda alguma vez estivera ligado a Toulouse. Isto era um pouco como perguntar se um homem de negócios alguma vez tivera ligação a Londres. Depois foi mais específica. Teria ele sido ali um *filius major*? Eu não podia responder. Teria ele tido algo a ver com Fanjeaux? Respondi como respondera à pergunta sobre Toulouse. Todo o mundo cátaro no Lauragais parece ter convergido, num momento ou noutro, em Fanjeaux.

Dei-lhe um item específico de informação: a sua homónima, Esclarmonde de Foix, recebera ali o Consolamentum. Depois Miss Mills perguntou se ele tivera algo a ver com Castelnaudary. Só pude oferecer a sugestão fraca de que ele devia ter pregado ali em algum momento. Afinal, era incansavelmente ativo e um grande viajante. Nesta

fase não prossegui as minhas pesquisas com grande vigor. Segui o princípio de que, se estes nomes significassem algo, voltariam a repetir-se a seu tempo e que a repetição me daria pistas que me poupariam esforço adicional.

Foi mais de dois meses depois que encontrei Simorre. A descoberta deste homem esclareceu-me todo o problema. Era um bispo cátaro erudito e dissertativo, muito ativo no início do século XIII. Era amigo e colaborador de Guilhabert de Castres. Este era considerado o mais erudito da hierarquia cátara. Entre os outros Parfaits especialmente cultos com quem convivia estavam Arnold Hot e Benoit de Termes. Guilhabert e estes dois eram controversistas tão formidáveis que foram escolhidos para representar o catarismo na famosa discussão em Montréal, na qual se opunham a Pierre de Castelnau, o legado papal, e aos seus confrades. Uma das condenações vibrantes do catolicismo feitas por Arnold Hot foi preservada para nós. Raymond Agulher era também um debatedor formidável. Na noite de 24 de novembro, Miss Mills registara os nomes dos mais cultos, articulados e afins do círculo de Guilhabert.

A referência a Razes era clara. Benoit de Termes era diácono na altura do debate de Montréal, em 1207. Em 1225 tornou-se bispo da nova diocese de Razes, estabelecida para responder às necessidades dos que residiam entre Toulouse e Carcassonne. Fiquei a saber, pela primeira vez, que havia então cinco bispados cátaros. Eu sempre me contentara com quatro.

Miss Mills perguntara-me se o homem de cara rechonchuda tinha alguma coisa a ver com Fanjeaux. A resposta é simples. Os primeiros factos registados da carreira de Guilhabert de Castres relacionam-se com essa localidade. Foi em 1195. Há outra ligação com Fanjeaux que, para mim, é quase espantosa. Ele era *filius major* do bispo de Toulouse. (Isto respondia a outra das perguntas de Miss Mills.) Nesse ano ministrou em Fanjeaux. Deu o Consolamentum a Pierre-Roger, o Velho, de Mirepoix.

Era o pai do defensor de Montségur. No mesmo ano conferiu este sacramento a Aude de Tonnens. Esta era a mãe de Roger-Isarn de Fanjeaux, o meu antecedente no século XIII. Numa fase anterior do meu contacto com Miss Mills eu perguntara-me em que medida as personagens principais da história dela e da de Mrs. Smith se conheciam. Estava agora convencido de que era inevitável que se conhecessem. Mas saber que o bispo de Miss Mills tinha recebido a minha própria mãe era de uma força particularmente convincente.

Encontrei uma resposta à pergunta de Miss Mills sobre a ligação de Guilhabert a Castelnaudary. Sem nunca recuar perante o perigo, ele esteve presente ali quando a cidade foi sitiada pelo exército real em 1224. Quando Miss Mills atravessou a cidade de carro em 1954, aquilo deu-lhe horrores. Nessa altura nunca ouvira as palavras Cátaro ou Albigense.

Durante as quatro noites e dias de 24 a 28 de novembro, ela via constantemente encontros em bosques. Eram encontros pacíficos em que Parfaits estavam presentes. Também voltou a recordar, a 28 de novembro, o encontro que foi violentamente interrompido e terminou numa escaramuça. Disse que havia vinte pessoas presentes

nesse encontro. Só uma escapou. Na mesma noite, o nome Pagan foi escrito num pedaço de papel junto à sua cama.

Pagan pôde ser identificado como Pagan de Labecede. O nome desse lugar já lhe surgira antes, em sonhos e visões, por mais de um ano. Era claro que ela estava a recordar algum episódio num bosque próximo.

Há certas perguntas interessantes que podemos fazer. Por que razão este acontecimento voltou à sua memória? Teria sido ela o único indivíduo que escapou? Mas há aqui algo mais positivo para nós e que nada exige da nossa capacidade de conjetura. Este sonho, e o nome Pagan, ocorrem a meio das referências a Guilhabert de Castres. Será isto especialmente significativo? Verifico que Guilhabert, por volta de 1225, se hospedou em casa de Pagan, em Labacede. Este tinha, obviamente, grande respeito por ele. Também lhe deu abrigo numa ocasião posterior durante a invasão francesa.

Mais tarde encontrei nos registos que um encontro de cátaros num bosque perto de Labacede foi atacado pelas autoridades. Dos que participavam nesse encontro, apenas um escapou. Há outros acontecimentos na vida de Guilhabert que se articulam com a nossa narrativa. Algures entre 1211 e 1215, ele refugiou-se junto de Bernard D'Allion, que já encontrámos anteriormente na história do tesouro. Já aludimos ao facto de eu ter tomado nota do excerto de Roché em que descreve como Guilhabert era escoltado por Isarn Bernard de Fanjeaux, Ramon Sanche e Pierre de Mazerolles.

Isto foi em 1232. Foi então que se decidiu fazer de Montségur o centro da fé cátara, tantos bastiões já tendo caído no decurso da vaga de perseguição. Miss Mills sempre sustentou que, no seu tempo, era um lugar não apenas de peregrinações constantes, mas onde os qualificados eram regularmente iniciados nos mistérios. Na ocasião descrita por Roché, que me parecera tão excessivamente importante, Guilhabert estava, de facto, a instalar-se para usar Montségur como a sua última base e terminar ali a sua vida.

Todas as datas se ajustam ao que foi visto e ouvido por Miss Mills pelos seus variados e misteriosos métodos de comunicação. Ela descreveu Guilhabert como um homem bem conservado que devia ter bem mais de setenta anos. Parecia anos mais novo do que a idade, por causa da sua expressão juvenil. Foi apenas quando o viu de perto que percebeu que a pele do rosto era profundamente enrugada. Ele teria seguramente pelo menos mais de trinta anos nos primeiros anos do século XIII. É pouco provável que um homem mais jovem ou menos experiente tivesse sido encarregado da administração do Consolamentum a uma pessoa tão importante como Pierre-Roger de Mirepoix, o Velho. Deve lembrar-se que Guilhabert se movia em círculos aristocráticos e se ocupava pessoalmente do bem-estar espiritual das principais famílias. Na altura em que instruía Esclarmonde, era um homem velho.

Numa ocasião, Braida de Montserver apareceu a Miss Mills como uma jovem de trinta anos. Nessa altura tinha cabelo claro, o que, com os olhos escuros, lhe dava um aspeto marcante. Tinha uma tez escura, algo amarelada. Por que razão teria ela

aparecido com essa idade? Fê-lo no momento em que as visões diurnas e os sonhos noturnos apontavam para Guilhabert de Castres. Creio que ela estava a ilustrar como parecia na época em que Guilhabert começou a sua missão. Ela morreu em 1242. Miss Mills descreve-a como tendo cerca de setenta anos. Deve ter tido cerca de trinta na viragem do século, quando Guilhabert estava a estabelecer a sua reputação como *filius major* do bispo de Toulouse.

Braida disse a Miss Mills que, na minha encarnação anterior, eu fora um aluno favorito de Guilhabert. Isso não é de admirar. Afinal, ele tinha dado o Consolamentum à minha mãe. A casa em Fanjeaux era tanto um abrigo para os Parfaits como tinha sido um refúgio para os trovadores. Miss Mills está convencida de que as mensagens sobre a natureza do tempo se destinavam a mim. "Isto é que faz sentido", disse ela. "Eu conseguia perceber algumas, mas não todas. Não valia a pena enviá-las para mim." Tal como Miss Mills, eu estava, até certo ponto, a retomar onde ficara, mas no meu caso havia uma diferença. Miss Mills tinha posto para trás toda a "coisa metafísica" que aprendera no curso de meditação do século XIII. Largara-a de tal modo que tinha dificuldade em compreender algumas das mensagens.

Eu certamente não tinha esquecido a instrução que recebera de Guilhabert. Durante vários anos eu fora fascinado pela natureza do tempo. Nos últimos três anos, tudo o que escrevi esteve impregnado pela ideia de que o tempo é uma ilusão. Antes de saber que, como Roger-Isarn, eu fora instruído acerca da natureza do tempo, nesta vida dera uma ousada guinada de regresso a matérias filosóficas. Isso era claramente evidente em artigos que escrevi nessa altura para o *Light*.

O que isso significava era o seguinte. No Languedoque eu estudara e fora treinado para a filosofia, mas tivera o impulso de curar. Nesta encarnação dei vazão a este último, mas, nos meus anos tardios, voltei-me para o meu antigo amor. Ainda assim, penso que, em mim, nesta vida, o impulso de curar é o motivo mais forte. Ou talvez haja outras razões pelas quais me sinto mais fortemente atraído por Braida do que por Guilhabert. Em todo o caso, estou agora satisfeito de que ser médico e psiquiatra foi o compromisso ideal para mim.

Permitiu-me combinar as tendências curativas e filosóficas da minha natureza. Miss Mills, de intenção metafísica nem na última encarnação nem nesta, decidira finalmente pela cura na sua vida anterior e, nesta, continuara resolutamente onde tinha ficado.

Numa noite, o cão de Miss Mills rosnou um pouco, mas rapidamente sossegou. Guilhabert estava de pé ao fundo da cama. Viera sozinho. Não falaram muito. Ele repetiu algumas das mensagens filosóficas que ela recebera. Estava tão amigável e agradável como sempre. Fez-lhe uma segunda visita no início de janeiro de 1972. Ao olhar para trás, dois meses depois, Miss Mills disse que tinha a certeza de que ele só aparecera para se identificar e que fora introduzido por Braida para esse fim. Disse que a intenção dele era alimentar-me de ideias, para escrever e falar. É indiscutível que, no último ano, quebrei os grilhões que me inibiam de falar e escrever livremente. A minha

atitude perante a medicina é agora completamente cósmica. Para mim, considerar a cura em relação com a natureza do tempo é mais essencial e prático do que diferenciar entre as ações dos diferentes tipos de antibióticos.

Creio que Guilhabert de Castres só reentrou na vida de Miss Mills numa capacidade secundária. No século XIII, ela passara pelas suas mãos. Isso era inevitável. Ele era o expoente mais erudito do catarismo; vivia em Montségur e ela era filha do seu proprietário. Era inevitável que assumisse a sua educação espiritual. Quando esta ficou completa, passou-a a outros. Ela foi para Braida para a instrução prática em cura. Possivelmente, ainda precisava de um diretor espiritual geral.

Miss Mills perguntou-me quando e como Guilhabert morreu. Eu consegui responder com eficiência. Duvernoy escreveu que, embora nos seus primeiros anos fosse um viajante inveterado, acabou por se fixar para terminar a vida em Montségur. Não é referido nos registos depois de 1241. Duvernoy diz: "Na ausência de quaisquer indícios em contrário, tudo leva a crer que morreu de morte natural em Montségur."

Braida confirmou a afirmação de Duvernoy. Na visita seguinte, disse a Miss Mills que ele tinha morrido em Montségur. Tinha saído numa das suas viagens missionárias. Durante a viagem adoecera. Por desejo próprio, foi levado de volta a casa para morrer.

Ao fechar a história de Guilhabert de Castres, voltamos a encontrar a misteriosa cifra 609, que se repetira com tanta insistência na história de Miss Mills. Há muitas referências ao bispo cátaro no Fólio 609.

Quando o cão de Miss Mills voltou a rosnar mais tarde, em janeiro, Guilhabert estava ao lado da cama com outro homem ao seu lado. O recém-chegado estava vestido com as mesmas túnicas azul-escuras e usava o mesmo cinto e fivela. Era mais alto e mais magro do que Guilhabert. Era mais moreno e tinha traços mais vincados. Embora fosse muitos anos mais novo, parecia mais sério. Tinha um rosto agradável, mas sorria raramente. Deus sabe que tinha pouco de que sorrir.

Na noite em que os dois homens apareceram juntos, Miss Mills não sabia que Guilhabert de Castres a estava a entregar aos cuidados de alguém que já cuidara do seu bem-estar espiritual sete séculos antes. Não percebeu que ele estava a repetir o que já acontecera em 1241. Vários pacientes disseram-me: "De alguma maneira estranha, parece que estou a fazer aquilo que fiz numa existência anterior." Miss Mills estava a experimentar uma reprodução visual nítida desse fenómeno.

O segundo homem voltou novamente sozinho. O spaniel rosnou. Era interessante que ele aprendesse a ficar quieto com Braida, mas nunca se habituasse aos Parfaits masculinos. Nesta ocasião, o recém-chegado tinha pouco a dizer. Semanas depois, Miss Mills disse: "Ele só estava a dar-se a conhecer. Veio através da velha senhora." Estava a apresentar-se como fora no século XIII. Ela percebeu em breve que ele tinha outra identidade, mais contemporânea.

Guilhabert morreu em 1241 ou por essa altura. Quando passou Miss Mills ao outro homem em janeiro de 1972, estava apenas a repetir o que acontecera em 1241. O segundo homem foi capaz de cuidar de Esclarmonde-Mills por mais três anos.

Em novembro de 1971, Miss Mills recebia uma massa de informação sobre poções, loções e pastas para curar feridas. Estava também a ser instruída por Braida na aplicação científica da imposição das mãos. Por que razão, nesta fase, deveria ela regressar aos horrores do cerco? Por que razão estes se associariam na sua mente ao homem alto e magro introduzido por Guilhabert, e que a visitara de novo de modo gentil, triste e pouco comunicativo? Eu tinha fortes suspeitas quanto à identidade desse homem.

Durante muito tempo eu acreditara que, nos últimos três ou quatro anos da sua existência, apenas dois bispos tinham vivido em Montségur. Isso não é de estranhar. Durante a maior parte da história do catarismo não houve mais de quatro bispos em todo o Languedoque. Só em 1225 é que Benoit de Termes, de Miss Mills, elevou o número para cinco. A história diz-nos, sem dúvida, que Guilhabert de Castres passou o cargo a Bertrand Marty. Miss Mills insistiu, com razão, que havia três bispos em Montségur nos últimos anos.

Recorde-se que, a 26 de novembro, ela forneceu uma lista de nomes e que eu consegui provar que a maioria destes estava ligada a Guilhabert de Castres. Os nomes Roaix e Mothe permaneceram por identificar. Demorei algumas semanas a conseguir rastreá-los. A verificação da identidade do homem alto, magro e pouco sorridente demorou mais do que a de Guilhabert de Castres. Isso era perfeitamente lógico. Afinal, ele surgiu mais tarde na vida anterior de Miss Mills.

Descobri que o bispo cátaro Bertrand Marty, que presidiu aos destinos espirituais de Montségur após a morte de Guilhabert e no tempo do cerco, nasceu — provavelmente de pais humildes — na propriedade da família Roaix. Mothe era provavelmente Bernard de la Mothe, que era um cátaro activo mas, pelo que eu via, não especialmente associado a Bertrand Marty. Depois tive algo como um golpe de sorte. O nome Raymond Agulher fora registado por Miss Mills algumas noites antes dos boletins interrompidos que começaram a 24 de novembro. Este formidável polemista tornou-se bispo de Razes depois de Benoit de Termes. Mais tarde refugiou-se em Montségur e morreu ali no fatídico 16 de março de 1244. Estava, de facto, com Bertrand Marty no fim. Ainda ouviremos mais sobre Raymond mais adiante.

Depois disso, tudo se encaixou e era óbvio que o segundo visitante masculino de Miss Mills era Bertrand Marty. O nome Guillaume de L'Isle apareceu várias vezes nos escritos de Miss Mills. Surgiu com destaque nos primeiros dias e reapareceu mais tarde quando Miss Mills se ocupava do cerco. Isto ficou suficientemente explicado pelo facto de ele ter sido mortalmente ferido em Montségur e de ter recebido o Consolamentum. Havia mais do que isso. Entre toda a nobreza da região, ele é descrito como o mais dedicado apoiante de Bertrand Marty, a quem frequentemente dava refúgio. Havia ainda mais.

Duvernoy diz-nos que ele esteve em Montségur enquanto Guilhabert de Castres ainda vivia. Depois tropecei numa informação vital. Já ouvimos que uma das nossas figuras centrais, Isarn de Montserver, recebeu o Consolamentum no leito de morte. Descobri agora que foi de Bertrand Marty que recebeu o sacramento. Isto fornece outra ligação marcante com a família de Braida.

Bertrand Marty está intimamente ligado a outros que aparecem na nossa história. Em 1235 pregou em Montségur, diante do *donjon*, a Raymond de Perella, à sua mulher Corba e ao seu filho Jordan. Mais importante, em 1234 administrou o Consolamentum à sogra de Raymond, Marquesia de Lantar, que, como vimos, morreu com Corba e a própria Esclarmonde na fogueira em Montségur. Acima de tudo, houve o facto de ele ter confortado Isarn de Montserver no leito de morte, em Queille. A história de Miss Mills começou, na verdade, com Isarn de Montserver. O nome dele apareceu com o de Queille nos seus primeiros escritos.

Havia ainda um pormenor muito mais convincente. Miss Mills perguntou-me se Cremone significava alguma coisa. Eu disse que era possivelmente significativo porque era uma cidade no norte de Itália e porque o catarismo era forte nessa parte do mundo. Para além disso nada podia dizer. Ela disse que tinha a certeza de que uma mensagem fora recebida de Cremone durante o cerco. Isto era demasiado profundo para mim. Descobri mais tarde que Bertrand Marty recebera cartas do bispo de Cremone pouco antes do Dia de Todos-os-Santos de 1243. O cerco estava já bem avançado nessa altura. O bispo de Cremone sugeria que talvez fosse o momento oportuno para alguns Parfaits de Montségur se refugiarem em Itália.

Num livro desta natureza não aborrecerei o leitor com demasiadas provas confirmatórias. Tudo o que sei — assim como o que citei — prova que o segundo homem de Miss Mills era Bertrand Marty. Certamente havia outro bispo presente durante o cerco de Montségur: Raimond Agulher. Só recentemente reconhecera, através de Miss Mills, o seu estatuto de bispo. Mas sei com certeza que Raymond não era o segundo bispo que visitou Miss Mills. Como veremos mais adiante, Raymond tinha incumbências noutro lado.

O que foi fascinante foi que Bertrand Marty estava também ligado às figuras principais de *The Cathars and Reincarnation*. Eu dissera anteriormente como as revelações de Miss Mills faziam a ponte entre as personagens principais da sua própria história e da de Mrs. Smith. Certamente, a associação dele com os Mazerolles é frequentemente registada. Em 1232 ele é referido com Pierre de Mazerolles — a figura no pesadelo de Mrs. Smith — na região de La Selve. Noutra ocasião empresta a Pierre uma soma de dinheiro para custear o facto de ele escoltar membros da hierarquia cátara.

Mais tarde, pregou num campo em Gaja, em benefício de Pierre e da sua mãe Hélis. Esta foi uma das personagens mais simpáticas em *Os Cátaros e a Reencarnação*. Veremos mais adiante por que razão ela significou tanto para mim. Também é interessante que, em diferentes momentos, Bertrand Marty esteve ligado às personagens

secundárias desse livro, como os meus amigos do século XIII Mir de Camplong e Roger de la Tour de Laurac.

O contacto de Miss Mills com Bertrand Marty ocorreu contra um pano de fundo de tragédia. Ele era o chefe reconhecido da Igreja Cátara na altura do massacre de Avignonet. Continuou nesse cargo até à rendição de Montségur. No século XIII, Esclarmonde de Perella via-o constantemente em circunstâncias trágicas. Como Miss Mills, no século XX, ela repetiu as circunstâncias e a atmosfera. Ele veio até ela no momento em que ela revivia o terror do cerco.

Um dos aspectos mais terríveis do cerco era o tratamento dos feridos. As feridas eram aquilo a que ela chamava "moles". Não eram apenas abertas: os tecidos à volta estavam horrivelmente esmagados. Perguntei que tipo de arma poderia ter causado tais feridas. Ela respondeu "pedras" sem um segundo de hesitação.

Em 17 de novembro, as palavras *trebuchet* e *manganelle* foram escritas num pedaço de papel. Ela não fazia a mínima ideia do seu significado. São identificáveis como enormes engenhos lança-pedras usados na guerra de cerco na Idade Média. Foram especialmente importantes em Montségur. Um deles foi a criação favorita — o filho dileto do engenho — de um bispo com instintos belicosos e talento para a engenharia.

Ela perguntou-me o que os sargentos-de-armas usavam em batalha. Eu assumi que usavam cota de malha e disse-lhe isso. Ela acatou o que julgou ser o meu conhecimento superior, mas era óbvio que não achava a minha afirmação correta. Perguntei-lhe o que usavam os sargentos-de-armas. Ela respondeu sem hesitação: "Uma espécie de túnica comum reforçada com tiras verticais de couro." Algumas semanas depois, deparei-me com uma descrição da morte de um sargento-de-armas. Dizia, com toda a clareza, que ele muito provavelmente teria sobrevivido aos ferimentos se tivesse usado a armadura que os cavaleiros levavam.

Já encontrámos Alzeu de Massabrac, filho de Alpais, irmã de Raymond de Perella. Alzeu foi ferido ao mesmo tempo que esse sargento, mas estava devidamente armado e, consequentemente, sobreviveu. A descrição confirmava a minha ideia de que ele usava armadura de malha. Quaisquer que fossem os hábitos pessoais de Alzeu de Massabrac, Miss Mills insiste que em Montségur os cavaleiros usavam couraças. Eu não sabia nessa altura que outra testemunha viria a surgir com um testemunho semelhante.

Este não foi o meu único erro. Miss Mills perguntou quanto tempo decorrera entre os Cruzados tomarem parte de Montségur e a capitulação. Eu disse-lhe várias semanas. Isso era absurdo. Como poderiam ter combatido durante semanas no seu pátio estreito? O que aconteceu foi que um destacamento dos invasores fez uma escalada audaciosa pelo lado leste do castelo. Como resultado disso, estabeleceram-se numa plataforma de rocha relativamente plana. Eu estava confuso ao tomar esta plataforma por uma posição dentro do castelo. Algumas semanas depois, capturaram a barbacã, um posto avançado fortificado mesmo fora das muralhas. Era a isto que Miss Mills se referia quando falava dos Cruzados tomarem parte da fortaleza.

Os sitiados lançaram uma contra-ofensiva imediata. Ela lembra-se de que as baixas daí resultantes foram pavorosas. Os registos indicam que o contra-ataque falhou de forma desastrosa e que qualquer resistência ulterior era impossível. Esse contra-ataque ocorreu a 1 de março, que foi a data em que Miss Mills, em 1971, começou o seu período de depressão aguda. A guarnição rendeu-se.

Os termos da capitulação foram acordados no dia seguinte. Miss Mills tinha razão quando sustentava firmemente que a primeira incursão na fortaleza foi seguida um ou dois dias depois pela capitulação. Nisto — e na questão da armadura — ela não só tinha razão segundo os registos, como persistiu na sua opinião apesar de uma desorientação positiva da minha parte. Suponho que este foi um exemplo literal da verdade de que ver é acreditar.

Mas nessa data — 17 de novembro de 1971 ou 1 de março de 1244 —, datas permutáveis — ocorreu um eco simples e mais dramático do que Miss Mills sofrera. Houve um elo direto e ininterrupto entre a criança que, numa cidade inglesa, fora aterrorizada pelas cornetas da Boys' Brigade e a jovem mulher que tratara dos feridos numa montanha perto de Andorra na primavera de 1244. Este elo ténue mas contínuo tinha-se manifestado na primeira série de citações que ela recebera na primavera de 1971.

Num dos versículos bíblicos citados havia uma referência ao som de trombetas. A memória completa regressou num dia de novembro, em Somerset. As trombetas soaram quando o contra-ataque à barbacã falhou. Era, de facto, um sinal de capitulação. Li desde então que os defensores lançaram esse ataque ao som de trombetas. Só posso repetir a versão de Miss Mills. Recomendo que seja aceite porque ela esteve lá.

Durante o cerco ela tratou dos feridos. Aplicou às suas feridas as pastas e poções que preparara previamente. Parece-lhe curioso que, enquanto o fazia, não tivesse consciência da sua deficiência. "Como é que eu consegui? Não me lembro de qualquer dificuldade em deslocar-me. Claro que tudo aquilo foi horrível. Mas não me lembro de estar limitada pela minha coxeira." Não penso que estas perguntas sejam difíceis de responder. Há momentos de crise suprema em que as pessoas esquecem as suas próprias limitações.

Ela lembra-se de Bertrand Marty andando de um lado para o outro, falando com suavidade aos feridos. Era grave e pouco sorridente e, de facto, ela nunca o conhecera de outro modo. Na história do catarismo, ele surge como um homem de origem modesta que ascendeu a uma posição de grande influência. Foi um administrador privilegiado e árbitro em disputas entre nobres. Ela perguntou-me se ele tinha alguma coisa a ver com as finanças da Igreja Cátara.

Disse que tinha a certeza de que ele se interessava pela gestão de dinheiro. Isto aparece claramente nas deposições em que é citado a recolher legados, a pagar escoltas e outras transações do género. Mas, embora o que sabemos dele sugira uma figura autoritária, esse aspeto do seu carácter não surge nas memórias de Miss Mills. Ele tinha

um ar robusto; não sorria constantemente como o seu predecessor, mas era, em sã consciência, suficientemente gentil.

Miss Mills deve a Marty recordá-lo um pouco. Segundo Duvernoy, ele foi responsável pela disposição do tesouro cátaro e pela distribuição de dinheiro e bens aos soldados. Foi especialmente generoso com Imbert de Salas, a quem deu dinheiro, roupa, um chapéu de linho, condimentos e óleo. Talvez por isso o nome de Imbert estivesse entre os registados por Miss Mills. Mas, acima de tudo, ela deveria recordá-lo por causa das últimas celebrações do Consolamentum em Montségur. Ele administrou este rito a Brasillac de Calavelle, Raimond de Tournabois e Pons Narbona, todos sargentos-de-armas que já encontrámos. Por fim, deu o Consolamentum à mãe de Esclarmonde, Corba, em 15 de março de 1244. Esclarmonde estava presente. A sua irmã Arpais descreveu, na sua deposição, a agonia desta última despedida.

Mais uma vez, Miss Mills tinha razão na sua preocupação com o fólio 609 nos Arquivos de Toulouse. Nesse fólio, que eu não vi, há, segundo Duvernoy, mais de trinta referências a Bertrand.

Estas numerosas referências a Bertrand Marty justificavam-se por razões ainda mais importantes. Quando ele entrou pela primeira vez na história, Miss Mills falou pouco dele e citou pouco do que ele disse. Era paradoxal que ela fosse muito mais aberta acerca das comunicações filosóficas de Guilhabert de Castres, que não seriam, eu pensaria, de interesse absorvente para ela e que ela confessava não compreender plenamente. Ela era reservada quanto a Marty e, no início, relutou em indicar quais das mensagens escritas acreditava emanarem dele. Ao mesmo tempo, estava intensamente interessada nele como pessoa. Perguntou-me se ele tinha algo a ver com a gestão de dinheiro. Eu pude responder a isso com facilidade.

Sempre que há qualquer menção nos registos a finanças e administração cátaras no período que nos ocupa, o nome de Bertrand Marty aparece invariavelmente. Este aspeto da sua natureza e funções ficou-me na mente porque ele esteve, em certa altura, envolvido numa transação com o meu primeiro conhecido cátaro, Pierre de Mazerolles. Miss Mills estava mais preocupada em obter pormenores sobre Bertrand Marty do que sobre qualquer outra das personagens que mencionei.

Eu conhecia-a suficientemente bem, a essa altura, para saber que ela tinha descoberto algo novo, mas estava relutante em discuti-lo. Disse, com um pouco convincente ar de nãochalance, que Bertrand a fazia lembrar-se do pai. Disse que era estranho o facto de este, um homem sábio, amoroso e generoso, ter sempre tido um interesse intenso na administração do dinheiro. Recordei como as mensagens que ela recebera se intensificaram no aniversário da morte do pai.

Estes pormenores eram algo menos do que presuntivos e eu não podia encará-los como prova. Era possível que o próprio Sr. Mills tivesse intervindo do outro lado e embaraçado um pouco os fios. Ao mesmo tempo, eu tinha experiência suficiente dela para saber que as suas intuições eram quase sempre de uma exatidão estranhamente

certeira. Mantive a mente aberta quanto a haver qualquer ligação entre Bertrand Marty e o pai dela.

Mais tarde, ela apresentou provas mais positivas. As reflexões filosóficas vieram em três ondas. Os dois primeiros lotes eram de natureza metafísica e muitas vezes expressos de modo poeticamente elaborado. Houve depois uma última barragem de mensagens que envolvia conselhos esclarecidos mas de bom senso sobre a vida, expressos em termos práticos e quotidianos e, acima de tudo, no idioma moderno.

A mudança de tom dessas mensagens foi absolutamente inconfundível. Mais do que isso, ela reconheceu os modos de expressão favoritos do pai. Havia até uma frase que exprimia palavra por palavra aquilo que ele lhe dissera para a consolar numa ocasião em que ela ficara perturbada e ele lhe dissera que não há nada vivo ou morto que valha a pena preocupar, exceto a universalidade do sofrimento humano.

Mas, por muito que respeitemos os imensos talentos de Miss Mills como recetora e transmissora humana, não podemos, com base nesta prova, identificar o pai dela com Bertrand Marty. Temos de esperar pelo testemunho de duas personagens que ainda não entraram em cena. Entretanto, devo admitir que, nesta fase, nunca considerei seriamente a questão vital de duas pessoas de uma vida anterior reencarnarem na mesma família. Eu ainda não estava muito preocupado com a questão da reencarnação em grupo. Reconhecia que fora conduzido por mais de um mensageiro até Mrs. Smith e, desta, até Miss Mills. Estava convencido da realidade da ligação em cadeia, mas ainda não pensava em termos de reencarnação em grupos.

20

Quando regressei de França no início de outubro de 1971, a vida psíquica de Miss Mills estava particularmente ativa. Ela estava a ser visitada por Braida, estava a recordar a sua instrução anterior em cura e as suas sessões com Guilhabert de Castres. Acima de tudo, estava a recordar os horrores do cerco de Montségur. Com a sua vida secreta, a sua carreira e a sua intensa atividade social, tinha o suficiente para ocupar duas ou três pessoas. Mantinha-se, como sempre, muito pronta a dar uma ajuda ou a aconselhar todos os que a consultavam. Teve a oportunidade de exercer isso em plena medida quando a sua amiga Betty lhe telefonou das Midlands para dizer que o marido, de cinquenta anos, morrera subitamente, sem sintomas premonitórios, de um ataque cardíaco.

A Betty estava inconsolável. Parecia estar a desintegrar-se em consequência daquela catástrofe horrível. Era estranho que tivesse telefonado à Sr.ª Mills porque, embora tivessem sido amigas de escola, viviam em diferentes partes do país e, nos últimos anos, tinham visto pouco uma da outra. Contudo, foi para a Sr.ª Mills que ela se voltou naquela crise da sua vida. Por vezes telefonava três ou quatro vezes numa única noite. A Sr.ª Mills estava angustiada com a perda da amiga, mas, numa fase, considerou aquelas longas chamadas telefónicas quase insuportáveis.

A sua capacidade de partilhar os problemas dos outros ia além da simpatia e da identificação com eles. Com a sua energia consumida pelas suas outras atividades, houve momentos em que lhe foi difícil partilhar tão completamente a agonia da amiga. Perguntou-me o que deveria fazer. Disse-lhe que só podia continuar a ouvir pacientemente e que ela era a única pessoa no mundo que podia consolar a Betty. Não sabia quão certo estava nem, sobretudo, porque estava certo.

Ao fim de algumas semanas, as chamadas telefónicas tornaram-se menos frequentes. Era evidente que a Sr.ª Mills tinha ajudado a Betty, mas era igualmente claro que esta ainda não tinha recuperado. Um dia houve melhores notícias.

Uma amiga de Betty estava disposta a levá-la para o estrangeiro para mudar de ambiente. Cabia à Betty planear o seu itinerário. Sem hesitar, escolheu os Pirenéus. Disse que sempre desejara visitar St. Girons. Isto surpreendeu-me porque eu tinha iniciado as minhas últimas férias nos Pirenéus nesse local. De certos pontos de vista é um bom centro. Há uma bela paisagem nas proximidades mas, no que me dizia respeito, não era o local perfeito. Fica a alguma distância dos grandes centros do catarismo. A própria cidade não é particularmente atraente. A Sr.ª Mills ficou satisfeita por a Betty estar disposta a aceitar a distração oferecida.

Quando Betty voltou a telefonar, parecia um pouco melhor. Disse que iria visitar os pais, que viviam no Sudoeste, dentro de poucos dias. Perguntou se podia ver a Sr.ª Mills. Esta concordou prontamente. Telefonou-me e perguntou se eu podia rabiscar alguns nomes de lugares que valesse a pena visitar nos Pirenéus. Disse que lamentava incomodar-me, mas que queria fazer o que pudesse pela amiga. Fiquei muito contente por o fazer. Gosto de transmitir informações e de partilhar experiências com outras pessoas, e teria sido feliz como guia da Cook.

Betty desejava começar as suas férias em St. Girons e seguir depois na direção de Carcassonne. Dei-lhe uma lista de lugares que pensei que deveria ver. Ao elaborar essa lista, preocupei-me apenas em orientá-la para as paisagens e edifícios mais belos. A minha escolha não se baseou em saber se esses lugares tinham ou não ligações cátaras. O meu itinerário foi enviado à Betty, que ficou muito agradecida. A Sr.ª Mills convidou a minha mulher e a mim para jantarmos com ela durante a visita iminente de Betty. Na véspera do encontro, Betty cancelou os planos.

Estava a ficar em casa dos pais, que tinham contraído gripe. Era, aparentemente, uma alma conscienciosa e não desejava propagar a infeção a outras pessoas. Enviou-me, por intermédio da Sr.ª Mills, uma caixa de chocolates como compensação pelos meus insignificantes serviços. Esse foi o contacto mais próximo entre nós, pelo menos nesta vida. Estava determinado que, neste mundo, nunca nos encontrássemos. Ela desapareceu completamente do meu pensamento.

Ocupada com as suas discussões noturnas sobre cura e com a recordação das suas instruções de Guilhabert de Castres, a Sr.ª Mills teve pouca oportunidade de pensar em Betty. Recebeu um postal dela. Parecia que se sentia muito melhor. A Sr.ª Mills ficou aliviada e contente por receber o postal, mas este não lhe causou grande impressão.

No dia 17 de Novembro, a Sr.ª Mills teve um dia particularmente angustiante. As palavras Trebuchet e Mangonelle tinham sido registadas por escrito na noite anterior e, durante todo o dia, ela reviveu o horror do cerco de Montségur e o seu bombardeamento com pedras. Ficou realmente entusiasmada e aliviada quando Betty telefonou das Midlands, não apenas para anunciar o seu regresso, mas para partilhar com ela uma experiência. Disse que estava maravilhosamente melhor.

Todas as férias tinham sido notáveis, mas o que mais a afetara fora a sua visita a Montségur. Tinha sido uma experiência inesquecível. Disse: «Fui restaurada por ela. Fui completamente transformada.» A Sr.ª Mills ficou aliviada por a amiga estar tão melhor e encantada por Montségur ter sido o principal factor na sua recuperação. Eu próprio fiquei satisfeito e interessado, mas não excessivamente entusiasmado. Para mim, era apenas o facto de a montanha exercer a sua habitual influência benéfica.

Três semanas depois, a Sr.ª Mills recebeu outra chamada telefónica de Betty. Esta tinha ido jantar com amigos em sua casa, no Norte das Midlands. Os anfitriões tinham também visitado Montségur e sabiam muito sobre os Cátaros. Continuo a sustentar que o número de pessoas na Grã-Bretanha familiarizadas com os Cátaros é uma pequena minoria, mas que, mais cedo ou mais tarde, eu estabelecia uma espécie de contacto com a maioria delas. Mas outra coisa tinha acontecido no jantar. O anfitrião emprestara-lhe um exemplar de *French Mediaeval Lyrics*, de Saintsbury.

Ficara fascinada com o poema que começa: «Je vous ameroie Roger (Eu amarei-vos, Roger).» A Sr.ª Mills disse que ela estava extraordinariamente tranquila e feliz e que o objectivo da sua chamada era muito obviamente chamar a sua atenção para a beleza do poema. Fiquei certamente intrigado com esta informação. O poema em questão é citado no meu livro *Os Cátaros e a Reencarnação*. No século XIII eu, como Roger-Isarn, costumava cantá-lo à camponesa que amava. Betty certamente nunca tinha lido o meu livro. Também me era difícil pensar que as *French Mediaeval Lyrics* fossem excessivamente populares nas Midlands.

A Sr.ª Mills disse que tinha a certeza de que Betty possuía algum tipo de memória remota do catarismo no século XIII. Indiquei que era necessário um mundo de provas mais do que as que tinham sido fornecidas. A minha atitude era mais do que justificada, exceto pelo facto de eu estar a dar mais peso à minha cautela natural do que à extraordinária precisão dos pressentimentos da Sr.ª Mills. Ela disse que pensava que, mais cedo ou mais tarde, Betty regressaria ao assunto. Isto inquietava-a um pouco porque desejava, acima de tudo, preservar o seu anonimato e não estava preparada para revelar ao mundo inteiro como fora feita e o que tinha experimentado.

O facto de eu registar a sua vida secreta sem revelar a sua identidade era uma coisa; revelar-se aos amigos, conhecidos e ao público em geral era outra muito diferente. Ao mesmo tempo, concordámos que não era justo para Betty inibir os seus novos e, ao que parecia, curativos interesses. Numa chamada posterior, a Sr.ª Mills disse a Betty que talvez pudesse interessar-se por um livro chamado *The Cathars and*

Reincarnation, porque tratava de algumas das regiões que ela tinha visitado nas suas recentes férias.

No dia 20 de Dezembro, Betty voltou a telefonar para dizer que tinha lido esse livro. Deve ter agarrado a sugestão da Sr.ª Mills e obtido e lido o livro com grande rapidez. Disse que estava absolutamente fascinada com ele. Afirmou que um episódio descrito no livro reproduzia o que tinha acontecido na sua própria vida. Quando tinha sete anos, estivera muito doente com escarlatina. Possuía nessa altura um coelho de peluche chamado «Roger». Lembrava-se de que atribuía a sua recuperação a «Roger».

A história que contou segue exatamente os mesmos contornos do episódio que a Sr.ª Smith me relatara e que eu registara em *The Cathars and Reincarnation*. A Sr.ª Smith esteve gravemente doente aos onze anos. Tinha um animal de peluche do qual não se separava. Durante a noite em que a sua vida foi dada como perdida, continuou a chamar por Roger. Ao usar o nome do seu brinquedo, estava a chamar através dos séculos por outro Roger. Haveria uma grande dose de sugestão nas afirmações de Betty?

É fácil para mim dizer que as descartei liminarmente. Não seria verdade. Sabia que estava a ser aberto outro trilho através da selva da comunicação inconsciente. Sempre constatei que, nos momentos de comunicação psíquica máxima, os caminhos secundários estavam tão abertos como as vias principais. Mas, nesta fase, teria simpatizado completamente com quem optasse por considerar a contribuição de Betty irrelevante.

Alguns dias depois, a Sr.ª Mills recebeu outra chamada dela. Estava evidentemente serena e feliz. O que disse ao longo das suas chamadas revela um pouco da paz de espírito que tinha alcançado tão rapidamente. Disse que tinha encontrado uma citação de Platão que a impressionara profundamente. Leu-a em voz alta à Sr.ª Mills. «Toda a alma é imortal. Pois aquilo que está sempre em movimento é imortal; mas aquilo que move outra coisa ou é movido por outra coisa, quando deixa de se mover, deixa de viver. Só aquilo que se move a si mesmo, visto que não se abandona a si próprio, nunca deixa de se mover, e é também a fonte e o princípio do movimento de todas as outras coisas que têm movimento.»

O seu entusiasmo tranquilo por esta passagem transmitiu-se à Sr.ª Mills. Ela escreveu-a e telefonou-me para ma ler. Não sei quantas mulheres profissionais transmitem passagens de Platão no decurso do seu dia de trabalho. Na verdade, não precisava de o ter feito. Esta passagem tinha-me chamado a atenção no dia anterior. Destacara-se como uma partícula de ouro num enorme volume que eu fora obrigado a examinar.

Betty morreu de um acidente vascular cerebral poucos dias depois. Uma tal calamidade não tinha sido prevista. Foi um consolo para os pais e amigos que as suas últimas semanas tivessem sido tão felizes. A sua serenidade restaurada e intensificada datava da sua visita a Montségur.

A Sr.ª Mills ficou profundamente abatida com a morte da amiga. Braida pareceu consolá-la. Disse que Betty ainda estava a dormir e que estava a ser velada por um «Prudhomme». Esta foi uma das poucas palavras que a Sr.ª Mills conseguiu distinguir e reter de uma conversa com Braida. Segundo o Larousse, esta palavra, hoje arcaica, significa uma pessoa de probidade e integridade. O facto de Betty estar a ser velada é fascinante porque está registado que, frequentemente, os Parfaits permaneciam junto dos mortos durante três dias para facilitar a passagem do espírito. Em certas escolas do budismo tibetano esta prática também era seguida. É interessante que, quando o pai da Sr.ª Mills morreu, ela não quis que fosse cremado antes de decorridos três dias.

A Sr.ª Mills perguntou a Braida quanto tempo Betty permaneceria na sua condição atual. Foi-lhe dito que a pergunta não fazia sentido porque o tempo não existe.

Cinco semanas após a morte de Betty, a sua mãe, Jane, estava a arrumar os seus papéis. Descobriu que ela tinha guardado um breve registo da sua visita ao Languedoque. Este fora escrito enquanto se encontrava nessa região. Não me surpreendeu que tivesse visitado Montségur e Fanjeaux, porque esses lugares estavam incluídos no itinerário que eu lhe escrevera. Neste, eu não fizera qualquer menção à história associada a esses locais. Montségur tinha certamente sido salientado como imperdível do ponto de vista paisagístico. Fanjeaux fora apenas mencionado de passagem.

Como já disse, não me surpreendeu que ela tivesse ficado impressionada por Montségur, porque essa é uma reação bastante comum. O que era mais significativo era que tivesse sido restaurada por ele. Mas o que foi realmente espantoso foi a reação a Fanjeaux. Tinha registado por escrito que sentira que pertencia ali e que regressara ao que era o seu verdadeiro lar. Por baixo desta anotação acerca de Fanjeaux, escrevera as palavras: Cecilia, Isarn, Braida e Pelegrina. Isto só podia referir-se à família Montserver. O grupo incluía os dois filhos de Braida, Cecilia e Isarn, e a sua nora, Pelegrina.

Isto era já suficientemente espantoso, em boa verdade. De algum modo, ela tinha deparado com os nomes da família com a qual, para além do seu próprio clã Perella, a Sr.ª Mills estivera mais associada no século XIII. Teria captado isto por telepatia da Sr.ª Mills? A anotação seguinte levou o fenómeno para além da esfera da telepatia. Betty tinha visitado St. Papoul. Não posso ter a certeza de que sequer o tenha mencionado no meu itinerário.

Se o fiz, foi sem ênfase e apenas para chamar a atenção para uma abadia arruinada que não é considerada de grande interesse para os turistas, mas que eu achava atraente. Sob a anotação relativa a St. Papoul estavam as palavras: «Oh Roger, Roger, Roger, Roger.» Estávamos de regresso ao período e ao tema de *Os Cátaros e a Reencarnação*. O meu precursor do século XIII, Roger-Isarn, foi, com um amigo também chamado Roger, capturado pelas autoridades em St. Papoul. Nunca escapou das suas garras e morreu mais tarde na prisão, de uma infeção pulmonar.

Seria o Roger de Betty eu próprio no século XIII ou o seu amigo que identifiquei no meu livro como Roger de la Tour de Laurac? Não podia ter a certeza. Embora estivesse fascinado, não senti grande impulso para investigar mais a questão. Tudo o que desejava era fornecer provas de que os homens podem comunicar fora dos limites das suas próprias personalidades e para além das fronteiras do tempo e do espaço. Tinha deixado de estar muito interessado nos mecanismos exatos da comunicação. Sentia também que, mais cedo ou mais tarde, os novos elos seriam revelados na cadeia de contacto psíquico. Não tive de esperar muito.

A mãe de Betty, Jane, perguntou à Sr.ª Mills se ela tinha alguma ideia quanto à identidade de Roger. A sua resposta foi evasiva. Queria manter a conversa num plano quotidiano. Não desejava revelar os seus próprios dons psíquicos nem sequer o seu interesse por tais assuntos. Uma coisa era clara. Betty tivera algum tipo de revelação quando visitara os Pirenéus. A mãe foi enfática ao afirmar que ela fora transformada por isso. A paz e serenidade de Betty nas suas últimas semanas eram inconfundíveis.

Três dias depois, a Sr.ª Mills recebeu outro telefonema de Jane. Encontrara uma folha de papel isolada entre os pertences de Betty. Os nomes escritos nela eram Tour, Camplong e Pons. Seria Tour uma abreviação de Roger de la Tour de Laurac? Este, como vimos, fora amigo do meu antecedente, Roger-Isarn. Também Mir de Camplong o fora. A ligação com as personagens de *Os Cátaros e a Reencarnação* parecia completa. Estranhamente, este acontecimento não me entusiasmou. Talvez estivesse a habituar-me a meio existir no século XIII. Betty tinha captado estes nomes por alguma forma de comunicação psíquica, mas eu já estava quase saturado de referências provenientes da Sr.ª Mills. Tornara-me quase blasé em relação a personagens do século XIII.

Jane voltou ao ataque alguns dias depois. Telefonou à Sr.ª Mills e manteve durante alguns minutos uma conversa vacilante e dispersa, tão pouco característica dela que a Sr.ª Mills percebeu que, mais cedo ou mais tarde, faria algumas perguntas importantes e delicadas. De repente foi direta ao assunto e perguntou sem rodeios: «Acredita na reencarnação?»

«Sim», respondeu a Sr.ª Mills.

«Ótimo. Era só isto que queria saber. Isso explica tudo.»

Uma semana depois, Jane telefonou para perguntar à Sr.ª Mills se já tinha ouvido falar de Blanche de Laurac. Este era outro nome que descobrira posteriormente nos papéis de Betty. O meu pensamento imediato foi que Betty poderia ter tomado nota depois de ler o meu livro, mas a Sr.ª Mills disse que a mãe, Jane, tinha a certeza de que a nota fora feita antes do regresso de Betty a Inglaterra. Não podia interrogar Jane demasiado de perto porque precisava de todas as suas energias para evitar as perguntas dela. Nas duas últimas chamadas, Jane dissera estar certa de que a Sr.ª Mills sabia muito mais acerca daqueles nomes do que admitia. A Sr.ª Mills adotou o que esperava ser uma postura convincente, indicou que se interessava pelo Midi do século XIII e admitiu acreditar que existem pessoas com capacidade para recordar vidas anteriores e para sintonizar com séculos passados. Foi inflexível em recusar partilhar as suas experiências

psíquicas com qualquer pessoa que não fosse eu. Considerava que admitir memória remota seria um embaraço insuportável para a sua vida profissional numa pequena cidade.

Nos dias seguintes, os acontecimentos precipitaram-se. Jane disse que se sentia absolutamente impelida a ir a Montségur e às Corbières. Não sabia por que razão mencionara estas últimas. São montanhas áridas, pouco conhecidas e pouco visitadas, nas extremidades orientais dos Pirenéus. Podia compreender que tivesse ouvido falar de Montségur, mas por que razão mencioná-la no mesmo fôlego que as Corbières?

Como poderia saber que estes dois nomes estavam associados ao catarismo? Ela própria nunca mencionara esta palavra. Os livros de Betty tinham sido eliminados em bloco e Jane ignorava que ela tivesse lido o meu livro. A Sr.ª Mills fez o possível para a dissuadir da ideia de uma visita ao Languedoque. Salientou que era demasiado longe e que nunca encontramos aquilo que procuramos. Disse que Jane dava a impressão de estar prestes a dizer algo e que se abstinha de se comprometer no último momento.

Na manhã seguinte, a história deu um enorme salto em frente. Jane telefonou de novo e foi direta ao assunto. Admitiu que os nomes que mencionara tinham sido escritos quase quarenta anos antes, quando Betty era criança. Na maior parte dos casos, não tinham sido escritos em folhas soltas, mas por baixo de desenhos que ela fizera aos sete anos, quando estivera muito doente com escarlatina. Mais tarde concluí que Betty devia estar a desenhar e a escrever um ou dois meses depois de a Sr.ª Mills ter tido os seus primeiros sonhos recorrentes aos cinco anos, quando estivera doente com difteria.

Ao telefone, Jane mencionou outros nomes registados por Betty. Entre eles estavam Massabrac, Congost e Pierre-Roger de Mirepoix. Estes três nomes estavam entre os recordados pela própria Sr.ª Mills. Mais uma vez, avançámos para a sombra sombria de Avignonet. Os três nomes de Betty apontavam claramente para o massacre. Os mencionados tinham todos participado nele. Este episódio sinistro despertara memórias na Sr.ª Smith, na Sr.ª Mills e em mim próprio. Mas por que razão deveria afetar uma criança no Norte das Midlands, atingida por escarlatina em meados da década de 1930? Era claro que, nesta época de materialismo desbragado, o catarismo ainda possuía um tremendo poder emanatório.

No dia seguinte, Jane apareceu sem aviso em casa da Sr.ª Mills. Tinha evidentemente decidido partilhar um segredo que guardara desde a infância de Betty. Trouxe consigo cinco cadernos de desenhos infantis. Comprara-os quarenta anos antes para distrair Betty durante a sua tediosa convalescença. Betty correspondera fornecendo pormenores históricos de um incidente ocorrido sete séculos antes noutro país. O incidente descrito era certamente importante, mas não suficiente para merecer mais do que uma frase num livro de História para crianças em França.

A importância das Guerras Albigenses é grandemente minimizada em muitas histórias de França. Certamente, nessa altura, nenhum livro de História francês ou inglês, para crianças ou para adultos, daria os nomes dos conspiradores efetivos em Avignonet. Betty estava a desenhar e a descrever nas suas anotações algo conhecido

apenas por uma minúscula minoria académica no seu próprio país. Mas será que essa pequena minoria académica revelava a mesma atenção ao detalhe que Betty nos seus desenhos?

Jane trouxe cinco cadernos consigo. Com grande dificuldade, a Sr.ª Mills convenceu-a a deixar um para minha inspeção. Descreveu-me a Jane como intensamente interessado nesse período da História e como conhecendo um pouco acerca dele. Jane consentiu relutantemente. Disse que tinha guardado aqueles cadernos durante quarenta anos e que, até essa manhã, não contara a ninguém da sua existência. Não suportava que estivessem fora da sua vista.

Por fim, concordou em deixar um comigo sob a condição de que lhe fosse devolvido imediatamente e de que nada do seu conteúdo fosse utilizado por mim, verbalmente ou por escrito. Compreendi perfeitamente a sua atitude. Investigadores de assuntos psíquicos que suspeitam da integridade daqueles que não querem partilhar informação podem ser deploravelmente carentes de discernimento.

A manhã que passei em casa da Sr.ª Mills a examinar atentamente os cadernos de Betty foi, em certos aspetos, a mais reveladora da minha vida. Não é dado a toda a gente ver a prova de que uma criança doente numa cidade industrial viu, através de setecentos anos, um incidente que foi o prelúdio da destruição do ressurgimento medieval do cristianismo primitivo.

Os desenhos ocupam dezanove páginas. As figuras representadas são infantis e estilizadas. Os braços e as pernas dos homens são representados por linhas retas e as suas cabeças por círculos. As árvores recebem o mesmo tratamento, mas em cores diferentes. Os homens são sempre coloridos de azul. Apesar do carácter infantil destes desenhos, há neles indícios de um certo padrão. Este é, por vezes, simbólico e contém sinais de significado cátaro. Noutras ocasiões, está tão entrelaçado que os nomes são expressos em estranhos laços e contorções. Quer os nomes estejam escritos de forma linear quer de forma misteriosa e ornamentada, são executados de modo primitivo pela mesma mão infantil.

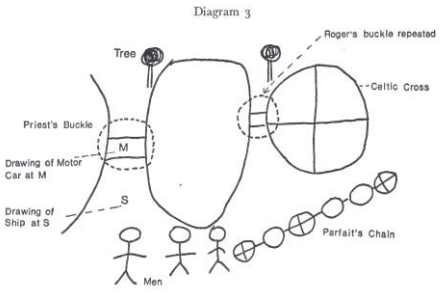
Os desenhos de Betty, e as respetivas explicações, são apresentados nas páginas seguintes.

No canto superior esquerdo do diagrama 1 encontram-se quatro cruzes Tau. Como vimos, estas são símbolos de cura. Na base do desenho, a palavra FAN é claramente discernível. Trata-se obviamente de uma abreviação de Fanjeaux, onde existia um centro de formação de Parfaits na arte da cura. Se isto parecer uma afirmação

excessivamente dogmática, o leitor deverá suspender o juízo até ter visto os outros desenhos.

Se Betty foi tão infalivelmente exata noutros pormenores, pode conceder-se-lhe a abreviação de Fanjeaux. A cruz grega à direita de FAN não tem qualquer significado especial, exceto que, quando usavam a cruz como símbolo, os Cátaros preferiam a variante grega. Não sei se o E reto acima da cruz grega tem algum significado particular.

A análise deste desenho é impossível sem conhecer a palavra-chave. Tudo o que se vê são homens e árvores ou, se preferirem, homens num bosque. Mas todo o enredo é revelado pela palavra Antok. Antes do massacre dos Inquisidores em Avignonet, os conspiradores de Montségur e os liderados por Pierre de Mazerolles reuniram-se num bosque perto de Gaja-la-Selve. Este bosque chamava-se Antioch. O nome ficara sempre gravado na minha memória pela simples razão de que não conseguia imaginar por que motivo um bosque no Languedoque teria um nome do Próximo Oriente. Todo o assunto me foi reavivado pelo facto de, na noite anterior à visita da mãe de Betty, a Sr.ª Mills me ter perguntado se os assassinos dos Inquisidores se tinham reunido num bosque. Antok é a tentativa de Betty de escrever Antioch.

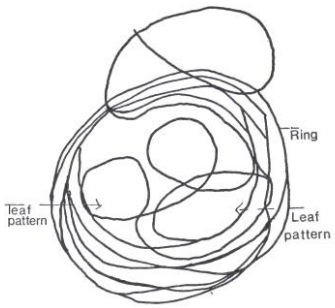


No diagrama 3 há aqui três aspetos dignos de nota. Rabiscado por cima das representações esquemáticas, feitas pela criança, de um automóvel e de um navio, está o contorno claro da fivela que era usada por Roger Isarn e que tanto obcecava a Sr.ª Smith. Esta falava da fivela de Roger e do azul-escuro das vestes das Parfaites como se estes fossem as duas medidas-padrão pelas quais a sua história deveria ser aferida.

Em segundo lugar, no canto inferior direito, há um cinto de um Parfait no qual círculos e cruzes celtas se alternam e que se assemelha exatamente ao descrito pela Sr.ª Mills. O que permitiu a Betty desenhar símbolos do século XIII que foram recordados

cerca de dez anos mais tarde pela Sr.ª Smith e quase quarenta anos mais tarde pela Sr.ª Mills? Há outra cruz celta no canto superior direito da imagem.

Diagram 4

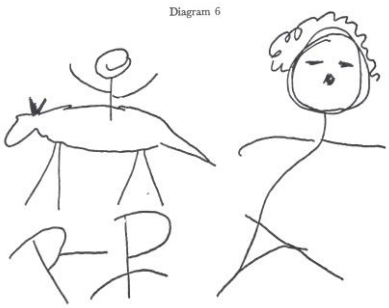


Este diagrama é apenas um canto de um rabisco infantil. Este desenho em particular é o fim de uma série de laços indefiníveis. Vemos aqui um desenho circular e um padrão de folhas. Braida de Montserver diz que o primeiro é a tentativa infantil de Betty de desenhar o anel que ela usava quando era rapariga e jovem mulher, antes de se tornar Parfaite. O padrão de folhas é o esforço de Betty para recordar o desenho gravado no anel. Este motivo de folhas assemelha-se, mas não de perto, ao da Mandala da Sr.ª Mills. Braida afirma que este anel era habitualmente usado por simpatizantes cátaros que não tinham sido recebidos no sacerdócio.

A palavra «Raymond» é evidente, exceto pelo facto de o «D» ter uma terminação floreada. O «D» está ligado ao «O» de tal forma que se assemelha a um cálice com pé. Tomado isoladamente, este desenho deve ser considerado como não tendo qualquer significado especial. No entanto, repete-se numa página posterior.

Quem era este Raymond? Este nome era tão comum no Languedoque medieval que não se pode fazer qualquer comentário sobre este exemplo, mas no diagrama 6 ficamos certamente esclarecidos quanto à sua identidade.

Diagram 6



No canto inferior esquerdo do diagrama 6, as letras R P são distinguíveis. Tendo em conta todo o assunto, penso que podemos tomá-las como indicando Raymond de Perella. Não sei que significado se atribui ao homem a cavalo ou à outra figura. Presumivelmente o primeiro é um cavaleiro, o que se adequa à descrição de Raymond de Perella.

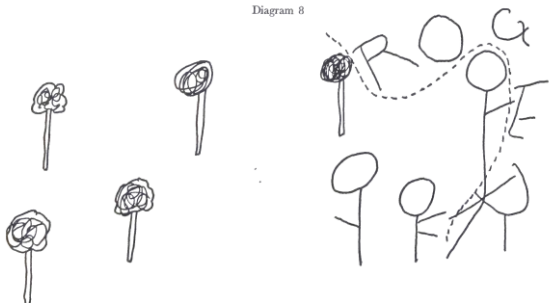
As páginas 7 e 8 do caderno de Betty foram desenhadas com o caderno completamente aberto e formam uma única imagem, tal como mostrado no diagrama 7.

Diagram 7

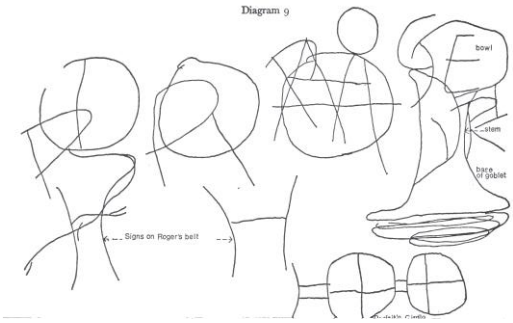
Não pode haver absolutamente nenhuma dúvida quanto ao significado do Diagrama 7. Aqui estão duas figuras humanas em posição reclinada. Em todos os desenhos de Betty, estes são os únicos homens representados nessa posição. São os dois Inquisidores assassinados. Por baixo, algo está escrito nas suas peculiares maiúsculas finas e geométricas. Esta é a palavra-chave da imagem e, em grande medida, da sua própria história, da minha, da da Sr.ª Smith e da da Sr.ª Mills.

As letras AVIONEY são uma tentativa excecionalmente boa, por parte de uma criança inglesa de sete anos, de reproduzir a pronúncia de Avignonet na sua própria língua. Talvez a figura muito ativa formada pelas duas últimas letras da palavra Avioney represente alguém a matar os Inquisidores. Este diagrama ocupava duas páginas, com o caderno bem aberto.

Diagram 8



Aqui, no diagrama 8, há de novo uma ênfase em homens e árvores. As folhas estão a verde e os troncos a castanho. Os homens no canto inferior direito estão a azul. À direita, a palavra Roger está claramente esboçada. Estamos ainda no bosque. Continuamos a lidar com os conspiradores de Avignonet? Mas por que razão a palavra Roger? Sabemos, por *The Cathars and Reincarnation*, que Roger-Isarn ficou horrorizado com o massacre e não tinha conhecimento da conspiração até ela ter sido consumada. Mas o diagrama seguinte aponta claramente na direção do meu predecessor Roger Isarn de Fanjeaux.



O nome Roger está escrito claramente no canto superior direito. No original de Betty, estava escrito a lápis. Repare-se na repetição de R's que o precedem. O resto do desenho foi feito com giz de cera vermelho/castanho. Em segundo lugar, o sinal que Roger usava na sua fivela é reproduzido duas vezes perto do canto inferior esquerdo da imagem. Em terceiro lugar, há uma nova reprodução do cinto dos Parfaits, composto por cruzes celtas.

Ver-se-á que as ligações entre as cruzes, juntamente com a parte adjacente da circunferência dos círculos, são na realidade reproduções dos sinais que preocupam Puerilia e que ela viu na fivela de Roger. Será possível que, nas suas recordações, a Sr.ª Smith se estivesse a concentrar, pelo menos por vezes, nas junções entre os círculos no cinto dos Parfaits? O cálice aparece novamente na extremidade direita da imagem. Há quem o traduza como o Santo Graal. Eu não estou entre esse número. Dois grandes R's são distinguíveis à esquerda da imagem.

A primeira linha é obviamente uma abreviatura de Camplong. O G está na extremidade direita da segunda linha. Estamos de volta ao mundo de Roger-Isarn. Mir de Camplong foi um dos seus amigos mais próximos. A palavra Camplong é um bom exemplo da forma como Betty disfarçava os nomes num desenho de arabescos. É claro que, mesmo aos sete anos, símbolos cátaros tinham invadido o seu inconsciente. Isso é mostrado claramente no seu desenho de cintos e fivelas. Há também indícios de um padrão nalguns dos seus rabiscos menos traduzíveis. Estarão desenhos semelhantes escondidos na forma como escreve nomes próprios? Mais uma vez, um único quadro ocupa toda a superfície.

O diagrama 11 ocupa também uma dupla página. O nome na linha inferior é fácil de identificar. Trata-se, indubitavelmente, de Congost. Gaillard de Congost aparece pouco nos registos, exceto como participante no caso de Avignonet. A metade esquerda da linha do meio é ocupada pela palavra Pons. Pons Narbona, um sargento de armas, estava também implicado no massacre.

Temos ainda mais dois nomes a explicar: Pierre, acima e à esquerda de Pons, e Rog diretamente à direita. Estes são o nome próprio e o apelido de uma única pessoa, Pierre-Roger de Mirepoix, comandante da guarnição de Montségur e líder do grupo que partiu para Avignonet na noite do massacre. Betty tentou escrever Pierre-Roger em francês medieval ou em occitano. Usou apenas um «r», mas colocou as vogais na ordem errada.

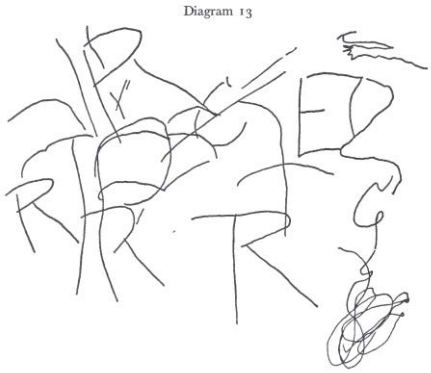
Para além de qualquer dúvida, o diagrama 12 é uma referência de regresso ao massacre de Avignonet. Em certos aspetos, este desenho é o mais significativo de todos, porque se ocupa dos mais ínfimos pormenores. À esquerda da imagem há um bosque. A palavra Jordan está rabiscada por cima. Isto refere-se a Jordan de Mas, que saiu de Montségur montado com o bando liderado por Pierre-Roger de Mirepoix. Agora, o lado direito da imagem contém a palavra Leper.

Que raio poderá isto ter a ver com o massacre de Avignonet? Uma ou duas semanas mais tarde, a Sr.ª Mills perguntou se havia um lazareto nas proximidades de Avignonet. Respondi de forma muito categórica que «não» e acrescentei — o que é verdade — que tal instituição existia em St. Papoul. Fui, casualmente, consultar um livro que incluía uma descrição da conspiração. Não tinha esperança de encontrar nada de novo.

Fiz o meu, já então habitual, truque de abrir na página certa. Descobri que os dois grupos separados de conspiradores, um de Montségur e o outro de La Selve, foram recebidos no lazareto nos arredores de Avignonet por alguém que os guiou até ao

alojamento dos Inquisidores. Tudo isto fora registado por Betty há quase quarenta anos. Nessa altura, haveria algum professor em Inglaterra a entrar neste assunto com tal nível de detalhe? Betty usou duas páginas para este desenho.

Diagram 13



No diagrama final do seu caderno, Betty regressa, aos sete anos, ao que viria a recordar quarenta anos mais tarde em St. Papoul e que registou por escrito: «Oh Roger, Roger, Roger, Roger.» A memória do seu irmão do século XIII parece ter permanecido sempre ao nível consciente, ou muito perto dele. Aqui vemos uma linha de cinco R's na periferia e Roger rabiscado ao meio. Para este desenho de página única, Betty usou a contracapa do seu caderno de desenhos.

O que significa tudo isto? É claro que, aos sete anos, Betty estava a recordar, ou a captar as vibrações, do massacre dos Inquisidores em Avignonet. Isto não é apenas provado pelos seus desenhos e pelos nomes anexados a eles. Os nomes nos estranhos pedaços de papel encontrados pela mãe estavam também relacionados com este caso. Othon e Alzeu de Massabrac estavam claramente implicados e os seus nomes são inconfundíveis. Betty também tinha escrito Raymond num pedaço de papel. Isto poderia referir-se tanto a Raimon Guiraud como a Raimon de Ravat. Estes dois cavalgaram com Pierre-Roger desde Montségur.

Mas há um segundo tema nas recordações de infância de Betty. Porquê a concentração em Roger? Porquê o grito do coração no seu diário após a visita a St. Papoul? Foi aqui que Roger-Isarn fora capturado pelos caçadores de hereges. Haveria alguma ligação no século XIII entre Betty e Roger? Teria havido, mesmo nesta vida, alguma comunicação entre Betty e eu? A troca de pensamentos sobre a citação de Platão foi certamente interessante.

O caderno de desenhos de Betty foi devidamente devolvido a Jane. Dois dias depois, ela telefonou à Sr.ª Mills e perguntou-lhe se achava que Betty tivera uma encarnação anterior no Languedoque e se aqueles escritos eram sinais disso. A Sr.ª Mills disse: «Sim.» Jane perguntou então se ela achava possível que alguém tivesse estado a tentar entrar em contacto com Betty. A Sr.ª Mills respondeu que achava possível.

Estas perguntas eram desconcertantes para a Sr.ª Mills. Ela tinha um duplo objetivo ao responder às perguntas de Jane. Queria consolá-la tanto quanto possível e, ao mesmo tempo, ocultar os seus próprios dons psíquicos. Para mim, era óbvio que Jane

já tinha adivinhado muita coisa. A sua pergunta seguinte foi: «Alguma vez alguém tentou entrar em contacto consigo?»

A Sr.ª Mills respondeu, envergonhadamente, «Não». Sentia a consciência pesada com estas respostas evasivas. Gostava muito de Jane e desejava ajudá-la o mais possível.

Nesta conversa, Jane deixou claro à Sr.ª Mills que eu ver os desenhos de Betty fora um favor especial e uma total confidência. Receava que os desenhos e os nomes pudessem ser utilizados num livro. Este receio natural era mais estranho do que parecia. Nessa altura, Jane não fazia ideia de que eu tivesse escrito coisa alguma. Eu disse à Sr.ª Mills para lhe frisar que eu nem sequer sonharia escrever uma palavra sobre Betty sem a sua autorização.

Mas Braida tinha outra coisa a dizer. Apareceu nessa noite e disse à Sr.ª Mills que Jane mudaria de ideias e que me daria permissão para usar aquele material. A Sr.ª Mills perguntou-lhe quem era Betty. Foi um erro. Braida resistia a perguntas demasiado diretas. Era hostil à ideia de prova por definição. A identidade da Sr.ª Mills como Esclarmonde de Perella e a minha como Roger-Isarn tinha sido estabelecida no decurso de longas conversas centradas nessas pessoas, de tal modo que a sua identidade era inconfundível.

As outras pessoas e incidentes que entravam nessas discussões estabeleciam, para além de qualquer dúvida, a nossa identidade anterior. Braida por vezes repreendia a Sr.ª Mills de forma brusca. Quando esta lhe perguntou se a celebração primaveril de Montségur era uma festa maniqueísta, ela disse: «Isso terá de pensar por si própria. Decerto já lhe foram dadas referências suficientes para estudar.» Com isto, só podia querer dizer que os Ritos da Primavera eram essencialmente a celebração de uma Páscoa cristã.

Como consolação, Braida disse: «Vai encontrar outra pessoa que sabe muito sobre o catarismo.» Eu disse à Sr.ª Mills que essa pessoa era, sem dúvida, a mãe de Betty, Jane. Ela própria estava longe de ter a certeza de que fosse esse o caso. Estava num estado de grande abatimento nessa manhã e não conseguia antecipar coisa alguma com a sua habitual alegria. A data era 14 de Março. Esta era a data em que a guarnição saiu de Montségur.

A noite anterior fora um suplício. Guilhabert de Castres aparecera. Entoara um cântico monótono que a Sr.ª Mills achou horrivelmente deprimente. Já ouvira esses cânticos antes, mas anteriormente tinham sido cantados por várias pessoas e não tinham tido um efeito deprimente sobre ela. Nessa noite em particular, os resultados foram desastrosos. Guilhabert de Castres trouxe então Bertrand Marty e deixou-o com ela. É como deve ser. Guilhabert estava morto antes do cerco, enquanto Bertrand esteve lá até às últimas horas e morreu na fogueira. Bertrand Marty repetiu-lhe o Pai-Nosso. A Sr.ª Mills tinha consciência de que não estava a captar todo o seu significado. Isto é compreensível. Estava a recuar a um tempo em que não podia estar plenamente atenta.

Por muito que alguém tenha sido espiritualmente fortalecido, deve ser difícil concentrar-se na véspera de ser queimado vivo.

Jane telefonou na noite do dia 14. Foi quase um conforto para a Sr.ª Mills constatar que Jane se sentia tão em baixo como ela. «Por que razão», disse Jane, «me sinto tão deprimida?»

A Sr.ª Mills respondeu que aquela era a data em que a guarnição abandonara Montségur. Na conversa anterior, ela admitira ter algum conhecimento da história cátara, porque não queria que Jane pensasse que Betty andara a perseguir uma miragem. Disse-me que, ao telefone, conseguiu ouvir o enorme suspiro de alívio de Jane. Esta perguntou-lhe quanto é que ela sabia sobre o assunto. Quando a Sr.ª Mills admitiu que sabia alguma coisa, Jane descreveu então um sonho que tivera na noite anterior.

Viu um castelo no cimo de uma colina. Viu homens com casacos reforçados por tiras de couro a saírem dele. A descrição dos casacos é idêntica à mencionada anteriormente pela Sr.ª Mills. O que mais se destacava no seu sonho era que alguns dos homens com casacos de couro ficavam para trás com as suas mulheres. Voltamos novamente aos sargentos de armas. Jane não sabia quantos homens ficaram para trás. Disse que havia algo de insuportavelmente triste naquele sonho em particular e que todo o sonho era terrível.

O que me interessou especialmente foi que aqui havia mais alguém com gosto por aniversários. Tal como a Sr.ª Mills, Jane ficava sempre deprimida durante a primeira quinzena de Março.

Para espanto da Sr.ª Mills, Jane acrescentou com firmeza que não se importava que eu utilizasse o material fornecido por Betty, desde que a sua identidade fosse ocultada. Embora eu nunca tivesse conhecido Jane, pensei, com base nas conversas que a Sr.ª Mills me relatara, que poderia demorar alguns meses até ela mudar de ideias. Fiquei espantado com a sua súbita reviravolta. A previsão de Braida na noite anterior tinha-se cumprido bem dentro de vinte e quatro horas. Era evidente que Jane era a próxima informante cátara anunciada por ela.

Nas altas horas da noite de 16 de Março de 1972, acordei a sentir-me literalmente como morto. Ao dizer isto, quero dizer exatamente o que digo. Sentia que não conseguia respirar e que, para inspirar, era preciso um esforço de vontade. Se isto tivesse sido falta de ar normal, tê-lo-ia atribuído ao meu problema cardíaco. Mesmo assim, antes ou depois da minha doença, a falta de ar nunca tinha sido o meu problema.

Nem havia qualquer elemento de espasmo brônquico nesta sensação. Era como se não houvesse ar no mundo. Fiquei acordado durante meia hora. Quando percebi que a minha mulher também estava acordada, acendi a luz. Eram quatro horas. Não estou habituado a acordar a altas horas. «Espero que os outros dois estejam bem», disse. Não sei por que razão disse «os outros dois». Afinal, eu não tinha conhecido a mãe de Betty.

Quando me levantei nessa manhã, sentia-me longe de estar bem. Era o aniversário da queima dos Parfaits em Montségur.

Vi a Sr.ª Mills nessa noite. Ela tinha acordado subitamente durante a noite e vomitara de imediato. Perguntei-lhe a que horas isso acontecera. Respondeu: «Às três e meia.» Era a hora a que eu próprio tinha acordado. Não fiquei minimamente surpreendido com os seus sintomas. Braida aparecera mais tarde nessa noite. O seu conselho foi simples. Limitou-se a aconselhar, uma vez mais, paciência. A Sr.ª Mills ouviu Guilhabert de Castres a entoar. Depois Bertrand Marty voltou a aparecer. Ao mesmo tempo que encorajava, consolava. Ela estava a reviver o último encontro deles.

Jane aguentou-se corajosamente até ao dia seguinte, o dia 17, antes de telefonar. Tinha sido difícil fazê-lo no dia 16 porque tinha sido visitada pelo seu médico. Acordara nas altas horas dessa manhã com dores lancinantes nos pés. Isso espalhou-se por ambas as pernas, acima dos joelhos. Quando acendeu a luz, viu que ambas as pernas estavam de um vermelho vivo e cobertas de enormes bolhas até à linha acima dos joelhos, até onde a dor se estendia. Disse que a dor era absolutamente agonizante.

É interessante que a dor tenha parado acima dos joelhos. Sempre se disse que, muito frequentemente, as vítimas da queima na fogueira ficavam inconscientes e morriam cedo por asfixia.

Como a dor era insuportável, chamou o médico. Quando este a examinou, disse que todo o quadro era exatamente o de uma queimadura, mas que, se ela insistia que não fora queimada, só podia dizer que nunca tinha visto nada igual na vida. Disse-lhe candidamente que, se lhe chamasse uma alergia, era por falta de melhor descrição. Passou-lhe uma receita de um anti-histamínico. Ela disse à Sr.ª Mills que não tomou os comprimidos do médico. «De que serviria? Eu sabia o que tinha causado aquilo.»

A lesão desapareceu entre as duas e as três da tarde, mas a dor persistiu durante alguns dias. Jane não soube dizer a hora exata a que acordou. Pergunto-me a que horas os Parfaits foram queimados na fogueira. A Sr.ª Mills diz que foi ao amanhecer. Um ano antes, ela encontrara junto à cama, escrito em francês, as palavras: «dawn March 16th cold etc.» Não conheço nenhuma autoridade que nos indique a hora do auto-da-fé.

Do ponto de vista médico, a queimadura de Jane não é tão fascinante como a erupção nas costas da Sr.ª Mills ao longo da linha de impacto da tocha ardente. Pergunto-me se algum outro médico conhece duas lesões cutâneas com origem sete séculos antes.

Jane relatou isto à Sr.ª Mills por telefone no dia 17. A Sr.ª Mills já estava suficientemente espantada com o que ouvira, mas o final da conversa ultrapassou tudo o que ela tinha experimentado anteriormente. Jane perguntou-lhe se tinha sido visitada por alguém recentemente. «Visitada por alguém» é uma expressão suficientemente vaga, mas a Sr.ª Mills percebeu bem o que se pretendia. Respondeu: «Não.»

«Porque é que me está a mentir?», disse Jane.

«Porque diz isso?»

«Deixe-se disso.» Jane falou com uma acuidade invulgar. «Eu sei, com certeza, que Braida tem vindo visitá-la.»

Nesta altura, a Sr.ª Mills desistiu da luta. Sempre teve horror a que alguém, além de mim, soubesse das suas experiências. Agora estava claro para ela que não se pode esconder quando há olhos a vigiar-nos de outros séculos. Não fez qualquer tentativa de negar o que Jane dissera.

Jane continuou, dizendo que tinha sido visitada durante anos por um homem de vestes azuis que, a princípio, tomara por um monge. Fez questão de salientar que ele não usava capuz. Só a visitava quando ela estava particularmente preocupada com alguma coisa. Tanto quanto podia dizer, aparecia uma vez de dois em dois meses. Parecia funcionar como uma espécie de anjo da guarda.

Três dias depois, Jane apareceu em casa da Sr.ª Mills. Falou livre e diretamente sobre Montségur. Sem hesitação nem timidez, descreveu o cerco. Tal como a Sr.ª Mills, ajudara a tratar dos feridos. Descreveu o tipo predominante de ferimentos e como eram tratados. A sua descrição correspondia à que a Sr.ª Mills me tinha dado anteriormente. Referiu em especial o uso de teias de aranha para controlar hemorragias. Descreveu a planta semelhante à salsifi que a Sr.ª Mills tinha visto esmagada num almofariz e usada como pasta para tratar feridas. Jane disse que também era cozida e comida.

Foi fascinante que Jane também conseguisse contribuir para o nosso conhecimento do vestuário e decoração cátaros. Todos os Parfaits vestiam azul. Mais uma vez, a Sr.ª Smith ficou triunfalmente vindicada. Os Parfaits nunca eram tonsurados. Nem homens nem mulheres usavam qualquer coisa na cabeça. A Sr.ª Mills descreveu como, até hoje, Braida de Montserver usa uma touca à Julieta. Braida morreu antes de Montségur. A moda poderia ter mudado até essa altura. Também é razoável supor que os rigores do cerco simplificariam os hábitos de vestuário.

A Sr.ª Smith tinha a recordação de, por vezes, usar uma espécie de rede, mas lembra-se de que, na maior parte do tempo, o seu cabelo estava solto. A Sr.ª Smith, a Sr.ª Mills e Jane são todas enfáticas em afirmar que, entre os Cátaros, não havia um toucado elaborado como um wimple. Estão todas de acordo em que, em comparação com o que existia noutras civilizações dessa época, os penteados eram notavelmente livres e desinibidos. Para mim, as pequenas diferenças que recordam aumentam a realidade do quadro.

Jane insiste em que as correntes com desenhos como a cruz celta descrita pela Sr.ª Mills não eram usadas imediatamente após a pessoa se tornar Parfait. Depois de receber o Consolamentum, usava-se um cinto. O direito de usar a corrente vinha após uma iniciação adicional. Confirmou que os bispos usavam fivelas. Estas tinham o mesmo desenho que as descritas pela Sr.ª Mills, mas Jane insistia que havia também uma cruz no meio da fivela. Nesta questão de vestuário e decoração, mais uma vez, as semelhanças e a experiência da Sr.ª Smith, da Sr.ª Mills e de Jane superam largamente as diferenças.

Durante séculos, os historiadores concordaram unanimemente que os Parfaits nunca comiam carne. Para as proteínas, recorriam a peixe, frutos secos, leguminosas e pão. Jane afirma categoricamente que, por vezes, comiam carne. Comeriam a carne de um animal já abatido para obter a sua pele, a fim de fazer pergaminho. A Sr.ª Mills tinha previsto isto na sua visão e sonhos no final de 1971, quando viu pergaminhos e peles e escreveu a palavra «pel». Esta é o occitano para pele e pergaminho. Nisto parecem ter adotado a atitude de certos lamas budistas. Um deles comeu carne à minha mesa e disse que não havia razão para não o fazer, uma vez que o animal já estava morto, mas que não colaboraria, em circunstância alguma, com a morte de um animal.

Quem era Jane? Isto não é nada difícil. Sabia que o marido era soldado. Não ocupava uma posição de autoridade mas era, ainda assim, nas palavras dela, «não exatamente um soldado raso». Usava uma túnica reforçada por tiras de couro. Era, na realidade, um sargento de armas. Foi queimada com ele. Não admira que a elucidação do mistério de Brunarsendis tivesse significado tanto para mim. Brune e Arsendis eram as duas esposas que foram queimadas com os seus maridos, Arnaud Domerq e Pons Narbona. Jane devia ser uma destas mulheres. Numa ocasião posterior, a Sr.ª Mills perguntou-lhe se Brune lhe dizia alguma coisa. Ela admitiu que sim.

Jane disse que, na sua vida anterior, ela e o marido tiveram dois rapazes e uma rapariga. Se se pudesse confirmar que a família de Brune e Arnaud Domerq era assim constituída, isso fecharia a questão.

Ela voltou novamente à questão do Parfait que a visitava. Foi por intermédio dele que soube que a Sr.ª Mills era visitada por Braida. Eu, de início, perguntei-me se este cavalheiro seria Guilhabert de Castres, sem melhor razão do que o facto de este ser tão ativo, eminente e ubíquo. O recém-chegado também conhecia bem Braida Montserver. Pela descrição que Jane fez dele à Sr.ª Mills, era claro que não podia ser nem Guilhabert de Castres nem Bertrand Marty.

Longe de ter o rosto rechonchudo e ser baixo como o primeiro, ou de ser relativamente alto e de rosto magro como o segundo, era, em todos os aspetos, um sujeito grande e robusto. Tinha um aspeto rijo e a cabeça larga. Jane pensava sempre nele como o avançado de râguebi. Parecia assemelhar-se, na compleição, àqueles admiráveis avançados franceses recrutados na terra cátara e que não demonstram minimamente a capacidade cátara de não-resistência. Estava inextricavelmente associado às suas memórias de Montségur. No tempo do cerco, só restavam dois bispos no castelo. Ele, definitivamente, não era Bertrand Marty. Só podia ter sido Raimon Agulher, um orador formidável que, quase quarenta anos antes do cerco, enfrentara o odioso São Domingos no famoso debate na casa de Fanjeaux, onde, na minha encarnação anterior, eu muito bem poderia ter nascido. A sua aparência não dava pista alguma sobre a sua capacidade como pregador.

Jane disse à Sr.ª Mills que ia às Midlands para tratar dos assuntos de Betty. Depois disso, propunha-se ir de férias para o Norte de Inglaterra.

Quando Jane apareceu em casa da Sr.ª Mills, ainda sofria da dor aguda nas pernas que começara na manhã do dia 16. A Sr.ª Mills tratou-a segundo os métodos de Braida. A dor cessou em poucos minutos, outro exemplo de cura por retomar o contacto após séculos. Braida apareceu na noite seguinte. Disse que Jane estaria fora durante algum tempo e que, quando regressasse, não deveria ser contactada nem encorajada a encontrar-se comigo. Disse que era possível que Jane passasse por uma fase em que não quisesse falar mais. Em essência, deveria ser deixada a fazer o que quisesse, ao seu próprio ritmo.

Três dias depois, tive de ir à B.B.C., em Bristol, para fazer uma pequena participação para o *Woman's Hour*. Eu estava muito cansado e deprimido e desejava que a tarefa pudesse ter sido noutra altura. Nessa noite, fui visitado pela Sr.ª Mills. Ela não tencionava fazê-lo porque ela própria estava muito ocupada, mas Braida tinha-lhe dito que eu precisava de apoio. Tinha também outra informação para me transmitir. A Sr.ª Mills sugerira que eu misturasse, no que ela chamou uma Antologia, alguns poemas que eu tinha composto recentemente com pequenos textos em prosa que eu tinha escrito nos dois últimos anos.

Ao princípio achei que era uma boa ideia. Nas últimas vinte e quatro horas, eu recuara nessa decisão. Pareceu-me mais sensato utilizar as ideias expressas nos textos em prosa e traduzi-las em poesia. Na noite anterior, Braida exprimira a opinião idêntica. Parecia-me mais claro do que nunca que aquilo que eu julgava serem as minhas próprias ideias era injetado por ela no meu subconsciente.

Depois de a Sr.ª Mills ter relatado a opinião de Braida, tive uma súbita inspiração. Alguns meses antes, eu escrevera a grande velocidade um texto de prosa poética algo lírica, difícil de classificar, que envolvia um tema dualista centrado sobretudo nas forças do bem e do mal. Começava no cais do Bassenthwaite Lake e terminava numa sala subterrânea em Florença. Não havia propriamente uma história. Assemelhava-se a dois relâmpagos cinematográficos ligados por fragmentos de sonhos e visões. A imagem na minha mente da estrada desde o cais em Bassenthwaite Lake até à Pheasant Inn era particularmente intensa. Na altura em que redigi apressadamente aquele texto, lembrei-me de como sentira a presença do meu pai ao meu lado na estrada do lago até à Pheasant Inn. O meu pai estava morto havia quinze anos. Para mim, há algo de sagrado e crucial nesse troço de estrada. Eu não sabia que, dentro de poucos dias, outra pessoa sentiria o mesmo em relação a ele.

Foi curioso que, dois dias depois, eu fosse visitar uma enfermeira doente que trabalhava para um hospital com o qual eu estivera ligado durante trinta e cinco anos. A minha ligação ao hospital não era tão próxima como fora e eu não tinha visto aquela enfermeira mais de seis vezes na vida. Já perto do fim da conversa, ela disse-me que tinha sonhado comigo na noite anterior. Tivera consciência da minha presença durante toda a noite, mas o único pormenor que conseguia recordar era a frase «Il povero parfait», que se repetia ao longo da noite.

Perguntou-me o que significava. Naturalmente, a minha mente estava concentrada no Languedoque. Disse que *povero* era obviamente o francês *pauvre*, com o «e» pronunciado audivelmente, como acontece muitas vezes no Midi. A enfermeira disse que não sabia francês, mas insistia que a palavra não era *pauvre*. Eu admiti que o que ela dissera não fazia sentido gramatical em francês e sugeri que a frase podia traduzir-se por «o pobre Parfait».

Posso parecer obtuso, mas tenho de admitir que não me ocorreu que esta frase fosse italiana. O *il* era, claro, o artigo definido masculino nessa língua. Não sabia se esta enfermeira, nessa altura, estaria a captar restos das minhas vibrações Bassenthwaite–Florença. Um mês depois, ela disse que, mais uma vez, eu lhe tinha perturbado o sono e que a minha presença fora acompanhada pela palavra «Orvieto», repetida várias vezes. Este era um dos lugares anotados pela Sr.ª Mills nas suas excursões noturnas a Itália. Esta enfermeira não sabia italiano.

O flashback para Itália é interessante. Nunca descobri por que razão a Sr.ª Mills, mais cedo nesta história, se desviara nessa direção.

Embora a Sr.ª Mills desejasse, acima de tudo, preservar o seu anonimato, uma vez recuperada do choque de saber que Jane tinha consciência das visitas de Braida, ficou contente por partilhar o seu segredo com ela. Afinal, também Jane não tinha qualquer desejo de divulgar as suas experiências a toda a gente. A Sr.ª Mills sentiu alívio por já não ter de ser tão reservada com ela. A própria Jane tornou-se também mais comunicativa. Da próxima vez que telefonou, revelou que, na sua encarnação do século XIII, o seu marido fora Arnaud Domerg. Recordava também que, antes de ser queimada, lhe foi «dado algo que lhe deu força». Assistiu a uma cerimónia na qual fez uma «espécie de confissão geral».

O Pai-Nosso foi repetido várias vezes, numa forma abreviada, ao longo do serviço. Tal como a Sr.ª Mills — mas independentemente dela — insistiu que a sua forma era diferente da nossa. Perto do fim da cerimónia, colocaram-lhe um livro sobre a cabeça e conduziram-na à volta da sala por alguém que a segurou pelo braço. A referência ao braço, e não à mão, é interessante. De facto, as mulheres que recebiam o Consolamentum eram conduzidas pelo cotovelo.

Jane está a descrever a mesma cerimónia que a Sr.ª Mills viu no seu sonho. Mais do que isso: está a tratar do mesmo episódio. Disse que outras pessoas estiveram presentes na cerimónia. Já dissemos o suficiente anteriormente para saber que Esclarmonde de Perella foi uma delas. Era óbvio que a Sr.ª Mills e Jane se conheciam bem na sua encarnação anterior.

Nessa altura, eu estava completamente saturado de catarismo. Passei parte do meu tempo a registar no meu diário o que me ia sendo revelado. Braida disse à Sr.ª Mills que, se eu sentisse quaisquer impulsos líricos, os deveria exprimir diretamente em poesia, como relaxamento de escrever este livro. Tive duas ou três pequenas explosões em que produzi vários poemas. Também planeei um livro sobre Dualismo e medicina. A medicina não seria o fulcro desse livro, mas seria tratada num enquadramento

dualista. Como disse, sentia que, nestas matérias, estava em dívida para com os guias da Sr.ª Mills.

Foi estranho que, quando Jane voltou a telefonar à Sr.ª Mills, tivesse algo a esclarecer as minhas intenções recentes. Tinha sido visitada recentemente pelo avançado de râguebi. Ele dissera-lhe que, muito em breve, ela leria um livro que lhe interessaria muito. Era inevitável que, dentro de alguns dias, uma amiga lhe oferecesse um exemplar do meu *Os Cátaros e a Reencarnação*. Ela telefonou à Sr.ª Mills. Disse-lhe que eu tinha potencialidades poéticas e perguntou por que razão, santo Deus, eu não as exprimia, e por que não escrevia um livro sobre medicina com o Dualismo como pano de fundo. Numa palavra, repetiu o que me chegara através de Braida e de Guilhabert de Castres.

Depois veio, para mim, a parte mais importante da mensagem. O seu Parfait dissera-lhe que o que estava a acontecer entre ela, Betty, a Sr.ª Mills e eu estava, naquele momento, a acontecer em todo o mundo mas que, se não fosse registado, as provas disso perder-se-iam. Isto era puro bom senso. Onde quer que pessoas estejam ligadas por comunicação psíquica há uma tendência, por parte de cada grupo, para se considerar ilhas de experiência num oceano de indiferença materialista.

A afirmação de que isto estava a acontecer em todo o mundo, de que, na verdade, havia muitos grupos assim, confirmava a minha própria experiência clínica ao longo dos últimos dez anos, ou mais. Esta afirmação do avançado de râguebi foi, para mim, o tónico mais revigorante. Confirmou-me na crença de que não poderia estar melhor ocupado do que em contar a história do que tinha vivido.

Jane concluiu a chamada telefónica dizendo à Sr.ª Mills que ia para Cumberland de férias. Ficaria num hotel que me era bem conhecido. Na minha casa em Somerset, eu ligara a televisão na noite anterior e reconhecera a vista da janela do hotel. O programa não tinha nada que ver com as belezas de Cumberland. A aparição do hotel nele fora incidental. Depois de Jane estar um ou dois dias em Cumberland, telefonou à Sr.ª Mills. Estava agora hospedada no «The Pheasant», em Bassenthwaite Lake. De todos os hotéis da Grã-Bretanha, este é o meu favorito. Teve um grande papel na minha vida e sempre me trouxe felicidade. O próprio lago regressara vividamente à memória nas últimas semanas e fornecera o pano de fundo para um poema e um texto em prosa.

Jane disse à Sr.ª Mills que, na estrada fora da estalagem, sentira subitamente a presença de Betty. Era essa a estrada que eu tinha em mente no meu poema que alternava entre Bassenthwaite Lake e Florença. Foi aí que eu sentira tão intensamente a presença do meu pai. Eu disse à Sr.ª Mills: «Ela disse que foi entre o hotel e o cais que sentiu Betty perto dela?»

«Ela certamente mencionou o cais.»

Jane disse à Sr.ª Mills que se sentia muito em paz, mas muito cansada. Sabia que a Sr.ª Mills se sentia do mesmo modo e foi por essa razão que telefonou. Sabia também que a Sr.ª Mills sofria, em particular, de uma dor no peito. Descreverei isto com mais

pormenor no próximo capítulo menos um. Disse que estava convencida de que ela, Betty, a Sr.ª Mills e eu tínhamos estado todos muito ligados numa encarnação anterior. Ela e Betty tinham tido uma relação que era mais do que mãe e filha. Não estava a falar de forma sentimental nem com presunção. Acreditava que tinham um contacto psíquico muito estreito entre si.

Três dias depois, Jane telefonou-me pela primeira vez. Tinha mais de setenta anos. Tinha a voz leve e musical de uma mulher trinta anos mais nova. Em certa altura da conversa, eu mal conseguia acreditar que não estava a falar com a Sr.ª Mills. Jane disse-me mais tarde que a sua filha Betty sempre comentara essa semelhança. Quando levantei a questão com a Sr.ª Mills, ela disse que sempre achara que as vozes delas eram parecidas.

Jane telefonou porque estava preocupada com a Sr.ª Mills. A uma distância de trezentas milhas, estava plenamente consciente do seu estado e das dores no peito que descreverei mais adiante. Para uma primeira conversa telefónica, trocámos uma boa quantidade de informação. Perguntei-lhe o nome do avançado de râguebi. Ela disse Raymond. Eu pude acrescentar que o seu apelido era Agulher. Ela tinha consciência da sua capacidade como pregador e debatedor. Falei do visitante noturno da Sr.ª Mills. Ela pareceu surpreendida por eu ainda não ter sido visitado por ela. Eu disse: «Suponho que seja Braida de Montserver.»

«Mas com certeza», respondeu ela.

Voltou à questão da Sr.ª Mills. Disse que estava preocupada com ela porque fazia tanto e parecia tão abatida naquele momento. Pediu desculpa por me telefonar porque estava certa de que ninguém conhecia a Sr.ª Mills tão bem como ela. Estou certo de que tinha razão, embora ao longo dos anos se tivessem visto não mais do que uma vez de seis em seis meses.

Eu estava hesitante em perguntar-lhe onde tinha sentido de forma tão nítida a presença de Betty pela primeira vez. Foi entre o «The Pheasant» e o cais em Bassenthwaite Lake.

Alguns dias depois, a Sr.ª Mills perguntou-me quem eu achava que Betty tinha sido na sua vida anterior. Eu disse-lhe que, quando *The Cathars and Reincarnation* estava a ser publicado, alguém me perguntou se eu achava que a reencarnação era a única explicação para os fenómenos que eu descrevera e se poderia ser alguém de outro século que tivesse estado a tentar contactar a Sr.ª Smith. Concordei que isso era possível, mas não necessariamente uma alternativa, e que a clarividência auditiva e outros fenómenos desse tipo estavam entre os mecanismos necessários para a memória remota. Muitas vezes, desde então, me interrogara se alguém do século XIII teria estado a tentar contactar-me. Até Braida entrar em cena, eu sentira, de vez em quando, uma estranha sensação de que Hélis de Mazerolles ainda estava próxima de mim.

Hélis fora minha irmã na minha encarnação do século XIII. Senti que era possível que ela tivesse tentado falar comigo através da Sr.ª Smith. Disse isto à Sr.ª Mills. Disse

que, quando as pessoas falavam de estar associadas a outras em encarnações anteriores, era quase sempre uma questão de esposas e namoradas. Disse que não havia razão para que irmãos e irmãs não pudessem manter contacto psíquico entre si através dos séculos. Salientei que isto era conjetura, complicada pela retrovisão. Na minha mente, eu ainda sentia que a minha ideia podia também incluir um mínimo de intuição.

Na noite de 15/16 de Abril eu estava abominavelmente inquieto. Comecei com um pesadelo em que gritei tão alto que a minha mulher teve de me acordar. Não consigo lembrar-me de quaisquer pormenores, exceto que havia sons e sombras por baixo de uma escada e que a minha reação foi gritar como se a casa fosse abaixo. Não foi uma repetição dos velhos pesadelos que eu partilhara com a Sr.ª Smith e nos quais Pierre de Mazerolles regressava de Avignonet.

Mas, se não estava especificamente ligado ao massacre, podia muito bem ser um eco daqueles anos agonizantes revelados em todos os testemunhos que chegavam à Sr.ª Mills e, através dela, a mim. De qualquer modo, acordei a sentir-me como a ira de Deus. Pensei que iria visitar a Sr.ª Mills porque lhe devia uma visita, porque queria ver se tinha recuperado completamente do seu recente mal-estar e também porque, quando está em boa forma, ela é a companhia mais revigorante.

Nessa noite, a Sr.ª Mills passara um pouco, mas não muito, melhor do que eu. Estava obviamente a tentar mostrar boa cara, mas era evidente que estava cansada e que não tinha tido uma boa noite. Entregou-me duas folhas de papel sem qualquer comentário, exceto: «Isto significa alguma coisa para si?»

Reconheci aquilo imediatamente. Era a citação sobre a imortalidade da alma que Betty achara tão bela que telefonara à Sr.ª Mills, das Midlands, por causa dela. Tinha-o feito no dia seguinte ao que eu próprio notara a beleza dessa passagem como citação num enorme tomo que eu estava a estudar na altura. Disse à Sr.ª Mills o que era. «Eu pensei que sim», disse ela com uma certa apatia. «Não quero que esta escrita comece outra vez.»

«Também viu Braida?»

«Ela é sempre um conforto. Ela deixa-me sempre em paz. Mas a escrita é demasiado cansativa.»

«Pergunto-me se Betty está a tentar entrar em contacto.»

«Foi precisamente isso que eu pensei. Em todo o caso, sonhei com ela.»

«O que sonhou?»

«Você e ela estavam juntos num bosque. Ela estava vestida como uma Parfaite, com uma túnica azul-escura.»

«Como é que sabe que era a Betty?»

«Não foi difícil. Era obviamente noutro tempo, mas havia uma semelhança geral suficiente. Você estava no bosque com ela. Os seus traços não mudaram muito, exceto

que o seu rosto era magro e o seu cabelo não era grisalho.» Deve lembrar-se que a Sr.ª Smith também reconheceu a minha aparência como a de Roger. «Duas coisas se destacavam. Ela estava muito agitada com alguma coisa e você estava a consolá-la. Além disso, você era muito mais novo do que ela.»

«E então acha que eu estava a consolar uma irmã muito mais velha do que eu?»

«Não sei o suficiente sobre isso.»

Quando Hélis prestou declarações perante a Inquisição, em Agosto de 1243, recordava acontecimentos tão recuados quanto o século anterior. Mencionou o seu irmão Roger-Isarn. É claro que ele era muito mais novo do que ela. «Eu também estava a vestir azul-escuro no sonho?»

«Não, um manto preto. Não era de todo uma túnica sacerdotal.»

«Se isso era eu, tinha de ser eu antes de me tornar Parfait.»

«Acha que era?»

«Faz apenas um dia que avancei com a ideia de irmão e irmã para explicar a ligação com Betty. Qualquer pessoa teria toda a razão em dizer que isto é sugestão a actuar num sonho.»

Voltei para casa e participei nas celebrações do aniversário da minha neta. Fiquei contente por ter um pouco de atividade humana comum, de um só nível. Estava completamente exausto. Braida disse à Sr.ª Mills que não há nada mais esgotante do que passar de um plano de consciência para outro. Eu só o tinha feito em segunda mão, mas, ainda assim, achei a experiência fatigante.

Contudo, ainda não tínhamos terminado. De certa forma, 16 de Abril foi o dia mais crucial da minha vida. Não foi tremendamente excitante pela simples razão de que eu já tinha ultrapassado qualquer reação emocional a estas experiências. Mas eu queria que outras pessoas soubessem a notícia e tive de me inibir de falar das minhas experiências. Tinha a sensação de que nunca ninguém fora provido de provas mais dramáticas. Eu já não me interrogava sobre por que razão tinha sido escolhido para participar numa experiência destas.

A Sr.ª Mills telefonou ao fim da tarde. Ela telefonava-me sempre imediatamente quando acontecia algo excitante. Isso permitia-lhe partilhar o que, no melhor dos casos, era uma grande experiência e, noutras ocasiões, um fardo doloroso. Jane, que ainda estava de férias no Norte, telefonara para se assegurar de que a Sr.ª Mills tinha recuperado completamente. Veremos mais adiante que mais do que uma pessoa estava, por esta altura, intensamente preocupada com a saúde da Sr.ª Mills. Esta já não estava na defensiva quando falou com Jane. Nesta ocasião, passou ao ataque. Perguntou a Jane se sabia quem Betty tinha sido na sua encarnação anterior.

«Oh, sim», disse Jane. «Ela era a filha de Bec de Tonnens.»

Eu mal podia acreditar no que ouvia. Estávamos de volta à Sr.ª Smith com toda a força.

Eu sabia que Hélis e Roger eram descendentes de Bec de Tonnens. Não consegui recordar naquele momento se este era pai ou avô. Isto foi estúpido da minha parte, porque eu sabia muito bem que Guillaume de Durfort era o avô de Roger. «Continue», disse eu.

«Parece que Betty dirigia uma casa para mulheres cátaras perto de Fanjeaux. Havia várias casas deste tipo na localidade. Outra era dirigida por Blanche de Laurac. Lembro-me de já ter ouvido este nome antes.»

«A Sr.ª Smith escreveu Blanche de Laurac várias vezes em pedaços de papel e também a mencionou em cartas para mim.»

«Jane diz que havia também duas mulheres chamadas Feranda e Biona. Eram também as responsáveis por essas casas para mulheres.»

«Eu não conheço essas duas de lado nenhum», disse eu.

Quando ela desligou, fui a um dossier particularmente confuso e caótico. A árvore genealógica preparada para mim em 1969 pelo meticuloso Monsieur Duvernoy quase se ofereceu à minha inspeção. Bec era meu pai e o de Betty numa encarnação anterior. Betty só podia ser Hélis. Procurei, absolutamente sem esperança, Feranda e Biona. Estas apareceram com igual facilidade como Ferranda e Baiona. Eram mencionadas como responsáveis por casas cátaras juntamente com Blanche de Laurac e Guillelme de Tonnens. Esta última era a avó de Hélis. A própria Hélis não era mencionada nessa referência específica, mas eu sabia, pela recordação da Sr.ª Smith e por outras fontes, que exercia essa função.

Estávamos de volta, mais uma vez, ao ponto onde eu tinha começado. Parecia que eu, como Roger-Isarn, fazia a ponte entre as famílias Fanjeaux e Mazerolles, celebradas em *The Cathars and Reincarnation*, e os clãs Montserver e Perella nas memórias da Sr.ª Mills. Mais importante foi o facto de todos nós, nesta vida, termos reencarnado no mesmo círculo e, em alguns casos, na mesma área. Puerilia regressara como a Sr.ª Smith, Esclarmonde de Perella como a Sr.ª Mills, Hélis como Betty, Jane como Brune e Roger-Isarn como eu próprio.

A Sr.ª Smith, a Sr.ª Mills e Betty tinham nascido nesta área. Jane e eu vivêramos aqui durante anos. Deve ter sido uma experiência especialmente estranha para Jane falar ao telefone com o homem que tinha sido, numa vida anterior, o irmão da sua filha na encarnação desta no século XIII. Desde a nossa primeira conversa, falámos como se nos conhecêssemos há séculos. Ela disse-me que, na sua outra vida, eu tinha tido grande influência sobre a sua filha. Disse-o em tons neutros, como se eu tivesse sido um explicador particular que, nesta vida, tivesse conscienciosamente preparado a sua filha para um exame.

Há diferenças consideráveis entre a paisagem, o clima, a flora e a fauna do Languedoque e de Somerset, mas este último parece oferecer um pano de fundo favorável para a reencarnação em grupo de Cátaros.

Ainda havia mais por vir. A Sr.ª Mills recebeu um segundo telefonema nessa mesma noite. Era de Kathleen, que tinha estado recentemente no hospital, no leste de Inglaterra. Kathleen tinha sido colega de escola da Sr.ª Mills, mas não se viam há anos. Tenho de abreviar a sua história neste ponto. Ela é tratada mais plenamente mais adiante. Kathleen telefonou para dizer que não tinha recuperado completamente da condição anginosa por que fora internada. Agradeceu à Sr.ª Mills tudo o que fizera por ela. Ao nível consciente, isso resumia-se ao facto de ela ter telefonado à Sr.ª Mills duas ou três vezes e esta a ter ouvido com a sua habitual simpatia e atenção. «De qualquer forma, obrigada por tudo. Não sei como teria passado por isto sem si.»

«Mas tudo o que fiz por si foi ouvi-la ao telefone.»

«Oh, que disparate», disse Kathleen. «Você tirou-me as dores, e bem o sabe.»

A Sr.ª Mills ficou demasiado estupefacta para responder. Nunca tinha indicado, pela mais pequena nuance, que ela própria andara adoentada.

«Já agora», continuou Kathleen. «Sabe alguma coisa da Betty, por estes dias?» Tinham andado todas na escola juntas. A escola tinha sido no oeste de Inglaterra, na zona que talvez agora se possa descrever como impregnada das vibrações do catarismo.

A Sr.ª Mills disse-lhe que Betty tinha morrido.

«Que estranho», disse Kathleen. «Tive um sonho extraordinário com ela na noite passada. Ela estava num bosque com um homem muito mais novo do que ela. Estava vestida com uma espécie de túnica azul-escura engraçada. Tinha uma corrente prateada à volta da cintura com uma coisa extraordinária pendurada na corrente, a balançar.» Isto deve ter sido o laço descrito pela Sr.ª Mills como sendo usado sobre a anca esquerda. «Era a Betty, sem dúvida. Eu conseguia reconhecer os seus traços. Estava obviamente terrivelmente perturbada com alguma coisa. O homem estava a tentar consolá-la.»

«Como era o homem?», perguntou a Sr.ª Mills.

«Oh, era relativamente alto e magro. Tinha traços romanos e usava um manto preto.» A Sr.ª Mills também me descrevera como relativamente alto, mas com mais ou menos a mesma altura da minha encarnação atual. Isto não é mais do que um metro e setenta e três, mas ela também deixara claro que eu era acima da média para o século XIII. Isto está de acordo com o facto histórico. Quanto à magreza, suponho que, além de qualquer predisposição, o problema no peito de que eu sofria nessa altura não me permitia ganhar muito peso.

A Sr.ª Mills ficava sempre um pouco desapontada por eu ainda não ter visto Braida. Perguntava muitas vezes se eu tinha sentido a sua presença. Eu teria ficado muito contente por ver Braida na noite do dia 16. Ela não veio. Não consigo acreditar que alguma coisa venha quando a queremos demasiado. O que senti foi um estranho e

terno anseio por Betty. O nosso único contacto foi uma caixa de chocolates deixada para mim em casa da Sr.ª Mills quando ela não pôde cumprir o seu jantar. A Sr.ª Mills descreveu-a como alguém que dava sempre livremente e tinha uma natureza completamente aberta. A Sr.ª Smith descreveu Hélis como uma mulher de natureza doce e disse que, sem ela, nunca teria suportado a morte de Roger. Foi Hélis que lhe devolveu a vontade de viver.

A Sr.ª Mills e Kathleen tiveram sonhos idênticos na mesma noite. Nesta fase, não estou inclinado a discutir os processos envolvidos. No fundo da minha mente há o gnomo diligente que sente necessidade de salientar que, quando Betty foi introduzida no mundo cátaro aos sete anos, não existiam obras acessíveis em inglês ou francês que lhe pudessem ter fornecido os nomes obscuros que escreveu nos seus cadernos de desenho.

Pessoas como Schmidt e Lea, no século XIX e no início do século XX, não citavam nomes como Congost, Camplong, etc. Estes continuavam fechados no latim jurídico dos registos inquisitoriais. Toda a experiência se tornou tão oceânica que agora pouco mais posso fazer do que registá-la. Discutir o seu mecanismo detalhado é como recusar olhar para o Niágara até ter calculado a quantidade de energia contida num único jacto de borrifo.

Cinco semanas mais tarde, Jane telefonou à Sr.ª Mills para dizer que, na sua última arrumação dos pertences de Betty, descobrira outro caderno de esboços com desenhos e nomes que os acompanhavam. Um desenho tinha como título Monréal 1204 e mostrava dois dos seus homens estilizados e insectoides a azul. Os dois nomes Coldesi e Guirau estavam escritos por baixo deles. Num segundo desenho era evidente que eram mulheres as figuras representadas, porque tinham saias compridas acrescentadas às figuras estilizadas. Por baixo estavam escritos os nomes Ermengarde e Berengaria. O terceiro desenho repetia o título Monréal. A lista de nomes que se seguia era Pateria, Dulcia, Sornia, Guiraude e Pontia.

Eu estava certo de que estes nomes se referiam às casas cátaras para mulheres na vizinhança de Montréal. Os nomes individuais eram tão pouco familiares que me pareceu impossível verificá-los. Como de costume, fui guiado às referências. Há algumas pequenas diferenças na grafia de Betty; por exemplo, Coldesi é na realidade Coldefi, e Pontia deveria ler-se Poncia. Estes pormenores são irrelevantes.

O que importa é que estes nomes coincidem com os registados na deposição apropriada da coleção Doat, na Bibliothèque Nationale, em Paris. A deposição diz que Bernard Coldefi e Arnaud Guiraud viviam em Montréal e que as mulheres acima nomeadas iam às suas reuniões. Isto é descrito como tendo acontecido em 1204. Betty, aos sete anos, na cama com escarlatina em sua casa em Inglaterra, não podia ler o latim medieval na Bibliothèque Nationale, em Paris.

É interessante que três das sete mulheres nomeadas fossem viúvas. Uma das recordações mais vívidas da Sr.ª Smith é o número de viúvas na casa de hereges onde viveu após a morte de Roger. A Sr.ª Smith, como Puerilia, recuperou o desejo de viver com a ajuda de Hélis de Mazerolles. Pela deposição desta, feita em 1243, é claro que a

sua devoção ao catarismo datava do século anterior. Não tenho qualquer dúvida de que, quando Betty, como criança de sete anos, desenhava em sua casa nas Midlands no início da década de 1930, estava a recordar os dias em que, como Hélis de Mazerolles, estava encarregada do convento cátaro.

Jane ainda tinha outra contribuição para a nossa história. A sua crença no Dualismo e as suas afinidades com ele tinham começado quando estava na casa dos vinte. Nunca estudara a história do catarismo nem se preocupava com a sua filosofia. Não suportava livros de teor metafísico. O que sabia tinha-lhe sido revelado e, quando lia, fazia-o por entretenimento. Era divertido que partilhasse a minha própria e a da Sr.ª Mills dependência, como de droga, de John Buchan. Recordava por memória remota várias das personagens principais da minha história. Sabia, para além de qualquer dúvida, que a sua filha Betty fora Hélis de Mazerolles. Quando dizia que ela e Betty tinham uma relação mais profunda do que a habitual entre mãe e filha, estava a falar a verdade literal e sem sentimentalismo. Era uma mulher franca e direta, de grande bom senso e sem especial capacidade para suportar tolos com agrado. O seu elo especial com Betty devia-se ao facto de ela ter sido Bruna e Betty, Hélis, e de se terem conhecido em Montségur e noutros lugares. Também tinha a certeza de que a Sr.ª Mills fora Esclarmonde de Perella.

Nas minhas conversas com Jane, nunca a alimentei com suposições quanto à identidade das minhas personagens. Esperei que ela produzisse a sua prova. Em tudo o que dizia respeito às figuras principais da minha história, o que ela dizia era sempre idêntico ao meu. Falava muitas vezes do pai da Sr.ª Mills. Estava muito ligada a ele e descreveu-o como um homem maravilhoso. Tinha visto pouco dele durante muitos anos antes da sua morte e a sua avaliação dele, no que a este mundo dizia respeito, baseava-se nos encontros que tiveram quando Betty e a Sr.ª Mills andavam juntas na escola.

Quando lhe perguntei, com uma ausência calculada de pressão, se ela achava que ele fora alguém em particular numa encarnação anterior, ela disse, na sua maneira fria e desprendida, que não havia a mais pequena dúvida de que ele tinha sido Bertrand Marty, e era claro que o reconhecera como tal. Uma vez que ela conhecia Hélis, Esclarmonde, Arnaud Domerq e outros ligados a Montségur, devemos aceitar o seu testemunho de que conhecia aquele que foi o seu bispo dirigente na sua agonia final. Devemos tratar as suas afirmações com respeito, tanto mais que há outra testemunha, ainda não chamada, capaz de apoiar a sua prova.

Durante o período em que a Sr.ª Mills retomava, após séculos, o contacto direto com Jane, a sua psique foi agitada noutra direção. Nessa altura estava notavelmente bem. Tinha sido ao mesmo tempo relaxada e fortalecida pelo contacto com Braida. Estas mudanças de consciência de um mundo para outro podem ser excessivamente exaustivas. Apesar de estar a trabalhar arduamente, a aprofundar o seu conhecimento da cura nas altas horas e a abrir a sua alma a Jane, estava notavelmente bem e descontraída. Foi então subitamente inundada por apelos de pessoas em aflição. Algumas destas também viviam parcialmente fora do tempo. Era quase mais do que ela conseguia suportar.

Começou com Penelope. Tinha a idade da Sr.ª Mills, cerca de meados dos quarenta. Anos antes, tinham sido associadas de trabalho. A Sr.ª Mills não a via havia cerca de dez anos. Sabia que ela estava doente havia um ano com cancro. Depois de meados de Março, recebeu uma carta de Penelope a dizer como gostaria muito de uma visita. A Sr.ª Mills disse que gostava de poder tirar tempo para ver Penelope. Isso era impraticável. Penelope vivia a cerca de cem milhas de distância. A Sr.ª Mills fez algum comentário banal no sentido de que era pena não termos tempo para ver toda a gente que gostaria de nos receber, mas a vida era assim e não havia muito que pudéssemos fazer quanto a isso.

No final de Março, a Sr.ª Mills passou por minha casa ao princípio de uma noite. Estávamos a falar de nada em particular quando, de repente, ela «foi-se embora». Não encontro melhor descrição. Num momento estava a falar comigo com animação e os olhos a brilhar. Num instante, a luz apagou-se nos seus olhos como se por um interruptor. O rosto ficou-lhe imóvel, congelado. Tudo aconteceu com a rapidez de um pequeno mal, mas não houve interrupção da consciência nem qualquer movimento dos olhos, e ela conversou comigo de forma seca, relutante, mas muito certeira. «O que é que se passa consigo?», disse eu. «Foi para algum lado.»

«Não», disse ela, «não é nada de especial.»

«É muito obviamente.»

«Está a acontecer alguma coisa a alguém.» Falou em voz baixa, mas o seu rosto ganhara vida e trazia uma expressão de abjeta miséria.

«Algum tipo de premonição?»

«Sim, mas está a acontecer alguma coisa. Espero que não seja demasiado grave.»

«Toda a gente tem premonições. Não pode dizer-me que todas as que teve se cumpriram.»

«Não», disse ela. «Mas gostava de saber o que está a acontecer.»

Saiu pouco depois. O seu sorriso era tão amplo como sempre, mas obviamente determinado, e a sua jovialidade era igualmente fabricada. Telefonou duas horas mais tarde. Estava contida e apologética. «Desculpe incomodá-lo com uma chamada e espero que não pense que o faço apenas para me justificar. Eu devo ter sido terrivelmente brusca quando saí. O marido de Penelope acabou de telefonar a dizer que Penelope morreu esta noite.»

«A que horas, mais ou menos?»

«Às seis e meia.»

«Então era isso.»

«Há outras coisas que ele disse que o interessariam. Mesmo antes de morrer, ela pronunciou a palavra Brasiac. Foi a última coisa que disse. Significa-lhe alguma coisa?»

A sua voz estava plana e apática. Era evidente que não tinha emoção, exceto dor pela amiga. Ao dar-me esta informação, estava a fazer o que considerava um dever necessário.

Mesmo neste ponto da história do meu contacto com os Cátaros, eu estava completamente estupefacto. Brasiac era a pronúncia fonética de Brasillac. Este último era outro sargento de armas. Tinha combatido no cerco de Montségur e optara por ir para a fogueira com os Parfaits. Também fora implicado no caso de Avignonet. «Isto ultrapassa tudo o que já ouvi», disse eu.

«Jack (o marido de Penelope) disse-me que, antes de morrer, ela estava quase transfigurada. Disse que ela estava completamente serena e que não conseguia realmente descrever como era. Tinha a certeza de que ela não sofria dor. Disse uma coisa extraordinária: disse que era como se ela estivesse a regressar a alguém que amara profundamente, como se soubesse com certeza para onde ia. Disse que o que lhe aconteceu nos últimos dias antes da morte foi tão extraordinário que lhe removeu todos os medos de morrer. Ela parecera tão radiantemente feliz que ele já não conseguia sentir que tivesse sido uma tragédia para ela. Eles eram um casal completamente devotado, mas ele disse que, depois da paz e alegria que ela obtivera nas últimas semanas, a única pessoa de quem podia ter pena era dele próprio.»

«Porque é que ele entrou em contacto consigo?», perguntei eu.

«Bem, nós éramos amigas.»

«Quantos anos fazia desde que a tinha visto?»

«Oh, uns dez.»

«Escreviam-se ou telefonavam-se muitas vezes?»

«Não. Era aquele tipo de amizade em que se reencontram ao fim de anos e retomam onde tinham ficado.» E havia outra coisa. Parece que, nas últimas duas semanas da vida dela, ela estava sempre a falar de mim.»

«Acho que é por isso que o marido lhe telefonou tão depressa, apesar de não se verem há anos.»

«Acho que sim», disse ela.

Mas não foi a única razão. Pouco antes das férias da Páscoa, recebeu uma carta do marido de Penelope, repetindo o que tinha dito ao telefone e dizendo que sentia que tinha de a ver porque estava certo de que havia coisas que ela lhe podia dizer. Ela hesitou um dia ou dois antes de responder. Voltou a ser atormentada pela pergunta: «Até que ponto quero que as pessoas saibam sobre mim? Não posso ter uma vida passada a interferir com a minha carreira atual.» Por fim, quando se sentou para escrever a carta, descobriu que tinha extraviado a dele. Como Braida disse mais tarde, há um padrão nestas coisas. Se a Sr.ª Mills tivesse respondido à carta imediatamente, no seu habitual modo consciencioso, Jack não teria aparecido pessoalmente.

A Sr.ª Mills disse-lhe que havia coisas de que ela própria se lembrava acerca do século XIII. Não admitiu a visita de Braida, mas disse o suficiente para indicar que possuía memória longínqua. Fê-lo porque o consolava saber que ela estava na mesma sintonia que Penelope. Ele contou-lhe que encontrara, entre os pertences da esposa, alguns pedaços de papel com poucas palavras escritas. Primeiro havia os nomes Pons Narbona, Arnaud Domerg e Brasillac. Regressamos assim ao sargento-de-armas que optou por morrer com os Cátaros. Noutro pedaço de papel ela escrevera:

«Por todos os pecados que cometemos, ou dissemos, ou pensámos, ou ajudámos a cometer, pedimos perdão a Deus, à Igreja e a vós todos.» Esta foi a última declaração feita pelo croyant antes de receber o Consolamentum. Depois disto, a sua cabeça era tocada com um exemplar dos Evangelhos e a assembleia repetia a passagem latina que começa: Pater Sancti suscipe servum tuum in tua justitia, um trecho registado vários meses antes numa das mensagens da Sr.ª Mills provenientes de Braida ou dos seus colegas.

Não pode haver qualquer dúvida de que estamos, uma vez mais, a escutar a celebração do Consolamentum nos últimos dias de Montségur. Foi transmitido por Braida à Sr.ª Mills em 1971. Reaparece na vida de outra pessoa no início da primavera de 1972. Estas memórias foram recordadas nos últimos três meses da vida de Penelope.

Jack disse que, durante anos, Penelope sonhara com um castelo numa colina e com homens de túnicas azuis que ali viviam. Durante toda a vida tivera medo do fogo. Teria sido também ela queimada? É razoável supor que fosse a esposa ou a namorada de Brasillac. Não há registo, como no caso de Pons Narbona e Arnaud Domerg, de que a esposa dele tenha morrido com ele. O que era mais significativo era o medo irracional que Penelope tinha de que lhe atirassem pedras. O marido indicou que, por vezes, isso roçava o absurdo. Se descia a estrada, tinha frequentemente medo, sem a mínima razão, de que alguma criança pudesse atirar uma pedra na sua direção. Isto, por si só, não teria sido grande calamidade, mas a possibilidade bastava para desencadear, a algum nível da consciência, o horror das grandes pedras lançadas contra Montségur pelo trabuco e pelo mangonel, tão vividamente descritos pela Sr.ª Mills.

O marido disse que Penelope sempre acreditara na reencarnação. Ele próprio mantivera uma mente aberta, mas agora estava tão convencido quanto ela estivera.

Antes de partir, a Sr.ª Mills sugeriu-lhe que me visitasse. Disse que eu sabia alguma coisa acerca do Languedoque do século XIII. Ele recusou a oferta e indicou que o que dissera era apenas para os ouvidos dela. Quando chegou a casa, porém, mudara de ideias. Não manifestou desejo de me ver, mas disse que, se algo do que contara à Sr.ª Mills pudesse ajudar a esclarecer outros, eu estava autorizado a utilizar o testemunho que dera, desde que não revelasse a identidade dele nem a de Penelope.

Com Penelope, estamos uma vez mais com os sargentos-de-armas. Estamos com eles nos seus últimos momentos, quando recebem o Consolamentum. Observei que, nas recordações de Penelope, não havia referência direta a Avignonet. Mencionou Pons Narbona, Arnaud Domerq e Brasillac. O primeiro esteve certamente em Avignonet.

Arnaud Domerq é mencionado por uma autoridade e não por outra. Brasillac é igualmente descrito como um dos conspiradores. Parece que Penelope apenas recordava os seus antigos conhecidos nos seus momentos mais inspirados.

Ao fim de dez dias, Jack fez nova visita. A Sr.ª Mills não tinha a certeza se ele tinha assuntos na região ou se desejava aliviar-se ainda mais. Produziu três folhas de papel nas quais Penelope escrevera nas últimas três semanas da sua vida. Os nomes escritos na primeira folha eram os seguintes:

Antiock — Árvores
Avigney — Sangue
Alfari — ?? Magistrado

Nesta fase, estes nomes são fáceis de traduzir. Antiock e Avigney são transcrições fonéticas do bosque chamado Antioch e de Avignonet. Assim, afinal, regressamos uma vez mais ao massacre dos Inquisidores. Antioch era o nome do bosque onde os bandos de conspiradores convergiram. Avigney — Sangue refere-se claramente ao massacre. Alfari deve ser d'Alfaro. Este último era o vigário (viguier) do Conde de Toulouse. Magistrado é uma descrição suficientemente adequada desse cargo. Os Inquisidores estavam alojados na casa de d'Alfaro e foi com a sua conivência que foram massacrados.

Na folha seguinte, os nomes Marciano e Lille estavam agrupados entre parênteses, com a palavra Couraças escrita em frente. Lille é uma forma fonética abreviada do nosso velho conhecido Guillaume de l'Isle, que apareceu várias vezes nos escritos da Sr.ª Mills. Mais uma vez, é assim que o nome seria registado num estado de clariaudiência. Marciano era um nome novo para mim. Descobri que se referia a Raymond de Marciliano. Haverá algum significado no aparecimento de uma nova personagem nesta fase dos acontecimentos?

Raymond de Marciliano e Guillaume de l'Isle aparecem agrupados como usando couraças. Presume-se que estejam em ação. Somos ainda mais esclarecidos pelos nomes que surgem na terceira folha de papel. Esta lista é encabeçada pelo Brasillac de Penelope.

Verifico que Brasillac, juntamente com Raymond de Marciliano e Guillaume de l'Isle, estavam entre os defensores da torre leste de Montségur no momento em que o cavaleiro Jordan de Mas foi mortalmente ferido. Agruparam-se em torno dele enquanto o moribundo recebia o Consolamentum. Já tivemos descrições do cerco por parte da Sr.ª Mills e de Jane. A primeira recordou o horror das baixas sofridas nas tentativas de retomar o barbacã. A torre leste era a parte do edifício principal mais próxima dele. É fascinante que, nas nossas memórias de Montségur, possamos recordar, após sete séculos, não apenas os nomes dos seus obscuros defensores, mas também a parte da fortaleza onde combateram.

Para além de Brasillac, a terceira folha de papel continha os nomes de Bruna, Arnalde, Pons, Rege e Belvise. Bruna é a versão occitana de Brune, a esposa de Arnaud

Domerq no século XIII e a mãe de Betty neste. Arnalde é outra forma do nome Arnaud, que seria Arnold em inglês. Pons é obviamente Pons de Narbona, o sargento-de-armas que já encontrámos noutras ocasiões.

Quem são Rege e Belvise? Encontrei ambos os nomes na lista daqueles que foram queimados em Montségur. Este último era um besteiro do Château d'Usson.

Por fim, tal como a Sr.ª Mills, tal como a minha anfitriã em Montségur, Penelope recebera uma lista de referências bíblicas. Como no caso das outras duas participantes na cadeia de comunicação, havia uma marcada predominância de citações de João e da Primeira Epístola aos Coríntios.

No dia 29 de abril, Jack telefonou novamente à Sr.ª Mills para dizer que, ao concluir a arrumação dos pertences de Penelope, encontrara um pequeno caderno. Estava cheio de nomes de pessoas, autores e títulos de livros, e de poemas ou versos isolados. Era evidente que Penelope registara obras literárias que amava e que lhe pareciam de grande importância. Mas esta pode não ser a única explicação para a existência deste caderno.

O Hino a Mitra, de Kipling, estava copiado na íntegra. Dois ou três dias antes, Jane perguntara-me, no decurso de um telefonema, se eu conhecia esse poema. Sempre o adorei. O significado desta referência é que o culto de Mitra era inequivocamente dualista. Mitra surge também numa das mensagens ditadas à Sr.ª Mills. Havia outras referências dualistas, incluindo Zaratustra, um nome alternativo para Zoroastro, o fundador do dualismo persa, e os Versos Dourados de Pitágoras. Tal como a Sr.ª Mills, Platão e Epicteto estavam incluídos na sua lista de autores.

Havia ainda outro poema de Kipling na lista de Penelope. The Sack of the Gods é uma afirmação clara de crença na reencarnação.

Coloca-se a questão de saber quantas destas referências foram ditadas. Vimos que ela anotara referências bíblicas semelhantes às registadas pela Sr.ª Mills. Ao mesmo tempo, é improvável que fosse orientada, por entidades desencarnadas do século XIII, a copiar integralmente um poema de um autor moderno. É absolutamente impossível dizer quanto nestes escritos foi ditado pelos seus próprios gostos e quanto foi especificamente dirigido. Pode afirmar-se com certeza que parte foi produto de memória longínqua, clariaudiência ou orientação desencarnada. Pelo que a Sr.ª Mills me contou acerca de Penelope, ela não teria inclinação natural para o estudo de autores como Pitágoras e Epicteto. O que é absolutamente certo é que uma parte do caderno de Penelope tinha origem psíquica. Entre os nomes que registou estavam Amiel Aicart, Clamens, St. Martin e Taparelle. Os três primeiros nomes já encontrámos na questão do destino do tesouro de Montségur.

(O nome completo do terceiro indivíduo é, obviamente, Raymond de St. Martin.) Descobri que estes quatro Cátaros ofereceram uma soma de dinheiro, sob a forma de dinheiros embrulhados num cobertor, a Pierre-Roger de Mirepoix, em agradecimento pelos seus esforços para os defender. Penelope já nos redirecionara anteriormente para o

caso de Avignonet. Na sua mais recente comunicação aponta para dois outros dos principais temas que atravessam este livro: o destino do tesouro cátaro e o cerco de Montségur.

A história ainda não estava completa. Perguntara-me se o próprio Jack teria memória longínqua, mas julgara mais seguro supor que o que sabia o adquirira de Penelope por telepatia.

Dois meses depois, telefonou à Sr.ª Mills numa manhã de domingo, cedo. Disse-lhe que sofria de um cancro intestinal e que nesse dia iria para o hospital para uma operação. Acrescentou que era absolutamente necessário contar-lhe dois sonhos que tivera repetidamente durante os dois meses anteriores. Num deles via uma estranha cerimónia de beijo na qual estavam presentes homens e mulheres com túnicas azul-escuras. As pessoas de azul-escuro usavam os distintivos cinturões e cintos descritos anteriormente pela Sr.ª Mills.

Todos os homens presentes na cerimónia se beijavam entre si. As mulheres faziam o mesmo, mas não havia beijos entre os sexos. Lembrava-se também de fragmentos de orações, em particular da bela passagem que a Sr.ª Mills encontrara escrita no seu bloco de notas de compromissos e que diz: «Não somos deste mundo e este mundo não é de nós.» Aqui estava mais um que recordava o último Consolamentum.

Prosseguiu dizendo que, no seu segundo sonho, via os combates no castelo sobre a colina. Havia muitos feridos e ele estava entre eles. Aplicavam-lhe loções nas feridas e davam-lhe também medicamentos para beber. Entre as mulheres que tratavam dos feridos havia uma de quem sempre se lembraria. Foi por essa razão que lhe telefonara naquela manhã. Como ia ser internado, era necessário colocar-se nas suas mãos, tal como fizera no século XIII.

Nas últimas semanas ouvira repetidamente certos nomes. O que mais o impressionara fora Tournabois. Era o nome de outro sargento-de-armas. Raymond de Tournabois morreu em Montségur com os seus camaradas Pons Narbona, Arnaud Domerq e Brasillac.

Nesta fase, a Sr.ª Mills falava livremente das suas memórias daqueles dias. Esquecera o desejo de ocultar os seus dons e preocupava-se apenas com um homem doente e enlutado à espera de uma operação. Ele disse-lhe, simples e francamente, que nas últimas semanas sentira uma enorme ajuda por parte de alguma presença junto dele. A Sr.ª Mills comentou que, para um homem que perdera recentemente a esposa e que agora estava afetado por cancro, a sua fortaleza era extraordinária. Perguntou-lhe se tinha alguma sensação de que Penelope ainda estivesse perto dele. Ele respondeu: «Francamente, não», mas acrescentou que certamente sentia alguma presença e que a sua influência era enormemente reconfortante.

Ela perguntou-lhe então se tinha alguma recordação de ter conhecido Penelope numa vida anterior. Ele disse que se lembrava claramente de uma rapariga magra,

morena e de traços aquilinos. Não se parecia em nada com Penelope, que era loira, de tez fresca e bem constituída. Sabia que vivera com essa rapariga, mas estava convencido de que não tinham sido casados. Nas últimas semanas, o nome dela repetira-se constantemente na sua mente. Soava a algo como Silla.

Creio que isto encerra perfeitamente a história de Penelope e Jack — ou, noutra época, de Brasillac e da sua amada. Não penso que haja qualquer dúvida de que, ao falarmos de Jack, estamos a tratar de Brasillac. Uma vez mais, no telefonema do primeiro antes da sua entrada no hospital, regressamos ao último Consolamentum em Montségur. Seria a misteriosa Silla Penelope numa encarnação anterior? Não creio que haja grande dúvida disso.

Temos provas de um grupo de pessoas que se conheciam no século XIII e que reencarnaram no século XX. Sabemos que Penelope pertencia a esse grupo. A última palavra que pronunciou foi Brasillac. Mencionou esse nome apenas uma vez. Descrevi a paz que alcançou no fim da vida e como a sua irradiação foi transmitida a Jack. Parece-me que, nos últimos momentos juntos nesta vida, se reconheceram pelo que tinham sido numa anterior.

Podemos fazer algo para identificar Silla? Até agora, os meus esforços para a localizar falharam. É certo que havia Cecilia de Montserver, que era casada com Arnaud Roger de Mirepoix, mas não temos qualquer prova de que estivesse separada do marido. Sabe-se que vários membros da guarnição de Montségur tinham as suas namoradas consigo, facto que perturba aqueles para quem o catarismo é um credo puritano. Pelos registos, parece que Brasillac era solteiro. Não podemos dizer se Silla morreu ou não na fogueira, mas, dos duzentos que ali pereceram, a história apenas regista os nomes de vinte e nove. Destes, oito pertenciam ao nosso grupo, se nos for permitido incluir maridos e conselheiros espirituais. Não é, de todo, uma má proporção.

Qual é o significado destes canais laterais de comunicação? Terão as contribuições de Betty, da sua mãe Jane, de Penelope e de Jack algo de especial a oferecer? O que sobressai claramente é que um grupo de pessoas que viveram juntas há setecentos anos e partilharam uma causa comum reencarnou na Inglaterra contemporânea e restabeleceu contacto entre si. O que é absolutamente evidente é que todos, cada um à sua maneira, estão a sintonizar os mesmos acontecimentos. O primeiro deles é o massacre de Avignonet.

Durante anos, perturbou o meu sono. Se as recordações da Sr.ª Mills não se referiam diretamente a Avignonet, ela escreveu os nomes de vários dos que nele participaram. A julgar pelos seus desenhos, o massacre reverberava na mente de Betty aos sete anos. A memória dele regressou a Penelope durante a sua doença mortal. Mas, por mais forte que seja a nota tocada por Avignonet, não ecoa na memória com tanta intensidade como o último Consolamentum em Montségur. A Sr.ª Mills regressa a ele repetidamente; Jane recorda ter recebido força dele; e Penelope relembra-o com tanta clareza quanto a Sr.ª Mills. Estas duas últimas conseguem repetir pormenores da celebração do Consolamentum.

Será surpreendente que Betty, que sabia tanto aos sete anos e que mais tarde ampliou o seu conhecimento, não tenha também recordado a celebração do Consolamentum quando Montségur estava nas suas agonias finais? Afinal, várias das pessoas que mencionou eram membros da guarnição que participaram no massacre e regressaram para combater em Montségur. Há uma razão evidente para essa omissão. Betty, como Hélis de Mazerolles, não se encontrava em Montségur durante o cerco. Foi interrogada pela Inquisição em agosto do ano anterior. Não sabemos que sentença lhe foi aplicada. Certamente não foi queimada em Montségur nem esteve presente nos últimos meses do cerco. Se tivesse estado, é inconcebível que uma pessoa de tal importância — a chefe de uma das casas cátaras para mulheres — não tivesse sido mencionada nos registos.

De certo modo, os sargentos-de-armas parecem ser o coração e o centro deste grupo que reencarnou sete séculos mais tarde em Inglaterra. A Sr.ª Mills está constantemente a produzir os seus nomes. Jane casara com um deles e morrera com ele setecentos anos antes. Em 1972, Penelope morreu com o nome de outro ainda nos lábios.

Agora é fácil compreender a minha emoção quando li pela primeira vez sobre estes homens que preferiram morrer com os Cátaros a abandonar a fortaleza como homens livres. Não havia dúvida de que aqueles entre eles que tinham participado no caso de Avignonet bem podiam morrer na fogueira, pois as autoridades acabariam por os capturar mais tarde. Os termos da trégua de Montségur incluíam um perdão geral para todos os implicados no massacre. Notavelmente, essa cláusula foi respeitada.

Nesta fase do processo, deixamos de nos perguntar como tudo isto aconteceu. Não posso explicar os mecanismos da reencarnação em grupo. Tudo o que sei é que ela ocorre. O que também sei, e que é de valor ainda maior, é que, quando alguém foi envolvido por uma verdade revelada, tem menos interesse nos seus mecanismos. Está mais preocupado em que outros, com ideias semelhantes, ouçam a história e sejam confirmados em convicções que muitas vezes mantiveram na solidão e no isolamento.

A Sr.ª Mills estivera tão em forma, tão calma e serena, que foi um pouco dececionante vê-la pálida e cansada. Confessou estar completamente exausta. Isto, por si só, era bastante incompatível com a sua atitude de «seguir em frente aconteça o que acontecer» perante a vida. A 6 de abril queixou-se de dor na borda esquerda do esterno, estendendo-se à região do coração. A dor irradiava para o ombro esquerdo. No início surgia com esforço excessivo. Era particularmente notória quando subia escadas ou transportava um cesto pesado. Não havia qualquer dúvida de que se tratava de dor coronária. Certamente não correspondia a uma trombose, mas envolvia claramente um espasmo das artérias coronárias. A condição é vulgarmente chamada angina de peito.

A princípio não fiquei excessivamente preocupado. Embora naquele momento parecesse cansada, normalmente era o retrato da saúde. É certo que hoje em dia se ouve falar com frequência de perturbações coronárias em pessoas na casa dos quarenta, mas ela não era realmente desse tipo e, de qualquer modo, as mulheres são menos propensas

do que os homens a essas condições. Além disso, há anos que se utiliza o termo pseudo-angina para designar dores vagas na distribuição coronária que surgem num contexto de tensão e não devem ser levadas demasiado a sério. Só podia esperar que os sintomas da Sr.ª Mills fossem dessa natureza.

Certamente estava a atravessar uma experiência extenuante. Dois dias antes, encontrara-se com o marido de Penelope. Estava também em comunicação regular com a mãe de Betty. Como Braida dissera, fazer vaivém entre mundos é uma experiência fatigante. Tendo em conta que, nos últimos dois anos, fora utilizada como todo o tipo de instrumento de comunicação entre este mundo e o outro, não é surpreendente que apresentasse alguns sintomas.

A dor no peito da Sr.ª Mills tornou-se constante durante dois dias. Intensificava-se e era acompanhada de falta de ar quando subia as escadas. Comecei a sentir-me menos tranquilo quanto ao seu estado. Disse-lhe que deveria consultar o médico, que certamente pediria um eletrocardiograma. Recusou as minhas sugestões categoricamente. Disse que tinha mais fé em Braida e em mim do que em qualquer outra pessoa. Conhecia o seu médico e não se poderia encontrar alguém mais amável ou mais competente.

O seu estado deixou-me um pouco inquieto. Não gostei da persistência da dor. Hoje em dia há tantas catástrofes cardiovasculares que surgem do nada em pessoas improváveis. Consolei-me com a ideia de que talvez estivesse a captar os sintomas de alguém. Tinha registado a morte de Penelope imediatamente, a uma distância de cem milhas. Ainda assim, era algo perturbador.

Administrei-lhe tratamento segundo os métodos descritos por Braida. Disse que se sentia menos cansada e que a dor diminuíra, mas não desaparecera e continuava a acentuar-se quando subia as escadas. Depois contou-me que Braida lhe enviara uma mensagem destinada a mim. Devia perguntar-me se eu agora compreendia a fusão de psiques. Fingi compreender, mas, na realidade, não interpretei corretamente a mensagem. Fui invadido por toda a espécie de ideias inquietantes. Iria ela seguir o meu exemplo e sofrer um problema coronário? Imitaria Betty ao ter uma catástrofe cardiovascular em idade precoce? Não estava nada tranquilo e interrogava-me se Braida me estaria a preparar para algo.

O mistério resolveu-se nessa mesma noite. A Sr.ª Mills recebeu um telefonema de Kathleen, uma amiga do leste de Inglaterra que fora sua colega de escola trinta anos antes. Não se viam há dez anos. Kathleen estava no hospital a sofrer de espasmo coronário. Sentira que simplesmente tinha de telefonar à Sr.ª Mills. A partir desse momento senti-me aliviado. A Sr.ª Mills ainda teve de suportar mais alguns dias de dor, mas eu sabia que o pior já passara.

Três dias depois, a 12 de abril, a Sr.ª Mills recebeu outra chamada de Kathleen. Esta encontrava-se muito melhor e regressara a casa após a alta hospitalar. Tinham-lhe dado comprimidos verdes para dissolver debaixo da língua caso tivesse dores. Não precisara de nenhum desde o sábado anterior. Foi nesse dia, 8 de abril, que a dor da Sr.ª

Mills, que andara latente durante alguns dias, se intensificara pela primeira vez. A Sr.ª Mills não ficou excessivamente surpreendida. Aceitava que podia assumir os sintomas de outras pessoas. O que achou fantástico foi que Kathleen começou subitamente a falar das forças do bem e do mal. Estas existiam no mundo desde o princípio e a vida era um equilíbrio variável entre ambas. No passado, na maior parte das vezes, o mal triunfara. Era possível que, no futuro, a situação pudesse ser invertida.

Nesta questão do Dualismo, a Sr.ª Mills tinha-se tornado recentemente menos passiva. Teve o cuidado de não mencionar a palavra catarismo, mas perguntou a Kathleen se alguma vez lera alguma história medieval francesa. Disse vagamente que, nessa época, muitas pessoas se interessavam pela luta entre as forças do bem e do mal. A resposta de Kathleen parecia irrelevante, mas era muito significativa. Disse que não lera história medieval francesa, mas que estivera em Foix dez anos antes. Ficara fascinada. Sentira que aquilo lhe era completamente familiar e que já lá tinha vivido antes. «Foi por isso que fiquei tão entusiasmada quando recebi o teu postal de Foix há dois anos.»

«Mas isso não significa que acreditas na reencarnação?»

«Meu Deus, sim», disse Kathleen.

Foi nessa noite que Jane, a mãe de Betty, me telefonou pela primeira vez, porque estava preocupada com a Sr.ª Mills. Ela própria admitiu estar com uma constipação horrível. Penso que estava a sofrer por estar na mesma sintonia que a Sr.ª Mills. Contei-lhe a situação atual e que a Sr.ª Mills parecia melhor.

Nessa noite, a Sr.ª Mills teve catarro no nariz e na garganta e sentiu que vinha aí uma constipação. Como já disse, isso era raro nela.

No dia seguinte, Jane telefonou-me novamente. Estava muito apologética. Disse que era apenas porque estivera tão preocupada com a Sr.ª Mills, mas que agora estava completamente satisfeita por ela estar melhor. A sua constipação tinha desaparecido por completo. Desculpou-se por ter telefonado, repetindo que tinha a certeza de que ninguém no mundo conhecia a Sr.ª Mills tão bem como ela. Tenho a certeza de que tinha razão.

A constipação da Sr.ª Mills desapareceu de um dia para o outro.

No dia seguinte, Kathleen telefonou à Sr.ª Mills por causa de Betty. Nas últimas vinte e quatro horas, tinha pensado muito nela. Disse que, mesmo quando era colegial, sentia que Betty era única. Tinha a certeza de que, mesmo então, ela irradiava paz. Kathleen disse à Sr.ª Mills: «Tu podias tirar-me as dores de cabeça, mas ela irradiava paz.» Disse também que só tinha encontrado a mãe de Betty duas vezes, mas que sentia que a conhecia desde sempre. Reagia a Jane da mesma forma que eu.

Quase três semanas mais tarde disse à Sr.ª Mills que sentia intuitivamente que Kathleen tinha mais coisas para nos dizer. Acrescentei que, por alguma razão, sentia que era uma pessoa acessível e a quem se podiam fazer perguntas. Eu nunca a tinha

conhecido, nem falado com ela ao telefone, nem recebido uma carta dela. No entanto, acrescentei que não via razão para abandonar a passividade que até então praticara. Tinha agido segundo o princípio de que, se as pessoas tivessem algo para me dizer, o fariam a seu tempo, e não tinha intenção de mudar os meus hábitos.

No dia seguinte, Kathleen apareceu completamente sem aviso e visitou a Sr.ª Mills. No decurso da conversa, voltou a referir-se ao sonho de ver Betty nas suas túnicas azul-escuras. Mencionou também que, há algum tempo, vinha tendo sonhos com pessoas vestidas de forma semelhante. A Sr.ª Mills disse a Kathleen que deveria contactar-me, porque eu sabia mais do que ela sobre o período em questão.

No dia seguinte ao de eu ter sido informado de que me queriam ao telefone, fui chamado. O nome de quem telefonava nada significava para mim. Eu não conhecia o apelido de Kathleen. Quando peguei no auscultador, a sua voz era idêntica à de Jane. Era clara, mas grave, e tinha exatamente a mesma qualidade musical. A minha mulher, que atendeu o telefone, também ficou com a impressão de que era Jane. Era Kathleen a falar. Era gentil, pouco afirmativa e muito calma. Falou da sua doença recente e perguntou se era possível alguém ser curado por outras pessoas que tomassem para si os seus sintomas. Eu disse que acreditava que isso era verdade. Depois revelou que tinha lido a maior parte dos meus livros. O mais significativo era que descobrira que eu era o autor de Silent Union. Eu publicara esse livro sob pseudónimo.

Perguntei se havia algo que desejasse particularmente discutir. Ela perguntou-me se o nome Laureta me dizia alguma coisa. Eu disse-lhe simplesmente que era uma pessoa cujo nome aparece num depoimento prestado perante a Inquisição. Acrescentei que, se bem me lembrava, estava de alguma forma associada a Guillaume de l'Isle. Sem as minhas notas, não podia ser mais específico do que isso. Ela comentou de imediato: «Era a mãe dele.» É quase supérfluo dizer que estava correta.

Acontecia que estes dois nomes se repetiam na sua mente. O nome Fanjeaux também se lhe impunha continuamente à atenção. Nunca lá estivera e nada sabia da sua história. O nome Fanjeaux vinha acompanhado de visões do que ela chamava medalhões decorados com cruzes como pequenos t's. Eram as cruzes Tau descritas pela Sr.ª Mills e usadas por Braida e por aquelas Parfaites que se especializavam em curar. Kathleen não tinha qualquer conhecimento livresco do catarismo. Perguntou-me se os Cátaros tinham alguma coisa a ver com cura.

Sonhava repetidamente com homens de túnicas azuis. Durante toda a vida tivera um sonho recorrente de estar fechada num espaço pequeno e escuro. Por si só, um sonho assim não tem significado especial, mas, tendo em conta o que já sabemos das nossas outras personagens, pergunto-me se estaria a recordar ter sido aprisionada. Sempre tivera medo do fogo.

A sua afirmação mais espantosa foi a convicção, expressa de repente, de que a Sr.ª Mills tivera «muito a ver com Bertrand Marty».

Kathleen era seguramente mais um elo na nossa cadeia de Cátaros. Pensei isto não necessariamente por causa das suas memórias específicas, mas porque se encaixava tão bem no padrão geral. Além disso, os seus sintomas tinham sido removidos pela Sr.ª Mills. Era mais um exemplo da afirmação de Braida de que aqueles que se conheceram em encarnações anteriores e permaneceram em contacto psíquico conseguem curar as doenças físicas uns dos outros.

Mas quem era ela? Achei que ouviríamos mais dela, mas não tinha esperança de que aqui houvesse outra pessoa que conseguíssemos identificar. Sentia-se muito próxima da Sr.ª Mills, de Betty e de Jane, apesar de, há anos, ter visto pouco qualquer uma delas, e de só ter encontrado Jane duas vezes na vida. Sentia também que me conhecia há anos. Há uns anos eu teria considerado esta observação sem importância e talvez irritante. Agora avalio tais afirmações em relação a quem as profere. Senti que Kathleen era mais um membro de um círculo intimamente ligado no século XIII e que retomava contacto neste. Era pedir demasiado esperar que lhe conseguíssemos pôr um nome.

Nesta altura, o meu sentido do tempo estava deslocado. Tanta coisa estava a chegar até mim através das minhas fontes secundárias, bem como através da Sr.ª Mills e de Braida. Quando recebi um telefonema de Kathleen a 28 de maio, pareceu-me uma eternidade desde que tivera notícias dela. Nessa ocasião, a sua voz estava mais fraca e mais distante. É estranho sentir os estados de espírito e avaliar o carácter de uma pessoa que nunca se encontrou, no sentido em que o mundo entende o encontro. Senti-a aberta, generosa e franca, mas com uma certa reserva imposta por uma vida secreta que não podia partilhar com os outros. Senti que estava em baixo e deprimida. Isso transparecia na sua voz. Ela própria não se queixava e não estava preocupada consigo. Nunca se referia à doença anterior, exceto para expressar gratidão à Sr.ª Mills pelo que fizera por ela.

Não pude ter a certeza do motivo exato deste telefonema. Eu tinha agora experiência suficiente, com a Sr.ª Smith, a Sr.ª Mills e Jane, para saber que pessoas deste tipo, por mais honestas e conscienciosas que sejam, só conseguem transmitir de forma fragmentária os elementos de uma vida secreta que antes lhes era conhecida apenas a elas. Começou por perguntar por Jane, que estava doente nessa altura. Sabia que a Sr.ª Mills tinha notícias dela. Repetiu, de forma enfática e triste, quão próxima se sentia de Jane. Mesmo nesta fase do processo, traduzi isto em termos gerais. Pensei que ela queria dizer o quanto estavam na mesma sintonia nesta vida. Não me ocorreu que a proximidade entre elas fosse de duração mais longa.

Kathleen perguntou-me então se algo de particular tinha acontecido hoje. Perguntei-lhe por que queria saber. Ela não disse que se sentia péssima. Nas nossas conversas, referia-se espantosamente pouco a si própria ou aos seus sentimentos. Limitou-se a repetir que sentia que algo de importante acontecera nesse dia. Era óbvio que o acontecimento tinha tido, para ela, um significado trágico. Disse-lhe que era o aniversário do massacre dos Inquisidores em Avignonet. Ela não pareceu minimamente surpreendida.

Como pensei que estava deprimida, mudei de assunto. Nestas matérias, eu já era menos do que antes o registador silencioso. Perguntei-lhe se tinha sido bombardeada por outros nomes além dos dois que mencionara anteriormente. Ela respondeu devagar, mas sem tensão percetível, e senti que estava preparada para se confiar a mim. Disse: «Sim. Um nome engraçado, como Bruna. Faz-me sempre pensar num urso. Isto significa alguma coisa para si?»

«Sim. Era a mulher de um sargento-de-armas. Foi queimada com o marido em Montségur.» Fiz uma pausa antes da pergunta seguinte. Ainda tinha receio de uma abordagem demasiado positiva. «Tem alguma ideia de qual era o seu próprio nome na sua última aparição?»

«Sim. Não consigo ser precisa. Era qualquer coisa como Sendis. Havia mais alguma coisa no início.»

Eu sempre soubera que a noite em que a Sr.ª Mills escreveu Brunasendis num pedaço de papel fora um dos picos da minha experiência. Na altura, eu ficara profundamente comovido e excitado com isso. Mesmo agora era difícil controlar os meus sentimentos. «O seu nome era Arsendis. Foi queimada com Bruna em Montségur.»

«Como é que soube?»

«O seu nome foi escrito juntamente com o de Bruna num pedaço de papel. Saiu como Brunasendis.»

«Onde é que arranjou o pedaço de papel?» Não imaginara que Kathleen fosse capaz de uma pergunta tão direta, mas, quando se está a reviver a própria morte, isso tende a aguçar o modo de falar.

A minha tensão aumentava e eu balbuciei de forma inadequada: «Foi encontrado por uma mulher à cabeceira—»

«Clare?», disse ela bruscamente. (Este é o nome próprio da Sr.ª Mills.)

«Não», falei num tom firme, mas não creio que soasse convincente. Por um momento fui fraco e vacilante. Senti-me completamente inadequado. Estava a experimentar as mesmas emoções que a Sr.ª Mills quando Jane lhe dissera, de forma brusca: «Deixe-se disso. Eu sei, de certeza, que recebeu a visita de Braida.» Hesitei e avancei. «Olhe», disse eu. «Não vale a pena. Tem razão — foi a Clare. Mas não pode dizer uma palavra a ninguém. Ela simplesmente não suporta que as pessoas no emprego dela saibam como ela é e o que lhe acontece.»

«Não direi uma palavra.» Falou com muita gentileza. Penso que achou o meu pedido supérfluo.

«E, claro, sabe quem era Bruna», disse eu.

«Jane.» Era característico de Kathleen não fazer mais nenhum comentário sobre por que razão se sentia tão próxima de Jane. Não era do tipo de dizer: «Morremos juntas

e é por isso que me sinto próxima dela.» Mais tarde, nas nossas conversas, disse que as palavras não eram importantes na comunicação profunda.

«Quem era Betty?», continuou ela.

«Sem dúvida, Hélis de Mazerolles, a minha irmã no século XIII. Sonhou connosco as duas.»

«E a Clare?»

«Esclarmonde de Perella. O pai dela era o proprietário de Montségur. Há quanto tempo é que isto lhe está a voltar?»

«Há pouco mais de seis meses», disse ela.

Eu sabia que ela tinha mais a dizer e que não considerava que fosse aquele o momento para o dizer. Quando desligou, senti-me preocupado e a acusar-me a mim próprio. Eu quebrara a minha palavra à Sr.ª Mills. Já lhe tinha dito anteriormente que tinha a certeza de que Kathleen já sabia bastante sobre ela. Essas garantias, dirigidas a mim mesmo, não me confortaram minimamente. Quando dou a minha palavra sou rígido, pouco imaginativo e literal. Eu quebrara uma promessa e tinha de me encontrar com a Sr.ª Mills mais tarde nesse dia. Quando lho disse, ela aceitou suficientemente bem, mas era óbvio que estava longe de ficar contente com isso. «É um bocado chocante, só isso.» Mudou de assunto e comentou pormenores do ambiente com uma alegria forçada.

Ela telefonou-me mais tarde nessa noite. Estava, sem fôlego, e abertamente feliz. Disse: «Não consigo agradecer-te o suficiente por teres dito à Kathleen. Ela acabou de me telefonar. É um alívio tão grande poder falar livremente sem estar a vigiar as palavras. E ela abriu-se mesmo. Não imaginas o quanto isso me fez feliz.»

Suponho que seja uma alegria única quando duas pessoas que se conheceram numa encarnação anterior admitem, pela primeira vez, a sua ligação passada. Eu não podia levantar essa questão, porque a Sr.ª Mills vinha embalada por um verdadeiro tornado positivo de explicações. Deu-me um relato completo da conversa com Kathleen. Ficou feliz por descobrir uma terceira pessoa que se sentira tão deprimida que tivera de se arrastar durante a primeira metade de março. Tranquilizada pelo facto de haver outros que se lembravam da vida no século XIII, Kathleen entrou em maior pormenor. Mencionou a maioria dos sargentos-de-armas cujos nomes nos chegaram como tendo morrido com os Cátaros em Montségur.

O seu próprio marido, Pons de Narbona, estava entre eles. Mencionou também o marido de Jane, Arnaud de Domerq, e Brasillac, cujo nome fora a última palavra pronunciada por Penelope. Recordou ainda Raimon de Tournabois e Raimon de Marciliano. Mais marcante ainda foi que, tal como a Sr.ª Mills, Jane e Penelope, ela regressou à última celebração do Consolamentum em Montségur. Confirmou o que eu já pensara antes: que, nesta narrativa, todos os caminhos levam ao massacre de Avignonet e ao último Consolamentum. Só Betty não recordou a última cerimónia

porque, como Hélis, já tinha sido capturada antes de 1244. Kathleen descreveu em pormenor completo o ritual do Consolamentum: o pano branco e o livro sobre a mesa, as palavras proferidas, a circulação pela sala guiada pelo Parfait, e os beijos rituais entre membros do seu próprio sexo.

Enfatizou particularmente o cuidado com que o Parfait e o recipiente lavavam as mãos antes da cerimónia. Disse que, quando ela própria era adolescente, passara por uma fase em que não conseguia parar de lavar as mãos. A Sr.ª Mills contou-me que ela própria manifestara um ritual semelhante na mesma idade. Mal preciso dizer que eu também padeci do mesmo. O leitor estará familiarizado com algumas das explicações freudianas para o ritual de lavar as mãos. Não é fácil explicar, em termos freudianos, por que motivo isto deveria ocorrer em duas pessoas com memória consciente das suas vidas no século XIII e numa terceira — eu próprio — que, sem dúvida, viveu na mesma época. Fenómenos como estes não só provam que sintomas obsessivos podem ter origem numa vida anterior. Revelam também que, em duas pessoas, o mesmo ritual é rastreável, ao fim de sete séculos, até ao mesmo conjunto de circunstâncias estritamente localizado.

O que foi mais fascinante de tudo foi Kathleen lembrar-se de que estava entre as últimas a receber o Consolamentum. Talvez as esposas dos dois sargentos-de-armas fossem consideradas como um grupo separado e recebessem o sacramento em sequência, umas logo a seguir às outras. Seja como for, já temos provas suficientes para perceber por que razão Kathleen e Jane eram tão próximas uma da outra e por que motivo a primeira reagiu de forma tão intensa quando a segunda adoeceu. Constitui um tipo de vínculo quando se passam as últimas horas juntas antes de serem queimadas vivas.

Kathleen lembrava-se também de uma mulher mais velha que recebeu o Consolamentum. Pode recordar-se que Jane disse que ela e Kathleen eram bastante jovens quando morreram na fogueira como Bruna e Arsendis. Kathleen disse que a mulher mais velha tinha algo a ver com Lavelanet. É identificável como Guilhelma, esposa de Berenger de Lavelanet.

Kathleen recordou ainda uma rapariga jovem, de cabelo louro e olhos azuis, que foi muito ativa durante o cerco de Montségur a cuidar dos feridos e a consolar toda a gente. Reconheceu essa rapariga como a Sr.ª Mills numa encarnação anterior. Disse que a cor do cabelo e a tez eram as mesmas nesta vida e no século XIII, mas que não se podia dizer que os traços fossem idênticos.

De uma coisa tinha a certeza: os olhos não tinham mudado. Descreveu-os como «de longo alcance» e como «uns olhos de que não se conseguia fugir». É uma boa descrição dos olhos azul-pálido e peculiarmente luminosos da Sr.ª Mills. Kathleen não se lembrava do nome, no século XIII, da rapariga tão ativa no cerco, mas sabia que era a mesma pessoa que lhe tirava as dores de cabeça quando eram colegiais e a quem toda a gente ia com os seus problemas.

Partilhou com a Sr.ª Mills outra memória do cerco. Quando um edifício na sua vizinhança estava a ser demolido, achou o ruído intolerável. Estava a reviver, com Penelope e com a Sr.ª Mills, o horror do bombardeamento pelo trabuco e pelo mangonel. A Sr.ª Mills disse que grandes pedras se abatiam contra as muralhas de Montségur de dez em dez minutos, de dia e de noite. Penelope ficara aterrorizada com a possibilidade de as crianças lhe atirarem pedras.

A outra grande memória de Kathleen sobre o cerco era Bertrand Marty, que, tal como Esclarmonde-Mills, fora tão ativo a consolar os feridos. Falando com a mesma maneira breve, positiva e ao mesmo tempo pouco afirmativa de Jane — com quem partilhava, nesta encarnação, a mesma voz e, na vida anterior, a mesma morte — disse que Bertrand Marty era o pai da Sr.ª Mills.

Kathleen era naturalmente mais aberta com a Sr.ª Mills do que fora comigo. Não se pode censurá-la. Nunca me tinha posto a vista em cima. Elas tinham sido grandes amigas na escola e tinham permanecido muito próximas uma da outra apesar da separação geográfica. Havia ainda o pequeno pormenor do conhecimento anterior num momento de destino, sete séculos antes.

Mais tarde, Kathleen disse-me que tinha ideias dualistas desde que se lembrava. Sempre acreditara em forças positivas do bem e do mal e que as vidas individuais seguem aquilo que parece um padrão ordenado, parte de uma ordem universal. O indivíduo só se apercebe do seu lugar nessa ordem após muitas encarnações. Só nos últimos anos conseguira associar a palavra dualista a tais convicções. Não tivera recordações especificamente cátaras até ao final de 1971. Nenhum nome lhe ocorrera antes da data em que Braida aparecera à Sr.ª Mills.

Pergunto-me em que medida o facto de Kathleen ter angina está relacionado com a sua memória longínqua. Eu sofri de uma condição semelhante. Certamente, após a minha doença em 1968, viria a receber revelações para além de tudo o que julgava possível. Qualquer doença pode facilitar a atividade psíquica ao separar, em certa medida, a psique da personalidade humana. Certamente parece que, após a doença, as memórias de Kathleen eram mais copiosas e intensas.

É estranho pensar na Sr.ª Mills, em Betty e em Kathleen como raparigas adolescentes no seu colégio interno. Mesmo nessa idade, Kathleen sentia que havia algo de diferente em ambas as amigas. Mas teriam, nessa altura, alguma recordação plenamente consciente das suas encarnações anteriores? Como colegial, a memória da Sr.ª Mills estava por despertar. Tinha apenas os seus sonhos e o medo do fogo e das trombetas. É claro que as memórias de Betty estavam muito próximas do nível consciente aos sete anos. Estaria ela a recordar claramente quando era colegial?

Kathleen disse-me que as suas recordações especificamente cátaras só ocorreram nos últimos três anos. Terá a sua memória longínqua sido estimulada pelo súbito aumento da atividade psíquica da Sr.ª Mills? As recordações indubitavelmente cátaras desta última abrangem o mesmo período. Ou terá Kathleen apanhado algum rasto psíquico ao ler os meus livros? Certamente, a sua memória não foi reativada ao ler The

Cathars and Reincarnation. Este foi publicado depois de ela ter começado a lembrar-se. Não contém os nomes Laureta ou Guillaume de l'Isle.

É fascinante refletir sobre qual das três terá sido a mais eficaz a iniciar o processo de ignição. Não consigo conceber ninguém mais abundantemente dotado nestas matérias do que a Sr.ª Mills. Mas terá sido ela a primeira no terreno? Será possível que, como colegial, Betty fosse a mais incandescente? Quanto mais se está saturado nestes assuntos, mais se percebe que tais perguntas são supérfluas. Quando se está perante aquilo a que Braida chama uma fusão de psiques, a pessoa preocupa-se com a indivisibilidade da consciência. Ao nível do espírito, o tempo, o espaço e as contribuições individuais já não se medem.

Conservamos a individualidade dos nossos espíritos separados, mas tudo o resto se funde. Ainda assim, é fascinante pensar nessas crianças num colégio interno a preparar-se — sobre um pano de fundo de hóquei, ténis e educação formal — para a sua verdadeira função de disseminadoras de luz. Quanto à questão da reencarnação em grupo, não pode haver exemplo mais preciso do que o facto de três raparigas, tão na mesma sintonia, terem frequentado o mesmo colégio interno. Até os mais progressistas não podem atribuir isto ao esnobismo anglo-saxónico.

26

Pensei que agora era claro o que Braida queria dizer quando perguntou se eu já compreendia o significado da fusão psíquica. Certamente se referia à assunção, por parte da Sr.ª Mills, dos sintomas de Kathleen. O grau de união entre elas foi também revelado no sonho que partilharam acerca de Betty. Há outro aspeto desta questão que vale a pena considerar. Fiquei surpreendido — e até um pouco desapontado — quando Braida não visitou a Sr.ª Mills durante os dias em que ela sofria mais agudamente com a dor. Eu sabia que havia uma boa razão para isso, mas a minha falibilidade humana não conseguia realmente apreendê-la. Ela não apareceu porque, nessa altura, eu estava a tratar a Sr.ª Mills o melhor que podia, e segundo as próprias ideias dela. Braida disse-lhe que assim era. Eu já tinha reparado anteriormente que, se eu desse à Sr.ª Mills qualquer apoio ou conselho especial, Braida se ausentava durante esse período. Era claro que eu estava a funcionar como um substituto em nome dela. O grau em que Braida entrava em mim nessas ocasiões era outro exemplo da fusão de psiques.

Ou talvez ela se estivesse simplesmente a referir a toda a cadeia de comunicação que abole o tempo e o espaço e que se realiza para além dos limites da individualidade humana. Talvez a sua referência incluísse o que aconteceu a 18 de abril. Durante doze horas, por razões que não consigo definir facilmente, eu ansiara que Jane me telefonasse. O telefone tocou pouco antes do almoço. Quando estendi a mão para o auscultador, senti uma presença por detrás do meu ombro. Ouvi o que só posso descrever como um som sibilante, como um "chiar". Tive consciência de uma linha branca inclinada diagonalmente do teto ao chão algures à direita e atrás de mim. A chamada foi um engano.

Quando tirei o auscultador do descanso, havia silêncio. Uns minutos depois tocou novamente e ouvi Jane a falar na sua voz musical e clara. Disse que telefonara porque sabia que eu queria que o fizesse. Confirmou que tinha ligado uns minutos antes e que não conseguira apanhar-me. Discutimos os amigos de Betty e as ligações familiares dela no século XIII como se isto fosse um lugar-comum de conversa. Não sei como fomos parar ao assunto de Braida. Eu disse que ela tinha dito à Sr.ª Mills que, mais cedo ou mais tarde, eu a veria. Jane disse: «Verá a Betty antes de ver a Braida.» Como eu tinha sentido algo mas não tinha visto nada, não mencionei a minha experiência. Mas teria Betty vindo consolar-me por a chamada não ter passado? Seja como for que eu olhasse para o assunto, achei que já tinha exemplos suficientes de fusão psíquica.

O que aconteceu a seguir fez-me perguntar se havia alguma necessidade de pensar ou analisar, de todo. Perguntei-me se, se o nosso coração e a nossa alma estiverem abertos, tudo nos será revelado simplesmente esperando. Acredito que isto seja verdade, mas estou disposto a aceitar que a nossa paciência tenha de estender-se por anos, por séculos, por vidas diferentes. O que era tão fascinante, naquele momento, era que tão pouco era exigido da nossa paciência e que era preciso esperar tão pouco.

Na sexta-feira, 21 de abril, acordei a sentir-me fraco e doente. Levantei-me, tomei o pequeno-almoço e senti-me positivamente horrível. Sentei-me no meu quarto num estado de exaustão total. Estava a arder de calor e a suar continuamente. Embora fosse um dia frio, abri as janelas de par em par, mas isso não fez diferença nos meus sintomas. Todo esse dia me senti cansado e fraco para além de qualquer medida. A Sr.ª Mills telefonou para me dizer que Betty lhe tinha aparecido nessa noite. Estava agora vestida com uma túnica azul. Era claro que tinha regressado ao seu papel anterior como Hélis de Mazerolles.

A Sr.ª Mills disse-me também que Jane tinha telefonado. Ela também vira Betty na noite anterior. Ela estivera com a Sr.ª Mills. Parecia que ela e Betty estavam a retomar a sua relação anterior como Esclarmonde de Perella e Hélis de Mazerolles. Na vida anterior, como Parfaites pertencentes a famílias cátaras eminentes que viviam na mesma localidade, tinham-se conhecido bem. Eu não fiquei entusiasmado com esta informação. Já me habituara a ver estas relações encaixarem-se tanto no século XX como no século XIII. Sobretudo, sentia-me demasiado miserável para manifestar um interesse radiante por fosse o que fosse.

Arrastei-me por 22 de abril. Era como existir num aquário mal iluminado. No dia 23 acordei para a mesma existência sombria. Recebi a visita da Sr.ª Mills, que me disse que Braida aparecera na noite anterior e que a escrita recomeçara. Tive pena dela. Eu sabia que ela achara a escrita extenuante. Se se sentia tão cansada como eu naquele momento, merecia compaixão. Ainda assim, mexi-me do meu torpor dorido quando ela me disse o que tinha escrito.

Houve uma repetição das referências bíblicas, encabeçadas, fiel ao estilo, pelo Evangelho segundo São João e pela Primeira Epístola aos Coríntios. Havia a frase: «Aquele que criou por meio da Sua sabedoria», que eu não consegui localizar. A

terceira contribuição era de tirar o fôlego. Rabiscadas num pedaço de papel separado estavam as palavras: A Creed, Masefield.

Consultei as obras completas de Masefield. O poema era uma aceitação inequívoca do facto da reencarnação. Eu mal olhava para Masefield desde os meus tempos de estudante universitário, meio século antes. Não fazia ideia de que ele tivesse ideias tão vincadas sobre este assunto. Mas quem teria ditado esta referência em particular? As citações bíblicas e a frase não identificada podiam atribuir-se melhor a Guilhabert de Castres ou, no limite, a Bertrand Marty. Não eram do estilo de Braida. Além disso, ela aparecera em pessoa na noite anterior e não precisava de comunicar por escrita. Seria razoável atribuir a referência a Masefield a qualquer destes habitantes do Languedoque do século XIII? Só podia ser que Betty também estivesse a começar a transmitir mensagens.

As mensagens verbais de Braida à Sr.ª Mills tinham sido simples. Aconselhara-a a não se apegar a lugar ou pessoa. Dissera-lhe que Betty estava feliz e também que se preparava para cuidar de mais alguém. Isto provocou-me um arrepio na espinha, porque as previsões de Braida se realizavam de forma tão imediata. Quando ela dissera que Jane mudaria de ideias quanto a permitir-me escrever a história de Betty, a sua previsão cumprira-se no espaço de doze horas. Perguntei-me se algo trágico estaria para acontecer. Achei que isso chegava para uma manhã. Saí para ir ver uma amiga minha particularmente perspicaz, que comentou a minha profunda exaustão e o meu aspeto saudável. Atribuiu a minha fadiga a viver em dois mundos ao mesmo tempo.

Quando voltei para casa para almoçar, a minha mulher apareceu imediatamente num estado de aflição aguda e disse-me que tinha más notícias para mim. O meu melhor e mais antigo amigo estava morto. A filha dele telefonara de Paris para dizer que ele morrera no hospital no dia 21. Tivera uma operação bem-sucedida e não muito grave, parecia estar a progredir favoravelmente, e colapsara e morrera subitamente de uma hemorragia interna.

Depois de ter telefonado para Paris, descansei um pouco. Apesar da perda de alguém por quem sentia profunda afeição, senti-me melhor ao fim da tarde, mas ainda estava tenso e cansado quando o telefone tocou. Era a Sr.ª Mills. Ela própria acabara de ouvir de Jane. Esta tinha visto Betty na noite passada. Betty tinha uma mensagem para mim e Jane estava ansiosa por que a Sr.ª Mills a transmitisse, pois ela própria não conseguia telefonar-me nesse dia. Betty tinha dito que «ele» estava bem, que estava a dormir e que não havia razão para se preocupar com ele. A simplicidade destas mensagens pode não satisfazer alguns, mas são significativas tanto pelo momento em que surgem como pelo seu conteúdo. O que é importante é que Betty, no outro mundo, e Jane, neste, souberam da morte de Simon antes de mim. Nesta vida, os seus caminhos nunca se tinham cruzado.

A 24 de abril acordei completamente diferente. Continuava cansado, mas já não estava excessivamente fraco. Estava livre dos suores e da sensação de ardor. Mais tarde, nessa manhã, recebi um telefonema de Jane. Confirmou a mensagem anterior de Betty

sobre Simon. Acrescentou que Betty lhe dissera na noite anterior que me veria em breve.

Parece que os guias de outras eras recrutam eles próprios mensageiros. Betty era um desses. A citação de Platão, alguns dias antes, e a referência a Masefield foram certamente enviadas por ela. Quando Betty morreu, Braida disse à Sr.ª Mills que ela estava a ser cuidada por um Bonhomme de probidade e experiência. Agora ela estava a dar a Simon o amor e o cuidado que ela própria recebera. Estava a cumprir o mesmo papel que desempenhara na sua vida como Hélis de Mazerolles.

Mas onde entra Simon nesta história? Por que razão foi Betty encarregada de cuidar dele? Será por ele ter sido meu amigo e por ela e eu termos sido, outrora, irmão e irmã, e por o laço entre nós ainda ser estreito? Ou será que o próprio Simon era um antigo e não reconhecido Cátaro?

Quando regressei da minha primeira visita ao país cátaro, vi-o em Paris. No dia seguinte parti para Inglaterra. Ele entregou-me The Massacre at Montségur para eu ler na viagem de regresso. Tudo o que eu alguma vez dissera fora que me interessava pelos Cátaros. Nunca tínhamos discutido catarismo, de todo. Numa visita posterior, cheguei ao apartamento dele antes de ele regressar do trabalho. A mulher deu-me o diário do pai dele, já falecido, para eu ler. Havia nele uma passagem que testemunhava claramente a crença do velho na reencarnação.

Esses foram os dias em que eu me entusiasmava por conhecer alguém interessado no assunto. Quando Simon voltou, mal tive tempo de dizer boa noite. Disse-lhe que era claro que o pai dele acreditava na reencarnação. «Mas claro», disse ele. «Mas nunca se deve tentar descobrir as próprias encarnações anteriores.» Não sei se me estava a dar um conselho. Talvez me estivesse a aconselhar paciência. É impossível dizer, porque nunca discutimos Dualismo. Certamente, se as suas palavras pretendiam ser um conselho, eu aceitei-o. Nunca tentei qualquer meio de recordar encarnações anteriores, nem nunca aconselhei outros a fazê-lo. Eu não procurei os Cátaros. Eles vieram ter comigo.

Não sei se esta criatura gentil e quase santa era ele próprio um Cátaro reencarnado. Era um estudioso entusiasta de Steiner. Entre os modernos expoentes do catarismo, o círculo responsável pelos Cahiers d'Études Cathares gosta de sublinhar as afinidades entre a Antroposofia e o catarismo. Não creio que seja proveitoso especular mais sobre a verdadeira natureza de Simon. Aprendi o suficiente com Braida, com a Sr.ª Mills e com Jane para saber que, se ele tinha afinidades cátaras, estas serão reveladas a seu tempo.

É óbvio que a Sr.ª Mills, Jane, Penelope, Kathleen e eu estávamos na mesma sintonia e que Betty fora constituída de modo semelhante em vida e se mantivera assim após a morte. Era claro que nos sintonizávamos não só com o mesmo período da história, mas com acontecimentos específicos. Nesta vida, estávamos em contacto psíquico muito estreito uns com os outros. Muitas vezes, em abril e maio de 1972, eu dizia à Sr.ª Mills que me perguntava se Jane e Kathleen teriam tido determinada experiência. Dentro de um dia — e muitas vezes em menos tempo — uma ou outra

telefonava-nos com a resposta. Mais marcantes eram as nossas reações comuns tanto a lugares desta vida como a acontecimentos da Idade Média.

Havia, primeiro, o caso de Rievaulx. Descrevi como o visitei no início da década de sessenta e tive uma experiência indefinível na qual senti toda a história a recuar sobre mim como um gravador de fita. Essa experiência precedeu a minha primeira visita ao Languedoque e foi explicada mais tarde quando aprendi, no livro do Professor Nelli, que Alfred, abade de Rievaulx, tinha, no século XIII, ideias platónicas do amor semelhantes às expressas pelos trovadores. A Sr.ª Mills reagira de forma mais violenta. Tal como eu, a visita dela precedera a sua primeira viagem ao Languedoque, em 1954, que, recorde-se, aconteceu por impulso.

Foi até ao Loire e sentiu que simplesmente tinha de ir a Carcassonne. O que eu não soube — até Jane mo dizer em 1972 — foi que a Sr.ª Mills fora dominada pela emoção e desmaiara quando visitou Rievaulx. Jane descreveu o local como tendo uma atmosfera maravilhosa e disse que Betty o adorara. Kathleen foi mais específica. Disse à Sr.ª Mills, a 23 de maio, como, quando o visitara, ouvira música como cantochão, de que normalmente não gostava, mas que, nessa ocasião, achara bela e nada lúgubre. É estranho que, das seis personagens principais do épico de Montserver, cinco tenham visitado um lugar que não se pode chamar um popular destino de peregrinação e tenham reagido desta forma. Não sei se Penelope alguma vez visitou Rievaulx. É ainda mais fascinante que todos os cinco se tenham conhecido no Languedoque do século XIII. Isto pode indicar um laço mais estreito entre Rievaulx e o Midi do que aquele proporcionado pelas ideias do seu antigo abade. O Professor Nelli sempre se fascinou com a conjetura de saber se houve ou não Cátaros instalados em Inglaterra. Talvez devesse visitar Rievaulx.

Depois há a questão dos leprosos. Quando falei ao telefone com Jane em maio, ela mencionou que eu tinha escrito um romance sobre os Cátaros.* Falámos um pouco de como ele fora escrito e eu disse que era curioso eu ter-me pintado como um trovador e que o meu primeiro amor tinha sido uma leprosa. Disse que existira, de facto, uma leprosaria em St. Papoul e que um certo Raymond Barthe, que vivia lá com a sua amante, organizara uma sortida numa tentativa de libertar dois Parfaits cátaros que tinham sido capturados pelas autoridades em St. Papoul.

Para a Sr.ª Smith, este último lugar era de memória amarga. Fora ali que Roger e o seu amigo, de quem era inseparável, tinham sido capturados pelas autoridades. Jane disse, num tom sereno, que, de todos os lugares que Betty visitara na sua viagem aos Pirenéus, St. Papoul fora o que mais a impressionara. Disse que «a atingiu em cheio».

- *The Gibbet and the Cross, Neville Spearman, 1971.*

Nos primeiros papéis que encontrara após a morte de Betty, o nome St. Papoul estava escrito e era acompanhado por um suplicante «Oh, Roger», repetido quatro vezes. O leitor talvez se recorde de que a palavra leproso estava escrita num dos esboços de Betty sobre o caso de Avignonet. Teria o facto de os dois grupos de conspiradores se terem encontrado na leprosaria sido a única razão para o interesse dela por esta doença?

Jane disse que, quando Betty era colegial, ela e a Sr.ª Mills tinham desejado trabalhar entre leprosos.

Mantiveram-se firmes nessa ideia e, quando cada uma terminou a sua formação comercial, exprimiram-na com insistência renovada. Mencionei isto à Sr.ª Mills. Ela disse que as suas intenções causaram considerável ansiedade aos pais e que só com dificuldade foi persuadida a abandonar a ideia.

Não me surpreendeu excessivamente que a Sr.ª Mills não me tivesse contado do seu interesse por leprosos, ou que tivesse desmaiado em Rievaulx. Eu sabia que há algumas mulheres que só conseguem contar tudo a outras mulheres. Para mim, isso está bem. Eu também favoreço a Deusa-Mãe e desconfio das divindades masculinas agressivas. Mas talvez a sua persistente reserva em certas matérias fosse a razão para a noite congestionada de 3 de maio. Foi visitada, por sua vez, por Braida, Betty, Guilhabert de Castres e Bertrand Marty. Todos proferiram o mesmo refrão: que ela deveria confiar-se completamente a mim.

Eu poderia apresentar dezenas de testemunhas para provar o meu próprio interesse, franco, pela lepra no último ano. Este interesse consciente coincide com a crescente intensidade das revelações da Sr.ª Mills. Um grande número de pessoas tem sido aborrecido pela minha insistência em que, de todas as obras de caridade, esta é a mais meritória. Um dos resultados deste crescendo de recordações cátaras foi que eu combinei enviar todos os anos uma doação mínima para a associação da lepra. Até falar com Jane em maio de 1972, eu não tinha considerado que o meu interesse pela lepra tivesse origem no século XIII.

O grau em que os meus instrutores estavam sintonizados entre si foi também demonstrado pela sua reação a aniversários. A Sr.ª Mills, Jane e Kathleen estiveram todas deprimidas na primeira quinzena de março. Tiveram também as suas reações a datas individuais. Kathleen sentia a ressonância de Avignonet tanto quanto a Sr.ª Mills sentia a queda de Carcassonne. O que foi especialmente interessante foi que Jane, embora até 1972 tivesse visto a Sr.ª Mills apenas duas vezes por ano, conseguia reconhecer este fenómeno tão depressa quanto eu. A 3 de maio, encontrou-se com a Sr.ª Mills. Encontrou-a deprimida e reparou que ela falava mais do que uma vez de Lavaur. Perguntou-me se algo desastroso tinha acontecido nessa data. Descobri que a Sr.ª Mills estivera a celebrar a captura de Lavaur pelos Cruzados.

Nesta altura, a Sr.ª Mills disse que tinha medo do dia 13 de maio. Braida apareceu e disse-lhe que, nessa data, ela se sentiria sempre deprimida. Descobri que era a data em que o cerco de Montségur começou, em 1243.

A 5 de maio, ficou claro que a celebração de aniversários por parte dela não se limitava à tristeza no dia apropriado. No caso de Lavaur, era evidente que estava a recordar em detalhe. Lavaur foi, em muitos aspetos, o pior massacre perpetrado pelos cruzados de de Montfort. Mais de quatrocentos Cátaros pereceram ali. Foi o dobro do número dos que morreram em Montségur. A Sr.ª Mills perguntou se algo horrível acontecera a alguém chamado Guirauda e se «alguma coisa correra mal nas execuções».

Guirauda, a castelã de Lavaur, foi atirada para dentro de um poço e sobre ela amontoaram pedras. O que correu mal na execução foi que a forca coletiva em que Aimery de Montréal estava suspenso cedeu sob o peso das suas vítimas. Aimery e Guiraude eram irmão e irmã e filhos de Blanche de Laurac. Este último era um nome recordado por Jane da sua encarnação anterior.

Eu próprio não sou dotado — ou atormentado — com a memória consciente da Sr.ª Mills para aniversários, mas todos os anos, em maio, tenho sofrido de cólon espástico. Nunca tinha considerado que isto pudesse ser uma memória inconsciente de Avignonet. Em maio de 1972, não sofri dessa forma. Talvez isto se deva ao facto de tantos outros estarem a reverberar com, ou conscientemente atentos a, esse caso horrível, elevando o meu próprio estado de consciência para algo mais próximo do nível consciente.

Um dos fenómenos mais interessantes que encontrei foi a voz comum à Sr.ª Mills, a Jane e a Kathleen. A primeira tinha duas ou três vozes. A que estou a referir-me é a que usava ao falar de catarismo. Não consigo explicar este fenómeno de todo. Será que a mesma entidade fala através destas pessoas? Estas pessoas falam na garganta com uma entoação vibratória; contudo, o efeito produzido é claro, leve e bastante distintivo. Será que é Braida a falar através delas?

A Sr.ª Mills diz que fala uma língua com consoantes fortes, um pouco na garganta, mas com um acento leve. A ideia de que uma entidade do século XIII é responsável por estas vozes não deve ser rejeitada de imediato. Isto não seria mais notável do que o facto de Jane ter bolhas no aniversário da queima de Montségur e de a Sr.ª Mills trazer «no corpo as lesões que sofreu nessa ocasião».

Havia ainda outra forma pela qual as minhas cinco últimas testemunhas permaneceram fiéis ao seu passado cátaro. Na sua última encarnação, a Sr.ª Mills, Betty, Jane e Kathleen tinham todas recebido o Consolamentum e, ao fazê-lo, tinham morrido para a carne. Não sabemos o que aconteceu a Penelope mas, se morreu com o nome de Brasillac nos lábios e sentiu que voltava para ele, é bem possível que eles também tenham recebido o Consolamentum e morrido juntos em Montségur. Os ecos desta última cerimónia foram suficientemente fortes para restringir a atividade reprodutiva destas mulheres, das quais quatro casaram. Todo o grupo só conseguiu produzir uma criança entre si. As três com quem pude falar disseram que o lado físico da vida lhes era repugnante ou impossível. Parecia que o compromisso que tinham assumido antes de receber o Consolamentum era, em certa medida, ainda operativo.

Já vimos o suficiente para saber que as reações e as memórias comuns a sete pessoas se devem ao facto de um grupo muito unido, de há sete séculos, ter estabelecido ligações entre si no mundo contemporâneo. Braida disse que era vital que a evidência de reencarnação em grupos fosse divulgada tão depressa e tão amplamente quanto possível. Disse à Sr.ª Mills que a questão podia ser levada mais longe e que deveria também produzir-se prova de que pessoas unidas numa encarnação por uma causa comum de bem podem reencarnar na mesma família. Isto já foi revelado no caso de mãe e filha.

Brune regressou como Jane e Hélis de Mazerolles como Betty. Há também fortes indícios de que Bertrand Marty e Esclarmonde de Perella reapareceram neste século como pai e filha.

Deve notar-se que também pode ocorrer um processo inverso. Hélis de Mazerolles e Roger-Isarn foram irmã e irmão numa vida anterior. Betty e eu fomos separados nesta, mas estabelecemos algum tipo de contacto psíquico entre nós que continua e aumenta para lá da sepultura. Ela está a cuidar de Simon. Apareceu à mãe a 21 de maio e disse que estava a ajudar neste livro. Por causa dela, recuperei de um período de estagnação e exaustão e vi de que forma deveria exprimir as últimas páginas deste testemunho.

28

Adquiri um conhecimento razoável do catarismo ao verificar a história da Sr.ª Smith. À medida que a da Sr.ª Mills começou a desenrolar-se, perguntei-me se parte do que ela me contava não se devia a telepatia. Isto mais por causa das próprias declarações dela do que por convicções minhas. Na altura em que produzia nomes italianos, ela perguntava constantemente: «Quanto disto é que estou a receber de si?» O clínico em mim sabia que isto não era telepatia. Ainda assim, atendendo ao facto de eu ter algum conhecimento do catarismo quando a conheci, qualquer pessoa de inclinação científica ou racionalista estaria justificada em levantar a hipótese da telepatia para explicar alguns dos pormenores da história. Aplicar tais explicações à história inteira não faz sentido. Mas tudo isso mudou com o aparecimento da velha senhora e dos Parfaits que a seguiram.

Antes de Braida de Montserver entrar em cena, a sua aproximação foi anunciada por um sintoma físico. A Sr.ª Mills teve um ataque prolongado de tinnitus. As linhas estavam a ser testadas por um novo sistema de vibrações. Depois, a amplitude das vibrações mudou. Houve uma voz — e vozes. Mais tarde, as vozes ditaram palavras e mensagens. Depois, a entidade principal com quem ela estava em contacto apareceu visualmente, de modo que a Sr.ª Mills pôde descrever a sua aparência em detalhe. Mais tarde, a senhora de azul apresentou os dois bispos masculinos.

Com a sua apresentação e reconhecimento, aquilo que eu suspeitara fortemente tornou-se absolutamente certo. Eu pensara que havia duas vozes a ditar tipos diferentes de mensagens. A primeira era responsável pelo detalhe histórico e, mais tarde, pela instrução em cura. A segunda tratava da filosofia do catarismo. Esta suposição foi claramente provada com o aparecimento de Braida e de Guilhabert de Castres.

Os fenómenos que conduzem ao aparecimento da velha senhora tiram-nos do domínio da telepatia. Certamente a Sr.ª Mills não a recebeu de mim. Não está ao meu alcance evocar espíritos do outro mundo. E, além disso, Braida informou a Sr.ª Mills de pormenores de tratamento cuja aplicação foi notavelmente bem-sucedida. Esta história não pode ser explicada por telepatia. A telepatia ameaça tornar-se outra palavra-guarda-chuva, como sugestionabilidade. É uma espécie de encantamento reflexo que permite aos céticos negar a realidade daquilo que não conseguem explicar.

Como é que, por telepatia, se explica a ligação da Sr.ª Mills com certos outros contemporâneos? Qual era a natureza do contacto estabelecido com a minha anfitriã em Montségur, que recebeu as mesmas citações de Coríntios, mas dez anos antes? Isto é telepatia? Se é, trata-se de um tipo especial, na medida em que se manifesta após um intervalo de dez anos.

Deter-se demasiado na telepatia ou em qualquer mecanismo psíquico isolado negligencia o facto de que os sonhos recorrentes da Sr.ª Mills cessaram depois de ela me ter conhecido. Isto aconteceu também no caso da Sr.ª Smith. Este efeito de reação psíquica é, pela minha experiência, um facto clínico. Braida afirmou que tal contacto psíquico permitia às pessoas curar até as suas doenças físicas.

Durante toda a campanha, a Sr.ª Mills andava a entrar e sair do tempo e de uma língua para outra. Conhecia o conteúdo de depoimentos antes de eu ter visto, não os documentos originais, mas a sua tradução francesa. Por vezes eu nem sequer sabia que esta última tinha sido feita. Que mais é preciso dizer sobre isto, a não ser citar São Paulo sobre a diversidade de dons? A Sr.ª Mills desenvolveu os de profecia, interpretação de línguas e cura. Não há dúvida de que é útil transcrevê-los para um idioma moderno. O que é importante recordar é que, segundo São Paulo, todos vêm do Espírito. Só se pode acrescentar, respeitosamente: «e são transmitidos por espíritos».

No final de *Os Cátaros e a Reencarnação* há uma bibliografia considerável. Esta representa os livros que consultei para verificar o que pude sobre as personagens da história da Sr.ª Smith e sobre o que ela recordava do catarismo. Esses livros foram consultados, mas não estudados intensivamente. Eu estava mais preocupado em identificar Pierre de Mazerolles do que em adquirir um conhecimento histórico abrangente. Se este último foi adquirido, não o foi com intenção. Surgiu como subproduto. Li as passagens referentes às minhas personagens ou a afirmações específicas da Sr.ª Smith.

Deve recordar-se que, nessa altura, eu trabalhava, na maior parte do tempo, uma semana de sete dias como médico. Muito enfaticamente, eu não estudei os nomes de obscuros sargentos-de-armas e das suas esposas. A história de receberem o Consolamentum ficou-me na memória. Os nomes deles nunca se fixaram em mim. A ideia de que eu pudesse ter memorizado tantos pormenores é ridícula. Mas suponhamos que se argumenta que a Sr.ª Mills poderia ter obtido de mim, por telepatia, nomes que eu tinha esquecido: como se explica então a espantosa seletividade das suas memórias? Por fim, ela leu o meu *Os Cátaros e a Reencarnação*. Este contém uma referência a Raymond de Perella.

Nenhum dos outros membros da família é mencionado. Os Perella e os Montserver eram a sua principal preocupação. Os segundos não aparecem de todo nas suas páginas. Como se explicam as inúmeras referências que estão fora não apenas do conteúdo, mas do próprio âmbito desse livro? Como se explica, por telepatia, a referência ao Evangelho Nikolski? Quando, mais de dois anos antes, eu percorri o livro de Obolensky sobre os Bogomilos, só me interessava a referência específica aos

Cátaros. Tenho a certeza de que não vi qualquer referência ao evangelho dos hereges eslavos. Se a tivesse visto, é o tipo de pormenor que me teria ficado na memória.

Poderia a telepatia ser tão intencional e seletiva como isto? Por que razão os nomes convergiam com tanta precisão em três temas especiais — o destino do tesouro cátaro, o caso de Avignonet e o último Consolamentum em Montségur? Teria de ser uma telepatia a operar por uma frincha e com uma lente altamente focada. E por que razão a história se concentra, ao mesmo tempo, no mesmo período e na mesma região que a apoteose da história da Sr.ª Smith? Não por algo que a Sr.ª Mills derivasse de mim, mas porque ela e a Sr.ª Smith viveram os mesmos anos trágicos.

Certamente a Sr.ª Mills não obteve de mim, por telepatia, as citações das Escrituras e dos clássicos. Eu não sou estudante da Bíblia nem erudito de clássicos. Nunca tinha ouvido falar de Jâmblico ou de Crisipo. Até a Sr.ª Mills me chamar a atenção para ele, o meu conhecimento de Plotino limitava-se ao facto de o Deão Inge ser um dos seus admiradores.

É claro que a Sr.ª Mills deve ser, até certo ponto, telepática. Todos os europeus com memória de vidas passadas são psíquicos. Este é um ponto em relação ao qual estou disposto a ser dogmático. Entre os dons psíquicos, a telepatia é o mais comum. O papel que desempenha na nossa história é mínimo e de natureza diferente do que se poderia antecipar. Nas suas conversas, houve mais troca de pensamentos e sentimentos entre Braida e a Sr.ª Mills do que entre esta e eu.

Se olharmos para o quadro completo, vemos uma cadeia de circunstâncias muito para além do contacto estabelecido entre a Sr.ª Mills e eu. Está fora do âmbito deste livro demonstrar que eu nasci dualista e que, antes mesmo de encontrar a Sr.ª Smith, conheci vários doentes cuja função foi despertar em mim o dualista. Descrevi esses doentes noutros livros e artigos. Fui conduzido por passos cuidadosamente graduados até à Sr.ª Smith e à Sr.ª Mills. Toda a minha vida emocional, toda a minha carreira como médico, foi orientada para esta experiência culminante. Aquilo que foi iniciado há anos não pode depender de processos únicos como a telepatia.

Era claro que esta operação não só estava belamente organizada, como também adaptada às necessidades e qualidades dos seus agentes humanos. É reconfortante que as hierarquias celestes sejam mais eficientes do que as burocracias terrenas. Sem o meu interesse no catarismo, eu não teria feito nada da Sr.ª Smith. Sem o meu gosto pela história, não teria procurado os nomes que ela produzia. Se ela não me tivesse despertado, eu não teria "conhecido" a Sr.ª Mills, isto é, não teria tido consciência do meu contacto psíquico com ela. Em tudo o que vinha de Braida havia claramente um sentido de propósito. A Sr.ª Mills e eu estávamos a ser usados nesta vida para algo para o qual tínhamos sido treinados numa encarnação anterior. Ela tinha de curar e morrera na fogueira. Nesta vida era chamada a aplicar aquilo que anteriormente lhe fora ensinado. Isso era difícil para ela num mundo de racionalismo em decomposição.

Foi-lhe dado o consolo da sua antiga instrutora. Eu próprio estava na mesma situação. Na minha encarnação anterior, eu fora fascinado tanto pela cura como pela

natureza do tempo. Estava ordenado que, nesta minha vida presente, eu alcançasse a fusão das minhas tendências médicas e filosóficas na prática da psiquiatria. A minha evolução pessoal foi imensamente acelerada nos últimos dois anos. Não há dúvida nenhuma de que isto se deve à orientação de Braida e de Guilhabert de Castres.

Qual era o propósito básico de uma operação tão bem concebida e tão perfeitamente executada? A resposta é simples: divulgar o conhecimento do catarismo, que não é apenas o ressurgimento do cristianismo primitivo, mas também um de uma longa linha de cultos que veem o universo em termos de emanação e para os quais a bondade é uma energia primária e um solvente para a outra força primária, o mal.

O propósito prolongado e belamente desenhado por detrás desta revelação mostra que ela não pode ser explicada por um único mecanismo psíquico. O que envolve várias pessoas vivas e três entidades desencarnadas precisa de outras explicações. Fala-se de memória longínqua e de reencarnação como se fossem uma e a mesma coisa. A primeira é o processo que fornece a prova da segunda e que usa vários mecanismos. Seria a Sr.ª Mills clariaudiente? Tinha de o ser, para ter ouvido as vozes.

O mesmo se aplica à Sr.ª Smith quando, em jovem, anotou os poemas e mensagens. A clariaudiência deve ser um mecanismo comum de recordação em quem se lembra das suas encarnações anteriores. Seria a escrita automática uma característica dos registos da Sr.ª Mills e da Sr.ª Smith? De forma nenhuma. Elas não pegavam num lápis e se deixavam flutuar. Estaria a Sr.ª Mills a exibir uma forma de mediunidade de transe quando registava as suas mensagens? Talvez, mas estava a apresentar uma variedade curiosa deste fenómeno ao entrar nesse estado a partir do sono, em vez de a partir da consciência desperta. Pode, certamente, descrevê-la em termos gerais como médium. Pode ser que isso seja um dos pré-requisitos para a memória longínqua. Mas estará ela a agir como médium quando fala com a velha senhora? Se sim, é uma forma muito "consciente" de mediunidade. É, de facto, algo que ocorre num estado de consciência intensificada.

Com frequência, pergunta-se se um conjunto de fenómenos implica reencarnação ou se pode ser explicado por clariaudiência, mediunidade ou até possessão. O que não se percebe suficientemente é que estes processos são muitas vezes mecanismos essenciais no processo de recordação de encarnações anteriores. O caso da Sr.ª Mills é uma mina de ouro, porque ilustra muitos desses mecanismos.

Primeiro, a memória do seu passado irrompe em dois sonhos recorrentes. Estes começaram no decurso de uma doença em que a sua vida esteve ameaçada. Quando um doente está à beira da morte, a psique está mais frouxamente ligada à personalidade. Usa a sua emancipação do tempo para olhar para trás ou, menos frequentemente, para a frente. Quando o doente recupera, o que resta da experiência visionária ocorrida no limiar da terra é reproduzido em sonhos.

O mesmo processo ocorre no caso da Sr.ª Smith. Quando a Sr.ª Mills me conheceu, os pesadelos foram abolidos no processo de reconhecimento psíquico. Após um intervalo, ela comunicou novamente com o passado por outros sistemas de

vibrações. Via o que chamava visões durante o dia. Ouvia o que descrevia como uma voz interior e que os especialistas classificariam como clariaudiência. Teve outros sonhos especificamente ligados à sua encarnação anterior. Tinha intuições imperiosas que se encaixavam com precisão com aquilo que as vozes diziam e com os seus sonhos e visões. Depois disto, registou as mensagens por escrito.

Era como se uma entidade desencarnada se materializasse lentamente no decurso destas diferentes variedades de comunicação psíquica. Depois a velha senhora identificou-se. Poder-se-á chamá-la uma visão? Os cães não ladram a visões, nem se conversa com elas num esquema de pergunta e resposta. Muito menos se lhes levam problemas pessoais. A Sr.ª Mills fez todas essas coisas. A sua história é uma história de reencarnação com mecanismos de recordação variados e fascinantes.

Há certas conclusões inescapáveis a retirar destas experiências. A realidade da reencarnação fica estabelecida para além de qualquer dúvida. O mesmo acontece com o fenómeno da reencarnação em grupo. Expresso-me de forma um pouco menos dogmática quanto ao tema da reencarnação em famílias, mas isso deve-se apenas ao número limitado de casos que cito. As inibições do método científico morrem lentamente. Estou também convencido, para além de qualquer dúvida, de que a individualidade humana é indestrutível e de que é possível ter um contacto esclarecedor com os chamados mortos.

Quando falamos de reencarnação, devemos sempre ter presente que o fazemos do ponto de vista de uma personalidade humana baseada num mundo onde o tempo — a ilusão fundamental — é medido em termos de duração e como se fosse uma realidade. Mas não devemos esquecer que experimentamos as evidências que apontam para a reencarnação no plano psíquico. É neste último nível que temos também as nossas experiências de clarividência e telepatia. Vivemos estas experiências porque a psique está, em comparação com a personalidade, livremente emancipada do tempo e do espaço.

Assim, acontece que, nessas atividades psíquicas que nos permitem olhar para vidas passadas, estamos a operar numa esfera onde passado, presente e futuro têm pouca importância. Quando passamos pela psique para o plano do espírito, o tempo cessou por completo. Uma mosca pousada na circunferência de uma roda tem consciência das suas rápidas rotações. Há um ponto no centro do eixo que está imóvel. As vidas que tivemos são tanto aquelas que teremos como aquelas que estamos a viver no que chamamos presente. Talvez o que nos é dado aprender com o caso da Sr.ª Mills seja simplesmente a intemporalidade da verdade. Afinal, este foi um dos temas principais nas suas revelações filosóficas. Casos como o da Sr.ª Mills ensinam-nos que, ao nível da realidade, a eternidade e o instante são idênticos.

Quais eram os fundamentos da mensagem que Braida e os seus confrades desejavam transmitir? Sem dúvida, queriam que se soubesse que o catarismo era cristianismo primitivo. Como explicar, de outro modo, a abundância de referências

escriturísticas e aquelas aos neoplatónicos que tanto tinham em comum com o cristianismo?

Ao mesmo tempo, é inescapável que Braida estava a difundir o Dualismo. Estava constantemente preocupada com os seus princípios básicos, como a crença na reencarnação e nas forças primárias do bem e do mal. Disse claramente que era essencial informar as pessoas tão plena e rapidamente quanto possível acerca destes princípios fundamentais. Devemos concluir inevitavelmente que o catarismo era uma forma cristã de Dualismo. Eu próprio estou convencido de que o cristianismo primitivo, não teocrático, era essencialmente dualista, mas não insistirei neste ponto porque não posso aqui reunir todas as provas.

No que respeita a questões específicas, é indiscutível que Braida estava esmagadoramente preocupada com a arte de curar. Nisto, regressava àquilo que tornara o cristianismo primitivo único entre as religiões do mundo. Nenhum outro grande culto enfatizou tanto a necessidade de curar os doentes. No século XIII, Braida, Esclarmonde e Hélis estavam assim empenhadas. A Sr.ª Mills recorda uma casa perto de Fanjeaux onde ela e outras eram ensinadas a curar. Recorda uma segunda casa na mesma vizinhança onde nunca viu a cruz da cura usada por Braida e por outras.

Em The Cathars and Reincarnation descrevo como Roger aconselhou que, se algo lhe acontecesse, Puerilia deveria ir para junto de Fabrissa. Fabrissa de Mazerolles era uma Parfaite que dirigia uma casa para mulheres cátaras perto de Montréal. Esta última poderia muito bem ter sido uma casa de formação geral. É possível que Esclarmonde tenha ido para lá antes de se especializar e que, dentro das suas paredes, tenha conhecido Puerilia. Este encontro pode estar na base da intensa emoção que a Sr.ª Mills sentiu na manhã em que recebi a carta da Sr.ª Smith.

Nesta vida, a Sr.ª Mills continuou a sua vocação de curadora sob a direção de Braida. De forma diferente, também eu posso ser considerado como estando empenhado em algo semelhante.

Para mim, como médico, há algo de particularmente importante transmitido pelas mensagens de Braida. O Dualismo é um antídoto importante contra a materialização da medicina. O próximo passo na nossa evolução como médicos é reconhecer mais plenamente a influência da psique aprisionada na matéria. As suas recordações de experiências em vidas passadas estão relacionadas com os sintomas presentes. O reconhecimento de duas energias básicas, bem e mal, é vital em qualquer conceção cósmica da medicina. A cura é uma expressão particular da emanação da bondade. Por outro lado, é indiscutível que muitos sintomas e síndromes de doença são atribuíveis ao poder do mal. Discutir tais fatores está fora do âmbito deste livro. Tudo o que aqui se pode dizer é que as mensagens de Braida ampliaram enormemente os horizontes médicos de cada um de nós.